



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOLOGIA**

**FRANCISCO RÔMULO DO NASCIMENTO SILVA**

**REDE DE AFETOS:**  
**PRÁTICAS DE RE-EXISTÊNCIAS POÉTICAS NA CIDADE DE FORTALEZA (CE)**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2019**

FRANCISCO RÔMULO DO NASCIMENTO SILVA

REDE DE AFETOS:

PRÁTICAS DE RE-EXISTÊNCIAS POÉTICAS NA CIDADE DE FORTALEZA (CE)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Sociologia. Área de Concentração: Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas  
Coorientador: Prof. Dr. Marcílio Dantas Brandão

FORTALEZA – CEARÁ

2019

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**

**Universidade Estadual do Ceará**

**Sistema de Bibliotecas**

Silva, Francisco Rômulo do Nascimento.

Rede de afetos: práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (Ce) [recurso eletrônico] / Francisco Rômulo do Nascimento Silva. --2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 207 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.

Área de concentração: Sociologia .

Orientação: Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas . Coorientação: Prof. Dr. Marcílio Dantas Brandão.

1. Rede de Afetos. 2. Práticas de Re-existências.  
3. Poéticas. 4. Saraus. 5. Poetas de Periferia. I. Título.

FRANCISCO RÔMULO DO NASCIMENTO SILVA

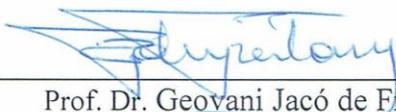
**Rede de Afetos: práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UECE, do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Sociologia

Aprovada em: 18/02/2019

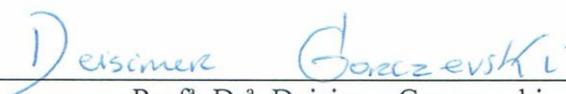
BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas  
(Orientador)

Universidade Estadual do Ceará – UECE



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Deisimer Gorczewski

Universidade Federal do Ceará – UFC



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marcílio Dantas Brandão

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Às três vozes-mulheres mais importantes da minha vida: minha mãe Luciene Maria, minha avó Maria de Lourdes e minha esposa Wiliana Karoline.

Aos Poetas “com a poesia mais suja, envolvidos na cultura de rua até a medula!”

## AGRADECIMENTOS

A Jesus, por me ensinar todos os dias o real significado de amor, insurgência e sabedoria.

À minha esposa e companheira Wiliana Karoline, por decidir me amar dia após dia e por segurar firme em minhas mãos em tempos de abundância e também de escassez.

À minha mãezinha Luciene Maria, por nunca ter desistido e deixado de acreditar em mim.

Ao meu paizinho Raimundo da Silva, pelo amor que sei que sente por mim.

Ao meu irmão Renato Silva, por me ensinar a simplicidade da vida.

À minha irmã Isabelle Lorrana, por me ensinar a ser paciente.

À minha vizinha Maria de Lourdes, por me conduzir pelo Caminho desde criança, ainda que com os olhos vendados.

Ao meu tio Lucivaldo Silva, pela amizade, por ter sido o primeiro poeta que conheci e por me apresentar os melhores versos e canções.

Aos meus sogros Glaucia Pinto e Flávio Jr., pelo apoio e força.

Ao Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas pela orientação, pela disponibilidade, pela amizade verdadeira, pela confiança e por todos os aprendizados.

Ao Prof. Dr. Marcílio Dantas Brandão pela coorientação e por todo apoio durante o desenvolvimento da pesquisa.

Aos membros da banca, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deisimer Gorczewski e Prof. Dr. Marcílio Dantas Brandão pela sensibilidade, pelas observações, questionamentos e críticas.

Ao Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho que aceitou participar como suplente da banca de defesa desta dissertação.

A todos que compõem o Laboratório de Estudos da Conflitualidades e Violência (COVIO - UECE) por me proporcionarem momentos valiosos de aprendizados e afetos.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Glaucéria Mota Brasil pelas orientações durante os primeiros meses do curso.

Aos Poetas de Lugar Nenhum que me ajudaram a ver e a sentir por meio da poesia e que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste estudo. Em especial, aos poetas Samuel Denker, Carlos Melo, Nina Rizzi, Jardson Remido, Daniel Lima, Chris Rodrigues, Patrícia Alves, Talles Azigon, Gabriele Gaia, Victor Oliveira, Scooby Jr., e Andressa Bernardo.

Ao Coletivo Tentelize, em especial a Léo Silva e Wesley Farpa que, a partir deste estudo, idealizaram um filme-documentário e iniciaram as gravações com os e as poetas das periferias e favelas de Fortaleza (CE).

Ao meu querido amigo Gustavo Costa e minha amiga de longas datas Jaína Alcântara, pela sensibilidade da escuta e das palavras.

Às novas amizades que conquistei no PPGS: Patrícia Apolônio, Raquel Freitas, Sérgio Barbosa, Laís Cordeiro, Edilmara Fernandes, Vinícius Maia, Marcondes Brito e Diego Medeiros pela parceria e alegria quando estamos todos juntos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - agência financiadora que possibilitou a realização deste trabalho.

“O poeta alça, ergue consigo o mundo. A opressão de que padecêramos, os desastres as guerras as denegações os massacres, mas também a íntima ternura dos desertos, o secreto princípio das florestas ameaçadas, os golpes dos vulcões enfurecidos e ao longe o cambalear das Cidades saqueadas em direção a não se sabe o quê, tudo isso se encontra, em força e em tremor, tudo está ali e germina, nesta imensa Anunciação.”

(Édouard Glissant, **O pensamento do Tremor**. *La Cohée du Lamentin*, 2014, p. 121)

“A terra é circular  
o sol é um disco!  
Onde está a dialética?  
No mar. Atlântico-mãe!

Como eles puderam partir daqui para um  
mundo desconhecido?

Aí eu chorei de amor pelos navegadores, meus  
país.  
Chorei por tê-los odiado.  
Chorei por ainda ter mágoa desta História.  
Mas chorei fundamentalmente diante da poesia  
do encontro do Tejo com o Atlântico,  
da poesia da partida para a conquista.

Eles o fizeram por medo também  
e talvez tenham chorado diante de todas as  
belezas além do mar Atlântico.

Oh paz infinita poder fazer elos de ligação  
numa história fragmentada.  
África e América e novamente Europa e  
África.  
Angolas, Japas e os povos de Benin de onde  
vem minha mãe.

Eu sou Atlântica!”

(Beatriz Nascimento, 1989)

“Eu visto preto  
Por dentro e por fora  
Guerreiro  
Poeta entre o tempo e a memória”

(Racionais MC's, 2002)

## RESUMO

Esta dissertação é uma etnografia das práticas de re-existências poéticas dos e das poetas das periferias de Fortaleza, Ceará, Brasil. Faz uma descrição do Sarau da B1 - evento realizado uma vez por mês, desde 2015, e que leva este nome por acontecer na Praça da Avenida Bulevar 1, nº 121, no Conjunto São Cristóvão, coração comercial de um dos bairros mais pobres da capital cearense, o Grande Jangurussu. Apresenta brevemente as reconfigurações e os desdobramentos históricos das rodas de poesia em Fortaleza, assim como mostra sob quais condições alguns eventos ou acontecimentos influenciaram a capilarização dos *encontros-saraus* e a poesia no “busão” pela Cidade. O trabalho analisa a dupla e ambígua relação da expressão “Poetas de Lugar Nenhum”, a existência historicamente invisibilizada e, principalmente, a vida movida pela criação de outra forma de existência por meio dos “corres” como luta cotidiana pela sobrevivência. Do ponto de vista teórico e conceitual, a pesquisa realizou-se mediante investigação socioantropológica sobre os encontros-saraus, a poesia de “busão” e a re-existência dos e das poetas das periferias da cidade de Fortaleza. Trata-se de uma pesquisa sobre as táticas criativas, as sobrevivências ao neoliberalismo e a invenção de zonas de existências diante das lógicas e ocupações militarizadas e das insígnias das facções do Crime Organizado. Tendo como questão de fundo as práticas de re-existências poéticas que afetam a vida dos poetas e possibilitam afetar a vida cotidiana de outras pessoas, criando Redes de Afetos na Cidade, tecidas pelos Poetas das periferias em Fortaleza.

**Palavras-chave:** Rede de Afetos. Práticas de Re-existências. Poéticas. Saraus. Poetas de Periferia.

## ABSTRACT

This Master's thesis is an ethnography of the poetic re-existence practices of poets from the outskirts of the city of Fortaleza, Brazil. It provides a description of 'Sarau da B1', an open event held once a month since 2015 in a public square of Bulevar 1 – hence the name 'B1' – Avenue, n. 121, in Conjunto São Cristóvão, the commercial district of one of the poorest neighborhoods of Fortaleza, the Great Jangurussu. The text briefly outlines the reconfigurations and the historic developments of poetry gatherings in Fortaleza, as well as shows the conditions in which some events and situations influenced the capillary widespread of gatherings in the form of saraus and of poetry recited in buses around the city. It analyzes the double and ambiguous relationship between the expression 'poets of nowhere', an existence historically made invisible, and particularly life set forth by the creation of another mode of existence through 'corres', economic pursuits that make up a daily struggle for survival. From a theoretical and conceptual perspective, the research was carried out through an investigation of sociological and anthropological grounds about sarau gatherings, the poetry of buses, and the re-existence of poets of the peripheries of Fortaleza. It is a research about creative tactics, surviving neoliberalism, and the invention of zones of existence in face of militarized rationales and occupations, and of the insignias of organized crime factions. Its underlying question refers to practices of poetic re-existence affecting the lives of poets, and therefore enable to affect the daily lives of other people, creating a City Network of Affects, woven by Poets of the peripheries of Fortaleza.

**Keywords:** Network of Affects. Practices of re-existence. Poetics. Saraus. Poets of the peripheries.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 –</b>	<b>Homenagem do Sarau da B1 a Dona Edna Carla .....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 2 –</b>	<b>Arte-Colagem Técnica: Colagem de papel sobre tela Dimensões: 60X80, 2018.....</b>	<b>60</b>
<b>Figura 3 –</b>	<b>Arte Colagem “Vai que cola”, 2016.....</b>	<b>60</b>
<b>Figura 4 –</b>	<b>Arte Colagem “colagem em transe para uma deusa”, 2019.....</b>	<b>61</b>
<b>Figura 5 –</b>	<b>Vista aérea do Grande Jangurussu.....</b>	<b>81</b>
<b>Figura 6 –</b>	<b>Poeta Valentina Danny, Sarau da B1.....</b>	<b>90</b>
<b>Figura 7 –</b>	<b>Mapa-ilustração de como chegar no Sarau da B1.....</b>	<b>92</b>
<b>Figura 8 –</b>	<b>Poetas sem rosto, Ocupação GregórioBezerra.....</b>	<b>120</b>
<b>Foto 1 –</b>	<b>Manifestação Escola CAIC - Bom Jardim .....</b>	<b>43</b>
<b>Foto 2 –</b>	<b>Ocupação CAIC - Escola Maria Alves Carioca - Bom Jardim .....</b>	<b>46</b>
<b>Foto 3 –</b>	<b>Capa do livro Sarau da B1 - com os poetas de lugar nenhum.....</b>	<b>57</b>
<b>Foto 4 –</b>	<b>Zine Jangu Livre #2 - sem data de publicação.....</b>	<b>59</b>
<b>Foto 5 –</b>	<b>Fotografias: Fanzine Jangu Livre #07 edição.....</b>	<b>62</b>
<b>Foto 6 –</b>	<b>Poeta Jardson Remido, Anfiteatro do Cuca Jangurussu .....</b>	<b>66</b>
<b>Foto 7 –</b>	<b>Alex, 13. jan. 2018, Ação Cultural Gereba - Jangurussu.....</b>	<b>87</b>
<b>Foto 8 –</b>	<b>Poeta Sérgio Vaz no Sarau da B1.....</b>	<b>100</b>
<b>Foto 9 –</b>	<b>Ação: Ato contra a Regulamentação de Saraus e Rolezinhos no Palco Aberto Agosto/2017 Praça da Gentilândia.....</b>	<b>102</b>
<b>Foto 10 –</b>	<b>Sarau Palco Aberto - Praça da Gentilândia, 02 de ago. 2017.....</b>	<b>134</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEOC	Professores e Servidores da Educação e Cultura do Estado e Municípios do Ceará
ARMEM	Arte Revolucionária Marginal em Movimento
ASCAJAN	Associação dos Catadores e Catadoras do Jangurussu
BIP	Bienal Itinerante de Poesia
B1	Bulevar 1
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CCGBJ	Centro Cultural Grande Bom Jardim
CE	Ceará
CEDECA	Centro de Defesa da Criança e do Adolescente
CUCA	Centro Urbano de Cultura, Ciência, Arte e Esporte
CUFA	Central Única das Favelas
CV	Comando Vermelho
DCA	Delegacia da Criança e do Adolescente
DJ	Disco Jôquei ( <i>disc jockey</i> )
DPDH	Diretoria de Promoção de Direitos Humanos
EZLN	Exército Zapatista de Libertação Nacional
FDN	Família Do Norte
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
GAPA-CE	Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS – Ceará
GDE	Guardiões do Estado
GMF	Guarda Municipal de Fortaleza
GOE	Grupo de Operações Especiais - Guarda Municipal Armada
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDM	Instituto Dragão do Mar
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IVJ	Violência e Desigualdade Racial
JUBRA	Juventude Brasileira
LGBTQ	Lésbicas, Gay, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Queer +
MARC	Movimento de Arte Resistência e Consciência
MC	Mestre de Cerimônias

MVI	Mortes Violentas Intencionais
OS	Organização Social
PCC	Primeiro Comando da Capital
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PL	Projeto de Lei
PM	Polícia Militar
PMPU	Plano Municipal de Proteção Urbana
PPGS	Pós-Graduação em Sociologia
PR	Paraná
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
SECULTFOR	Secretaria de Cultura de Fortaleza
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Ceará
SER	Secretaria Executiva Regional
SIM	Sistema de Informações sobre Mortalidade
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
ZPL	Zona Poética Liberada

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>REDE DE AFETOS</b> .....	27
2.1	“#OCUPATUDO!”: escolas sem-muros .....	39
2.2	MICROFONE ABERTO.....	50
2.3	A POÉTICA ME DIZ COMO ESCREVER CAMINHANDO .....	64
<b>3</b>	<b>POETAS DE LUGAR NENHUM</b> .....	77
3.1	SARAU DA B1: espaço-encontro.....	89
3.2	“TODA PERIFERIA É UM CENTRO” .....	101
<b>3.2.1</b>	<b>Ação coletiva dos afetos</b> .....	106
3.3	O SUBSTANTIVO “POETA” .....	111
<b>3.3.1</b>	<b>A poética das juventudes</b> .....	116
<b>3.3.2</b>	<b>Poetas sem rosto e o direito de aparecer</b> .....	121
<b>4</b>	<b>“CUIDA(DOS)CORRES, PIVETE!”: práticas de re-existências poéticas</b> .....	130
4.1	REDE DE SARAUS DO CEARÁ: “Eu sou um sem/cem nomes” .....	131
4.2	“FAZ TEU NOME, PIVETE!”: os <i>corres</i> pela existência.....	145
<b>4.2.1</b>	<b>Poesia no “Busão”</b> .....	155
4.3	POR UMA ÉTICA DAS <i>MERMAZÁRIA</i> : Bienal Itinerante de Poesia (BIP) .....	174
4.4	“CUIDA NA FUGA!”: a poética da sobrevivência.....	180
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	191
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	198

## 1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pela temática dos saraus realizados nas periferias da capital cearense surgiu em junho de 2017, quando tive a oportunidade de conhecer o Sarau B1 - evento realizado uma vez por mês desde 2015 e que leva este nome por acontecer na Praça da Avenida Bulevar 1, nº 121, no Conjunto São Cristóvão, coração comercial de um dos bairros mais pobres de Fortaleza (CE), o Grande Jangurussu (SER VI)<sup>1</sup> - e mudar o foco da pesquisa que tinha como categorias centrais “Políticas Públicas de Juventude”, “Sociabilidade Violenta” e “Segurança Pública Municipal” para fazer um estudo etnográfico do que chamo de *práticas de re-existências poéticas* em Fortaleza. Até aquela data, o meu objetivo era conhecer as apropriações e sentidos atribuídos pelos jovens à política pública de juventude Rede CUCA - Centro Urbano de Cultura, Ciência, Arte e Esporte<sup>2</sup>, enfoque no Cuca Jangurussu<sup>3</sup> situado na Zona Sul (*deep south*) da capital cearense. Em outras palavras,

---

<sup>1</sup> Alguns territórios receberam a denominação de “grandes” por sua complexa dinâmica interna de formação territorial, luta política de afirmação dos movimentos sociais e populacional. Além do “Grande Jangurussu”, temos, por exemplo, o Grande Bom Jardim que abriga cinco bairros cada um composto por algumas comunidades. Em 2007, por exemplo, o Conjunto Palmeiras deixou de compor o Jangurussu e tornou-se bairro. (CAVALCANTE, 2011) Os territórios, bairros e comunidades que integram o “Grande Jangurussu” são Palmeiras I e II, Sítio São João, Gereba, Cidade Nobre, Cidade de Deus, Santa Maria, Santa Filomena, Tamandaré, Parque Santa Rosa, Maria Tomázia, Barroso, e João Paulo II. Por sua vez, os Conjuntos Habitacionais, Comunidades e Bairros que integram o “Jangurussu” são Santa Filomena, Sítio São João, Cidade Nobre, Tamandaré, São Cristóvão, Maria Tomázia, José Euclides, Palmeiras da Alameda, Gereba. Ou seja, algumas comunidades viraram bairros, por exemplo, Barroso, Palmeiras e João Paulo II. O Santa Maria, por sua vez, compõe o Ancuri. Ambos localizados na SER VI - Secretaria Executiva Regional VI. A cidade de Fortaleza é dividida em seis Regionais. O Jangurussu junto com outros 28 bairros fazem parte desta Regional Administrativa de Fortaleza-CE. Conforme Brasil, et al. (2010, p. 145), “A Secretaria Executiva Regional VI (SER VI) compreende os seguintes bairros: Sabiaguaba, Edson Queiroz, Sapiranga, Alagadiço Novo, Curió, Guajerú, Coaçu, Paupina, Parque Manibura, Cambeba, Messejana, Ancuri, Pedras, Jardim das Oliveiras, Cidade dos Funcionários, Parque Iracema, Alto da Balança, Aerolândia, Dias Macedo, Castelão, Mata Galinha, Cajazeiras, Barroso, Jangurussu, Passaré, Parque Dois Irmãos, Lagoa Redonda, São Bento e Palmeiras. A Regional tem uma população estimada em 510.381 mil habitantes (2009), e uma área de 13.492,50. [...] A Regional reúne 20,37% da população de Fortaleza e tem, também, a população mais jovem: 50% dos habitantes têm, no máximo, 22 anos. É ainda a Regional com maior índice de analfabetismo. Ocupa a terceira colocação em relação à renda familiar média mensal, com 4,67 salários mínimos, abaixo das Regionais II e IV. A principal atividade econômica é a de serviços “autônomos” e a Regional concentra apenas 10,2% dos empregos formais de Fortaleza. Com relação ao IDH-M (2000), doze bairros possuem índice médio (entre 0,500 e 0,799) e quinze têm índice considerado baixo (entre 0 e 0,499). Na Regional, o bairro do Curió, tem o menor IDH (0,338) de Fortaleza, e a renda média mensal dos responsáveis pelas famílias é R\$ 288,74”.

<sup>2</sup> Existem atualmente três equipamentos CUCAs na cidade de Fortaleza denominada Rede Cuca, um no bairro da Barra do Ceará (SER I) inaugurado em 2009 e outros dois nos bairros Mondubim (SER V) e Jangurussu (SER VI) inaugurados em 2014. Ambos administrados pelo Instituto Cuca e mantidos pela Prefeitura de Fortaleza. Estes foram construídos em locais estratégicos, territórios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e elevado índice de homicídios entre 13 e 29 anos, os Cucas são resultado das demandas das expressões dos movimentos juvenis e sociais que conseguiram construir e implementar ações de fortalecimento desta política pública na agenda governamental ainda na gestão da ex-prefeita Luizianne Lins (PT), por meio dos OP - Orçamento Participativo.

<sup>3</sup> O nome vem das palavras em Tupi: *Yanga* (“enxame”) e *Urussu* (“abelha silvestre”)

pretendia analisar a partir da experiência etnográfica e do saber local os padrões de “sociabilidades violentas” (SILVA, 2004) que operam entre os jovens<sup>4</sup> que frequentam o equipamento cultural.

Embora alguns dos meus interlocutores tenham permanecido os mesmos durante toda a pesquisa desenvolvida no mestrado, a mudança do *lócus*, isto é, do olhar e escrita etnográfica que tinha como pano de fundo um equipamento institucional de juventudes, para uma experiência etnográfica no Sarau da B1, evento autônomo organizado no mesmo bairro e frequentado por alguns dos jovens que conheci no Cuca Jangurussu e também por alguns moradores no entorno de onde acontece o evento uma vez por mês, me levaram a mostrar como os saraus afetam a vida das pessoas que participam direta ou indiretamente.

Enquanto fui ex-funcionário da Rede Cuca durante quase três anos, atuei como Educador Social na Diretoria de Promoção de Direitos Humanos (DPDH) do Cuca Jangurussu. Os objetivos principais dos Educadores Sociais e da própria DDPH eram construir vínculos com os jovens por meio de uma escuta qualitativa, criar planos/intervenção caso a caso junto à equipe psicossocial, assim como identificar possíveis parcerias para atender as demandas dos diferentes casos de violações direitos e, por fim, organizar e colocar em prática metodologias de atividades e acompanhamentos de jovens conforme as demandas identificadas (oficinas, intervenções, jogos, visita domiciliar, rodas de conversa, seminários e etc), objetivos estes, na época, executados em diferentes níveis de construção, dificuldades e consolidação (INSTITUTO CUCA, 2014).

Durante os seis primeiros meses de 2017, realizei visitas ao Cuca Jangurussu, por meio de conversas, eventos, reuniões e intervenções com os integrantes do *Fórum de Jovens*<sup>5</sup>, eram recorrentes as pautas de determinados grupos de jovens que frequentavam o equipamento e de moradores de algumas comunidades no entorno o tom de insatisfação e até

---

<sup>4</sup> O Censo Demográfico realizado em 2010 apresenta uma população de 718.613 pessoas no grupo etário de 15 a 29 anos de idade, representando 29,3% da população fortalezense e 28,8% do total de jovens do estado do Ceará. Essa população apresenta certa homogeneidade quanto ao gênero, sendo alterada quando observamos as faixas de idade de 20 e 25 anos, onde predomina o gênero feminino.

<sup>5</sup> Em tese seria um espaço político e um dos direitos previstos pelo Estatuto da Juventude (“Do direito à Cidadania, à Participação Social e Política e a Representação Juvenil” - Cap. II, art. 4º parágrafo único) onde a juventude da periferia efetivamente poderia discutir e decidir de maneira mais ou menos horizontal as demandas das próprias juventudes. Aqui, os jovens passariam a ser não apenas receptores dos serviços públicos, mas também atores estratégicos da própria política. Segundo Miriam Abramovay (2002), entre os diversos problemas e questões decisivas que continuam a desafiar as políticas de desenvolvimento social na América Latina, certamente uma das mais importantes é a da juventude. Isso requer, pois, políticas públicas de juventude que busquem superar a condição vulnerável desses jovens. Como argumenta a autora, no que se refere a este objetivo: tem destacado a importância de se tomar os jovens segundo uma *perspectiva dupla*, na qual eles seriam, por um lado, receptores de serviços públicos que buscassem enfrentar a equação desigualdades sociais e exclusão social; e, por outro lado, atores estratégicos no desenvolvimento de sociedades mais igualitárias e democráticas (ABRAMOVAY, 2002, p.66 - grifei)

mesmo de denúncia contra a negligência por parte da política pública de juventude<sup>6</sup>. Pude perceber que estas reações vinham de alguns jovens que frequentavam ou organizavam bailes de *reggae*, saraus, batalhas de *MCs* e rolezinhos autônomos, idealizadores e integrantes de coletivos de audiovisual das periferias, assim como alguns deles eram os mesmos que ocuparam durante meses as escolas públicas em 2016.

Todos esses processos estavam ocorrendo ao mesmo tempo em que eventos autônomos similares aos listados acima aconteciam nas periferias de Fortaleza de maneira mais capilarizada e intensa desde meados do segundo semestre de 2015. Na mesma época, isto é, em junho de 2017, passei a frequentar algumas das edições do Sarau da B1, conheci a sede do Coletivo Bonja *Roots*<sup>7</sup> - na ocasião, entrevistei Andressa Bernardo, uma das integrantes do coletivo que existe no Grande Bom Jardim – no mesmo período em que Jaína Alcântara, Luana Apolinário, Daniel Lima e eu, estávamos escrevendo um artigo sobre os bailes de *reggae* de rua em Fortaleza, com o foco em um dos primeiros grandes bailes de *reggae* nas periferias intitulado “Cuca *Roots* no Jangurussu: juventudes protagonizando eventos em espaços públicos” (2017, no prelo) e que foi apresentado na Universidade Federal do Ceará (UFC) durante o VII JUBRA - Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira<sup>8</sup>.

Foi a partir desse emaranhado de relações (INGOLD, 2012) estabelecidas no percurso da pesquisa entre integrantes do Fórum de Jovens do Cuca Jangurussu, as leituras e reflexões no Programa de Pós-graduação em Sociologia, leitura de poemas publicados bimestralmente na zine “Jangu Livre”<sup>9</sup> e por meio do encontro que tive com o primeiro livro autônomo intitulado “Sarau da B1: com os poetas de lugar nenhum” (DENKER, 2016), a tentativa de regulamentação dos saraus e rolezinhos protagonizada pela Coordenadoria

<sup>6</sup> Diante dos diferentes tipos e níveis de negociação, como por exemplo, os pulos na piscina fora do horário de aula, usos de psicoativos dentro dos limites institucionais, assim como, andar de bicicleta e ou skate em espaços reservados apenas a pedestres pode ser visto como uma típica postura de subversão, descontentamento ou até mesmo sentimento de não pertencimento e inadaptabilidade da parte de algumas crianças, adolescentes e jovens. A reivindicação de uso recreativo da piscina pela comunidade tem sido uma constante desde a inauguração do equipamento e uma das pautas de tensão e negociação entre o Fórum de Jovens, Gestores e Guarda Municipal Patrimonial: “Entidade denuncia agressão da Guarda Municipal contra jovens e crianças no Cuca Jangurussu”. Disponível em:

<<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/10/entidade-denuncia-agressao-da-guarda-municipal-contrajovens-e-crianca.html>> Acesso em 17 de outubro de 2017, às 3h48.

<sup>7</sup> Coletivo juvenil que existe há quase quatro anos no Grande Bom Jardim. Inicialmente organizava bailes de *reggae* em praças e equipamentos culturais no próprio bairro. As primeiras edições contavam com apoio de serviços do Poder Público, ONGs e Coletivos, como por exemplo, insumos e rodas de conversa sobre Redução de Danos, Direitos Humanos, e pertencimento a Cidade. Hoje, possui sede própria, além de bailes de *reggae*, organiza em parceria com outros articuladores e coletivos bailes *Black*, saraus e rodas de conversa. Contato: <https://www.facebook.com/ColetivoBonjaRoots/> ou pelo e-mail [coletivobonjaroots@gmail.com](mailto:coletivobonjaroots@gmail.com)

<sup>8</sup> Disponível: <http://jubra2017.com.br/> Acesso em jan. 2019.

<sup>9</sup> As fanzines ou zines são pequenas publicações impressas híbridas, geralmente fotocopiadas. Algumas misturam fotografias, poetas e outros textos autorais e stêncil. Elas podem ser feitas individualmente ou em coletivo, pode ser trocada, vendida ou distribuída.

Especial de Políticas de Juventude do Governo do Estado e repudiada pela Rede de Saraus em agosto de 2017, somada às minhas visitas ao Sarau da B1 e ao Bonja *Roots*, que construí, por meio de uma observação *reflexiva* sobre essa realidade, o objeto de estudo desta dissertação de mestrado (BOURDIEU, 2004).

A ideia de etnografar as práticas de re-existências poéticas dos e *das* poetas<sup>10</sup> da Cidade, mais especificamente o Sarau da B1 e os poetas de “busão”, surgiu a partir do meu interesse em conhecer estes recentes processos e reconfigurações das resistências juvenis na Cidade e a ocupação do espaço público. A decisão pela pesquisa aconteceu, mais precisamente em julho de 2017, quando visitei pela primeira vez o Sarau da B1, em cuja ocasião, o Poeta Sérgio Vaz<sup>11</sup> estava sendo homenageado no evento.

O principal objetivo desta pesquisa foi o de realizar um estudo etnográfico das *práticas de re-existências poéticas* juvenis inventadas na cidade de Fortaleza (CE): saraus (microfone aberto) e poetas de “busão”<sup>12</sup>. Deste modo, a pesquisa foi desenvolvida sob a intenção de buscar mostrar como essas práticas afetam a vida dos poetas e possibilitam afetar a vida cotidiana de outras pessoas criando novas formas de re-existências.

*Práticas* cotidianas, conforme Michel de Certeau (1994), são “maneiras de fazer” pelas quais os agentes sociais se apropriam criativamente do espaço social. No caso deste estudo, refiro-me aos e as poetas consideradas pela pesquisa, destacando as suas formas de mobilização que, aproveitando-se das lacunas deixadas pelo padrão social ou até mesmo sob

<sup>10</sup> Segundo o dicionário *online* de português (<https://www.dicio.com.br/poetisa/>) Significado de “Poetisa” *substantivo feminino* “Aquela que escreve poesias ou compõe por meio de versos; mulher que compõe poeticamente: ‘Marina Colasanti é uma grande poetisa brasileira’. [*Gramática*] Forma Masculina: poeta. Etimologia (origem da palavra *poetisa*). Poeta + isa.” Entretanto, em campo percebi que a maioria das mulheres que escrevem e recitam poesias, inclusive as que eu entrevistei ou tive contato nos saraus, se autodenominam “poeta” ao invés de “poetisa”. Nina Rizzi, por exemplo, poeta, escritora e uma das organizadoras do Sarau da B1, em entrevista (02 de dezembro de 2018), quando perguntada sobre o por que “poeta” e não “poetisa”, afirma o seguinte: “a palavra que designa qualquer ofício feito por mulher, ela vem carregada dessa história que é uma história de apagamento, que é a história do patriarcado, que é a história da machismo, que é a história da misoginia. [...] Quando você fala ‘poeta’ e ‘poetisa’ é como se fossem palavras colocadas numa balança, né?! E a palavra da mulher ela sempre pesa menos, mas pesa muito pra gente! Então essa palavra ‘poetisa’ ela vem carregada desse ranço histórico, né?! Dessa história aflitiva, então quando as mulheres passam a requerer para si serem chamadas de ‘poetas’ e não ‘poetisas’, ela se coloca em pé de igualdade com o homem. ‘Eu sou poeta!’ Cecília Meireles já dizia isso há um século! ‘Não sou feliz, nem sou triste. Sou poeta!’ E muitas outras depois. Tem uma poeta contemporânea muito interessante que é a Alice Ruiz, ela fala algo que eu adoro, que é ‘Se os homens não querem que a gente seja poeta, eles que vão ser poetas’ E é isso! Poeta é poeta, né?! Deveria ser algo que ultrapassa o gênero. A palavra escrita alcança outros matizes, né?!” Por este motivo, o substantivo “poeta” será usado para ambos os gêneros nesta dissertação. Assim como “Poeta” com “p” maiúsculo para o conjunto dos e das poetas.

<sup>11</sup> Disponível em

<[https://www.facebook.com/edinaldosousafelipe/posts/1513612142028195?\\_\\_xts\\_\\_\[0\]=68.ARBZW9e\\_grVjF-tofzcPgeQoT0LanVV-eAFjfJW2a-zTZ4EOitobF4syB0166PN-nsGyxUywFIV7OBUPpJUmyKYA-Hkfu0E-45f00cq3QfUfrbde9Opo01y75P32k3sqkYJym-eRj\\_jTqB2g4bzG4un65Xkzr\\_Odlfkmym-uU1YFvF6e36LkZcg&\\_\\_tn\\_\\_=C-R](https://www.facebook.com/edinaldosousafelipe/posts/1513612142028195?__xts__[0]=68.ARBZW9e_grVjF-tofzcPgeQoT0LanVV-eAFjfJW2a-zTZ4EOitobF4syB0166PN-nsGyxUywFIV7OBUPpJUmyKYA-Hkfu0E-45f00cq3QfUfrbde9Opo01y75P32k3sqkYJym-eRj_jTqB2g4bzG4un65Xkzr_Odlfkmym-uU1YFvF6e36LkZcg&__tn__=C-R)> Acesso em 13. mai. 2018.

<sup>12</sup> Poetas que recitam em ônibus (coletivo ou transporte público).

máscaras de aparente reprodução da ordem, transgridem, agitam ou estabelecem outras formas de organização social por meio da apropriação e subversão da lógica, inventando *re-existências*.

Não é suficiente ‘resistir’. É preciso *re-existir* para “descolonizar”, inventar outras formas de vida. Portanto, a primeira reivindicação da re-existência é *permanecer vivo* diante das “formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte”, conforme Achille Mbembe (2017a, p. 151), ao mencionar o capitalismo em sua forma atual como devir-necropolítico-do-mundo (MBEMBE, 2014b). Um jogo de permanentes deslocamentos inventivos (*fuga*), planos estratégicos e fugazes de desaparecimento e afirmação. Seguindo Frantz Fanon (2008, p. 189), um verdadeiro *salto* que introduza a invenção na existência, pois “no mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente”: uma poética decolonial.

Este caráter fluido da *poética* tratada aqui como este “salto” que não pressupõe qualquer fixidez ideológica, procura evocar este movimento circular, de travessia entre os “becos das favelas” e a “área comercial dos asfaltos”, nas “esquinas” e praças ocupadas por Poetas das periferias de Fortaleza: rede de afetos como “emaranhados da poética da relação”, conforme Édouard Glissant (2011). As práticas de re-existências são táticas de sobrevivências, por vezes, fugazes. Pode ser que seja aí o lugar onde a poética habita.

Os *encontros-saraus* das periferias, assim como a poesia no “busão”, têm se multiplicado na capital cearense. Uma produção cultural *multilinear* e em constante movimento - um complexo e móvel *emaranhado* de fios [in]visíveis tecidos pelos próprios participantes e protagonistas que se visitam e fortalecem o movimento local uns dos outros a favor do encontro, da fala e, principalmente, da existência decolonial (INGOLD, 2012; GLISSANT, 2011; GILROY, 2012).

Neste sentido, portanto, no capítulo 2 apresento brevemente as re-configurações e desdobramentos históricos das rodas de poesia em Fortaleza, assim mostro sob quais condições alguns eventos ou acontecimentos influenciaram a capilarização dos *encontros-saraus* e a poesia no “busão” pela Cidade, sendo as ocupações secundaristas nas mais de 175 escolas públicas no estado do Ceará um dos possíveis vetores dessa proliferação e consolidação dos *saraus* nas periferias.

Já no capítulo 3, denominado de Poetas de Lugar Nenhum, desenvolvo uma discussão sobre o funcionamento do Sarau da B1, assim como analiso a dupla e ambígua relação da expressão “Poetas de Lugar Nenhum” e a existência historicamente invisibilizada e, principalmente, uma vida movida pela criação de outra forma de existência. Neste sentido objetivo discutir como os *encontros-saraus* se organizam como a *ação coletiva* e como os

*afetos* contribuem para a possibilidade do *direito de aparecer*. Posteriormente, a partir da expressão “toda periferia é um centro”, analiso as implicações da circularidade, ocupação e as produções da periferia para a periferia que transformam a periferia em centro, assim como apresentação da *identidade-relação Poeta* (GLISSANT, 2011).

No quarto e último capítulo desta dissertação, a partir das experiências etnográficas, exponho como as práticas de re-existências poéticas criam táticas, sobrevivências (a poesia no “busão”) e zonas de existências diante das lógicas e ocupações militarizadas e das insígnias das facções do Crime Organizado. Trago à análise, igualmente, os diferentes tipos de violências históricas e do genocídio cotidiano nas favelas e periferias que acontecem por meio de extermínios e chacinas.

Um permanente exercício de uma *ética das “mermazária”*, tomando-a mais do que uma gíria ou um neologismo, mas como uma prática de vida e conduta periférica, uma ética de fato, resignificando a própria ideia de área e território, que, inclusive, contraria e denuncia a cultura e a política que objetiva afastar “irreversivelmente aqueles que são considerados ameaçadores”, conforme Mbembe (2017a, p. 73), por meio da ocupação dos espaços públicos com encontros-saraus e bailes de *reggae*, dissolver as fronteiras de inimizades e do medo incorporadas e capilarizadas pelas siglas que demarcam territórios geográficos e simbólicos, insígnias marcadas a ferro e fogo nas paredes e nos corpos por grupo de extermínio formado por policiais e facções.

Não obstante, os conflitos internos, seja pelo mando do comércio ilegal de drogas ou narrativas da diferença e identidade, estes seres plurais, em face da sobrevivência, afetos e afirmação política, criam formas de resistência e re-existências: a poesia como arma pela sobrevivência por meio da autoafirmação, da *subversão* e *fuga* (SCOTT, 2013; MOTEN, 2008). São formas distintas de re-existência travada sob constante luta atravessada pelo racismo estrutural, estruturado, institucionalizado e histórico e pela segregação socioespacial-econômica de processos de políticas de morte operadas pelo neoliberalismo que progressivamente, por sua vez, homogeneiza as vidas precárias, vidas não passíveis de luto (MBEMBE, 2014b, 2017a; BUTLER, 2017, 2018).

O fenômeno denominado “pacificação” no ano de 2016 no estado do Ceará é resultado de um complexo reordenamento do mercado ilegal de drogas e armas que resultou em uma escalada nos índices de violência letal principalmente de adolescentes e jovens entre 10 a 29 anos e moradores das periferias de Fortaleza<sup>13</sup>. Conforme dados levantados sobre a

---

<sup>13</sup> Disponível:

<<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/02/23/noticiasjornalcotidiano,3396670/os-territorios->

violência e segurança pública por Barreira, Paiva e Moraes (2015), o índice de violência letal no Brasil, desde o ano de 1989, vem crescendo consideravelmente de 20 para 29 homicídios por 100 mil/hab., em 2012. Conforme levantamento feito por Moura (2019) e publicado na coluna quinzenal no jornal O Povo sobre Segurança Pública em 26 de fevereiro de 2018, a taxa de homicídios no Ceará saltou de 25, 5 mortes por 100 mil habitantes em 2009 para 52,2 mortes por 100 mil habitantes em 2014<sup>14</sup>.

A cidade de Fortaleza ocupa os primeiros lugares no *ranking* das cidades mais violentas do Brasil e do mundo, de acordo com o Atlas da Violência 2017 organizado e publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). O estudo foi coordenado pelo professor Julio Jacobo Waiselfisz que se utilizou de dados do IBGE (2010) e do Ministério da Saúde de 2015 para mostrar a evolução da violência em estados e municípios brasileiros. Trata-se de lugares situados onde “o poder de matar permanece mais ou menos ilimitado, e onde a pobreza, a doença e os perigos de todos os tipos tornam a existência incerta e precária” (MBEMBE, 2014a, p. 25). Fortaleza está entre os 30 municípios mais violentos; ocupou o 13º lugar no *ranking* contabilizando 1.729 homicídios em 2015. Segundo este estudo, foram registrados 59.080 homicídios no Brasil somente no ano de 2015, ou seja, 28,9 para cada 100 mil habitantes. A cada 100 pessoas mortas no Brasil, 71 são negras. Já no ano seguinte, conforme o Atlas da Violência de 2018 foram registrados em 2016 pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/SM), 62.517 homicídios em território brasileiro, o que implica uma taxa de 30,3 mortes por 100 mil habitantes (CERQUEIRA, *et al.*, 2018).

Conforme mostra em relatório do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CCPHA, 2017) realizada em sete cidades cearenses no ano de 2015, tem aumentado o número de homicídios de crianças e adolescentes entre 9 e 12 anos que estavam fora da escola há pelo menos seis meses.

Conforme relatório, mais de 70% dos adolescentes assassinados em 2015 estavam fora da escola. O levantamento foi realizado com 224 famílias entrevistadas demonstra que o enredo se repete com outros familiares, como irmãos, primos e amigos. A escola é um dos espaços de proteção contra o homicídio na adolescência e pode contribuir para a diminuição dos números de violência letal nesta faixa de idade, entretanto, cresce o número de evasão

---

onde-mais-se-mata-em-fortaleza.shtml e <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/numero-de-homicidios-no-ceara-dobra-em-10-anos-diz-atlas-da-violencia.ghtml> Acesso em jan. 2019.

<sup>14</sup> Disponível: <https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/segurancapublica/2018/02/a-guerra-as-drogas-e-o-efeito-balao-no-ceara.html> Acesso em jan. 2019.

escolar que pode estar sendo mobilizado pelo medo e pelas constantes territorializações de facções criminosas no Estado.

Alguns relatos analisados pela pesquisa indicam as limitações da escola e do corpo gestor em face de estas situações que demandam pensar e repensar um sistema de proteção, de outras áreas e secretarias. Outros motivos também foram apontados na pesquisa, como por exemplo, “desinteresse” (identificado em 78 dos 146 casos analisados na capital, equivale à taxa de 53, 42%), a necessidade de trabalhar, “ficar em casa cuidando dos irmãos mais novos e a falta de estruturas comunitárias, como creches” (CCPHA, 2017, p. 19).

Quanto ao Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial de 2014, indicador do Plano Juventude Viva, organizado e publicado pela Secretaria-Geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Justiça, o Ceará está na quarta posição da escala de vulnerabilidade “muito alta” de Violência e Desigualdade Racial, perdendo apenas para Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Quando se trata apenas o indicador de violência letal a prevalência de jovens negros serem mais vítimas de assassinatos do que jovens brancos é uma tendência nacional: em média, jovens negros têm 2,5 mais chances de morrer do que jovens brancos no país, conforme estudo. De acordo com os dados do IVJ – Violência e Desigualdade Racial (2014), as questões da invisibilidade dos jovens negros acompanhavam a tendência de melhoria das condições sociais, pois ocupavam um papel secundário no rol das políticas públicas de prevenção e redução da violência.

O Atlas da Violência 2016 levanta questionamentos quanto aos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/MS/SVS/CGIAE), embora sejam considerados os registros mais confiáveis sobre mortes intencionais, estes não refletem a realidade em relação ao quesito letalidade na ação policial. Embora o SIM seja primordial para informar o “perfil das vítimas”, pouco pode informar sobre os agressores.

No caso de mortes causadas por agentes do Estado em serviço, poderia se esperar que os responsáveis fossem, em princípio, identificados. Se uma vítima chega ferida ou morta em decorrência de ação policial, o hospital deveria ser informado e registrar o fato na categoria Y35-Y36 do SIM, chamada “intervenções legais e operações de guerra”, mas a comparação com outras fontes de dados das Secretarias de Segurança Pública revela que essa notificação não ocorre. (IPEA e FBSP, 2016, p. 15)

De acordo com o 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2015), organizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o número absoluto de mortes decorrentes de

intervenção policial no Brasil no ano de 2014 é de 58.497, enquanto no estado do Ceará é de 4.490 vítimas no mesmo ano.

Em 2014, em nenhum país do mundo, sem guerra declarada, mais seres humanos mataram outros seres humanos do que no Brasil. Quase 60.000 pessoas foram assassinadas em nosso país. Comparações à exaustão com guerras e tragédias (perdemos em 2014 o mesmo que os EUA em toda a Guerra do Vietnam) já foram feitas e, mesmo assim, não parecemos conseguir incluir o tema dos homicídios no centro da agenda política brasileira. Governos de todos os níveis, sociedade civil organizada, imprensa parecem tratar o tema com atenção mediana diante do tamanho do nosso problema. A única explicação razoável para essa epidemia de indiferença diante do horror é o fato de que os mortos são invisíveis. São quase todos pobres, são em grande parte *negros e jovens*. Nesse sentido, é fundamental que se consiga visibilizar o invisível, que se fure o bloqueio do silêncio cômodo frente a uma quantidade inaceitável de mortes. (ABRAMOVAY, 2015, p. 20 – grifei)

O mesmo estudo aponta que 47,8% dos óbitos são, principalmente, de pessoas do sexo masculino na faixa etária entre 15 a 29 anos, com características socioeconômicas similares e cor de pele negra. Entretanto, o índice de mulheres assassinadas pelos menos nos últimos dois anos, conforme dados analisados por Dillyane Ribeiro (2019), é de 196% no número de meninas de 10 a 19 anos assassinadas no Estado.

Nos últimos dois anos (2017 e 2018) o número de feminicídio e homicídios de mulheres vem crescendo assustadoramente no estado do Ceará. De acordo com os dados registrados e publicados mensalmente pela Secretaria Estadual de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará – e que são monitorados pelo Fórum Cearense de Mulheres/AMB<sup>15</sup> –, foi possível identificar que entre 2016 e 2017, houve um aumento de 74% no assassinato de mulheres – subindo de 210 para 365 respectivamente. Já entre 2017 e 2018, este número seguiu aumentando: passou de 365 para 462 – um crescimento de 26,6%. Ou seja, isso significa que em apenas dois (2017 e 2018) houve um crescimento de 120% no número de assassinatos de mulheres no Ceará.

Ocorre que hoje no Ceará o racismo e o machismo têm se imbricado de uma maneira letal para muitas meninas. Vive-se hoje uma realidade bastante complexa e busca-se entender o que tem matado adolescentes para minimizar os fatores de risco e potencializar os fatores de proteção. Deve-se encontrar as chaves de compreensão nas histórias de vida das vítimas. Mas quem vai reconstruir essas histórias se já não se pode contar com suas vozes? Há de se buscar as interlocutoras entre as que

---

<sup>15</sup> Dados organizados, atualizados e divulgados pelo Fórum Cearense de Mulheres/AMB. Os dados do setor de Estatísticas da Secretaria de SSPDS - Segurança Pública e Defesa Social - sobre os crimes violentos letais intencionais (CVLIs) ocorridos no Ceará são divulgados diariamente. Geralmente, há um *lag* de no máximo cinco dias. <https://www.facebook.com/forumcearensedemulheres/> Acesso em fev.2019.

sobreviveram e que criam resistência nos territórios onde a vida pulsa para fazer frente às máquinas de exceção e morte. (RIBEIRO, 2019)<sup>16</sup>

Quando analisado o número de assassinatos tendo como foco um recorte etário, dados de homicídios de meninas e adolescentes, entre 10 e 19 anos de idade, a situação é ainda mais grave. Segundo os dados sistematizados pelo Comitê Cearense de Prevenção aos Homicídios na Adolescência (vinculado à Assembleia Legislativa do Ceará), entre 2016 e 2017, houve um aumento de 196% no número de meninas de 10 a 19 anos assassinadas no estado, saltando de 27 em 2016 para 80 em 2017. Já em 2018 o número é de 114 meninas de 10 a 19 anos mortas de “maneira violenta” no Ceará. Isto representa um aumento de 42,5% comparado a 2017 e de 322% se comparado a 2016.

Segundo o Relatório Final do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (2016), do total de mortes de adolescentes e jovens de ambos os sexos, 50% se concentram em 20 bairros do Município. O bairro com maior incidência é o Jangurussu, com 24 mortes. Em segundo lugar na pesquisa aparece o Bairro Bom Jardim, com 20 homicídios contra jovens. Os números ainda mostram que 20, dos 119 bairros concentram esses assassinatos (52%)<sup>17</sup>.

Algumas das vítimas, inclusive, residiam em comunidades composta por casas feitas de materiais descartados e reaproveitados do lixo (latas, grandes pedaços de madeira, lonas, etc), de pau a pique ou de alvenaria, “chão batido” (não cimentado), sem banheiro, sem encanamento e saneamento básico – geralmente, em grandes quadras chuvosas, as casas alagam e quando muito, os moradores e moradoras conseguem salvar alguns dos poucos móveis existentes. Estes espaços são habitados por pessoas que sobrevivem um ciclo de vida destituída de escolarização e, não obstante, alguns delas “privados de qualquer hipótese de casar ou fundar uma família, são pessoas que, objetivamente, nada têm a perder e que, além disso, do ponto de vista estrutural estão mais ou menos ao abandono” (MBEMBE, 2014a, p. 25).

Esses espaços são alvos de narrativas carregadas de estigmas que marcam não somente as pessoas, mas também os territórios com a tônica de “lugar perigoso”. O estigma territorial impregnado (WACQUANT, 2005, p. 33), resultado de um processo de segregação avançado carrega em si “o sentimento de indignidade pessoal” que resulta em profundas consequências na vida cotidiana e nas relações interpessoais, a ponto de afetar “negativamente

---

<sup>16</sup> Disponível: <http://www.justificando.com/2019/01/16/as-meninas-e-a-necropolitica-no-ceara/> Acesso em jan. 2019.

<sup>17</sup> Disponível: [https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio\\_primeiro\\_semestre.pdf](https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_primeiro_semestre.pdf) Acesso em jan. 2019.

as oportunidades nos círculos sociais, nas escolas e nos mercados de trabalho”. Em segundo lugar, é possível observar uma forte convergência entre “degradação simbólica e o desmantelo ecológico” dos territórios urbanos: áreas normalmente assimiladas como “depósitos de pobres, anormais e desajustados tendem a ser evitadas pelos de fora, ‘assinaladas’ pelos bancos e corretores de imóveis,” menosprezadas pelos empresários comerciais e “ignoradas pelos políticos, tudo isso colaborando para acelerar-lhes o declínio e o abandono”. Em terceiro e último lugar, a estigmatização territorial “origina entre os moradores estratégias socióforas de evasão e distanciamento mútuos e exacerba processos de diferenciação social interna, que conspiram em diminuir a confiança interpessoal e em minar o senso de coletividade”, fatores estes importantes para a participação em comunidade na construção de ações coletivas.

Quando se trata da *seletividade penal* esta realidade recai sobre indivíduos histórica, social e territorialmente estigmatizados, a saber: jovens negros e moradores das periferias das capitais brasileiras em sua grande maioria. Conforme pesquisa desenvolvida por Borges (2018), são corpos que historicamente são atravessados por políticas de controle e punição fruto do cativeiro escravocrata brasileiro que sofrem com o aprofundamento do estigma social quando o assunto é encarceramento. Segundo ainda Borges, não é possível discutir encarceramento em massa no Brasil sem entender como o sistema judiciário criminal possui “profunda conexão com o racismo” (idem, p. 16-17):

O sistema de justiça criminal tem profunda conexão com o racismo, sendo o funcionamento de suas engrenagens mais do que perpassados por esta estrutura de opressão, mas o aparato reordenado para garantir a manutenção do racismo e, portanto, das desigualdades baseadas na hierarquização racial. Além de privação de liberdade, ser encarcerado significa a negação de uma série de direitos e uma situação de aprofundamento de vulnerabilidades. Tanto o cárcere quanto o pós-encarceramento significam a morte social destes indivíduos negros e negras que, dificilmente, por conta do estigma social, terão restituído o seu status, já maculado pela opressão racial em todos os campos da vida, de cidadania ou possibilidade de alcançá-la. Esta é uma das instituições mais fundamentais no processo de genocídio contra a população negra em curso no país.

Neste tocante, Mbembe (2017a, p. 42), ao retomar a história da democracia moderna, afirma que se trata de uma história contendo duas faces e, segundo ele, “com dois corpos”, inclusive: o corpo solar e o corpo noturno. “O império colonial e o Estado escravagista – e, mais especificamente, a plantação e a *prisão* – constituam os principais símbolos do seu corpo noturno”.

Ainda conforme Borges (2018, p. 14), “64% da população prisional é negra, enquanto que este grupo compõe 53% da população brasileira. Ou seja, dois em cada três presos são negros no Brasil”. De acordo com o *Mapa do Encarceramento: os jovens do Brasil*

(BRASIL, 2015), publicada pelo Plano Juventude Viva, que tem como objetivo reunir ações de prevenção de redução da vulnerabilidade de jovens negros em situações de violência física e simbólica, a partir da criação de oportunidades de inclusão social e autonomia para os jovens entre 15 e 29 anos. A divulgação da pesquisa foi realizada por meio da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Brasil e tendo como autoria a socióloga Jacqueline Sinhoretto (UFSCAR).

Segundo análises dos dados da pesquisa, o crescimento do encarceramento é expressivo no País entre os anos de 2005 e 2012. O aumento dos números de encarcerados mostra que, consideravelmente, foram presos mais jovens negros. Os crimes que mais motivam prisões são danos ao patrimônio e drogas, que quando somados, atingem cerca de 70% das causas de prisões. Já crimes contra a vida os números chegam a 12% das prisões. A maioria recebeu penas inferiores a oito anos seguidas de penas inferiores a quatro anos, entretanto, é elevado o número de presos em condição provisória (ainda esperando julgamento). A partir destes dados é possível perceber que os crimes que o policiamento e a justiça criminal enfoca são, principalmente, conflitos contra a integridade de patrimônio público/privado e nos delitos de drogas.

No tocante à “dupla escalada da violência entre facções inimigas e as forças policiais”, como apontam Sá e Aquino (2018, p. 3), a “guerra das facções no Ceará” iniciou em 2013, dado o elevado índice de homicídios que indica um “número próximo a 120 indivíduos exterminados em menos de três meses (março, abril e maio de 2013)”. Com a dissolução do “pacto de paz” em janeiro/2017, frequentes e diferentes “leis” e ordens foram inscritas nas paredes e comunicadas via redes sociais - algumas veiculando vídeos contendo cenas com requintes de crueldade e barbárie - que são amplamente compartilhados.

O contexto histórico-social de “nordestinização” da violência e do crime, conforme coluna escrita por Ricardo Moura no Jornal O Povo<sup>18</sup>, nos anos 2010 e, posteriormente, a escalada da violência iniciada em 2013, referida por Sá e Aquino (2018) criaram condições para o “pacto entre facções rivais ligadas ao tráfico de drogas e armas em Fortaleza” (BARROS et al., 2018, p. 116) em 2016. Este “pacto pela paz” possibilitou consideravelmente o fluxo e a circulação do maior número possível de jovens entre os bairros e comunidades antes recortadas por fronteiras rivais, viabilizou não somente a livre circulação

---

<sup>18</sup> Disponível: <https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/segurancapublica/2018/02/a-guerra-as-drogas-e-o-efeito-balao-no-ceara.html> Acesso em jan. 2019.

por estar “tudo na paz”, mas também diminuiu, naquele período, o número de mortes<sup>19</sup>. Com a dissolução das fronteiras de mortes entre os territórios naquele ano, as diferentes ocupações das juventudes nos espaços públicos, por meio dos bailes de *reggae*, *saraus* e *rolezinhos*, aumentaram - eventos estes que após a dissolução da “pacificação”, em janeiro de 2017 permaneceram acontecendo e criando formas de re-existências em face da militarização e disputa entre as facções nos territórios da Cidade.

Os encontros-saraus são compostos, em sua maioria, por jovens participantes de outros eventos, coletivos e grupos autônomos que atribuem sentidos às diferentes formas de organização, mundanidades e sociabilidades nas periferias e favelas da Cidade - com semelhanças, aproximações e distanciamentos levando em consideração os diferentes perfis e práticas de territorialidade (INGOLD, 2012; SIMMEL, 1983, 2006; MAUSS, 2003).

Diante disso, procurei entender a seguinte questão: como as práticas poéticas inventadas nas periferias de Fortaleza (CE) afetam a vida dos e das poetas e possibilitam afetar a vida cotidiana de outras pessoas criando formas de re-existências? Assim como as seguintes questões específicas: como as práticas poéticas inventadas nas periferias da Cidade criam zonas de re-existências? Como estes sujeitos criam mecanismos de re-existências em contextos de estigmatização, violência, invisibilização e silenciamentos históricos? Como os poetas marginais lutam pela existência cotidiana, sobrevivência, reconhecimento e *relação de cuidado*?

Estas questões surgem da necessidade de investigar e procurar entender, portanto, por meio de um enfoque no estudo sócio antropológico, as manifestações e mundanidades, as relações de poder e conflitos presentes ao longo das práticas poéticas de resistência e re-existência entrelaçadas e em movimento: os encontros-sarau (microfone aberto); o “correr” pela sobrevivência do e da poeta de “busão” impressas não somente no papel e nas telas de plasmas dos computadores e celulares (Rede Sociais na Internet), mas inscritas em seus corpos e mentes.

Em ambos os capítulos dialoguei com as entrevistas e os escritos-relatos (poemas e outros textos autorais) desses sujeitos, assim como a partir de minhas experiências

---

<sup>19</sup> Os dados são do 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2017), que registrou o Ceará como o segundo estado com maior redução de assassinato no ano de 2016: a taxa de Mortes Violentas Intencionais (MVI) passou de 46,6 mortes para cada 100 mil habitantes em 2015 para 39,8/100 mil em 2016, o que representou uma redução de 14,2%. Diariamente, o setor de Estatísticas da Secretaria de SSPDS) Segurança Pública e Defesa Social (divulga dados sobre os crimes violentos letais intencionais (CVLIs) ocorridos no Ceará. Os números e dados estatísticos nos últimos anos têm crescido progressivamente. Disponível em <[http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/10/ANUARIO\\_11\\_2017.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/10/ANUARIO_11_2017.pdf)> Acesso em jan. 2018.

etnográficas em campo e por meio das perspectivas teóricas das ciências sociais, da filosofia pós-estruturalista, do pensamento pós e decolonial, buscando mostrar como estas práticas afetam a vida dos e das poetas e possibilitam afetar a vida cotidiana de outras pessoas, criando múltiplas formas de re-existências.

No tocante ao pensamento pós-colonial, Ella Shohat (1992) adverte que o conceito “pós-colonial” deve ser constantemente interrogado e contextualizado historicamente, geopoliticamente e culturalmente. Pois um “anti-colonialismo terceiro-mundista” corre o risco de reafirmar o binarismo “centro/periferia”, sustentando, portanto, aquilo que aparentemente deveria reprovar, isto é, a representação eurocêntrica da modernidade.

É importante lembrar que o prefixo “pós” não indica meramente um “depois” linear e cronologicamente, trata-se, aqui, seguindo Homi Bhabha (2013, p. 19 - grifo do autor) da “tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’, para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo ‘pós’: *pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo...*”. Por sua vez, o termo “colonial” vai além do colonialismo e aponta para situações de opressões diversas, definidas a partir de “fronteiras do presente” de gênero, de classe, de raça e suas assimetrias de poder.

Sérgio Costa (2006), ao “desprovincializar a sociologia”, retoma a importante contribuição pós-colonial “para a discussão entre sujeito e diferença ou, mais precisamente, para fundamentar uma microssociologia das articulações culturais” (p. 130), o autor reconhece que as questões levantadas pelos estudos pós-coloniais não desestruturam as ciências sociais, mas podem, inclusive, enriquecê-las.

## 2 REDE DE AFETOS

*“A B1 não é um sarau,  
é um sentimento”*

(Samuel Denker, poeta de lugar nenhum, 2018).

*- Aí, disparos da fala abalam ouvidos acomodados  
que pensam que quem vive no gueto aceitará e morrerá calado.  
Enquanto a voz legítima da periferia soar em cada alma e coração  
estaremos na correria plantando as sementes da revolução  
pela revolução mental, eis o Rap Nacional, eis a favela! é isso...*

(Daniel Lima [Dali], poeta e rapper, 2015).

No coração comercial de um dos bairros mais pobres de Fortaleza (CE), o Grande Jangurussu, situado na SER VI, encontramos um rico cenário de produções culturais juvenis das periferias fortalezenses: o Sarau da B1, evento que acontece uma vez por mês desde 2015. Atualmente, à semelhança do Sarau da B1, existem dezenas de saraus espalhados pela Cidade. O evento leva este nome por acontecer na Praça da Avenida Bulevar 1, nº 121, no Conjunto São Cristóvão, Grande Jangurussu.

A palavra “sarau” não é recente. Conforme Tennina (2013, p.11), é possível encontrá-la em diversas obras musicais, em diferentes gêneros literários ainda no século XIX. Tanto em países do continente Europeu como nas Américas são feitas referências a essas “luxuosas reuniões de amigos, artistas, políticos e livreiros, que, com frequência variada, encontravam-se em casas de certas figuras da alta sociedade ou em espaços exclusivos desses setores – como clubes e livrarias – para tornar suas criações públicas.”

Em uma das mais importantes obras de Lima Barreto, por exemplo, a palavra sarau aparece entre aspas talvez por acontecer no subúrbio do Rio de Janeiro no século XIX. Refiro-me à obra de ficção “Triste fim de Policarpo Quaresma”, crítica ao modelo do nacionalismo de sua época, com esteio na história do personagem principal e sua fanática adoração nacional. Ao analisar a vida, obra e época de Lima Barreto, Lilia Schwarcz (2017, p. 135), além de nos apresentar a cidade do Rio de Janeiro a partir dos percursos traçados entre o centro e os subúrbios na obra de Lima, descreve como eram os saraus da época:

Essa “gente estranha” protagonizava, ainda, animados saraus, envolvendo a declamação de poemas, muita música e dança (entre choros, maxixes e polcas). Na crônica “Bailes e divertimentos suburbanos”, escrita no último ano de vida do escritor, em 1922, Lima descreve uma dessas festas, que costumavam fazer que ficasse insone madrugada adentro. O problema não eram as festas, mas os suburbanos que, na opinião dele, andavam encantados com tudo que era importado.

Anos antes da publicação da obra de Lima Barreto, no entanto, surgiu em 30 de maio de 1892 em uma mesa do Café Java, na época situado na Praça do Ferreira, hoje Centro de Fortaleza, um grupo de amigos de classe média denominado Padaria Espiritual que, segundo Sânzio de Azevedo (2002), era uma sociedade que reunia letras e arte, isto é, poetas e músicos. Dentre outras coisas, este grupo de rapazes brancos e da classe média ficou conhecido por sua distinção em face às demais agremiações da época: “[...] a todo custo procurava escapar do formalismo acadêmico, a Padaria Espiritual fez-se conhecida na historiografia literária como uma sociedade de boêmios, jocosos, sarcásticos e até ‘revolucionários’” (CARDOSO, 2006, p. 16). Dividida em duas fases marcadas por saída e entrada de novos membros, além da publicação de um jornal intitulado “O Pão” em que, dentre outros assuntos, se declararam “inimigos naturais dos Padeiros” (AZEVEDO, 2002, p. 320) os padres, os alfaiates (exemplo de extorsão) e a polícia.

Já no final dos anos 1990, alguns jovens organizaram rodas de poesias em Fortaleza e depois, em 2007, surgiu a experiência intitulada pelos poetas da época de Zona Poética Liberada (ZPL)<sup>20</sup>. Estes encontros poéticos aconteciam sempre no espaço institucional do então Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura<sup>21</sup>, localizado na Praia de Iracema (um dos principais circuitos turísticos da Cidade) e tinha como um dos organizadores o escritor Carlos Emílio Correia Lima, entretanto, quem desejasse recitar uma poesia precisava contatar antecipadamente os organizadores e colocar o nome em uma lista. Sendo assim, não era permitido Poetas não inscritos na lista recitarem seus poemas durante o evento.

Neste sentido, o poeta, estudante de filosofia e um dos organizadores do Sarau da B1, Carlos Melo, 29 anos, em entrevista aborda a questão da importância de ocupar os espaços públicos das periferias com arte e lazer.

Porque antes a gente tinha que sair dos nossos bairros, que é muito distante pra ir curtir no Dragão do Mar, por exemplo, né?! E o que foi que a gente aprendeu, ou ir pra casas de show que a gente tinha que pagar ingressos, e a gente aprendeu que a gente não precisava sair de nossa localidade, que existiam praças que estavam vazias, que existiam ruas que estavam vazias, que as crianças não tavam mais indo pra rua brincar, né?! (Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista 14 de fevereiro de 2018)

---

<sup>20</sup> Disponível em <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/de-volta-as-rodas-1.345957>> Acesso em 13. mai. 2018.

<sup>21</sup> O Instituto Dragão do Mar (IDM) é atualmente um dos equipamentos geridos pelo Governo do Estado, e se apresenta em seu site como sendo a primeira Organização Social (OS) criada no Brasil na área da Cultura. Dentre os equipamentos gerenciados pelo Instituto Dragão do Mar, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é o maior deles. Disponível: <<http://www.dragaodomar.org.br/institucional/quem-somos>> Acesso em 13. mai. 2018.

Na mesma época, acontecia no centro da Cidade o sarau “Palco Aberto”, duas vezes no mês, na primeira e na terceira semana. O sarau Palco Aberto se diferenciava dos demais saraus que estavam acontecendo pela Cidade por não precisar de inscrição prévia para recitar. Qualquer pessoa podia subir no palco e recitar, emitir uma opinião, protestar, desabafar ou cantar: *o palco e microfone eram livres*. Ao me contar essa pequena história em sua casa-biblioteca-comunitária Livro Livre Curió<sup>22</sup>, no Bairro Curió, o poeta e escritor Talles Azigon, 29 anos, ria ao lembrar-se das primeiras experiências que teve no sarau “Palco Aberto”:

[...] E aí eu entrei, conheci e me envolvi com a galera do Templo da Poesia, que foi um espaço que existiu, existe ainda, hoje tá em Maranguape, né, mas ele ficou de portas abertas (literalmente de portas abertas) durante cinco anos aqui no Centro da cidade de Fortaleza. Nós tínhamos dois saraus por mês, um no primeiro e no terceiro sábado e aí foi onde eu descobri essa loucura do que é um sarau. Porque primeiro lá no Templo da Poesia eles se diferenciava dos outros saraus que aconteciam pela Cidade, porque era, o nome era “Palco Aberto”, o nome do Sarau era “Palco Aberto”, então as coisas eram imprevisíveis, assim, né, tipo, tava rolando lá aí, “Palco aberto!”. Aí tinha um cara muito loucão lá do João XXIII, o Razeque Cherevá que ele entrava, né, e ele falava: “Reginaldo Figueiredo, você é um farsante! Não existe esse negócio de ‘amor pra todo mundo pra mudar o mundo!’” *[risos]* E era livre porque entrava umas galera muito locona e aí um dizia uma coisa, e outro dizia outra e outro dizia outra. E foi nesse período que eu descobri que existia tanta gente que escrevia poesia, tanta gente que fazia muitas outras coisas, né, porque o sarau não é um espaço só dessa literatura poética como a gente entende, ne?! Tem gente que, sei lá, tal hora tá lá o “Palco Aberto”, aí a pessoa ia lá e “Oi, meu nome é fulano de tals, eu só queria dizer que eu me sinto assim, e eu me sinto desse jeito e tal” E isso também é uma manifestação, assim, e é uma manifestação bem múltipla. (Talles Azigon, poeta e escritor, entrevista. 26 de setembro de 2018)

Com sede própria, o Templo da Poesia ficou de portas abertas por cinco anos no Centro da Cidade e agora existe como a Vila de Poetas<sup>23</sup>, em Maranguape, Região Metropolitana de Fortaleza. Até hoje, por exemplo, existe a Livraria Brechó Literário Rimbaud (Bairro Benfica), que também é espaço onde alguns Poetas se reúnem para recitar poesias no Sarau “Poesia de Leve” e Tetê Macambira<sup>24</sup>.

Embora na época ainda não denominassem como sendo um “sarau”, foi deste emaranhado de encontros e “conversas barulhentas” regadas a vinho e poesia, geralmente no Bar do Seu Valdir, na Avenida “A”, que no final da primeira década de 2000 surgiram os “Poetas de Lugar Nenhum”, com Jair Xavier, Hit Ty, Aglailson de Almeida e Samuel Denker,

<sup>22</sup> Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió possui endereço físico no Bairro Curió em Fortaleza (CE), possui jornal impresso próprio e pode ser acompanhado na página do facebook: <<https://www.facebook.com/livrolivrecurio/>> Acesso em março, 2018.

<sup>23</sup> Fanpage no Facebook disponível em <<https://www.facebook.com/viladepoetas/>> Acesso em 14 de maio, 2018.

<sup>24</sup> Disponível em <<http://blogs.opovo.com.br/leiturasdabel/2017/05/24/sarau-do-brecho-literario-rimbaud-com-tete-macambira-diego-benicio-e-talles-azigon/>> Acesso em 14 de maio de 2018.

todos, na época, moradores do Conjunto São Cristóvão, Grande Jangurussu (DENKER, 2016). Os três primeiros *encontros-saraus* aconteceram na Associação de Moradores do Conjunto São Cristóvão, com pouquíssimos participantes.

Aí primeiro sarau, pá. “Sábado agora, galera, ó!” (nove anos atrás) “vamo nessa, vamo nessa, vamo nessa!” Deu três pessoas... aí deu três pessoas e pá. E... “Meu irmão vamos aqui falar cada um 30, 40 poemas passar o tempo e pá. Vamos parar não, mano, vamos continuar!” E foi massa, esse primeiro sarau aí foi massa. A gente tava sendo feliz aí naquele momento e a gente não queria parar com essa felicidade e vamos continuar, mano. “Independentemente de ser 10 se gente chamou 100 e veio ninguém e pá, vamos continuar!” Depois de um mês fizemos mais um. Aí aí já deu mais, deu sete pessoas. Aí pá, o mesmo processo cada um falando lá as poesias da gente e de alguns brothers e de alguns poetas que já morreram e tal, de alguns vivos... Miró da Muribeca. “É... e aí? Massa, massa, massa, veio! Vamos fazer o terceiro... vamos!” Aí o terceiro, surpreendentemente, deu duas pessoas: eu e o Jair Xavier, guerreiro! E... nós no slide, começamos a trocar uma ideia, começamos a tomar um vinho e tal. Escondido, pois era a Associação dos Moradores e não podia tomar vinho e tal. Botamos na mochila e na sacola. E esse foi o início, o início do sarau em nossa vida. Aí eu tive que viajar e meio que adormeceu essa ideia aí do Sarau lá no São Cristóvão. (Samuel Denker, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 16 de janeiro de 2018)

Somente em 2015 que esses jovens retomam a ideia de realizar um sarau na periferia, entretanto, desta vez resolvendo realizar os encontros-saraus em uma das pequenas praças da Avenida Bulevar I<sup>25</sup>. Época anterior às ocupações dos secundaristas nas escolas estaduais no início de 2016, em mais de 175 escolas no estado do Ceará, a “pacificação” das facções criminosas no Estado do Ceará e posterior às denominadas “Jornadas de junho 2013” (também conhecidas como as “Manifestações dos 20 centavos”) que reuniram milhões de pessoas em protestos nas ruas de muitas cidades brasileiras.

Com a mescla de várias vertentes artísticas, o Sarau da B1 reúne poetas, cantores e MCs, bandas de *rock*, *rap*, maracatu, dançarinos, teatro, *performance*, malabaristas, fotógrafos, crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos no mesmo espaço em volta da poesia e da literatura. A logística e programação de cada edição do Sarau da B1 são sempre pensadas com um mês de antecedência. Desde a escolha de um grupo musical convidado para se apresentar na abertura de cada edição até a importante decisão de escolher alguém que será o homenageado ou homenageada da vez, isto é, alguém *vivo* que esteja fazendo algum trabalho, seja artístico, militante ou intelectual, nas e para as periferias ou favelas de Fortaleza e que seja reconhecido por isso e por eles.

O aniversário de três anos do Sarau da B1, que aconteceu no dia 24 de novembro

<sup>25</sup> A Avenida Bulevar I termina na Avenida Bulevar III e cruza o Conjunto São Cristóvão até a avenida Gutemberg Braun (limite com o Conjunto Palmeiras) e está situada paralelamente a avenida Bulevar II: <<https://goo.gl/maps/pszRrB2nY9k>> Acesso em ago.2017.

de 2018, além de contar com a feitura de “palavras de ordem” mediada por Aline Albuquerque - feitas com pincel, tinta guache em tarjetas feitas com pedaços de papelão – algumas “palavras de ordem” foram expostas nas arvores, outras nas caixas de som, pedestal e até usadas no pescoço por alguns frequentadores e Poetas; assim como exibição do documentário colaborativo intitulado “Sarau da B1 – Poesia em Transe”<sup>26</sup>; teve como homenageada da edição Dona Edna Carla, uma das mães dos onze jovens que foram assassinados por policiais militares no dia 12 de novembro de 2015 na Grande Messejana<sup>27</sup>.

**Figura 1 – Homenagem do Sarau da B1 a Dona Edna Carla**



Fonte: Grupo Público no *Facebook* Sarau da B1 – 06 de novembro de 2018<sup>28</sup>

Esses eventos configuram-se como troca de experiências e fortalecimento mútuo entre coletivos e artistas dentro do espaço do Sarau da B1. Na ocasião, uma mesa com dezenas de livros são expostos para livre escolha dos Poetas e frequentadores do Sarau. Houve algumas edições que, ao final, eram sorteados em torno de 25 livros dentre os participantes. Os livros sorteados, distribuídos ou vendidos são doações do Sebo Alfarrábio Ellenía<sup>29</sup>, da Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió ou de outras bibliotecas comunitárias e livres existentes na Cidade.

O Jangurussu é o bairro com maior população da Secretaria Executiva Regional

<sup>26</sup> Documentário colaborativo de três anos de existência do Sarau da B1. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Iz2FjDiOlqs> Acesso em dez. 2018.

<sup>27</sup> Disponível: <https://www.facebook.com/ninaarizzi/videos/2027884337254743/> Acesso em dez.2018.

<sup>28</sup> Disponível: <https://www.facebook.com/groups/765118726926508/> Acesso em jan. 2019.

<sup>29</sup> O Sebo Alfarrábio Ellenía possui endereço físico no bairro Benfica em Fortaleza (CE) e pode ser conhecido pela página do facebook: <<https://www.facebook.com/alfarrabioellenia>> acesso em 14 de mai.2018.

VI (SER VI), uma das seis unidades administrativas da Prefeitura de Fortaleza<sup>30</sup>. É também um dos celeiros de produção de eventos protagonizados pelas juventudes que reúnem diversos sujeitos não só locais, mas também provenientes de outras regiões da Cidade e da Zona Metropolitana. Eventos dos mais variados tipos e estilos. Desde bailes de *reggae* a saraus com poesia, produções literárias autônomas (livros e fanzines) e música ao vivo, são exemplos de mobilizações e *invenção de zonas autônomas e de re-existências juvenis* na ocupação de espaços públicos.

Os encontros-saraus das periferias, como o que acontece na Avenida Bulevar 1, têm se multiplicado na capital cearense. Tratam-se de uma produção cultural *multilinear* e em constante movimento - um complexo e móvel *emaranhado* de fios [in]visíveis em que os participantes e protagonistas se visitam e fortalecem o movimento uns dos outros a favor do encontro, da fala e, principalmente, da existência decolonial - práticas de re-existências poéticas como questão central desta dissertação -, a exemplo: *Bonja Roots*, que acontece em diferentes espaços do Bairro Grande Bom Jardim; *Servilost*, coletivo juvenil do Bairro Serviluz que organiza diversas atividades ligadas à arte, cultura e lazer, além da ocupação do Farol do Mucuripe; *Sarau-Rizoma: O Corpo sem Órgãos*, que acontece uma vez por mês, às sextas-feiras, no Conjunto Ceará; o *Sarau Okupação*, no Antônio Bezerra, sempre na última sexta-feira do mês; o *Sarau da Filó*, na Comunidade Santa Filomena, a cada três meses no terceiro sábado; e o *Sarau da Companhia Bate Palmas*, no Conjunto Palmeiras<sup>31</sup>, no segundo sábado do mês, *Sarau Natorart*, no “Pirulito” (entre os bairros Pirambu e Carlito Pamplona), acontece esporadicamente, dentre outros. Estes eventos juvenis são movimentos inventivos, sem fins lucrativos que visam, inclusive, o lazer feito pela própria juventude e suas respectivas comunidades. Uma poética da diáspora que cultiva a relação mais que uma via de mão única.

A poética da relação, conforme situa Glissant (2011), nos desafia à abordagem diaspórica da cultura que dê conta das históricas e complexas consequências das diásporas negra e a mútua influência em tela no presente.

Paul Gilroy (2012, p. 38), ao se utilizar da *imagem do navio* – como “um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento” – concentra a atenção na expressão *Middle Passage*, “passagem do meio” ou *travessia*, que designa o trecho mais longo e de

<sup>30</sup> A Administração Municipal de Fortaleza é estruturada em seis regionais denominadas Secretarias Regionais.

<sup>31</sup> Em Fortaleza, o bairro Conjunto Palmeiras, que faz limite com o Conjunto São Cristóvão (Jangurussu), tem o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Fortaleza, com pontuação de 0,119. Contrastando com esse resultado está o bairro Meireles, que tem o melhor IDH da cidade: de 0,953. A classificação é pontuada de 0 a 1. Os dados são do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010.

maior sofrimento *trans*Atlântico realizado pelos navios negreiros: “Deve-se enfatizar que os navios eram os meios vivos pelos quais se uniam os pontos naquele mundo atlântico. Eles eram elementos móveis que representavam os espaços de mudança entre os lugares fixos que eles conectavam” (idem, p.60).

A perspectiva do “Atlântico Negro” abordada pelo autor, em oposição às abordagens nacionalistas ou etnicamente fechadas, “como sistema cultural e político” revela a escravidão da *plantation* como projeto racial-capitalista sem “máscaras” que objetiva repensar a modernidade por meio desta passagem do meio, travessia e da diáspora africana no hemisfério ocidental, assim o conceito de espaço e suas *práticas cotidianas* dentro dele, nos encoraja a pensar a ideia de diáspora na condição de *relação* e não como sistemas fechados e polarizantes.

Com esteio em Michel de Certeau (1994, p. 41), as *práticas cotidianas* dos e das poetas são pensadas aqui como as “maneiras de fazer” – apropriação do espaço social pelos sujeitos de forma criativa. Neste sentido, o autor evidencia a possibilidade de dispersão das *práticas cotidianas* em relação à esfera normativa da sociedade. Isto é, a ênfase são as formas de mobilização que acontecem nos interstícios da norma social e as diferentes táticas de subversão da estrutura.

Essas “maneiras de fazer” constituem a mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às abordagens no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da “vigilância” (idem, p. 41)

As práticas-poéticas da idealização, construção e mobilização dos encontros-saraus, assim como as intervenções de poesias nos ônibus por uma sobrevivência financeira e, ao mesmo tempo, uma contra narrativa são, portanto, as “maneiras de fazer” pelas quais os e as poetas se apropriam criativamente do espaço social.

Ao invés de destacar a produtividade das estratégias do poder, Certeau (idem) chama a atenção para as microrresistências mobilizadas a partir das táticas cotidianas. É importante lembrar que estas não são pensadas apenas como uma negação do poder ou contra-produções disciplinares. Pelo contrário, o autor enfatiza a capacidade criativa, afirmativa e

fundante das resistências, isto é, os lances táticos e situacionais que informam as artes de fazer.

Estas práticas de re-existências poéticas têm inventado zonas de cuidados mútuos na vida individual e coletiva no cotidiano das periferias e favelas. São itinerários que estão sempre se refazendo e se reinventando, é, nas palavras de Gorczewski (2015), uma *arte que inventa afetos* e demanda a todo o momento a produção e transformações subjetivas e de re-existências.

Pensar a arte contemporânea, em especial a arte urbana, é pensar em um fazer artístico mais capaz, nos dias atuais, de provocar e produzir transformações subjetivas ou de inventar vetores de existencialização num mundo marcado pela desterritorialização, pela desertificação e pelo empobrecimento tanto dos territórios geográficos como dos existenciais. E, ao considerar a ruptura com a representação, no plano das artes, talvez possamos construir novos caminhos para habitar e circular em nossas cidades como artistas. (GORCZEWSKI, 2015, p. 10)

A possibilidade de, como coletividades, descentralizar as lógicas estabelecidas e retroalimentadas historicamente da dominação hegemônica e “construir novos caminhos” parte, inclusive, da invenção da vida cotidiana a partir da existência inquieta e molecular de corpos e territórios inscritos em processos de “coisificação”, conforme define o poeta Aimé Césaire (1978) ao se referir ao colonialismo.

Para Achille Mbembe (2014b), este processo de “coisificação” constitui uma “ordem colonial” que está baseada na “idéia segundo a qual a Humanidade está dividida em espécies e subespécies, que podemos diferenciar, separar e classificar hierarquicamente”. Não obstante, esta classificação, conforme ainda Mbembe, acontece “tanto do ponto de vista da lei como em termos de configurações espaciais, tais espécies e subespécies devem ser mantidas à distância uma das outras.” (p. 119). O objetivo dos processos de racialização é marcar grupos e populações inteiras, determinar de forma mais precisa os limites dos quais podem ou não circular, estipular exatamente os espaços que podem ocupar. A raça, portanto, funciona como um “dispositivo de segurança fundado no princípio do enraizamento biológico pela espécie. A raça é, simultaneamente, ideologia e tecnologia de governo” (p. 71), em suma: funciona sob classificação, seleção e hierarquia simbólica com o fim progressivo de invisibilizar, silenciar, afastar, precarizar e eliminar simbólica e instrumentalmente.

Para “descolonizar” não basta resistir: é preciso *re-existir*. A primeira demanda para a decolonialidade, portanto, é permanecer vivo. Criar outras formas de existências em face de uma política de morte. Re-existir: criar outras formas de vida enquanto potência criativa e insurgente. Um jogo entre *falar da existência, tentar sobreviver, ser visto e ouvido*.

Não obstante, os e as poetas são sujeitos mediadores e mediados pela possibilidade de exercício das pedagogias da re-existência: uma poética da decolonialidade.

Diferente da numerosa referência bibliográfica sobre a categoria resistência, a noção de re-existência ainda carece de bibliografia. Embora não utilize o termo *re-existência*, Frantz Fanon (2008, p. 189) se aproxima da noção adotada neste trabalho, ao afirmar que “o verdadeiro *salto* consiste em introduzir a invenção na existência.” Este “salto” não é apenas um confronto face a face com a existência aprisionada que insiste (e não se cansa) de criar para existir, mas um *gesto* inventivo – por vezes silencioso e perspicaz – de fuga, subversão, recriação e apropriação de espaços. O encontro-sarau, o relato-protesto, a poesia no “busão” produzem afetos que inventam zonas de re-existências - táticas inventivas que ressignificam a existência e subvertem os códigos de dominação. Pois os afetos inventam novas geografias – um mapa constantemente refeito pela Palavra-Poesia nas territorialidades do corpo, assim como nas esquinas e calçadas entre os becos e asfaltos das mentes. Conforme define Achinte (2017), re-existência pode ser compreendida:

[...] como los dispositivos que grupos humanos implementan como estrategia de visibilización y de interpelación a las prácticas de racialización, exclusión marginalización en procura de re-definir y re-significar la vida en condiciones de dignidad y autodeterminación, enfrentando la biopolítica que controla, domina y mercantiliza a los sujetos y la naturaleza. (p. 20)

Para Souza (2009), a luta por reconhecimento passa por uma permanente disputa política: o “uso da palavra envolve ação humana em relação a alguém, em um contexto interacional específico no qual ocorre a busca pela apropriação, a batalha pelas palavras e seus sentidos, a disputa por identidades sociais.” Ainda consoante a Souza, são nestes espaços de produção cultural da diáspora negra que “também se configuram as relações dialógicas de reexistências inscritas em um processo que envolve negociação, reinvenção e subversão de relações assimétricas de poder.” (p. 57).

Ao analisar os processos de entextualizações nas interações entre movimentos sociais do bairro da Serrinha, na periferia de Fortaleza, e a Universidade Estadual do Ceará (UECE), Maciel, Alencar e Sousa (2018) afirmam que “reexistir” para poetas da periferia e favela significa:

[...] discordar das imposições do capitalismo neoliberal e além disso, acreditar na força dos grupos sociais que constituem a periferia, reivindicando direitos e propondo soluções para ressignificar os espaços urbanos. Isso indica a construção de novas identidades para os sujeitos da periferia, pois os atores sociais estão utilizando-se da reexistência por meio da arte, construindo uma nova identidade –

povo periférico é agora também aquele que reexiste, redefinindo sua posição na sociedade, buscando a transformação da estrutura social opressora. (p. 671)

Com esteio nessas proposições, compreendo que estes poetas marginais não apenas resistem aos diversos tipos de opressão e criminalização, “provocadas pelo sistema-mundo colonial capitalista” (idem, p. 673), mas, sobretudo, inventam formas de re-existência, isto é, formas de vida por meio de suas práticas poéticas e da organização política das coletividades periféricas.

A este emaranhado de práticas poéticas em constante movimento, sem começo e fim, chamo de *Rede de Afetos*, uma das atuais formas de resistência e re-existências nas periferias e favelas de Fortaleza, Ceará. O pensamento do rizoma de Deleuze e Guattari (1995) pode ser tomado como a base da *Rede de Afetos*, que é oposto ao pensamento da raiz única, da origem que é totalitária e que fixa um ponto. As práticas poéticas são multiplicidades e alguns dos princípios deste *sistema aberto* são a conexão e a heterogeneidade: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.” (idem, p. 15). Uma Rede tecida pelas práticas inventivas dos e das poetas, em sua maioria, jovens, moradores e moradoras de periferias e favelas.

Cara, os sarau hoje, né, e aí eu vou falar é de sarau de periferia, que é os que eu conheço, é um movimento de resistência em primeiro lugar, né?! A gente viu que de dois anos para cá o movimento sarau cresceu aqui, principalmente Fortaleza, mas a gente tem sarau acontecendo em algumas regiões do interior do Estado né, como em Sobral, né. E aí o movimento dos sarau hoje, eu creio que ele tem propagado e tem crescido cada vez mais por conta da resistência devido ao que a gente tem vivido aqui na nossa capital. [...] Eu acho que a gente tem hoje o Jangurussu, véi, assim, a última a última notícia que eu li é que o Jangurussu é o bairro mais violento de Fortaleza, né?! No ano passado o Jangurussu foi o bairro que teve o maior índice de homicídios entre adolescentes, né, em Fortaleza, então assim, você tem (todo arrepiado...) você tem esse quadro de violência dentro do Jangurussu, e aí você tem no mesmo bairro que tem esse índice de violência tão alto, um berço cultural, né, que não só o Sarau da B1, mas vários outros movimentos culturais que acontecem ali na região, que tem se levantado cada vez mais e que têm produzido inúmeros artistas e que tem saído de dentro do Jangurussu, né?! (Carlos Melo, entrevista, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, 14 de fevereiro de 2018)

Rede de Afetos são práticas de resistência e de re-existência que objetivam recriar *coletivamente* outras formas de vida. A progressiva resistência, insubmissão à institucionalização, subversão e insurreição contra tentativas de regulamentação das manifestações artísticas por meio da “coerção física e simbólica” do Estado e suas instituições como “comunidade humana” que “reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física” (WEBER, 2011, p. 66, 67) e ainda como a instância oficial, reconhecida como legítima, isto é,

como detentora do monopólio da violência simbólica legítima, conforme Bourdieu (2014), os e as poetas com as suas práticas de re-existências poéticas não se limitam a lutar pela igualdade de direitos, antes, reivindicam um direito anterior: o direito à vida, à existência diante da realidade do crescente número de extermínio de adolescentes e jovens, majoritariamente negros e moradores de periferias<sup>32</sup>.

O Afeto que se estende como uma Rede pelas periferias e favelas da Cidade é movido pela busca inventiva e insurgente do direito à existência, o direito a ter direitos e a possibilidade de recriar outra *forma de vida*: “trata-se sempre de liberar a vida lá de onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto.”, conforme Deleuze e Guattari (2010, p. 222). Continuar vivo quando se está confinado na lógica do sistema fechado em que opera processos de morte, extermínios e chacinas, significa criar pontos de fuga, subverter, ocupar, celebrar, apropriar-se legal e ilegalmente, dissimular, por vezes, calar-se, e reinventar os “corres” cotidianos. Desconectar-se da Rede sem “ressentimentos”, inclusive!

O Sarau da B1 é composto por frequentadores e poetas locais e moradores de diversos lugares da Cidade, bairros e favelas nas proximidades, em sua maioria, participantes de outros eventos, coletivos e grupos autônomos que atribuem sentidos às diferentes formas de organização e sociabilidades nas periferias e favelas da Cidade - com semelhanças, aproximações e distanciamentos levando em consideração os diferentes perfis, interesses políticos, práticas e limites de territorialidade.

É possível, ainda, encontrar Poetas que, além de transitar em ambos os espaços-saraus, isto é, visitar, se não todos, mas a grande maioria dos saraus que estão “na ativa” atualmente na Cidade, serve como *fiões* que ampliam e tece esta *rede* por meio da participação em frentes estudantis universitárias, anarquistas, coletividades, movimentos sociais, grupos artísticos e até mesmo partidários. Os distintos posicionamentos e estratégias ideológicas, práticas e financiamento em editais e ou eventos de saraus organizados por coletivos e financiados pelo Estado resultam em críticas mútuas entre saraus-autonomistas e saraus-institucionalizados. As diversas aglutinações identitárias de autoafirmação juvenis, por exemplo, são outros tensionamentos que podem ser encarados como *nós* dinâmicos - que

---

<sup>32</sup> “É como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos. Em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%). Em um período de uma década, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%. No mesmo período, a taxa entre os não negros teve uma redução de 6,8%. Cabe também comentar que a taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% superior à de mulheres não negras.” (CERQUEIRA, 2018, p. 40) Disponível em <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)> Acesso em outubro de 2018.

estão sempre se refazendo e desaparecendo - neste entrelaçamento que compõe e constitui a Rede de Afetos.

As “linhas” desta Rede de Afetos são tecidas por meio das intervenções dentro dos ônibus, nas *performances* e no *microfone aberto* nos encontros-saraus, entre outros espaços, criando afetos que “atravessam o corpo como flechas”, ou seja, as práticas-poéticas destes sujeitos produzem afetos e “afectos são armas de guerra”. (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 18), conforme mostrarei adiante.

Discorrer acerca dos poetas de periferia, a grande maioria jovens, significa percorrer o campo ambíguo e multifacetado de significações. A juventude é uma criação da modernidade sendo, portanto, tecida em um terreno de constantes transformações (DIÓGENES, 1998; 2009; 2012). A categoria juventudes assume, nessa dinâmica, dimensões híbridas, de caráter fragmentado, instável, calcados em outros diversos territórios identitários e não apenas no biológico (etário, entre 15 a 29 anos incompletos), principalmente no caso dos jovens em sua maioria negros e moradores de favelas e periferias que vivem na Região da Grande Fortaleza.

A ênfase será dada às práticas de resistência e re-existência por meio dos encontros-saraus e das poesias nos “busão” como zonas de sobre-vivência, existência e possibilidade de aparecimento (FANON, 2008; ACHINTE 2017; BUTLER, 2018). O recorte etnográfico privilegia os encontros-saraus que acontecem no Grande Jangurussu (SER VI), Sarau da B1, relatos e entrevistas etnográficas sobre as intervenções dos poetas de “busão” da cidade de Fortaleza e da feitura e publicação de escritas-relatos individuais e coletivas.

O objetivo deste capítulo, portanto, é apresentar sob quais condições alguns eventos ou acontecimentos influenciaram a capilarização dos *encontros-saraus* na periferia e da poesia no “busão”, assim como as suas re-configurações e desdobramentos.

Neste capítulo, além de contar brevemente a existência e surgimento de alguns saraus na primeira década 2000, o Templo da Poesia localizado no Centro da cidade de Fortaleza e os primeiros saraus dos “Poetas de Lugar Nenhum” no São Cristóvão (Grande Jangurussu), apresento algumas das linhas que impulsionaram a tessitura dessa *Rede de Afetos*, aqui brevemente refeitas por esta “escrita etnográfica” (CLIFFORD, 2016), a saber: as ocupações das escolas pelos secundaristas em 2016 e algumas consequências e desafios para os frequentadores e organizadores de saraus, bailes de *reggae* e rolezinhos em face da temporária “pacificação” em territórios antes inimigos e marcados por fronteiras de morte, por vezes, entre um quarteirão e outro (BARROS *et al.*, 2018; CAVALCANTE, 2011; FREITAS, BRASIL e ALMEIDA, 2012) A “paz” foi promovida pelas duas maiores siglas do crime

organizado do Brasil, Comando Vermelho (CV) e Primeiro Comando da Capital (PCC) e durou de dezembro de 2015 a janeiro de 2017.

Ou seja, os saraus, os bailes de *reggae* e os rolezinhos existiram nesta *relação* de resistência e re-existência por meio e apesar destes dois fenômenos sociais. A ocupação das escolas e a “pacificação” das facções coexistiram no tempo histórico, o primeiro como aprendizado de outra *forma de vida* possível, não autoritária, de uma experiência coletiva singular e inspirada pelas ocupações ocorridas por vários estados do Brasil, em 2015 (cf. CATINI e MELLO, 2016; UBES, 2016; PELBART, 2016).

O segundo fenômeno, o da “pacificação” do crime organizado na capital cearense e posteriormente em todo o Estado do Ceará foi motivada pelo “pacto entre facções rivais ligadas ao tráfico de drogas e armas em Fortaleza” (BARROS, *et al.*, 2018, p. 116). O acordo entre os grupos criminosos, em dezembro de 2015 a janeiro de 2017, possibilitou consideravelmente o fluxo e a circulação do maior número possível de jovens entre os bairros e comunidades antes recortadas por fronteiras rivais, viabilizou não somente a livre circulação por estar “tudo na paz”, como diminuiu naquele período o número de mortes<sup>33</sup>, daqueles que estavam inscritos no “mundo do crime” e ou daqueles que, refém das fronteiras de morte, corriam o risco de morte e por vezes eram assassinados pelo simples fato de morar do “lado de lá” da fronteira.

Não obstante, embora a circunstância da “pacificação” tenha possibilitado a presença massiva de jovens em bailes de *reggae* e encontros-saraus e o fim dela tenha dificultado e até mesmo impedido a realização dos eventos em determinados territórios e contextos específicos, a organização e a ocupação dos espaços públicos por meio do lazer, da literatura e da poesia não se devem simplesmente ao pacto entre facções, mas, sobretudo, existiam antes e permaneceram após a “quebra da paz” em janeiro de 2017. Discutirei no quarto capítulo como as práticas de re-existências poéticas recriam táticas de sobrevivências, assim como zonas de existências diante das lógicas e ocupações militarizadas e das insígnias das facções do Crime Organizado.

## 2.1 “#OCUPATUDO!”: ESCOLAS SEM-MUROS

---

<sup>33</sup> Os dados são do 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2017), que registrou o Ceará como o segundo estado com maior redução de assassinato no ano de 2016: a taxa de Mortes Violentas Intencionais (MVI) passou de 46,6 mortes para cada 100 mil habitantes em 2015 para 39,8/100 mil em 2016, o que representou uma redução de 14,2%. Disponível em <[http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/10/ANUARIO\\_11\\_2017.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/10/ANUARIO_11_2017.pdf)> Acesso em jan. 2018.

A escola tem que ser, tem que ser o lugar que acolhe! Por que eu chego na escola com o meu jeito, com as minhas roupas e eles não me deixam entrar? *A nossa escola nem tem muro (a gente usava muito essa analogia), a nossa escola nem tem muro, mas por que ela dá tantos limites pra gente? Se a própria escola enquanto estrutura nem tem um muro, né? E a gente se questionava demais sobre os limites que a gente tinha lá dentro.* (Andressa Bernardo, 16 anos, secundarista e integrante do coletivo Bonja Roots - grifei)

Os desdobramentos das jornadas de junho de 2013 somados, principalmente, às ocupações dos secundaristas em mais de 175 escolas no estado do Ceará em 2016 e mais de mil escolas públicas em todo o País (2015-2016) contribuíram para a capilaridade e, inclusive, surgimento de novas práticas de resistências juvenis em Fortaleza: *saraus, slams*, bailes de *reggae*, *rolezinhos* e batalhas de *MCs*.

A insurreição micropolítica dos secundaristas pode ser vista como uma espécie de “corte” que divide o tempo em antes e depois; ao mesmo tempo em que aglutinou práticas de resistências já existentes no bojo da vida cotidiana das periferias e favelas, suas formas e táticas de existência, também reinventou e potencializou as práticas de re-existências poéticas.

Nos primeiros meses durante as ocupações estudantis tive a oportunidade de visitar escolas nos bairros do Grande Bom Jardim<sup>34</sup> e do Grande Jangurussu. Inclusive, fui professor no curso de produção de fanzines na primeira escola ocupada, a Escola Maria Alves Carioca (CAIC - Granja Lisboa, situado no Grande Bom Jardim), nos anos de 2011 a 2013. No dia 23 de outubro de 2017, em visita à sede do Coletivo Bonja Roots<sup>35</sup>, no bairro Bom Jardim, tive a oportunidade de entrevistar Andressa Bernardo sobre a experiência das ocupações das escolas. Andressa é uma das integrantes do coletivo Bonja Roots, estudante e foi uma das mobilizadoras e organizadoras da primeira ocupação das escolas no Estado.

Esse movimento de ocupação pra mim foi o momento que eu tive acesso à arte, que eu conheci a arte e que eu me apaixonei por tudo isso que eu faço agora. O movimento de ocupação pra mim foi um processo de descoberta de quem eu era. Porque todo o dia eu tinha mais acesso a mais informação e gente era bombardeado de informação, a gente era bombardeado. [...] A escola, se a gente for levar no sentido que deveria ter, né?, deveria ser o lugar pra gente receber educação. E o que era educação, o quê que seria essa “educação”? Se na escola é o lugar que a galera mais sofria *bullying*, se a escola é o lugar onde a galera mais sofre preconceito. Se você pára para conversar com uma pessoa, ela vai ter muito problema da época da escola, por que se a escola devia ser acolhedora? E a gente se questionava muito: “Por que a escola não é acolhedora?” [...] E a gente chegou até o ponto de discutir “Gestão Compartilhada” na escola, porque a gente queria saber o que acontecia, tanto que no nosso Grêmio a gente tinha uma Comissão de Finanças, a gente queria

<sup>34</sup> O Grande Bom Jardim, situado na região oeste da Cidade, é formado por cinco bairros: Bom Jardim; Granja Portugal, Canindezinho, Granha Lisboa e Siqueira, com população total de 204.681 habitantes. Os cinco bairros que o compõem fazem parte dos 12 bairros mais vulneráveis de Fortaleza. Cf. <http://ccbj.redelivre.org.br/grande-bom-jardim-territorio-e-contexto-social/>

<sup>35</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/ColetivoBonjaRoots/>> Acesso em jan.2018.

saber do dinheiro que entrava e saía na escola, e tanto foi nessa época que a gente descobriu o lance da merenda do Camilo Santana, que a merenda vem menos do que tem por Lei dizendo que tinha que vir. Era 31 centavos a nossa merenda. Agora é 35 (sic). Mudou nada, né? O que é que uma pessoa come com 35 centavos todo dia, né?! A gente ficava se questionando sobre esse tipo de coisa e a gente via que não fazia sentido algum, e a gente conseguia ver que aquilo não deveria ser daquele jeito e a gente percebeu a força, né? Dar nossas mãos... (Andressa Bernardo, 16 anos, secundarista e integrante do coletivo Bonja Roots)

A ocupação das escolas foi um dos principais espaços de debates, re-existências e insurreição das juventudes envolvidas. A primeira ocupação dos secundaristas CAIC Bom Jardim começou no dia 28 de abril de 2016. Depois dela, 175 escolas espalhadas pela Capital e diversas outras cidades do Estado aderiram à greve e à ocupação durante meses. Continuou a crescer e se fortalecer, mesmo após a greve dos professores ser suspensa pelo Sindicato dos Professores e Servidores da Educação e Cultura do Estado e Municípios do Ceará (Apeoc) a despeito do resultado da votação em plenária no dia 9 de agosto de 2016, em que a maioria dos professores votaram pela continuidade da greve<sup>36</sup>.

Meses antes das ocupações, surgiu no Jangurussu a mídia independente “PodeCrer” que viria a se tornar o principal veículo de comunicação<sup>37</sup> do processo de ocupação das escolas - via Redes Sociais (*fanpage Facebook*) - informando em tempo real como estava acontecendo a ocupação, o cotidiano dos secundaristas nas escolas ocupadas e as negociações dos professores em greve e estudantes ocupantes junto à Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE).

Por possuir um aspecto mais ou menos horizontal e não hierárquica, as Redes Sociais da internet foram e ainda são uma das principais ferramentas tanto de mobilização como de eficaz conformação social e banalização da palavra (CASTELLS, 2013; GLISSANT, 2011). Além do local físico e real no espaço, as mobilizações para as ocupações aconteciam em grupos e divulgavam-se por meio das *fanpages*, vídeos em tempo real, circulação de mensagens instantâneas no *WhatsApp*, além da criação de *hashtag* no *Instagram* e *Twitter* com determinadas palavras-chaves-*identidade* (vida-coletiva-algoritmo) que tinha a possibilidade de viralizar ou não na Rede, a depender consideravelmente das “mensagens e estruturas criadas, formadas e difundidas” pelos usuários (CASTELLS, 2013, p. 15). Vale ainda ressaltar a importância das *fanpages* nestes processos de ocupações pela sua capacidade-sem-rostro, isto é, a possibilidade de não captura de identidade pessoal específica

<sup>36</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/MidiaPODECRER/videos/1177931822257807/>> Acesso em jan. 2018.

<sup>37</sup> Fanpage “Mídia Pode Crer”. Disponível em <<https://www.facebook.com/MidiaPODECRER/>> Acesso em abril de 2018.

dos usuários de forma imediata, assim como a capacidade de divulgação e proteção-denúncia em caso de agressão policial e ou violações de direitos, por exemplo (BEY, 2011). No entanto, é crescente a desconfiança no que se refere à segurança das informações nestes espaços virtuais. Não à toa, reuniões de planejamento e avaliações, assim como conversas presenciais em espaços reais, ganharam preferência entre os ocupantes.

Andressa Bernardo pontuou que as ocupações não foram feitas “de uma hora para outra” ou de maneira vertical. Várias escolas já vinham planejando em reuniões como e quando as ocupações se iniciariam e quais pautas prioritárias seriam defendidas. Tudo isso em reuniões com dezenas de escolas espalhadas pela Cidade, com pelo menos um mês de antecedência. Andressa disse que embora tenha sido uma parcela muito pequena de estudantes que aderiu à greve inicialmente (comparada ao total de matriculados), os cinquenta ocupantes sabiam exatamente por quais motivos estavam ocupando e o que aquilo representava para eles, para a comunidade escolar e, inclusive, para o bairro e para a Cidade. O resultado foi que em poucos dias as ocupações se alastraram muito rapidamente e várias escolas em vários bairros da Cidade começaram a aderir ao movimento.

Diante da não aprovação da ocupação por parte dos diretores, coordenadores e alguns professores, os secundaristas se depararam com o desafio de visitar o máximo de familiares e vizinhos dos estudantes com o intuito de buscar apoio, além de explicar quais seriam os reais benefícios daquele movimento para a própria escola, para a educação e para a vida de todas e todos os engajados na ocupação.

A gente antes de ocupar, foi na casa dos amigos que as mães ainda não entendiam a situação. A gente fez um ciclo, assim: cada um ia na casa do outro e sempre iam muitas pessoas conversar com os pais. Eu lembro até que nessa semana toda eu rodei nas casas do Bom Jardim todim. Porque todo mundo queria ir, mas os pais não deixavam. Sempre os pais não deixavam. Aí eu ia conversar... meu Deus, eu tomei tanto café! *[risos]* É, essa parte era maravilhosa! A gente ia conversar, explicar o porquê a gente tava fazendo aquilo, qual era o nosso objetivo, né?! Trabalho de base que era o que a gente falava o tempo todo que faltava nas organizações, trabalho de base! Não interessa se tu tá falando pro governador diretamente, tu tem que instruir o povo, tem que dá trabalho de base! Porque... trabalho de base, quando a base se unir e a base conseguir perceber que é forte ela derruba quem tá em cima, mas aí a galera já quer atingir quem tá em cima. Quem tá em cima só vai cair quando os de baixo se erguer. E era isso que a gente queria fazer, a gente queria fazer o pessoal se erguer e eu fazia questão de conversar com as senhoras e elas falando: “Isso é vagabundagem! Não pode não. Invadir a escola? Isso é invasão!” Mas é nosso! Como é que eu tô invadindo? Vou destruir nada lá não, tia! A gente vai melhorar. A gente quer fazer que o governador entenda que a gente tem poder. O que a gente quiser, a gente só quer o que é nosso! E ele tem que fazer, porque é nosso, não é uma opção, não é um favor. Ou faz ou faz. Tem outra opção não! Ou faz ou faz! (ANDRESSA BERNARDO, 16 anos, secundarista e integrante do coletivo Bonja Roots)

As principais reivindicações dos secundaristas eram a reforma geral das escolas estaduais; aumento da verba para merenda, pois eram apenas 0,31 centavos por estudante; revogação imediata da portaria de lotação (PL 1169/15), que previa a redução de carga horária e quantidade de professores lotados nas escolas; passe-livre para estudantes; aumento de verbas para projetos pedagógicos e culturais; estudo das questões de gênero na grade curricular<sup>38</sup>.

**Foto 1 - Manifestação Escola CAIC - Bom Jardim**



Fonte: Mídia PodeCrer - 25 de abril de 2016<sup>39</sup>

A maioria dos estudantes estavam matriculados no ensino médio na faixa etária entre 15 e 20 anos de idade, dentre os secundaristas havia poetas e escritores da periferia. Os jovens também receberam apoio de muitos educadores e educadoras e de instituições como o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca-CE) que prestaram assistência jurídica aos estudantes, acompanhando-lhes para que fossem preservadas sua integridade e autonomia. Arte educadores, militantes de Direitos Humanos, escritores, intelectuais, professores, comunicadores independentes, moradores das comunidades, mães, pais e outros familiares, estudantes universitários também se somaram à ocupação participando de rodas de conversas, oficinas, cursos, limpeza e reparos na escola, além de aulas previstas na grade curricular.

<sup>38</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/MidiaPODECERER/videos/1113020358748954/>> Acesso jan.2018.

<sup>39</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/MidiaPODECERER/photos/a.1051805551537102/1108309415886715/?type=3&theater>> Acesso em jan.2018.

O espaço escolar foi reinventado: algumas salas viraram dormitórios e outras se tornaram salas de comissões, outras foram utilizadas para as assembleias. O espaço de educação também foi profundamente alterado: por meio do diálogo com arte educadores, educadores sociais, e movimentos sociais foram organizadas rodas de conversa com os mais variados temas; cineclubes; formação de outras comissões; oficinas; criação, organização e cuidado dos espaços de convivência e, ainda, apresentação de grupos de dança, teatro, música, sarau com poesia e literatura.

Em entrevista, Samuel Denker, um dos idealizadores e organizadores do Sarau da B1, falou da importância das ocupações nas escolas e a experiência ímpar de aprendizado mútuo entre secundaristas, poetas, escritores e militantes de Direitos Humanos que foi proporcionado por meio daqueles espaços. O próprio Sarau da B1, por exemplo, organizou e realizou edições dentro das ocupações.

*Mano, eu acho que esse “boom” aí da poesia, dos saraus, dos rolezinhos e dos movimentos dos reggae, cara, se deu muito por conta das ocupações nas escolas. Porque aqueles meninos ali, ave-maria, é um aprendizado, cara! A gente aprendeu muito com eles. A gente tava nas ocupações fazendo, ajudando eles de alguma forma, levando os alimentos. E a gente movimentou um sarau aí numas escolas, lá da Messejana. Foi a escola do Liceu da Messejana, a gente organizou um movimento lá, um sarau. [...] Eu acho, cara, que aqueles meninos ensinaram muito a gente, que eles fizeram coisas maravilhosas ali dentro, vei, por eles mesmos. Crianças de 13, 14 anos, fazendo acontecer. Dando uma aula, cara, de união, de amor e de afeto. Os caras foram lá e batalharam, cara! Pintavam muro da escola, e arranjavam rango, e faziam o próprio rango e lavava a escola. Menino de 13, 14 anos, véi. Aí eu acho que os caras começaram a pensar: “porra, meu irmão, vamos fazer também o movimento!” Eu acho que aí começou e foi no Brasil todo, cara! (Samuel Denker, entrevista em 16 de janeiro de 2018 - grifei)*

Não somente os frequentadores e organizadores de encontros-saraus, bailes de *reggae* e rolezinhos existentes nas periferias que se somaram às ocupações das escolas, secundaristas que estavam nas ocupações das escolas passaram a frequentar os eventos culturais autônomos nos espaços públicos. Foi, inclusive, por meio desta *travessia e do encontro* (GILROY, 2012), que diferentes coletivos juvenis não somente se fortaleceram, mas possibilitou o surgimento de novas coletividades nas periferias. A poeta e estudante Patrícia Alves, 19 anos, relatou em entrevista que durante as ocupações nas escolas e a convivência naqueles espaços a produção artística (música, desenho, pintura, dança) incentivou a escrita e leitura, por sua vez, contribuiu para a realização de saraus dentro das ocupações.

E a gente fez sarau dentro da ocupação e sarau é poesia, então pra você aprender a escrever, você precisa ler. Foi essa parada de “já escrevo um pouquinho”, um indica um livro massa pro outro, empresta um livro massa, coisas do dia a dia que a gente

ia passando um pro outro. Essa questão da convivência mesmo que foi bem importante para os poetas e as poetisas da ocupação. (Patrícia Alves, poeta e estudante, entrevista em 14 de maio de 2018)

Além de poetas e organizadores de saraus, existiam outros coletivos e movimentos sociais que participaram e integraram as ocupações. Embora, por exemplo, vários movimentos juvenis político-partidários (Movimento RUA, Levante Popular da Juventude, UBES, dentre outros) pudessem estar presentes nas ocupações, não foi permitido a nenhum desses movimentos fixarem suas bandeiras, assim como somente os estudantes secundaristas que organizaram a ocupação tinham poder de deliberação naquele espaço. As decisões e os respectivos encaminhamentos eram feitos pela “base” estudantil secundarista e acatados por todos os demais envolvidos. Vale ressaltar que questões como estas se tornaram, em alguns momentos iniciais da ocupação, pautas para debates em assembleias gerando conflitos entre secundaristas e referidos movimentos que tentavam se apropriar das ocupações por meio de uma possível representatividade.

Conforme relatos dos secundaristas, existiam comissões de trabalho dentro da ocupação, as divisões de tarefas e as representações em assembleias que participavam em reuniões com secretário da Secult e no próprio Gabinete do Governador Camilo Santana (PT). A busca pela horizontalidade e ausência de um poder centralizador ou comando nas ocupações e nas manifestações que aconteceram nos próprios bairros, em que estudantes carregavam faixas e carteiras em sinal de protesto reivindicando as pautas explicitadas acima dramatizaram um outro terreno que suscitou conflitualidade: as fronteiras ou rejeição à representação. Pelbart (2016), nesta mesma direção, refletiu sobre o que mudou com a ocupação secundarista em São Paulo. De acordo com ele, foi um dos *gestos* coletivos mais ousados da história atual do Brasil:

Se os protestos tangenciaram uma recusa da representação (ninguém nos representa, ninguém pode falar em nosso nome, nem sequer alguém de nós que pretendesse ser nosso representante), talvez também expressaram certa distância em relação às formas de vida que se tem imposto brutalmente nas últimas décadas, no nosso contexto bem como no planeta como um todo, e que atravessam a escola, fatalmente: produtivismo desenfreado aliado a uma precarização generalizada, mobilização da existência em vista de finalidades cujo sentido escapa a todos, capitalização de todas as esferas da existência (PELBART, 2016)<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Esse texto foi lido no Colégio Fernão Dias Paes, em 28 de abril de 2016, durante debate público em torno do tema da Ética, com a participação de Marilena Chauí, alunos, pais, professores e funcionários da escola, por iniciativa de Dalva Garcia, professora da escola e da PUC-SP. Na madrugada seguinte, alunos da escola resolveram retomar a ocupação em solidariedade à ocupação do Centro Paula Souza. Publicado 13/05/2016 às 17:06 – Disponível em <<https://outraspalavras.net/brasil/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas/>> Acesso em ago.2018.

Para Pelbart, as ocupações das escolas, neste caso, não visavam pura e simplesmente o cumprimento das pautas e das reivindicações, sejam as mais “elementares”, como por exemplo, a merenda escolar, até mudanças macros no nível de ensino, estrutura curricular e físicas das escolas, mas de alguma forma, esta experiência despertou muitas outras questões. Neste sentido, Andressa Bernardo diz que para ela as ocupações das escolas podem ser comparadas às manifestações no seu aspecto simbólico e de empoderamento dos envolvidos, isto é, o exercício do direito plural e performativo de aparecimento no campo político, conforme Judith Butler (2018).

**Foto 2 - Ocupação CAIC - Escola Maria Alves Carioca - Bom Jardim**



Fonte: Mídia PodeCrer - 29 de abril de 2016

O caráter coletivo, o corpo em aliança, sejam as ocupações nas instituições do Estado, sejam as de ruas por meio da palavra de ordem, dos encontros-saraus com poesia e literatura, das poesias no “busão”, bailes de *reggae* ou rolezinhos incorporam, dentre outras coisas, uma consciência coletiva de uma condição compartilhada sócio-historicamente e, sobretudo, injusta e profundamente desigual. “Tu tá em um ato com cinco mil pessoas te deixa instigado pra continuar, dá força! Agora tu ficar pensando em casa direto no que poderia fazer, no quanto o país tá uma merda, você fica mal. A ocupação foi muito disso: pra dar força!”, afirmou Andressa. Os corpos-ocupantes e em aliança, um corpo coletivo descentralizador e descentralizado, pois, conforme Paul B. Preciado (2013), “nós somos a rede viva descentralizada” que anuncia outra *forma de vida* não autoritária e não populista; questionadora dos sistemas fechados, binários, por sua vez, colonial que, ao se atualizar, fomenta a produção e seleção hierarquizada dos corpos e a precarização da vida.

O apoio de alguns familiares dos ocupantes, assim como a autorização por escrito dos responsáveis legais de estudantes menores de idade é por si só fruto de uma “pré-ocupação” (aquilo que a grosso-modo chamávamos de “trabalho de base”), mostrando que ocupações em escolas públicas e nas ruas com os encontros-saraus (principalmente saraus de periferia) passam também pelo crivo de acordos nas comunidades (por vezes, acordos singulares e restritos aquela área geográfica e, sobretudo, simbólica), isto é, uma regulamentação (não isenta de conflitos), a priori, com os moradores no entorno. Neste sentido, a “rede de proteção” nas ocupações e encontros-saraus são os vínculos e afetos de um corpo-periférico que é sempre coletivo.

Entretanto, no caso aqui analisado da ocupação do CAIC e em diversas outras escolas ocupadas, a gestão da escola (diretores, coordenadores e alguns professores) não apoiaram a ocupação desde o início. Na tentativa de barrá-la, o corpo-gestor telefonou para os familiares e responsáveis legais dos ocupantes informando que aquela ocupação era uma ação criminosa. Somado a isto, destaco a atuação da mídia oficial, que teve um papel essencial na criminalização das ocupações, além de alguns secundaristas terem sofrido intimidação e ameaças de morte por parte de traficantes locais, conforme carta-comunicado publicada na *fanpage* no *Facebook* “Ocupa Caic”, esclarecendo os motivos da desocupação.

No dia 28 de abril o caic foi ocupado, como uma forma de reivindicar os direitos dos estudantes, buscávamos melhorias na educação pública. A ocupação foi um momento onde aprendemos a viver em coletivo, aprendemos a respeitar as diferenças dos outros e a amar cada um deles, formamos uma família lá dentro, éramos fortes juntos. Infelizmente desde o começo da ocupação nós não conseguimos o apoio da comunidade, tentamos explicar para os moradores do Bom Jardim que aquilo era um ato político, porém eles não nos escutaram, e muitas vezes falaram calúnias sobre os estudantes. A ocupação vem sofrendo assédio moral do governo e da mídia seletista que quando fazem alguma reportagem, criminalizam o movimento trazendo depoimentos falsos de pessoas que não conhecem a rotina da ocupação, influenciando na opinião de alguns moradores da comunidade sobre a conduta dos alunos. Tudo isso é um ataque a greve, realizada pelos professores do nosso estado, pois o governo sabe que as ocupações vêm dando força aos professores para continuar a greve, e cada dia mais a nossa luta se unifica, afinal temos pautas em comum, onde buscamos uma melhoria nas escolas públicas do Ceará. Acreditamos que esses assédios por parte do governo fez com que a gestão se voltasse contra nós, e as reportagens da imprensa tentando desmoralizar a ocupação contribuiu para que a comunidade se posicionasse desta forma. Há duas semanas o Caic vem sofrendo alguns assaltos, nossa escola é bem aberta, o que facilita a entrada e saída de qualquer pessoa. Já se vinha estudando a ideia da desocupação pacífica, por conta da diminuição do número de ocupantes e da espera do fim da greve dos professores, o grêmio entrava em constante reuniões para decidir como ia se dar o futuro da ocupação, então chegou em um consenso que seríamos poucos para conter os alunos caso a greve acabasse. Com o episódio do assalto a creche/escola, e a bomba caseira jogada na escola na hora da nossa assembleia, o grupo ficou bem abalado e nos sentimos em estado de perigo, criou-se a hipótese mais forte de desocupação para não sofrer mais com aquele problema, então durante a manhã da segunda feira (13/06/2016) em assembleia foi votada pela desocupação pacífica, que se daria pela

noite do mesmo dia, porém alguns estudantes foram contra a desocupação, e ficou naquele impasse... Desocupa ou não? Decidimos fazer uma reunião depois do jantar, para decidir o rumo da ocupação. A reunião foi feita nos dormitórios, e no final da reunião começamos a escutar umas pessoas gritando no andar de baixo, assustados, fomos olhar que barulho era aquele, e quando chegamos lá, nos deparamos com a comunidade rasgando a faixa da ocupação e alguns cartazes, eles foram chamados pela diretora da escola, com o fim de forçar nossa saída de lá. Quando percebemos que aquilo era uma jogada para tirar a gente dali, resolvemos resistir, e algumas pessoas que moravam perto do CAIC chamaram uns traficantes para tirar a gente de lá. Foram momentos muitos tensos. Todos ficamos acuados enquanto eles passeavam livremente pela escola ameaçando os estudantes. Durante o conflito alguns estudantes foram agredidos e uma menina foi ameaçada de morte caso voltasse na escola. Vimos que com todo esse tumulto, com a falta de segurança, com as ameaças que sofremos, não era possível prosseguir com a ocupação. Nós desocupamos o CAIC ontem(13/06), porém queremos deixar claro que não vamos parar na luta, os estudantes que ocupavam o CAIC estão agora dando apoio às outras ocupações do nosso bairro. A ocupação sempre foi uma ferramenta política, iremos mudar nossas táticas pois não temos mais condições de sustentar uma ocupação, continuaremos dando apoio as ocupações do Ceará, e vamos continuar lutando por uma educação digna. Agradecemos a todas as pessoas que nos ajudaram nesses 47 dias de ocupação, a todos os professores e alunos que estão em busca de uma educação de qualidade, o rumo do movimento estudantil não para por aqui. Vai ter resistência sim, resistência da luta. Por uma educação que nos ensine a pensar, e não a obedecer<sup>41</sup>.

Não obstante, a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA) instaurou procedimento investigativo por supostos danos cometidos contra o patrimônio público durante ocupações nas escolas no mês de agosto de 2016, meses após o início das ocupações. O procedimento foi aberto com base em uma solicitação da Secretaria Estadual da Educação (Seduc). Conforme matéria publicada pelo jornal O Povo, no dia 23 de agosto de 2016, a Defensoria Pública do Estado e o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca) foram intimados 320 estudantes para prestarem depoimento na DCA<sup>42</sup>. Gestores e instituições do Estado, produção discursiva da mídia oficial e concepções assentadas na moralidade pública e na sujeição criminal não foram suficientes para acabar de imediato com as ocupações das escolas.

Ocupantes de escolas que estavam desocupando, como foi o caso dos secundaristas que estavam no CAIC, criaram táticas e se somaram a outras ocupações espalhadas pela Cidade. Saraus e bailes de *reggae* espalhados pela Capital e Região Metropolitana eram *extensões* e vice-versa das ocupações. Nestes espaços intra e extramuros institucionais da escola [recriada pela ocupação temporária dos secundaristas], os saraus,

<sup>41</sup> Carta-comunicado Ocupa CAIC. Disponível em

<[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=251541028544689&id=129814374050689&substory\\_in dex=0&\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=251541028544689&id=129814374050689&substory_in dex=0&__tn__=K-R)> Acesso em fev. 2018.

<sup>42</sup> Disponível em <<https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/08/23/noticiafortaleza,3651517/mais-de-300-estudantes-sao-citados-em-investigacao-da-policia-civil-so.shtml>> Acesso em fev. 2018.

bailes de rua e ocupações das escolas coexistiam como práticas autonomistas e de reexistência a favor de outra *forma de existir*, um questionamento das estruturas de poder e de dominação historicamente impostas e retroalimentadas.

As ocupações não eram única e exclusivamente feitas por secundaristas (embora as principais pautas reivindicatórias, assim como o poder de decisão, girassem em torno deles), mas passou a ser um espaço onde alguns familiares, vizinhos, integrantes de movimentos sociais e de direitos humanos estavam presentes somando e aprendendo.

Esta similar *relação* é presente nos encontros-saraus: por ser um lugar aberto (assim como foram as ocupações secundaristas), a palavra, a poesia e a literatura não se constituem aí um feudo dos e das poetas, pelo contrário, o espaço é ocupado por aqueles que recitam, permanecem em silêncio observando/ouvindo, cantam, conversam, passam de largo, bebem, inventam, fumam, celebram, tramam, beijam, subvertem, dançam, abraçam, transgridem, choram e riem (GLISSANT, 2011). Ocupação, neste sentido, é um espaço aberto, multilinear e feito de possibilidades e experiências.

Conforme Daniel Lima (2016, no prelo), em artigo intitulado *Juventudes e Escolas neste Brasil em crise: um olhar sobre o movimento de jovens nos processos de ocupação das escolas*, aponta para pluralidade e imprevisibilidade das formas de organização em face às “instâncias hegemônicas” das juventudes:

Bem sabemos, que a participação da juventude, do ponto de vista político, não se restringe à organização em partidos políticos e movimentos sociais, estendendo-se, por exemplo, a grupos culturais, como o hip-hop, o rock, etc, grupos religiosos, organizados a partir de grupos formados nas igrejas, católicas e evangélicas, principalmente, enfim. Das mais variadas formas as juventudes encontram meios para se organizar e pressionar as instâncias hegemônicas por direitos sociais. (LIMA, 2016, p. 7)

Lima (idem), afirma que esse movimento político de ocupar a cidade, circular entre ocupações e reinventar os espaços institucionais da escola, das praças e das comunidades não está ligado à bandeira político-partidária, apesar de aceitar o apoio de membros e representantes de partidos, entretanto, sem fazer menção e ou levantar insígnias, seja ideológicas ou político-partidárias, assim como os secundaristas, poetas escolhem a busca pela autonomia - ainda que sempre relativa e em permanente negociação.

Os Poetas de “busão”, por exemplo, conforme exposto brevemente no capítulo 4 desta dissertação, surgiram dentro das ocupações a partir da necessidade de ajudar na arrecadação de contribuições financeiras para a alimentação e produtos de higiene para os ocupantes. Além das doações recebidas de professores, mães e pais, vizinhos e estudantes de

outras escolas, poetas como Victor Oliveira, Davi e Júnior Scooby, que fizeram parte da ocupação da escola Dr. César Cals, quase que de improviso iniciaram o que se desdobrou hoje no Coletivo Poesia no Busão. Atualmente são cerca de 80 poetas de “busão” espalhados pela Cidade e Região Metropolitana de Fortaleza.

A galera queria fazer revolução de verdade. E a gente fez, eu acredito que a gente fez, pode não ter sido numa proporção gigante e mudar um país. Mas a gente conseguiu mudar o pensamento de muita gente, isso eu tenho certeza! De muita gente e isso é muito importante! (Andressa Bernardo, 16 anos, secundarista e integrante do coletivo Bonja Roots)

O ato de ocupar é, portanto, uma categoria social, assim como o pano de fundo da ação política e contestatória tanto dentro das escolas como nos saraus, bailes de *reggae* e rolezinhos. O corpo-ocupação é um coletivo multilinear que se estendeu para além e a partir das ocupações das escolas. Um corpo-ocupação em trânsito por meio da poesia no “busão” e interventivo-criativo nos encontros-saraus.

## 2.2 MICROFONE ABERTO

*Em voz alta,  
para assinalar o desvio.*

(Édouard Glissant, 2011, p. 87)

“Microfone Aberto!” - Gritou alguém entre um poema e outro. Logo em seguida uma poeta se levantou erguendo com ela a poesia em alta voz assinalando-nos o desvio.

***Nunca vi outro***

*(poema de Patrícia Alves)*

*É sempre o corpo negro no sinal*

*Vendendo balas, flanelas*

*Corpo sujo, marginal*

*Se tem buceta é fatal*

*O abuso sexual*

*E a cada parada do cambão*

*Eu avisto contraste social*

*Boy de nave, tranquilão*

*E preto soltando fogo pela boca*

*Que nem vulcão*

*É cada vez mais veneno pra nós*

*E o sangue derramado dos nossos irmãos*

*É guerra de facção*

*Extermínio vindo dos zebrinha cuzão*

*E jovens perdidos no crack*

*Sem dente nem pão*

*É sempre o corpo negro no sinal*

*Noiado, prostituído*

*Corpo sujo, marginal*

O microfone aberto, como dispositivo<sup>43</sup> de re-existência é uma manifestação da *palavra aberta* e do *saber de experiência*. O dispositivo *microfone aberto* aciona a espontaneidade dos saraus da periferia a sua imprevisibilidade inerente. A abolição da “lista de inscrição”, de uma “ordem” quase litúrgica preservada na história dos saraus rompe e ao mesmo tempo recria outro modo de ser e fazer saraus. Começando com a ideia de “Palavra

---

<sup>43</sup> Em Michel Foucault a episteme era o objeto da descrição arqueológica; o dispositivo, por sua vez, o é da descrição genealógica. Essa mudança de perspectiva e de objeto de análise responde às dificuldades descritivas da arqueologia e à conseguinte introdução da análise do poder. 1. Dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. 2. O dispositivo estabelece a natureza do nexos que pode existir entre esses elementos heterogêneos. 3. Trata-se de uma formação que, em um momento dado, teve por função responder a uma urgência. O dispositivo tem, assim, uma função estratégica. 4. Além da estrutura de elementos heterogêneos, um dispositivo se define por sua gênese. 5. O dispositivo, uma vez construído, permanece como tal na medida em que tem lugar um processo de sobredeterminação funcional: cada efeito, positivo e negativo, querido ou não querido, entra em ressonância ou em contradição com os outros e exige um reajuste. Por outro lado, encontramos também um processo de perpétuo preenchimento estratégico. (CASTRO, 2016). Para Gilles Deleuze (1996), por sua vez, dispositivo é antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direcção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações. Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vectores ou tensores.

Aberta”, poetizada por Glissant (2011, p. 191): “a palavra, que não é feudo de ninguém, junta-se à materialidade do mundo. A Relação diz-se.”

O “microfone aberto” como palavra aberta subverte e ao mesmo tempo ressignifica a própria noção de “sarau”, criando relações entre as pessoas e o espaço de forma não hierarquizada e descentralizada; possibilidade não somente de fala, mas, sobretudo, de *escuta*; possui certa espontaneidade no encontro, criando ordenações múltiplas e relações possíveis entre os participantes e a própria comunidade - ele a modifica pelo menos temporariamente - que está inserido por meio da poesia e da literatura, “podem não saber ler e escrever, mas sabem falar o que sentem. Isso é poesia!”, lembra Samuel Denker ao se referir a alguns poetas e frequentadores do Sarau da B1.

Os *poetas de lugar nenhum* inventam dentro de um “*sistema fechado*” (Plantação – sistema colonial e escravocrata), seguindo Édouard Glissant (2011), a “*palavra aberta*” (a produção poética e literária) como *ato de sobrevivência*. Em outras palavras, o sistema fechado trata-se de condições precarizadas de vida e políticas de genocídio, isto é, processos históricos de silenciamento, invisibilização e extermínio das juventudes em sua maioria negra e pobre que são denunciadas pelos Poetas. A palavra aberta são corpos em combate.

O lugar fechado são delimitações que têm como objetivo o *corpo* como lugar central de dominação - uma forma de vida construída sobre a violência e pelo encapotamento das questões raciais. Não somente envolve, mas também “fabrica” vidas indignas, precárias e a morte-por-antecipação justificada, geralmente com assentimento social e midiático. Ao mesmo tempo em que estamos cercados e ou confinados neste sistema é possível abordar o aspecto intrínseco a Plantação que é a da “palavra aberta”, a partir da expressão oral e escrita, ou seja, da literatura evocada por meio do *microfone aberto*.

O microfone aberto é, por assim dizer, uma “extensão” do corpo, da fala, do texto escrito e da existência-relatada do e da poeta nos espaços-saraus. Uma poética que não é somente “um divertimento, nem uma exibição de sentimentos ou de belezas”, conforme Glissant (2011, p. 83), “ela também dá conta de um conhecimento, que não pode ser atingido de caducidade”.

Gritam “microfone aberto” não somente devido à especificidade dos saraus das periferias e sua função simbólica. Mas, sobretudo, devido a sua materialidade. Trata-se de uma materialidade possível da fala e da escuta, ambas que sempre estiveram acompanhadas historicamente de brutalidades inomináveis de silenciamentos e apagamentos – corpos de uma história fragmentada. Nas palavras de Oliveira (2018, p. 29), ao discutir a trajetória de um dos maiores grupos do *Hip Hop* brasileiro os Racionais MCs, aborda o caráter essencialmente

*aberto* das canções, pois passam a apresentar as diversas perspectivas de forma mais complexa possível das realidades. “Longe de tornar o conjunto incoerente, a multiplicidade de vozes e olhares oferece uma percepção mais densa da realidade periférica ao conferir à dispersão das experiências particulares fragmentárias um sentido geral de coletividade”.

Grada Kilomba (2010) em *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*, descreve um instrumento de tortura que pode ser tomado como símbolo das políticas de silenciamento do colonialismo: a máscara (*The Mask*)<sup>44</sup>. A máscara do silenciamento lembrada por Kilomba, foi um instrumento real utilizado em escravos pelo projeto colonial europeu por centenas de anos. Feita com um pedaço de metal que era instalado dentro da boca do escravo ou da escrava e amarrado por duas cordas “em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa”, era utilizada pelos “senhores *brancos* para evitar que africanos/as escravizados/as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura” (p. 172). Para Kilomba, a máscara representa o colonialismo em sua integridade, pois tem em um determinado corpo o seu principal alvo de silenciamento e invisibilidade do Outro, como o perigoso, como o incompatível, como o violento, como o conflitante, como estranho, ou como àquele que precisa sempre ser “incluído”, pois está sempre à margem da racionalidade do Estado e suas instituições.

Quando o ou a poeta fala, quando ele ou ela grita no microfone aberto, passa a existir - para si mesmo e para os que estão ali à sua volta. De outra forma, no âmbito da possibilidade do exercício pleno do direito e cidadania, quando se trata dos e das poetas das periferias, esse direito “é fundamentalmente contestado, frágil e revogável” (MBEMBE, 2014b, p. 56). O ato da fala é para os e as poetas, portanto, uma *política de re-existência* contrária ao regime político do silenciamento. Segundo Mbembe (2014b) este poder de impor o silêncio, esta política do silenciamento, por sua vez, da invisibilidade passa pelo crivo de uma “distribuição colonial do olhar”. Trata-se, conforme o autor, de um poder que a própria colônia é quem decide o que é visível e o que deve permanecer invisível, silenciado - leia-se “inexistente”.

Ver não é a mesma coisa que olhar. Podemos olhar sem ver. [...] Com efeito, o poder racial exprime-se no facto de aquele que escolhemos não ver nem ouvir não poder existir ou falar por si só. Em última instância, é preciso fazê-lo calar-se. Em todos estes casos, a sua palavra é indecifrável ou, no mínimo, desarticulada. É preciso que

<sup>44</sup> Traduzido por Jéssica Oliveira de Jesus. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>> Acesso em nov. 2018.

outra pessoa fale em seu nome e no seu lugar, para que o que ele pretende dizer faça completamente sentido na nossa língua. (MBEMBE, 2014b, p. 193)

A *política de re-existência*, por sua vez, é a política da palavra aberta da sobrevivência, da fuga criadora e da invenção na existência enquanto potência. A palavra-relato, a palavra dita, lida e falada é a manifestação de uma maneira específica de expressar “o mundo” e agir sobre ele por meio do uso das gírias locais, do “estar juntos”, existir e re-existir na fala do outro - “ressoar”, pois conforme Fanon (2008, p. 33): “falar é existir absolutamente para o outro”. Alguns Poetas não escrevem, outros recitam e escrevem. Recitam seus poemas “de cor” (diminutivo de “sabe de coração”) e estes geralmente são poemas que “ganham corpo”. São poemas-*performance*. Não somente a voz, mas o próprio corpo diz. A palavra como uma flecha que afeta. Uma das minhas principais dificuldades, além de nunca recitar “de cor”, mas sempre ler, foi tentar registrar no caderno de notas os versos-*performance* recitados pelos e pelas poetas. Capturar em vídeo usando o celular e publicar nas redes sociais da internet esses momentos foi uma das minhas saídas para revisitar e também ajudar a difundir determinados poemas<sup>45</sup>. Ao perguntar ao poeta Talles Azigon qual a diferença entre a poesia lida, escrita e falada, ele respondeu-me:

[...] aí eu fui entendendo que o poema que tá escrito, ele não funciona do mesmo jeito quando ele é dito, né?! E aí com os meus poemas, lá no Templo da Poesia, no sarau, ele mudou. A maneira que eu escrevia, ele mudou, assim... muito, né?! Não é que eu perdi uma coisa e ganhei outra, na verdade eu expandi. Expandi muito, né?! Porque eu fazia os poemas, fazia os micropoemas, fazia os poemas meio que narrativas e lá no Palco Aberto eu entendi que “olha, eu posso fazer desse jeito que vou causar mais impacto, posso transformar essa minha literatura aqui dessa maneira.” E o lance da literatura oral ela é colocada em segundo plano, né, tipo, ela tá posta como inferior a literatura escrita, né?! E que é uma besteira, isso devia ser igual, ser igual, né?! A literatura escrita e a literatura oral elas duas são tão importantes quantos, porque cada um funciona de um formato e pede determinadas estruturas, e pede determinadas coisas. Tem algumas repetições que eu escrevo ou então algumas grafias no meu poema que ali tem um sentido, né?! Aquele ponto de exclamação, aquela vírgula têm um sentido. Mas quando eu tô dizendo, não vai ser através de uma grafia. Vai ser através de uma respiração, vai ser através de uma pausa, vai ser através de um olhar, né?! E isso foi uma coisa que eu aprendi lá no Templo da Poesia, porque eu posso dizer o poema aqui olhando pra cima e não vai funcionar não! Mas se eu falar o poema e eu falar pra você, pra você, pra você, pra você, aí o público ele já vai se envolver mais. Ele vai sentir que aquele poema é pro público. E eu acho que esse é o maior ganho, da literatura oral e do poema dito, é porque a sua poesia tem público e ela é pro público. Ela não tá só sendo lançada ali e tal. Mas eu tenho esse duplo trabalho da poesia escrita, da escrita. Eu devo um bom pedaço da minha formação à literatura oral. (Talles Azigon, poeta e escritor, entrevista em 26 de setembro de 2018)

<sup>45</sup> Poeta Chris Rodrigues recita.

Disponível: <<https://www.facebook.com/groups/765118726926508/permalink/1447520602019647/>> Acesso em dez. 2018.

O sarau, portanto, é um espaço de fala e de escuta. Estas zonas de re-existências em Fortaleza materializam a possibilidade de uma forma de vida mais democrática. Para Mbembe (2017a, p. 241), a palavra e a linguagem “transformam-se em ferramentas, em nanoobjectos e em tecnologias” que se autonomiza e relata à história presente, o e a poeta com seus poemas inscrevem na tábua do nosso espírito as memórias individuais e coletivas.

Mafalda Leite (2012, p. 17), ao tratar da oralidade na produção e na crítica literárias africanas, retoma a ideia de “continuidade” entre as tradições orais e a literatura africana do poeta senegalês Leopold Sédar Senghor. O poeta, segundo a autora, é um dos primeiros africanos a exprimir esta noção tratando não somente da prática em “sua escrita poética os recursos reclamados, mas também doutrinando sobre o assunto em vários textos ensaísticos”. Tal importância da herança da oralidade para a escrita e vice-versa que pode ser percebida por meio do *microfone aberto*.

Essa ideia de herança oral, radicada nos mestres africanos, os *griots*, vai levar a criar uma noção de continuidade entre a tradição oral e a literatura africana. Criadores e críticos inferem essa relação como uma procura dos traços reveladores da “passagem” da oralidade para a escrita. E, entre outros, um dos instrumentos da procura radicou, e radica, nos temas e nas especificidades dos gêneros orais, existentes na sociedade pré-colonial e, ainda atualmente, nas áreas rurais, menos alteradas pelas inevitáveis mudanças pós-coloniais. (LEITE, 2012, p. 18)

A ordem escrita-decorada-recitada se inverte e ausenta-se o tempo todo a depender do ou da poeta e das circunstâncias. Existem aqueles e aquelas que já possuem um “estilo próprio”, entretanto, quando se trata do ato de recitar nos saraus, a poesia declamada “ganha corpo” como “ato” com toda a sua potência cênica que lhe é inerente, por este mesmo motivo, possui maior capacidade performativa de “prender a atenção”, de afetar o outro.

O microfone aberto contém em si o corpo, a fala e a escrita. Mas uma escrita específica, uma escrita-relato ou uma “escrevivência”, nas palavras de Conceição Evaristo (2017), um texto que funde “escrita e vivência”. A escrita-relato é uma escrevivência.

Texto literário criado a partir de uma vivência. Isso não significa, por exemplo, o que eu crio é inteiramente o que eu vivi, se fosse isso eu teria que ser uma pessoa de múltiplas personalidades. Não é inteiramente o que eu vivi. É uma experiência, quer dizer, é uma escrita que está marcada tanto pela minha experiência pessoal como pelo histórico do meu coletivo. [...] uma memória histórica que vai contaminar minha literatura. [...] esse processo que os africanos e seus descendentes sofreram no Brasil, e mesmo o processo de subalternização que as classes mais pobres sofrem no Brasil, é um processo que precisa ser explicitado, e a memória, ela precisa, essa memória da dor, ela precisa ser exaurida. É uma literatura que incomoda. (EVARISTO, 2016)

A literatura periférica nos saraus de favela, nos *corres* dos e das poetas de “busão” – que não é somente pelo ganha-pão –, nas *timeline* efêmeras do *Facebook*, são relatos da vida cotidiana, das memórias coletivas e da luta pela sobrevivência. O conteúdo presente nos escritos-relatos aborda os mais diferentes temas e questões: desde poemas eróticos, românticos até aqueles denunciando o genocídio da população negra e pobre. De acordo com Talles Azigon, o tema do extermínio da juventude, assim como de denúncia das violências contra a LGBTQ+ e mulheres têm sido recorrente nestes encontros-saraus.

A quantidade de poesia que eu escuto sobre a chacina que houve na Grande Messejana e aqui no Curió ou a quantidade de poesia que eu escuto sobre o caso da Dandara, que foi brutalmente assassinada no caso de transfobia, um crime de ódio, né, de transfobia nítido; é muito superior a quantidade de reportagens e de reflexões que saiu na mídia. Porque a mídia só pega o espetáculo, né, ela não faz a reflexão, ela só fala do acontecimento, mas ela não esmiúça o acontecimento. E acho que a gente consegue, a nossa poesia ela vai agir nessa questão da violência porque ela reflete. Ela pensa criticamente o quê que essa violência é. Né?! (Talles Azigon, poeta e escritor, entrevista em 26 de setembro de 2018)

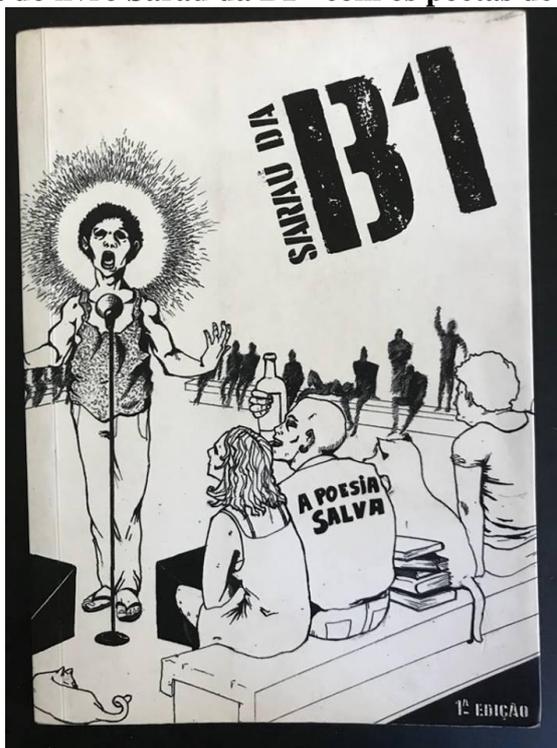
É uma literatura, um grito, um canto da *Plantation*. Um sentimento de perda contínua, mas também de um esforço inventivo no presente que, por meio do microfone aberto nos encontros-saraus e na poesia no “busão”, ensaia ao vivo um duplo movimento de subversão e deslocamento igualmente contínuos. Esta literatura são escrituras relatadas e difundidas nas redes sociais da internet, em livros-antologias e fanzines coletivas.

Em outubro de 2016, por exemplo, a antologia periférica *Sarau da B1: com os poetas de lugar nenhum* (DENKER, 2016) foi lançada contendo mais de 50 textos-poemas de 29 pessoas-poetas que participaram diretamente desta obra colaborativa. Ao compartilhar como foi o processo de construção coletiva do livro desde a sua concepção, o poeta Samuel Denker, explica como levantaram recursos financeiros para a publicação da primeira edição do livro-antologia do Sarau da B1, que teve uma tiragem de 500 exemplares.

[...] fomos em gráficas e tal e editoras pra saber como era o processo... deram os valores lá. E a gente começou a fazer uma vaquinha, véi. Todo mundo se ajudando, um dava cinco, outro dava dez conto, outro dava dois reais, um ajudou com 50 conto e conseguimos dois mil e poucos reais. [...] A gente conseguiu essa grana, só que a grana não conseguimos tudo. Aí eu consegui um empréstimo e “mano esse empréstimo vai ser pago na venda do livros” E conseguimos! Era 10 reais cada livro e cada poeta que estava lá ficou com dez pra vender e tals pra galera... poderia vender por 50 reais também, que daria também! Mas o preço era mais ou menos por dez reais cada um. Quando o cara era mais chegado dava por cinco, dava de graça... Vixe, demos livros de graça que só. Mas conseguimos pagar o empréstimo e os livros estão aí no mundo, cara! Os 500 livros... estou com um ali, só! Mas os outros 499 tão no mundo. (Samuel Denker, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 16 de janeiro de 2018)

O lançamento do livro foi durante a sexta edição do Sarau da B1, em abril de 2016. Na ocasião, na presença de alguns de seus familiares e amigos, os e as poetas declamaram as poesias uns dos outros. Escritos que estavam guardados, rascunhados em cadernos ou “gravados na mente” - repetição da oralidade típica entre os *MCs* - integraram a primeira edição de um livro que circulou entre os próprios Poetas e que hoje compõem o acervo de bibliotecas públicas (CUCAs e CCGBJ), bibliotecas comunitárias (assim como os saraus, estas têm crescido nas periferias da Cidade) e bibliotecas de escolas públicas da região.

**Foto 3 - Capa do livro Sarau da B1 - com os poetas de lugar nenhum**



Fonte: Fanpage Facebook Sarau da B1

Foi daí que surgiu a necessidade de publicar a produção literária periférica em uma fanzine bimestral. Em 2017, Samuel Denker, Carlos Melo e Nina Rizzi, atuais organizadores do Sarau da B1, decidiram lançar uma fanzine coletiva intitulada “Jangu Livre”, nome em referência ao bairro. A fanzine coletiva e colaborativa é lançada bimestralmente no sarau e vendida para as pessoas que frequentam e participam do evento.

As fanzines<sup>46</sup> têm sido uma das ferramentas de difusão da escrita autoral dos e das poetas nos sarau da periferia e, em alguns casos, dentro dos ônibus. Uma escrita-experiência objetivada pelas vivências e trajetórias, ou seja, uma escrita-relato. A escrita dos e das poetas pode ser tomada como uma “escrevivência”, seguindo a escritora brasileira Conceição Evaristo (2009; 2017), uma escrita que tem como ponto de partida o lugar de onde estão fincados os pés.

A fanzine “Jangu Livre” contém poemas, crônicas e versos autorais de poetas locais e residentes em outros bairros da Cidade. O convite para compor a edição da fanzine é feita pelo *Facebook* com aproximadamente um mês de antecedência:

grito para compor a oitava zine Jangu Livre. Quer participar também dessa missão? só mandar seu poema de 1 página, fotografia preta e branca, colagem, desenho, a arte, a voz, o cataclismo até o dia 24 desse mês de junho para o e-mail: poetasdelugarnenhum@gmail.com, que é sal. Lançamento dia 30/06 na 31ª edição do SARAU DA B1 tamo junto. (SAMUEL DENKER, 30 anos, organizador do Sarau da B1 - publicação no Facebook)<sup>47</sup>

Uma literatura que narra a existência imediata: escrito-relato cotidiano. Fanzines ou zines, como as que são feitas pelos poetas e moradores de periferias, são pequenas publicações impressas, geralmente reproduzidas em fotocopiadoras simples, idealizada e feita por uma ou mais pessoas. Possui uma tiragem pequena, entre 10 e 300 unidades. Os fanzineiros ou fanzineiras distribuem, trocam ou vendem suas produções que circulam de mão em mão - hoje pouquíssimas zines circulam por cartas, via correios em Fortaleza. O conteúdo de uma zine varia de acordo com quem idealizou, os temas abordados, o perfil do coletivo, a pauta identitária e ou o propósito de escrita é totalmente aberta a quaisquer temática e

---

<sup>46</sup> “Fanzine” no feminino surgiu dentro de uma produção coletiva com Fernanda Meireles em junho de 2016 no Bairro Benfica, Fortaleza (CE). A fanzine intitulada “Sobre HOJE: *uma* zine sobre o que não queremos esquecer” tem em sua capa, além de um órgão-coração, este título seguido da pergunta: “o que não queremos esquecer?”. No editorial escrito por Fernanda Meireles em uma máquina de escrever (de verdade!), ela explica a mudança: “[...] o mais legal das mudanças recentes é descobrir que zine pode ser UMA zine. Isso mesmo, além de existir zines sobre todos os assuntos possíveis do mundo, com tipos de textos e visuais variados, os formatos também mudam, chegando no lugar dos zines-objeto, paquerando com o conceito de livro de artista e rasgando os limites/conceitos todos. Torar. Pois, esta é UMA zine (palavra são escolhas políticas). Aprendi com as meninas feministas e zineiras que estão por aí/aqui, criando, trocando, conversando, torando os conceitos. São muitas, ainda bem.” (MEIRELES, 2016, p. 2). Portanto, esta etnografia seguirá utilizando “a” fanzine no feminino enquanto escolha política e por, inclusive, algumas poetas que colaboram com esta pesquisa também falarem “a” zine.

<sup>47</sup> Publicação-convocatória no facebook de Samuel Denker para compor a fanzine “Jangu Livre”. Disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1607386849360384&set=a.144498448982572.28363.100002672526888&type=3&theater>>, acesso em 28 de junho de 2018, às 01h41.

formatos possíveis<sup>48</sup>. Em entrevista para o jornal O Povo publicada em 10 de dezembro de 2018, a poeta Nina Rizzi avaliou a produção de zines no Sarau da B1:

As fanzines rompem com um processo criativo e editorial do qual a maioria das pessoas estão marginalizadas. A Jangu Livre especificamente, que é uma zine feita com a arte das periferias de Fortaleza (e não só do grande Jangurussu), não dá voz e visibilidade a escritores, poetas e artistas visuais, mas é um canal para que possamos 'lerouvir' estas vozes que desde os navios negreiros e os genocídios estão aí, mas para as quais a mídia estava surda e cega, ou pior, queria calar. Mas não vão mais! Estamos vivos, resistindo e produzindo arte, cultura e beleza, estamos livres!

Vendida a valor de custo (R\$ 2,00), a zine Jangu Livre possui entre 40 e 50 páginas, formato A5 (14.8 X 21 cm) grampo na vertical, composto por poemas, crônicas, prosas, rabiscos, arte-colagens e fotografias quase todas de autorias de moradores das periferias de Fortaleza.

**Foto 4 - Zine Jangu Livre #2 - sem data de publicação**



Fonte: foto de minha autoria

A fanzine Jangu Livre, além de passar a compor o acervo das bibliotecas comunitárias situadas nas periferias de Fortaleza, a exemplo da Biblioteca Comunitária Casa

---

<sup>48</sup> Para conhecer a história e grande parte da produção das zines em Fortaleza conferir: Fernanda MEIRELES (2008; 2013) e Cellina MUNIZ (2010).

Camboa em Sabiaguaba<sup>49</sup> e Livro Livre Curió no bairro Curió, tem sido uma ferramenta bastante usada pelos poetas durante os encontros-saraus. Por ser uma ferramenta híbrida, as fanzines misturam várias linguagens e diferentes possibilidades artísticas. Mais recentemente outra linguagem tem feito parte do universo criativo de alguns poetas, circulando nas redes sociais e inserida nas fanzines. Refiro-me às *colagens* feitas por meio da técnica de recorte-e-colagem (*decoupage*) por Caio Lucas, Jardson Remido e Samuel Denker.

**Figura 6 – Arte-Colagem Técnica: Colagem de papel sobre tela**  
**Dimensões: 60X80, 2018**



Arte: Caio Lucas Rocha

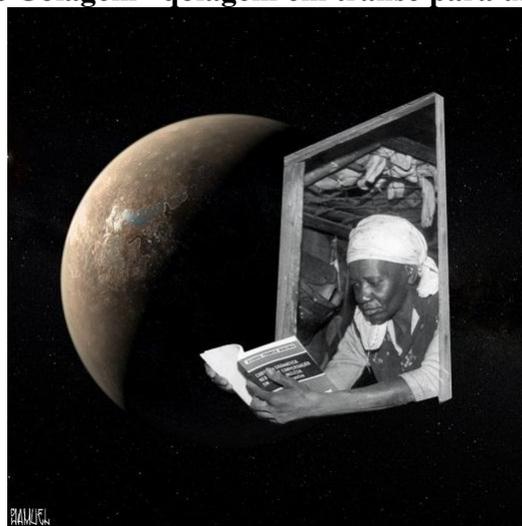
**Figura 7 – Arte Colagem “Vai que cola”, 2016**



Arte: Jardson Remido

<sup>49</sup> Casa Camboa de Sabiaguaba - Biblioteca Comunitária está localizada na Rua Professor Valdevino, n. 80 no Bairro Sabiaguaba em Fortaleza (CE), e pode ser acompanhado na página do facebook: <<https://www.facebook.com/casacamboadesabiaguaba/>> Acesso em jan. 2019.

**Figura 8 – Arte Colagem “qolagem em transe para uma deusa”, 2019**



Arte: Samuel Denker

Algumas edições da zine Jangu Livre trazem também, além de algumas colagens, fotografias de Léo Silva, Joyce S. Vidal, Júnior Cavalcante, Karine Araújo e Gustavo Costa feitas nas diferentes periferias da Cidade. São alguns dos fotógrafos que têm produzido narrativas e fotopoéticas do lugar em que vivem por meio do audiovisual. Os mesmos idealizaram e compuzeram coletivos de audiovisual, como por exemplo, o Tentalize, Dois Vetim e Zóio<sup>50</sup>.

O coletivo Tentalize e alguns fotógrafos, como Wesley Farpa do Manginga Filmes<sup>51</sup>, ao tomar conhecimento desta pesquisa, propuseram realizar a produção de um filme-documentário sobre as práticas poéticas e trajetórias de alguns Poetas das periferias de Fortaleza.

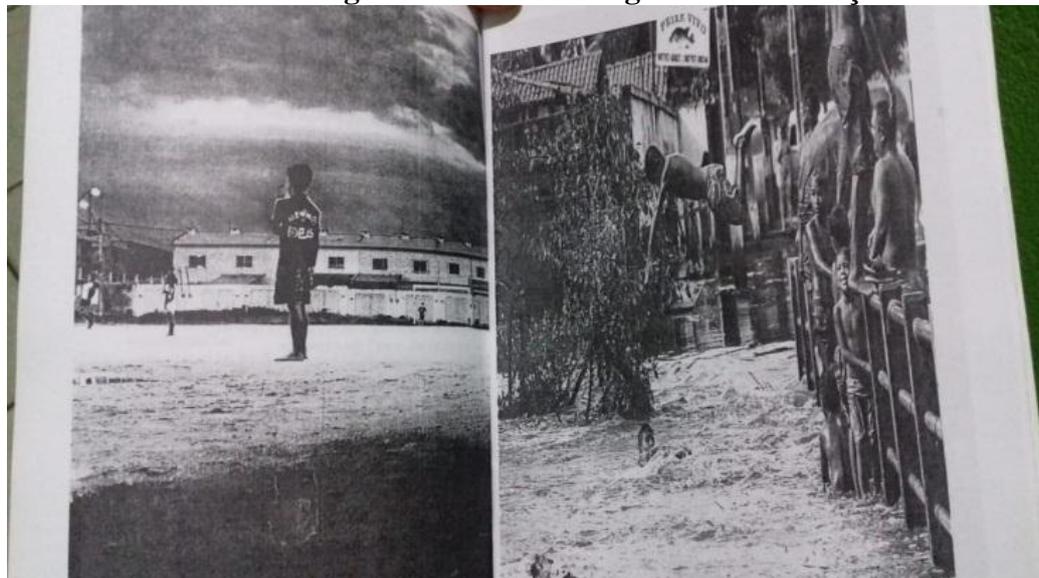
O processo de escrita deste trabalho serviu como uma espécie de “roteiro” escrito para as gravações de Léo Silva e Wesley Farpa. As gravações iniciaram-se no ano de 2018, ocasião em que Léo Silva e Wesley Farpa me acompanharam em algumas entrevistas que realizei, mas também realizaram outras entrevistas com Poetas periféricos que não estão nesta etnografia. A proposta foi ainda apresentada aos integrantes de coletivos de audiovisual das periferias em reuniões de trabalho e planejamento da *Rocheda – rede de videoativistas* de Fortaleza, com o objetivo que se torne um projeto desenvolvido por mais coletivos e resulte

<sup>50</sup> Coletivo Tentalize, disponível: <<https://www.facebook.com/tentalizadores/>>; Coletivo Dois Vetim, disponível: <<https://www.facebook.com/coletivodoisvetim/>>; Coletivo Zóio, disponível: <<https://www.facebook.com/coletivozoio/>> Acesso em jan. 2019.

<sup>51</sup> Manginga Filmes, disponível: <<https://www.facebook.com/mangingafilmes/>> Acesso em jan. 2019.

em um filme-documentário sobre os e as poetas e sobre os saraus espalhados nas periferias da Cidade.

**Foto 5 – Fotografias: Fanzine Jangu Livre #07 edição**



Fotografia de Léo Silva (à esquerda) e de Joyce Vidal (à direita) na zine Jangu Livre.

As escrevivências, as fotopoéticas e as colagens presentes na zine Jangu Livre são escritas-relatos que denunciam a criminalização de um corpo que é historicamente assujeitado e evocam um “fazer artístico” encarado pelos cânones como “folclórica” e que esteve refém de uma escrita/narrativa elitista-escravagista dos colonos, fazendeiros e viajantes que estavam (e ainda estão), segundo Glissant (2011, p. 73), “possuídos da necessidade lancinante de justificar o sistema”. Jangu Livre é feita de escritas-de-despejo, nas palavras da escritora Carolina Maria de Jesus (2014), que além de descrever a Cidade como compartimentos de uma casa (uma espécie de economia política), possuía um estilo de escrita e linguagem coloquial, uso de gírias - uma aproximação com os que não têm acesso aos cânones literários, descreveu em sua época o que ainda hoje milhões de pessoas como ela passam nas periferias e favelas do Brasil.

Neste sentido, Evaristo (2009), ao desenvolver o estudo que objetivou trazer algumas reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro, considera este tipo de escrita-relato práticas de resistência as diferentes formas de silenciamento e interdição do negro impostas pelo sistema escravocrata e suas relações raciais que perduram até hoje na sociedade brasileira. Ao abordar o caráter da obra de Carolina de Jesus, Conceição Evaristo fala do desejo imanente da escritora pela escrita em seu diário de uma favelada.

O que se torna interessante para discutir sobre a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa – como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita – e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária. Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” – sob o olhar de muitos – uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca. (EVARISTO, 2009, p. 28)

Conforme Silva e Oliveira (2018), ao abordar as representações sociais produzidas pelo mundo imperialista que redundam na imagem do sujeito triplamente subalternizado (mulher, negra e pobre), isto é, aquela que foi negada do direito à fala e escuta, ou seja, a mulher negra sentenciada ao lugar de subalternidade, a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus encontra seu poder de fala a partir de sua escrita sobre o cotidiano experienciado nas favelas brasileiras. A escrita-relato como prática de re-existência do microfone aberto é uma possibilidade de vidas subalternizadas corrompam a subalternidade imposta.

O microfone aberto pode ser visto como o lugar do *saber da experiência*, ou seja, o *saber relatado* do Poeta. Pode ser visto também como um “saber-vaga-lumes”, conforme Didi-Huberman (2011, p. 136), ou seja, um saber “das realidades constantemente submetidas à censura”, seja no espaço da mídia TV, jornais e rádio, seja em espaços formais de educação. Para Jorge Larrosa Bondía (2002), ao tratar sobre a *experiência e o saber de experiência*, afirma que a palavra “experiência” é aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”, mas o que nos afeta. É um encontro e uma relação que se prova.

Segundo o autor, a informação e o excesso de opinião não são experiências. Assim como a falta de tempo e as consequências do excesso de trabalho torna a experiência cada vez mais uma raridade. Portanto, o sujeito da experiência não pode ser aquele que é “informado”, o da opinião, “do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer”. Para Bondía (idem, p. 24-25), o sujeito da experiência se define por sua abertura: “o sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’” ao que lhe toca, ao que pode lhe deixar ainda mais vulnerável ou lhe pôr em risco. Poetas, enquanto seres contingentes são sujeitos da experiência que têm a “capacidade de formação ou de transformação”.

O saber da experiência, portanto, pode ser entendido como o saber particular de cada Poeta, embora o acontecimento dos encontros-saraus seja comum a todos ou à maioria

dos presentes, a experiência é singular podendo ser, inclusive, imperceptível seus efeitos e atravessamentos no outro e de impossível repetição. A poética da experiência e “o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (idem, p. 27). O saber-relatado do e da poeta no microfone aberto *expressa a vida singular e concreta e sua existência possível*, pois “tudo o que faz impossível a experiência faz também impossível à existência” (idem, p. 28). Amplificador da experiência, o microfone aberto possui a capacidade de formação e transformação daquilo que “nos passa”, ou daquilo que nos acontece como abertura, *imprevisibilidade* própria da existência e do *microfone aberto*.

### 2.3 A POÉTICA ME DIZ COMO ESCREVER CAMINHANDO

Quinta-feira, 19 de maio de 2016, eram quase 19h00 na zona sul de Fortaleza, Ceará. Portando um livro na cintura e com uma blusa preta amarrada no rosto inspirado na estética Zapatista, o autointitulado Poeta Marginal, Jardson Remido, 24 anos e morador do Conjunto São Cristóvão, ao recitar versos de um poema autoral, “engatilhou” o livro *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*, de Augusto Boal, com qual apontou na altura do rosto de centenas de pessoas à sua volta, dentre elas estava o *rapper* Criolo:

A vida continua... porém, a poesia pausa, pesa, pisa, pouso e pulsa em cada um de nós. / Escute minha voz, pois, pela paz, tirei o pino da granada carregada de amor e joguei para ver quem se joga no amor, para ver quem ouve o clamor da sabedoria ou quem compreende a dor da periferia. Dona Maria eu também preferia ver os seus, ver os meus entupindo as bibliotecas e ocupando as cadeiras, do que entupindo as cadeiras e ocupando as algemas. Literatura te tira do tiro da viatura! (JARDSON REMIDO, 22 anos, poeta marginal)

Um dos versos recitados naquela noite por Remido estava escrito nos muros do Cuca Jangurussu: “Literatura te tira do tiro da viatura”. Já nas arquibancadas que acomodavam centenas de pessoas para ver e ouvir Criolo estava escrito “União”. A palavra escolhida por jovens durante uma oficina de grafite que aconteceu no início do ano pode corresponder, ainda que de forma ambígua, um anseio social de nossa época. Na última terça-feira, 17 de maio, no mesmo espaço, reuniu-se cerca de duas mil pessoas para mais uma edição do pioneiro e um dos maiores bailes de *reggae* de rua já organizado pelas juventudes em Fortaleza, o Cuca *Roots*<sup>52</sup>.

O Anfiteatro do Cuca Jangurussu - um dos três equipamentos de arte e cultura voltado para as juventudes e gerido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza -, estava tomado

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2016/09/juventude-que-ocupa-espacos-publicos-denuncia-aco-es-policiais.html>> Acesso em jan.2018.

por pessoas de vários lugares da Cidade naquela noite. Ansiosas pela chegada de Kleber Cavalcante Gomes, mais conhecido sob o nome artístico de Criolo ou, anteriormente, Criolo Doido, cantor, *rapper*, compositor e ator brasileiro, a maioria dos presentes era jovens, moradores de periferia, ligados a movimentos sociais, coletivos ou grupos identitários. Muitos deles estudantes e ou ocupantes das mais de cinquenta escolas estaduais ocupadas até aquele momento.

O motivo de sua visita foi o recebimento do título de cidadão fortalezense decorrente de uma proposta encaminhada pelo então vereador João Alfredo (PSOL) e aprovada por unanimidade pela Câmara Municipal de Fortaleza. O título foi entregue pelas mãos de dois *MCs*, um deles era Jardson Remido<sup>53</sup>.

Além de gestores, políticos e representantes dos movimentos sociais e coletivos de juventudes, também estava presente Dona Edna, mãe de Álef Sousa Cavalcante, um dos jovens assassinados na Chacina de Messejana<sup>54</sup> na madrugada do dia 12 de novembro de 2015, protagonizada por dezenas de policiais militares. Além dela, outras mães compuseram a mesa em repúdio à chacina que vitimou onze pessoas, a maioria jovens entre 15 e 29 anos.

Atentos, das arquibancadas e aos arredores da armação feita de aço do anfiteatro, centenas de jovens secundaristas que estavam ocupando as escolas do Estado e reivindicando reforma das escolas, recontração de professores demitidos, dentre outras pautas, seguravam faixas e bandeiras com palavras de ordem, divulgando as escolas ocupadas e denunciando o genocídio da população negra e pobre.

Estavam presentes também jovens organizadores de bailes de *reggae* e rolezinhos de rua, poetas, organizadores e frequentadores de saraus da periferia que ouviam e interagiam com o que estava sendo dito, mostrado e relatado pelas mães, pelos poetas e por Criolo. Estavam presentes ainda, naquele espaço, coletivos autônomos e da base de partidos políticos (PSOL, PSTU, PDT e PT), jornalistas independentes e da grande mídia, funcionários da Rede Cuca, dentre estes últimos, estava eu na condição de Educador Social da Diretoria de Promoção de Direitos Humanos (DPDH), do Cuca Jangurussu.

Eu já conhecia e acompanhava de perto a escrita e produção de alguns poetas e *MCs* locais. Jardson Remido e Daniel Lima (Dali), moradores do São Cristóvão e Conjunto Palmeiras, respectivamente, até há pouco tempo integravam o grupo de *rap DuFront MC's* e, no momento da escrita desta dissertação, retomam com um novo nome e projeto intitulado A

---

<sup>53</sup> Disponível em <<https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/05/19/noticiafortaleza,3615232/criolo-recebe-titulo-de-cidadao-fortalezense-e-arrecada-alimentos-para.shtml>> Acesso em fev. 2018.

<sup>54</sup> ONZE - a maior chacina da história do Ceará. Disponível em <<https://vimeo.com/158372638>> Acesso em fev.2018.

*Quebra*<sup>55</sup>. Os versos acima transcritos são parte de um poema de Jardson Remido, eles compõem a música “Disparo da Fala”<sup>56</sup>, canção resultado de vivências e de intervenções seguidas de rodas de conversas feitas pelos dois poetas em casas de medidas socioeducativas, as que aconteceram no Centro Educacional Patativa do Assaré, no final de 2015.

**Foto 6 - Poeta Jardson Remido, Anfiteatro do Cuca Jangurussu**



Fonte: Repórter Cuca<sup>57</sup>

A multiplicidade de fios e as possibilidades de diversas conexões começaram a configurar e aglutinar visíveis formas de fazer, de se organizar, de se reinventar e criar táticas de resistências e *re-existências* da periferia para a periferia, por meio da ocupação de espaços públicos, mobilizações e difusão nas Redes Sociais (principalmente via *Facebook* e *WhatsApp*). O questionamento e uma acentuada postura crítica à racionalidade das instituições do Estado e de alguns de seus representantes, que traduzem a busca pela relativa autonomia das juventudes, não somente me chamaram atenção, mas me afetaram.

Foi a partir de um livro jogado no chão que fragmentos de memórias afetivas remontaram trajetórias de uma vida. Eu tinha em torno de cinco anos de idade, início da década de 1990, quando participava do momento de leitura de minha mãezinha Luciene Maria. Deitávamos no chão à beira da porta de entrada de nossa pequena casa feita de pau a pique, localizada em uma vila próxima ao bairro Pantanal (atual Planalto Ayrton Senna – SER V, Fortaleza/CE). Eu gostava daquele silêncio das tardes após o almoço, o vento que corria entre a porta da frente até o quintal, ficar pertinho de minha mãezinha observando seus olhos

<sup>55</sup> A *Quebra*. Dentre outras, o clip da música “Nostradamus” está disponível no *youtube*: <<https://www.youtube.com/watch?v=PMdshc5NMFI>> Acesso em fev. 2019.

<sup>56</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=ZXXSj\\_hsWEU](https://www.youtube.com/watch?v=ZXXSj_hsWEU)> Acesso em agosto de 2018.

<sup>57</sup> Fonte:

<https://www.facebook.com/reportercuca/photos/pcb.1759888130891427/1759885554225018/?type=3&theater>

percorrer as páginas dos livros. “Um dia lerei igual a ela”, pensava.

Dentre os livros espalhados pelo chão, uma coletânea que reunia as obras mais famosas do escritor baiano Jorge Amado chamava-me mais atenção. Talvez por ser uma das obras que mais provocava diferentes reações em minha mãe enquanto lia. Ainda ouço a sua voz narrando as histórias, seu riso e, às vezes, a silenciosa lágrima que percorria seu rosto após um clímax ou de um triste desfecho da história narrada pelo autor.

Poucos anos mais tarde, na minha adolescência, passei a emprestar o ouvido às recitações dos poemas autorais de meu tio Lucivaldo Silva<sup>58</sup>, durante horas a fio ficávamos conversando, ouvindo músicas e lendo poesias e outros escritos. Somente no final da década de 1990 resolvi começar a escrever alguns versos autorais. Influenciado pela escrita-diário de meu tio, somada às letras de bandas como Legião Urbana e boa dose de psicodelismo presente nas canções de Pink Floyd, passei a manter um pequeno caderno de poemas e outros escritos.

Recordo-me, também, que nos finais de tardes na esquina da vila onde morávamos reunia-se um grupo de jovens para ouvir as canções dos Racionais *Mc's*. Reginaldo era o único jovem da região que tinha um *micro system* 3 em 1 – um som que funcionava a pilhas e que tocava fita cassete, CD e AM/FM – era também um dos únicos que gostava de escrever poemas e copiar letras de músicas em um caderno que o acompanhava por onde ele fosse. Em uma dessas tardes ouvi pela primeira vez as músicas “Diário de um detento” e “Capítulo 4 Versículo 3”, ambas de um álbum que tem como capa uma cruz e intitulado “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais *Mc's*. Em pouco tempo alguns adolescentes e jovens que sentavam em volta do *micro system* tinham aprendido a cantar “Diário de um detento” – inclusive, dois deles tinham uma blusa com a letra na íntegra escrita nas costas. Reginaldo lia algumas letras e tentava explicar o que elas significavam usando exemplos o cotidiano de violência letal nas proximidades, assim como a importância de estudar e sonhar. Apenas seis anos da Chacina do Pantanal,<sup>59</sup> protagonizada por policiais militares que vitimou três adolescentes, em 1993, já era rotineiro ver alguns jovens do bairro serem assassinados a bala ou a faca. Além de ouvir Reginaldo e não entender muita coisa das letras e do que ele falava, eu gostava de jogar bola na rua com outros adolescentes da minha idade. Aproveitava o final da tarde e início da noite antes que papai chegasse do trabalho, pois ele me proibia de brincar na rua.

Da minha casa até a Escola Municipal Raquel de Queiroz, no bairro Prefeito José

---

<sup>58</sup> Seus poemas e outros escritos estão disponíveis em < <http://lucivaldosilva.blogspot.com/> Acesso em fev. 2019.

<sup>59</sup> Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff230228.htm> Acesso em fev. 2019.

Walter (SER V), escola que estudei por nove anos, eu caminhava durante dez a quinze minutos e, principalmente na saída da escola, alguns colegas e eu subíamos em pés de jambo ou de azeitona – eu sempre chegava todo sujo em casa.

Embora gostasse muito de estudar, a escola para mim foi por muito tempo um lugar de traumas e feridas. Diariamente sofria com apelidos dos mais variados – todos eles relacionados à minha cor de pele. Não foram poucas as vezes que eu preferia ficar calado e não participar ou até mesmo faltar aulas – por diversas vezes revidava os apelidos com violência e em dois desses revides fui suspenso da escola por três dias. Escrever dentro da sala e na hora do intervalo começou a se tornar uma prática, uma fuga possível.

Foi nesta escola, já na oitava série (último ano do ensino fundamental), que o Professor de Geografia Henrique Gomes me presenteou um livro com poemas de Manuel Bandeira. Este livro me acompanhou até o final do ensino médio e faculdade. Manuel Bandeira passou a ser um dos meus escritores favoritos e alguns de seus poemas passaram a compor uma fanzine que comecei a editar mensalmente chamada “Máquina de Escrever” (2004 a 2012). Foi também na Escola Municipal Raquel de Queiroz que fui apresentado ao “Projeto Se Cuida Galera” da Organização Não Governamental Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS do Ceará (GAPA-CE), que tinha como objetivo formar jovens multiplicadores nas temáticas de saúde, sexualidade, prevenção de gravidez precoce e temas relacionados aos Direitos Humanos e Cidadania<sup>60</sup>.

O projeto, que durou quatro anos (2002 a 2006), serviu como base para a minha formação como arte-educador e educador social em temáticas relacionadas à juventude e aos direitos humanos. Não à toa, fui convidado para compor a equipe, como articulador social, de um novo projeto do GAPA intitulado “Nativa – criando alternativas”, que tinha como objetivo promover processo de conscientização e garantia dos direitos fundamentais assegurados às crianças e adolescentes nas escolas públicas do Município de Aquiraz (CE), capacitação de professores e estudantes, oficinas nos campos da cidadania, saúde e sexualidade, no período de 2006 a 2010. Entre aulas e atividades pensadas a partir destes objetivos, a minha maior contribuição no projeto foi na criação de ciclos e rodas de leituras e produção de escrita por meio da ferramenta das fanzines em sala de aula – um laboratório de leitura e escrita em experimentações contínuas.

Embora tenha me formado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Estácio FIC, em 2010, como bolsista integral pelo PROUNI (Programa Universidade para Todos do

---

<sup>60</sup> Disponível: <https://gapace.wordpress.com/> Acesso em fev. 2019.

Governo Federal), a área em que mais atuei profissionalmente foi no campo da arte, educação e articulação social, tendo como eixos os direitos das crianças, adolescentes e jovens em diferentes espaços de educação formal e informal das mais diversas instituições da Cidade. Foi somente no Cuca Jangurussu que atuei como Educador Social junto a uma equipe de Comunicação Popular pertencente à recém-criada Diretoria de Promoção de Direitos Humanos (DPDH), da Rede Cuca – interfaces entre arte, educação e articulação social e comunicação social.

Durante os dois anos e seis meses em que trabalhei como Educador Social na DDPH do Cuca Jangurussu, pude perceber que o espaço do anfiteatro é mais um dos espaços marcados pelas invenções e práticas poéticas, pelos encontros, conflitos e afetos das juventudes locais, de seu entorno e até mesmo da Cidade.

Nas palavras de Foucault (2013b), espaços semelhantes ao anfiteatro são “espaços outros” ou “*contraespaços*”, ou seja, uma heterotopia que tem como “regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis.” (p. 20, 24). Diariamente o local é ocupado por diferentes perfis de jovens que moram em favelas e conjuntos habitacionais circunvizinhos ao equipamento cultural. Por mais de um ano, principalmente devido à construção de uma Torre de Vigilância Comunitária ao lado do anfiteatro, somada à intensificação das inúmeras abordagens violentas da Guarda Municipal Armada (GOE) e da Polícia Militar, o fluxo de alguns jovens reduziu consideravelmente no espaço. Entretanto, as juventudes reiventaram o espaço e voltaram a ocupa-lo por meio da promoção de eventos de *reggae*, apesar da presença da Torre de Vigilância e as possíveis abordagens surpresas do GOE, *JanguRoots* e *Exagero Roots* são os eventos que acontecem semanalmente no anfiteatro ao som de muito *reggae* e de forma autonomista<sup>61</sup>.

O esvaziamento do anfiteatro do Cuca Jangurussu, assim como dentro do próprio equipamento de arte e cultura, acompanha os inúmeros relatos de violências físicas e psicológicas dos jovens que antes frequentavam e ocupavam os espaços intra e extramuros desse equipamento voltado para a assistência e proteção às juventudes locais. Conforme Fanon (1968), o colonialismo não pode ser compreendido sem a possibilidade de torturar, de violar ou de matar. Esta possibilidade surge a partir das condições históricas, econômicas e socialmente legitimadas. São vidas inscritas como não-vidas, indignas de existir por estarem circunscritas pelos estigmas de “bandido” e “lugar perigoso”. (SILVA e FREITAS, 2019, p. 17)

É possível encontrar na Avenida Castelo de Castro (principal avenida que corta o

---

<sup>61</sup> O Exagero Roots, por exemplo, acontece às sextas-feiras, a partir das 16h20 no Anfiteatro ou na Pista de Esqueite do Cuca Jangurussu. Disponível: <https://www.facebook.com/Exageroroots/photos/a.869622793374535/869753543361460/?type=3&theater>.

Conjunto São Cristóvão, passando pela Bulevar 1, local onde acontece o Sarau da B1, até o Conjunto Palmeiras), dezenas de comércios e suas variedades no varejo e no atacado, farmácias, lanchonetes, restaurantes, caixas eletrônicos e igrejas. No encontro da Av. Presidente Costa e Silva e Av. Castelo de Castro acontecem tradicionalmente, aos sábados, uma das mais famosas e conhecidas Feiras de Rua da Cidade, a “Feira do São Cristóvão”<sup>62</sup>.

À semelhança do Cuca Barra do Ceará (SER I) e Mondubim (SER V), o anfiteatro do Cuca Jangurussu é uma extensão arquitetônica que compõe o complexo da política pública de juventude. Ou seja, ambos os CUCAs compõem em sua estrutura física um anfiteatro, sendo que apenas o do Cuca Mondubim está localizado dentro dos limites dos muros institucionais. Os anfiteatros do Cuca Barra do Ceará e Jangurussu são extensões administradas pelos mesmos, além de ser o espaço onde acontecem atividades que compõem a programação oficial da Política Pública de Juventude. Esses lugares servem como Praça frequentada e ocupada livremente pelos moradores dos respectivos bairros e comunidades<sup>63</sup>.

Entretanto, diferentemente dos outros dois equipamentos culturais, o anfiteatro do Cuca Jangurussu está cercado geograficamente por várias comunidades que compõem o Grande Jangurussu: Comunidade do Estrela, São Cristóvão, João Paulo II e um pouco mais à frente a Comunidade do Gereba<sup>64</sup>. Por ser um dos poucos espaços de encontros das juventudes, em sua maioria moradoras das proximidades, o anfiteatro do Cuca Jangurussu está situado entre a principal área comercial local e favelas no seu entorno. O espaço é marcado pelos encontros, conflitos e afetos de uma memória coletiva recente; um dos poucos espaços de encontros das juventudes que dividem afinidades e identidades: faixa etária, gosto musical, amizades, ocupação, paqueras ou lazer... Um espaço absolutamente outro.

Diferentes grupos de jovens não somente frequentavam e ocupavam o anfiteatro para conversar, namorar, jogar bola, ouvir música, beber, fumar, dançar e jogar xadrez, reinventando, desta maneira, usos e contra usos do próprio espaço (LEITE, 2002). O complexo cultural conta ainda com outros dois espaços externos além do anfiteatro: quadra esportiva de areia e a pista de *skate*.

Coexistindo naquele espaço de convivência e, por vezes, palco de apresentações artísticas promovidas pelo Cuca ou eventos autogeridos por moradores das comunidades no

---

<sup>62</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/ceara/videos/t/todos-os-videos/v/reportagem-mostra-curiosidades-da-feira-do-sao-cristovao/6888220/>> Acesso em ago.2018.

<sup>63</sup> Conforme Programa Integrado de Políticas Públicas de Juventude de Fortaleza, estes equipamentos se propõem a reunir, no mesmo espaço a realização de atividades de formação, além de promover encontro, convivência, sociabilidade e participação juvenil, que permitam novas formas de interação, realização e vivência de valores e comportamentos (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2010).

<sup>64</sup> Localização disponível em <<https://goo.gl/maps/9iRtnRyrXZK2>> Acesso em ago.2018.

entorno, como por exemplo, o baile de *reggae* de Rua Cuca *Roots*, que existiu de maneira autônoma durante pouco mais de um ano (novembro de 2015 a fevereiro de 2017) naquele mesmo espaço. O anfiteatro do Cuca Jangurussu e os acontecimentos lá produzidos foram significativos na composição de minha experiência pessoal e trajetória da pesquisa. Isto pode ser atestado em texto-poema por mim escrito abaixo:

O concreto também se dissolve  
 Nos abraços demorados  
 Na viagem sem malas prontas

No "corre do louco" empregatício [in] visível  
 O preço do sangue que escorre arquibancadas  
 Alimento pra cabeça mata a fome [só por hoje]  
 Talvez, quem sabe...

Ele pode ser a bela vista...  
 Pode ser o nascer e o pôr-do-sol:  
 a soma dos abraços esperançosos,  
 do racha improvisado em círculos.  
 Pode ser palco da noite ensolarada:  
 razão dos bailes autônomos.  
 "- Chega aê no rolezinho  
 ou no reggae pra dançar agarradinho."  
 Arena das resistências por vezes planejadas

Dos sorrisos espontâneos  
 Dos gestos aleatórios, [in] definidos em si  
 Da lágrima incontida e compartilhada  
 Das memórias feitas do concreto  
 dos afetos.

Jan [janelas] / gu [guris] / ru [rua] / ssu [suave]<sup>65</sup>.

O meu percurso de pesquisa e os motivos que me levaram a escrever com e a partir dos e das poetas da periferia passam pelas vivências pessoais, profissionais e acadêmicas, primeiramente no espaço institucional do anfiteatro do Cuca Jangurussu e, posteriormente, participando e acompanhando as suas práticas poéticas nos encontros-saraus.

Durante o primeiro semestre de 2017, o projeto de pesquisa que desenvolvi privilegiava o recorte etnográfico de jovens frequentadores e atendidos pelo Cuca Jangurussu, assim como as táticas de resistências desenvolvidas por eles em face à política pública municipal de juventude e a atuação da Polícia Militar e da Guarda Municipal Armada dentro e no entorno do equipamento cultural.

A ideia de pesquisar a Política Pública de Juventude, mais especificamente a partir

---

<sup>65</sup> Texto de minha autoria escrito e publicado no Facebook em 24 de jan. 2017 sob o título "Anfi-teatro Jangurussu", disponível em <[https://www.facebook.com/search/str/ANFI-TEATRO+JANGURUSSU/keywords\\_search?epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/str/ANFI-TEATRO+JANGURUSSU/keywords_search?epa=SEARCH_BOX)>, acesso em jan. de 2018. O poema se desdobrou em um texto maior sob o título "O espaço de Jangu" e foi publicado na Revista Berro, disponível em <<http://revistaberro.com/literatura/o-espaco-de-jangu/>> Acesso em jan. de 2018.

das abordagens policiais e da Guarda Municipal Armada no território circunscrito pela Política Cuca Jangurussu, surgiu a partir de experiências cotidianas na condição de Educador Social da Diretoria de Promoção dos Direitos Humanos do Cuca Jangurussu (SER VI), durante a época em que fui funcionário do equipamento. Mais precisamente, quando os educadores e as educadoras sociais passaram a desenvolver atividades periódicas com os jovens que ocupam o espaço do anfiteatro, área externa sob a gerência e administração do equipamento.

Ainda como Educador Social, em 2015, a partir dos vínculos já construídos, realizei, juntamente com outros Educadores e Educadoras Sociais, reuniões com os jovens para ouvir e construir um cronograma de atividades a realizar-se semanalmente naquele espaço. A proposta era, a partir dessas atividades sugeridas por eles, dar forma ao então embrionário *Observatório das Violações de Direitos das Juventudes de Fortaleza*. Atividades como “A Roda do Chá e do Café das Quatro e Vinte (16h20)”, conversas regadas a chá, café e biscoitos, sobre temas ligados à Saúde e Uso de Drogas, Redução de Danos e o Direito do Usuário, Abordagens Policiais e Cidadania; “Cine Cururu”, exibição de filmes e documentários proposto pelos próprios jovens; “Campeonato de Xadrez”, atividade autogestionada pelos jovens que ocupam o anfiteatro – lugar em que ocorrem todas as atividades citadas e um dos cenários de manifestações expressivas organizadas de maneira autônomas por jovens da região (*reggae* e *rolezinhos*) é também alvo de recorrentes abordagens da Polícia Militar e da Guarda Municipal Armada.

Estas experiências supracitadas, somadas a conversas e questionamentos com companheiros e companheiras na Pesquisa *Juventude negra no Nordeste do Brasil: violência, racismo institucional e proteção social*<sup>66</sup>, em que participei como pesquisador voluntário, além de leituras e discussões como aluno especial com colegas mestrands e mestrandas na disciplina *Tópico Especial III – Violências, (in) segurança pública e Sociedade do Controle*, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), me estimularam a escrever um projeto de pesquisa tendo como objetivo compreender como os jovens do Grande Jangurussu criam táticas de resistências em face à política pública municipal de juventude e à atuação da Polícia Militar e da Guarda Municipal Armada dentro e no entorno do equipamento cultural.

---

<sup>66</sup> Projeto aprovado e financiado pelo Edital CNPq/MS/SCTIE/DECIT/SGEP/DAGEP n.º 21/2014 com vigência de 01/12/2014 a 01/12/2016, no âmbito das atividades de produção científica do Programa Integrado de Pesquisa e Cooperação Técnica em Comunidade, Família e Saúde: Contextos, trajetórias e políticas públicas – FASA do Instituto de Saúde Coletiva - Universidade Federal da Bahia.

Entretanto, estas e outras inquietações no campo levaram-me, após ser convidado a participar de uma edição do Sarau da B1, em julho de 2017, a um deslocamento epistemológico para pensar as práticas dos e das poetas que inventaram de maneira autônoma e horizontal aquela zona existencial e que reivindicam para si o direito a ter direito, a possibilidade de uma existência criadora e a denúncia das lógicas de controle, punição e dominação.

Passei, portanto, a privilegiar a experiência etnográfica da atual produção cultural dos/das poetas da periferia da Cidade e as tessituras criativas em movimento, “mundanidade” mais que novas formas de “sociabilidades”, relações de poder e conflitualidades (GLISSANT, 2011; DELEUZE & GUATTARI, 2012; SIMMEL, 1983; 2006) que me ofereceram algumas pistas de contínuas interpretações que serviam para mostrar como as práticas-poéticas juvenis criam formas de resistência e re-existências: a poesia como arma pela sobrevivência (direito de existir ou direito de ter direitos) por meio da autoafirmação, da fuga, da renda e da subversão. São “linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas” (INGOLD, 2012, p. 27) por poetas que afetam e são “afetados” (FAVRET-SAADA, 2005).

A experiência proporcionada pela minha *relação* com as multiplicidades vivas e criadoras naquele espaço heterotópico do anfiteatro, os afetos construídos com os diferentes grupos que se encontravam naquele espaço e, posteriormente, o “pensamento da errância” que é também o “pensamento do relativo”, me levaram a substituir, mas também a relatar esta errância com e a partir das práticas poéticas dos poetas engendradas nos espaços-saraus de Fortaleza e, em particular, o Sarau da B1 no Grande Jangurussu.

Segundo Glissant (2011), esta “poética da Relação” é a imagem do rizoma semelhante a uma “raiz desmultiplicada, que se estende em rede pela terra ou no ar, sem que nenhuma origem intervenha como predador irremediável” e que “segundo a qual toda identidade se prolonga numa relação com o Outro” (p. 21) abrindo possibilidades de uma escrita poética e política da cultura (CLIFFORD e MARCUS, 2016). Portanto, durante este trabalho, teço algumas menções a experiências vivenciadas “aqui” e “ali” conforme as práticas de re-existências poéticas dos Poetas que fazem e frequentam o Sarau da B1.

[...] reconhecer as dimensões poéticas da etnografia não exige que se desista dos fatos e dos relatos precisos em favor do jogo supostamente livre da poesia. A “poesia” não se limita ao subjetivismo romântico ou moderno: ela pode ser histórica, precisa e objetiva. E, evidentemente, ela é tão determinada, convencional e institucionalmente, quanto a “prosa”. A etnografia é uma atividade textual híbrida: ela atravessa os gêneros e as disciplinas. (CLIFFORD, 2016, p. 60-61)

Por caracterizar-se pela abordagem *qualitativa e bibliográfica*, esta pesquisa é uma escrita etnográfica das práticas de re-existências poéticas que se revelou no *caminho* um “processo de diálogo em que os interlocutores negociam ativamente uma visão compartilhada” (CLIFFORD, 2014, p. 42). Por esta razão, os critérios adotados nesta negociação permanente me possibilitaram a escolha dos principais colaboradores desta pesquisa. Em outras palavras, “a partir de uma posição em movimento, que já se situa dentro ou embaixo em meio às coisas, olhando e sendo olhado, dirigindo-se aos outros e sendo abordado por eles” (PRATT, 2016, p. 69).

“Ser Poeta” foi o principal critério de escolha que adotei para realização de entrevistas etnográficas. Ou seja, escrever e ou recitar poesias nos encontros-saraus ou nos “busão”. Outros critérios também foram adotados: participar dos encontros-saraus, ser um dos organizadores do Sarau da B1, ser morador ou moradora de uma das periferias de Fortaleza.

Os encontros-saraus na B1 renderam muitas notas e diários de campo como instrumentos de consulta e memória das experiências para a escrita etnográfica, já as onze entrevistas etnográficas foram feitas em diferentes ocasiões e lugares com poetas em sua maioria jovens (entre 18 e 30 anos)<sup>67</sup>: com a poeta de busão Chris Rodrigues (26 anos), por exemplo, aproveitei a sua única visita ao Sarau da B1 durante todo o ano de 2018. No caso dos organizadores do Sarau da B1 Samuel Denker (30 anos) e Nina Rizzi, assim como com a poeta de busão Gabriele Gaia (20 anos) e com o poeta e escritor Talles Azigon (29 anos), as entrevistas aconteceram em suas respectivas residências, Samuel e Nina, no Bairro Benfica (SER IV), Gabriele Gaia, no Bairro Serrinha, na casa de uma amiga dela e Talles Azigon em um final de tarde em sua casa-biblioteca-comunitária no Bairro Curió. Algumas entrevistas aconteceram em lugares-encontros combinados, como foi com a poeta e estudante Patrícia Alves (19 anos), no bosque da Universidade Estadual do Ceará (UECE), com direito a voltarmos de *bike* juntos para o nosso bairro em comum, Planalto Ayrton Senna (SER V); entre encontros e desencontros aconteceu a entrevista com o poeta de busão Jardson Remido (24 anos), no Cuca Jangurussu (SER VI); durante uma visita ao Centro Cultural do Grande Bom Jardim (CCGBJ), situado no Bom Jardim (SER V), encontrei-me com o poeta de busão Jr. Scooby (23 anos), na ocasião em que tive a oportunidade de entrevistá-lo; durante uma tarde inteira, na sede do Coletivo BonjaRoots, no Bom Jardim, entrevistei Andressa Bernardo (18 anos), uma das secundaristas que ocupou as escolas em 2016; em um final de tarde na

---

<sup>67</sup> Segundo o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013), capítulo 1, art. 1º inciso 1º “são consideradas jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade. (BRASIL, 2013, p. 9)

Praça da Gentilândia (Benfica), tive a oportunidade de entrevistar o artista de rua e poeta de ônibus Victor Oliveira (18 anos), horas antes de um curso organizado pelo Pequeno Nazareno<sup>68</sup> que ele e outros artistas de rua da Cidade estavam participando na Universidade Federal do Ceará (UFC) e, por fim, em uma noite chuvosa, encontrei-me com o poeta e um dos organizadores do Sarau da B1 Carlos Melo (29 anos), no *Shopping* Benfica (SER IV). As entrevistas etnográficas aconteceram não somente em espaços-saraus, mas em diferentes lugares da Cidade.

As práticas de re-existências poéticas dos e das poetas, por si só, afetaram-me como pesquisador a ponto de eu “me deixar afetar pelas mesmas forças que afetam os demais” (GOLDMAN, 2005, p. 150) e, assim, outro tipo de *relação* passou a ser estabelecida no campo. A experiência etnográfica desenvolvida com os e as poetas, na proposta pensada por James Clifford (2014, 2016), partiu de uma crítica à “autoridade etnográfica” e buscou privilegiar verdades parciais ou, nas palavras de Glissant (2011, p. 182), exercício do “direito ao pensamento opaco”, que evita as “vias unívocas” e “verdades absolutas”, uma condição que exige “uma dimensão central do trabalho de campo (a modalidade de ser afetado)”, conforme Favret-Saada (2005), ou seja, ao ser afetado, pude ter experiências similares aos/às demais Poetas e frequentadores do Sarau da B1.

Como de costume, mensalmente o Sarau da B1 homenageia uma pessoa *viva*, um coletivo ou ação política que de alguma forma beneficie as favelas e periferias – seja por meio da arte, da representatividade ou das ações desenvolvidas nos territórios. Na 33ª edição, em agosto de 2018, para a minha feliz surpresa, eu fui um dos homenageados<sup>69</sup>.

Ser homenageado em um sarau de periferia é ser reconhecido por um corpo-coletivo. Homenagear os *vivos* representa romper duplamente com a *banalidade do genocídio cotidiano e histórico* e com a *normalização da invisibilidade e do silenciamento* em contextos em que determinada vida não é passível de comoção social. Para o contexto local é ainda sinônimo de “consideração”, festa e admiração que parte da representatividade de um corpo-político.

---

<sup>68</sup> Organização da Sociedade Civil (OSC), sem fins lucrativos, fundada em 1993, que de acordo com seu site, é referência nacional no atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua, suas famílias e comunidades, em Fortaleza, Recife e Manaus. Buscamos dignidade e justiça para a infância, sensibilizando a sociedade contra toda forma de preconceito e discriminação e incidindo para que o poder público elabore e efetive políticas que atendam com eficácia as necessidades desta população. Disponível: <<http://opequenonazareno.com.br/>> Acesso em jan. 2019.

<sup>69</sup> Disponível:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1680324715399930&set=g.765118726926508&type=1&theater&ifg=1> Acesso em dez. 2018.

Ao discutir a emergência de um debate relativo à produção político-epistemológica sobre a escrita e a representação da alteridade, na esteira de filósofos desconstrutivistas como Deleuze e Foucault e os autores fundantes dos estudos pós-coloniais, como Edward Said e Paulin Hountondji, James Clifford (2014) situa a necessidade de pensar criticamente as *relações* de poder imbricadas na representação científica do “Outro”:

Tais estudos sugerem que, se a escrita etnográfica não pode escapar inteiramente do uso reducionista de dicotomias e essências, ela pode ao menos lutar conscientemente para evitar representar “outros” abstratos e a-históricos. É mais do que nunca crucial para os diferentes povos formar imagens complexas e concretas uns dos outros, assim como das relações de poder e de conhecimento que os conectam; mas nenhum método científico soberano ou instância ética pode garantir a verdade de tais imagens. Elas são elaboradas - a crítica dos modos de representação colonial pelo menos demonstrou bem isso - a partir das relações históricas específicas de dominação e diálogo. (CLIFFORD, 2014, p. 19)

A proposta de Clifford é baseada na noção de que a escrita etnográfica não pode ser considerada como uma declaração legítima ou a interpretação de uma realidade abstraída e textualizada, mas como uma linguagem em que a experiência será interpretada a partir de um *diálogo consciente e negociável* entre dois ou mais.

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois - e muitas vezes mais - sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogos e polifonia. (idem, p. 40)

A poética da relação tecida no próprio exercício da escrita etnográfica me dizia como caminhar, não somente apontava-me os conflitos, as contradições, as disputas e as relações de poder ali imbricadas nos coletivos que compõem a Rede de Saraus e os respectivos Poetas, assim como as permanentes negociações e falhas em campo que enfrentei, mas também me permitiu ser “bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis” (FAVRET-SAADA, 2005), possibilitando novas questões.

### 3 POETAS DE LUGAR NENHUM

“Não existe remédio para o irremediável  
 Não existe justiça para o injustiçado  
 Não existe sustento para o insustentável  
 Não existe ordem para os ordenados  
 Não existe progresso para os menos afortunados  
 Por conta destes contrastes, eu resolvi me resolver.  
 Agora quero ser livre, livre de mim, livre deles, livre de você.  
 Não permito mais que podem a minha poética  
 Que policiem meus escritos  
 Que aprisionem meus versos  
 Que controlem minhas rimas  
 Não aceito mais que segurem em meu pulso na hora da inspiração.  
 Que segurem em meu pulso na hora da inspiração.  
 Quero ter a liberdade das folhas caídas de uma árvore.  
 Quero ser levado pelo vento,  
 Jogado ao léu!  
 Sendo eu livre que sou.  
 Dispensio muros, bandeiras, fronteiras, trincheiras  
 Não defenderei nada,  
 escutem bem,  
 eu não defenderei nada, a não ser minha liberdade.  
 Seguindo apenas o círculo inevitável da vida.  
 Eu não sou seu,  
 não sou deles,  
 não sou sequer nosso.  
 Eu sou livre...  
 Eu sou poeta de lugar nenhum.

(Jair Xavier, poeta de lugar nenhum, 2016)<sup>70</sup>

O poema de Jair Xavier, idealizador da designação “Poetas de Lugar Nenhum”, é um dos mais de cinquenta poemas que compõem a primeira edição do livro “Sarau da B1: com os Poetas de Lugar Nenhum”, uma antologia de 29 poetas periféricos lançado em 20 de agosto de 2016, em comemoração a um ano de existência do Sarau da B1. Vendido a preço de custo, os autores e organizadores do livro se empenharam em escoar toda a tiragem em lugares como bibliotecas públicas, outros saraus existentes pela Cidade e, principalmente, em algumas escolas e instituições que têm como públicos prioritários crianças, adolescentes e jovens.

No primeiro prefácio do livro, Jair Xavier narra que foi em uma “noite qualquer” no Conjunto São Cristóvão, do Grande Jangurussu, em meados de 2010, que se viu sobressaltado e ansioso para encontrar Samuel Denker, Aglailson Di Almeida e Hit Ty, recitar

<sup>70</sup> DENKER, 2016, p. 19.

e ouvir poemas autorais “em meio a tragos, doses e cuspidas”, e outros autores favoritos que também faziam parte do repertório dos quatro jovens, a exemplo de Augusto dos Anjos e Fernando Pessoa.

Foi durante encontros como esses, que aconteciam geralmente no “primeiro bar que tivesse aberto (normalmente era o Bar do Seu Valdir, na Avenida A)”, que surgiu a ideia de fazer um sarau com dois principais propósitos: “encontrar mais poetas assim como nós” e “muita vontade” de mostrar os escritos autorais.

Em um momento eu falei: - Somos um bando de poetas que ninguém conhece, poetas que ninguém vê, escrevendo poesias que ninguém quer. Nossas poesias nem são consideradas poesias, somos como poetas de lugar nenhum. E essa é a lembrança mais antiga que tenho dos Poetas de Lugar Nenhum, que hoje tem mais ou menos aceitação, que hoje tem um pessoal interessado, tem poetas e muita poesia, que hoje tem seu lugar, para chamar de lar-espço: O Sarau da B1. (DENKER, 2016, p. 10)

A poética encontrada na expressão “Poetas de Lugar Nenhum”, foco deste capítulo, anuncia pelo menos uma dupla e ambígua relação: a existência historicamente invisibilizada e, principalmente, uma vida movida pela criação de outra forma de existência. Neste sentido, objetivo discutir como os encontros-saraus se organizam como *ação coletiva* e como os *afetos* contribuem para a possibilidade do *direito de aparecer*.

Somente em novembro de 2015, após cinco anos parados, os “poetas de lugar nenhum” retomam a ideia de realizar um sarau na periferia, desta vez em um *lugar aberto*. Denker relata a adesão de moradores, pessoas de diferentes faixas de idade que passaram a frequentar o lugar e como o sarau pode afetar aqueles e aquelas que simplesmente transitam pela avenida durante o evento:

Aí conversei com a galera e fizemos a mesma coisa que fizemos há dez anos atrás: chamamos todo mundo e num sei o quê... e eu acho que por ser... agora a ideia era ser numa praça, não num canto fechado igual era lá na Associação, as pessoas chegaram mais... por ser um lugar aberto e tal, comunidade passando de um lado para o outro. É numa avenida relativamente movimentada lá no São Cristóvão, porque tem os botecos que funcionam a noite, tem as igrejas e a galera vai passando e tal aí dá um tempinho ali, um minuto que ele para ali eu acho que já guarda alguma coisa, mano! E foi assim: a gente começou lá na pracinha. E começou. O pessoal começou a aderir, a galera, a comunidade, os corôa já colocavam as cadeiras lá, as crianças começaram a se aproximar também do sarau. Tem um pivete lá de nove anos que, vixe, que fala umas poesias da hora, mano! E começou com o sarau. Ele despertou nele o poder da poesia, o amor pela poesia no Sarau da B1 e é fascinante ele tá fazendo o movimento, fazer parte do movimento, somando... muito! (Samuel Denker, entrevista, 16 de janeiro de 2018)

Para Denker, a poesia escrita e declamada pelos poetas da periferia tem cheiro, cor

e carrega consigo histórias de vida e sentimentos: “Cara, eu percebo, na periferia quem escreve parece que o sangue está jorrando ali e você sente o cheiro dentro da poesia, da lama, do esgoto e tem muito sentimento, cara. Quem faz poesia na periferia e pra periferia, cara, é fascinante”, finaliza.

A maioria dos e das poetas são moradores das margens da Cidade, outros vieram da Região Metropolitana. São eles que tecem e reinventam práticas de re-existências e resistências para existir. Trata-se de sujeitos moradores de favelas e periferias que se auto-organizam pelos “becos” da existência, isto é, seguindo Agier (2015) em “espaços precários”, seja por meio de eventos como bailes de *reggae*, rolezinhos<sup>71</sup>, coletivos de fotografia e audiovisual marginais, batalhas de *MCs* ou por meio de *Saraus*.

Estes encontros-saraus são mediados pela poesia e literatura e acontecem nesses “espaços precários”, espaços divididos em compartimentos de alvenaria ou de madeirite reaproveitado, bairros em autoconstrução ou de sobrevida. Isto é, são espaços que “envolve a delimitação de linhas e de fronteiras internas sumarizadas por barracas e esquadras” e que combina “disciplina, biopolítica e necropolítica” (MBEMBE, 2017a, p. 131, 132). Conforme Agier (op. cit.), ao apresentar exemplos de “espaços precários”, a favela *possui* características peculiares.

[...] espaços inicialmente criados por migrantes em busca de um lugar autoestabelecido às margens da cidade e que permitiram uma ancoragem urbana original: por meio de conflitos locais, novos deslocamentos intraurbanos e reinstalações, uma estabilidade é feita sobre os limiares da grande cidade. É um processo urbano que se encontra na história popular do Brasil. Depois da implantação de abrigos nas *faveleiros*, ou *favelas* (origem do nome das construções de periferia no Brasil), no limite exterior do perímetro urbano, teve lugar sua transformação *in loco*, depois em barrocos, paralelamente vindo uma densificação do *habitat* e uma complexificação do urbanismo dos lugares (ruas, escadas, sobreposições das habitações). Enfim, assiste-se à construção com material permanente, eventualmente com andares, o que se torna então casas e pequenos imóveis. Além disso, os combates políticos dos *favelados* no Brasil permitiram que, em paralelo, uma terceira evolução se fizesse e consolidasse as duas primeiras, arquitetural e urbana: uma consolidação político-administrativa graças ao reconhecimento do mundo social povoando e habitando a favela, a qual acede finalmente ao *status* de “bairro” com a chave, a oficialização do acesso às redes técnicas da cidade (água, eletricidade, rede de esgotos, coleta de lixo, transporte) e ao reconhecimento político municipal, até mesmo *in fine* à entrega dos títulos de propriedade urbana para os ocupantes. (AGIER, 2015, p. 40-41 - grifos do autor)

O Sarau da B1, por exemplo, acontece no Conjunto São Cristóvão, centro

<sup>71</sup> Rolezinho (diminutivo de rolê ou rolé, gíria brasileira, significa "fazer um pequeno passeio com um grupo de amigos" ou "dar uma volta") é um neologismo para definir um tipo de *flash mob* ou coordenação de encontros simultâneos de centenas de pessoas em locais como praças, parques públicos e *shopping centers*. Os rolezinhos nas periferias e favelas de Fortaleza (CE), por exemplo, têm no *funk* a principal atração dos adolescentes e jovens frequentadores.

comercial do Jangurussu. As ruas e avenidas ligadas à Avenida Castelo de Castro com seus prolongamentos (becos e vielas) contrastam quanto ao quesito iluminação, moradia e saneamento básico, conforme aspecto heterogêneo do bairro brevemente já descrito na introdução desta dissertação.

Historicamente, o bairro, à semelhança dos demais territórios que compõem as periferias de Fortaleza, concentra localidades que são alvos constantes dos programas televisivos de reportagem policial que difundem e reforçam no imaginário coletivo, a ideia de “lugar perigoso” (FREITAS & CAVALCANTE, 2017; PAIVA, 2007).

Entretanto, segundo Matias (2017), espaços similares ao Conjunto Palmeiras e Grande Jangurussu podem ser vistos como quilombos urbanos - não como espaços fechados -, mas como lugares marcados por *práticas cotidianas de resistências*; a atuação de movimentos populares ou comunitários, atividades de autogestão ou mobilizações de moradores que reivindicam melhores condições de *sobrevivência* com o uso de abaixo-assinados e organização comunitária para a consecução de serviços básicos, como educação, saúde, trabalho, saneamento, segurança, esporte, cultura e lazer.

No final da década de 1970, conforme Cavalcante (2011), o lugar atualmente conhecido como Gereba (assentamento vizinho ao São Cristóvão, separado pela Avenida Presidente Costa e Silva, também conhecida como “Perimetral”) era foco de atuação de inúmeros catadores de material reciclável que buscavam garantir o sustento de suas famílias no aterro sanitário do Jangurussu. Este aterro começou a funcionar no ano de 1978 e esteve em atuação até 1986; em seguida, tornou-se um “Lixão” por mais doze anos: “[...] recebendo uma média de 3.300 toneladas de lixo por dia” (p. 59).

Há décadas, este território havia sido ocupado por migrantes vindos do interior do Estado; em sua maioria fugidos da seca ou desempregados. A região também foi destino de remanejamento de habitantes provocado por projetos governamentais. Isto significa que uma parte da população de determinadas áreas da Cidade foi evacuada em atenção a interesses definidos em termos de “planejamento urbano”. Como consequência dessa ocupação crescente em torno do lixo, surgiu uma espécie de segregação socioespacial desta região de Fortaleza. Estima-se que o aterro chegou a atingir quarenta metros de altura com resíduos sólidos, ocasionando sérios problemas de saúde aos moradores, além de problemas socioambientais.<sup>72</sup> Trabalhavam no aterro em média 1.500 catadores, entre adultos, crianças,

---

<sup>72</sup> Fortaleza em fotos. Disponível em <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2016/04/conjunto-palmeiras.html>> Acesso em 15 de maio de 2017, às 15h55min.

adolescentes e jovens que sobreviveram na linha da miséria<sup>73</sup>. Em face desta realidade, nasceu a Associação dos Catadores e Catadoras do Jangurussu - ASCAJAN<sup>74</sup>.

**Figura 11 - Vista aérea do Grande Jangurussu**



Fonte: Google Maps

Em dezembro de 2017, ao fazer uma visita à Comunidade do Gereba, o poeta Carlos Melo em reunião com moradores locais idealizou o “Gereba Cultural”: um dia inteiro de ação cultural com atividades, oficinas, rodas de conversas com mães e crianças da localidade. Inicialmente, via *Facebook*, Carlos Melo compartilhou a experiência que viveu ao conhecer a comunidade e propôs ainda a criação de uma Biblioteca Comunitária no espaço.

Hoje estive na comunidade do Gereba junto com alguns amigos e alguns moradores da comunidade, uma comunidade que fica no grande Jangurussu. comunidade que vem sofrendo diversas questões que nós moradores de periferia conhecemos bem. Hoje foi a segunda vez que estive na comunidade e algo me cativou muito, o amor, o cuidado e a sinceridade que recebi nas duas vezes que estive lá. [...] Pensamos em organizar uma ação artístico-cultural na comunidade e marcamos uma reunião para construirmos essa ação junto com os moradores. [...] A ação cultural vai consistir em um dia de imersão artístico-cultural com os moradores da comunidade, a ideia é que comece por volta das 10:00 e vá até às 17:30 encerrando com um Sarau. A ideia é que durante o dia tenhamos diversos tipos de oficinas tanto para as crianças quanto para as mães, nesse sentido venho pedir a ajuda e o apoio de todos que possam

<sup>73</sup> As informações sobre a história do bairro baseiam-se na seguinte fonte: *Projeto “Jangurussu, reciclando a vida”*: uma análise sócio-ambiental na visão do catador. Disponível em <[http://web-resol.org/textos/20080212\\_092159\\_meio-029.pdf](http://web-resol.org/textos/20080212_092159_meio-029.pdf)> Acesso em 10 de junho de 2017, às 19h12.

<sup>74</sup> Associação dos Catadores e Catadoras do Jangurussu. Disponível em <[https://www.facebook.com/Ascajan-Fortaleza-1597743313828007/?hc\\_ref=SEARCH](https://www.facebook.com/Ascajan-Fortaleza-1597743313828007/?hc_ref=SEARCH)> Acesso em 10 de junho de 2017, às 19h48.

contribuir com alguma oficina e que também possa se apresentar no Sarau. (Carlos Melo, 11 de dezembro de 2017, *Facebook*)<sup>75</sup>

Organizado pela Rede de Saraus do Ceará e Associação de Moradores do Gereba, o primeiro “Gereba Cultural” aconteceu no sábado do dia 13 de janeiro de 2018 e foi um dia inteiro com diversas atividades culturais para e com os moradores, com a inauguração da primeira Biblioteca Comunitária do Gereba. Educadores e educadoras sociais, pesquisadores e pesquisadoras, integrantes de coletivos, artistas de rua, organizadores de saraus, poetas, escritores e escritoras e arte-educadores e arte-educadoras de diferentes bairros da Cidade realizaram atividades no evento. Uma articulação entre bibliotecas comunitárias, a exemplo a Biblioteca Comunitária Papoco de Idéias<sup>76</sup>, somada aos coletivos de juventudes e saraus que realizaram campanha de arrecadação de livros, brinquedos e jogos de tabuleiro.

Uma das atividades também prevista na programação foi a leitura de cordéis pelo arte-educador Parahyba de Medeiros. Os cordéis lidos por Parahyba naquela tarde foram resultados de uma criação coletiva com os próprios moradores da comunidade. Um, em particular, chamou maior atenção dos ouvintes. A história em cordel feita em 2004 e intitulada “O Lobisomem do Jangurussu” que se transformou, inclusive, em um dos *single* da banda local Caixeiros Viajantes<sup>77</sup>.

*Eu vou tirar uma história  
Lá do fundo do baú  
A cidade é Fortaleza  
O bairro é Jangurussu  
É no rumo de quem vai  
Lá pra Maracanaú*

*Fortaleza toda sabe  
É ali que se joga o lixo  
Mas de uns tempos pra cá  
Aumentou o reboiço  
Porque no Jangurussu  
O povo tá vendo um bicho*

<sup>75</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10214992913722004&set=a.10200965550886700&type=3&theater>> Acesso em mai. 2018.

<sup>76</sup> Página no facebook disponível em <<https://www.facebook.com/Bibliotecacomunitariapapocodeideias/>> Acesso mai.2018.

<sup>77</sup> Com o objetivo de produção da musical autoral, a banda Caixeiros Viajantes, formada em 2015 no Bairro Grande Jangurussu na cidade Fortaleza - Ceará, busca expressar os ideais de liberdades individuais e justiça social. Tudo isso conectado com um estilo e sonoridade particular caracterizada pela pluralidade rítmica tradicional nordestina e a autenticidade do rock: <<http://tnb.art.br/rede/caixeirosviajantes>> Acesso em maio.2018.

*É um bicho diferente  
Não é boi nem urubu  
Raposa também não é  
Nem cobra nem cururu  
O bicho é um lobisomem  
Terror do Jangurussu*

*Há uns vinte anos atrás  
Quando ali só era mato  
Só tinha a rampa do lixo  
Uns quatro ou cinco barracos  
E uma casa abandonada  
Toda cheia de buracos*

*Ali não passava ônibus  
Só bicicleta ou carroça  
Pra ter uma inundação  
Bastava uma chuva grossa  
Empurrado pela fome  
Vem o povo e se apossa*

*Veio gente do São Cristóvão  
Do João Paulo e do Barroso  
Boa Vista, Sumaré  
Mulher com filho e esposo  
O lixão dá o sustento  
Mas é sujo e perigoso*

*Tem muito caco de vidro  
Prego, veneno e arame  
É um trabalho arriscado  
Só pra não morrer de fome  
E o perigo de morrer  
Na boca do lobisomem?*

*Ele é um cachorro grande  
Com as unhas de felino  
Olhos grandes e vermelhos  
De instinto assassino  
Foi visto por uma avó  
Uma mãe e um menino*

*Voltavam lá do Barroso  
No meio da escuridão  
Avistaram um vulto preto  
Ali perto do Lixão  
A avó teve um infarto  
Que foi parar no Frotão*

*Outra noite o lobisomem  
Atacou mais um casal  
O rapaz muito ligeiro  
Lhe feriu com um punhal  
Com a goela sangrando  
Socou-se no matagal*

*O povo saiu atrás  
Na manhã do outro dia  
Encontraram o lobisomem  
Sem sangue e dando agonia  
Quem viu a cara do bicho  
Disse que era um vigia*

*Quiseram prender o bicho  
Mas ele não deu bobeira  
Assim que avistou um prego  
De prata numa baladeira  
Sumiu por detrás da rampa  
Meteu o pé na carreira*

*Na casa da rezadeira  
À meia-noite ele volta  
Fica grunindo lá fora  
Azunhando a sua porta  
Ela reza na ferida  
Mas ele não se comporta*

*Tenta atacar a velha  
Mas ela já tava pronta  
Levanta a mão para o alto  
Com um anel de cinco pontas  
Do berro que o bicho deu  
Jorrou sangue da garganta*

*Mais uma vez escapou  
Foi bater na Pacatuba  
Chamaram lá um velhinho  
Lá do sítio Timbaúba  
O velho falou e disse:  
Se eu não derrubar o bicho  
Ninguém no mundo derruba*

*O velho chamou seu neto  
Que é lá do Jangurussu  
Foi o mesmo que apontou  
O prego pro Belzebu  
Um atalhou pelo norte  
E o outro foi pelo sul*

*Ouviram à meia-noite  
Um uivo que o chão tremeu  
Foram tomando chegada  
Quando o bicho apareceu  
Atacou logo o menino  
Mas o velho se meteu*

*Mirou, puxou o gatilho  
Da espingarda amarela  
Que o coração do bicho  
Saiu fora da titela  
Mas a fera abocanhou  
O velho pela canela*

*O menino se soltou  
Seu avô ficou na briga  
Gritou pro neto – depressa!  
Tá vendo aquela camisa?  
Desavesse e solte os nós  
Que o lobisomem desvira*

*O menino desatou  
A camisa do cachorro  
Que voltou à forma humana  
E ainda pediu socorro  
Mas deu o último suspiro  
E o céu deu um estouro*

*Quem quiser ver a verdade  
Pode ir lá que tem a cova  
Tudo voltou ao normal  
E aqui se acaba essa história  
Hoje no Jangurussu  
Ninguém mais se apavora*

*Mesmo com toda a pobreza  
É uma comunidade  
A usina de reciclagem  
É sinal de modernagem  
Ainda tem muitos problemas  
Mas ninguém vê mais visagem*

*Só o neto do caçador  
Por estar muito febril  
Saindo para comprar  
Remédio num mercantil  
Viu um cachorro dourado  
Deu psiu, mas o danado  
Da sua vista sumiu!!!...*

Além da leitura de cordéis, as mães e crianças puderam participar de oficina de boneca Abayomi, contação de história, zumba, oficina de maquiagem, oficina de xadrez, malabares, além de um sarau. Na ocasião, Samuel Denker e eu ficamos responsáveis pela produção de *zines*<sup>78</sup> com as crianças.

Sentamos no chão, espalhamos algumas zines, papel, caneta, lápis de cor, giz de cera e canetas para chamar atenção das crianças e jovens que queriam participar da atividade. A ideia era ser “tema livre”, entretanto, durante a feitura das páginas falamos sobre o que gostaríamos de mudar no lugar em que moramos e o que era bonito no Gereba: “A vista daqui de cima é linda! Dá pra ver o mundo todim daqui”, “O meu cabelo é lindo!”, “Tio, eu não sei o que é bonito aqui...” Falaram quase que ao mesmo tempo.

Alex, uma das crianças que estava participando, disse que não queria pintar e que preferia escrever de caneta, “a tia da escola disse que eu já sei escrever de verdade, por isso não uso mais lápis”, disse, orgulhoso de si mesmo (embora estivesse o tempo todo com dois gizes de cera na mão). Alex perguntou quando voltaríamos e disse que o cheiro do giz de cera era bom. Sorri para Alex e ao mesmo tempo fiquei pensativo sobre o que ele tinha acabado de me dizer: sobre voltarmos lá um dia e sobre o cheiro de giz de cera...

Ao lado de onde estavam acontecendo as oficinas, vários homens trabalhavam na separação e transporte de materiais recicláveis. Como o local que estávamos tinha uma porta lateral que dava diretamente para a rua onde os catadores se encontravam, fiquei preocupado e com medo que acontecesse algum acidente com as crianças que corriam entrando e saindo por aquela porta. Algumas crianças pintaram em papéis em branco e nas próprias capas das zines que eu havia levado, outras recortaram e colaram imagens de revistas velhas, duas meninas fizeram suas páginas, mas não me entregaram, pois queriam levar e mostrar pra mãe delas. Alex, por sua vez, como havia dito, escreveu. Queria mostrar para todos ali. Com o dedo correndo pela página, lia pra mim: “Gereba cuturau muita alegria i cofiansa paz i amor. I e muito legal mora aqui”.

A produção de zines acabou com a mesma intensidade que iniciou; chegando muitas crianças ao mesmo tempo. A matriz de uma zine coletiva contendo vinte páginas nasceu naquela manhã e foi distribuída em menos de um mês após a *xerox*<sup>79</sup>. Os poetas Ulisses Maia e Daniel Lima logo em seguida começaram uma oficina de “Poesia Periférica”

---

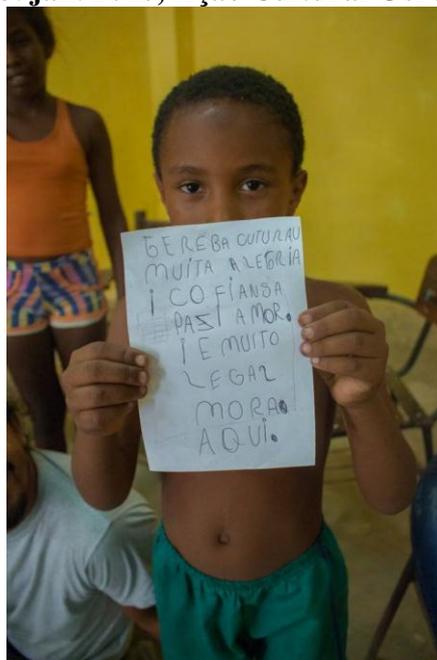
<sup>78</sup> As fanzines ou zines são pequenas publicações impressas híbridas, geralmente fotocopiadas. Algumas misturam fotografias, poemas e outros textos autorais e, alguns, carregam stêncil em suas capas. Elas podem ser feitas individualmente ou em coletivo, pode ser trocada, vendida ou distribuída (conf. MEIRELES, 2008; MUNIZ, 2010).

<sup>79</sup> Fotocopiadora preto/branco.

e, enquanto isso, a mãe de Alex e algumas mulheres da comunidade estavam participando da oficina de maquiagem. A ação cultural durou o dia inteiro, nela circularam muitas pessoas de diferentes lugares da Cidade. À noite, a programação encerrou com apresentações culturais da peça “Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negroiro”, do grupo Nóis de Teatro<sup>80</sup> e apresentação musical da banda Caixeiros Viajantes<sup>81</sup>.

Altemar Di Monteiro (2018, p. 22 - grifo do autor), um dos integrantes do Nóis de Teatro, em sua escrita-relato-cartográfico dos caminhares periféricos, afirma que existe um desejo de uma narrativa “entretecida pela figura de um poeta que conduzisse a trama a partir de seu olhar embriagado e, ao reconhecer potência no *precário* e no que é visto como *lixo*, erguesse denúncia social a partir da sua visão desviante”. Durante o dia inteiro alguns poetas, artistas, integrantes de coletivos e moradores de diferentes bairros não somente reconheceram a precariedade daquele espaço, mas, conforme Di Monteiro (2018), refletiram sobre todas estas violações de direitos com as próprias pessoas que participaram direta ou indiretamente da programação da ação cultural.

**Foto 7 - Alex, 13. jan. 2018, Ação Cultural Gereba - Jangurussu**



Fonte: TA - Tentalize<sup>82</sup>

<sup>80</sup> O Nois de Teatro existe há 15 anos desenvolvendo, dentre outras atividades, um trabalho continuado em pesquisa teatral na periferia de Fortaleza. Residente no Grande Bom Jardim, o trabalho do Nois de Teatro é uma das principais referências nacionais de trabalho cultural em área de periferia: <<http://noisdeteatro.blogspot.com/>> Acesso em maio. 2018.

<sup>81</sup> Gereba Cultural – Tentalize (TA), disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=915gwFCa0fs> Acesso em dez. 2018.

<sup>82</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/tentalizadores/photos/a.788739481324151/788740784657354/?type=3&theater>> Acesso em mai. 2018.

Conforme o Atlas dos Assentamentos Precários<sup>83</sup>, o Grande Jangurussu é um dos bairros de Fortaleza que mais possui áreas de risco. São ocupações fragmentadas por processos de biopolítica (FOUCAULT, 2010; 2013a), tanatopolítica (AGAMBEN, 2004, 2010, 2015) e Necropolítica. Conforme Mbembe (2017a, p. 152), necropoder são “formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte”, isto é, o poder e a capacidade de determinar quem pode viver e quem deve morrer nos cálculos estruturais e estruturantes nos lugares “periféricos” e, principalmente, nas “inscrições” nos corpos estigmatizados: o corpo é o lugar central de dominação. Neste sentido, localidades semelhantes ao Jangurussu podem ser vistas como um “aparente não-lugar” (MBEMBE, 2014b, p. 30); favelas e comunidades indígenas são a extensão e, por vezes, a desterritorialização destes “não-sujeitos” habitantes de “não-lugares”.

A cidade do povo colonizado [...] é um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação. Lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaço; os homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada, com uma cidade sobre seus joelhos. (FANON, 1968, p. 37-39)

Segundo analisa Fanon acima, a colônia é, portanto, resultado de uma continuada conquista militar, reforçada por uma administração civil e policial. Em fevereiro de 2018, por exemplo, foi instalada na Comunidade do Gereba uma base fixa da Polícia Militar, a favela do Gereba é uma das localidades em Fortaleza que possui uma ocupação policial, trata-se de instalação de contêiner em bases da polícia militar<sup>84</sup>.

O Conjunto São Cristóvão, também localizado no Grande Jangurussu, foi o primeiro território a ser instalada uma Torre de Vigilância Comunitária construída na calçada do Cuca Jangurussu, por trás do anfiteatro - um dos principais espaços de sociabilidades e mundanidades, ocupações e apresentações artísticas da juventude no território -, e funciona conforme previsto pelo Plano Municipal de Proteção Urbana – PMPU, desde o início de março de 2018. Silva e Freitas (2019), a partir da escrita etnográfica e de relatos dos jovens moradores do Grande Jangurussu, discutem as consequências de ocupações militares em determinados corpos e territórios, assim como as formas coletivas de resistência e re-existências nos interstícios destas mesmas políticas de Estado. Discutirei essas práticas de re-

<sup>83</sup> Atlas dos Assentamentos Precários de Fortaleza. Disponível em: <<http://acervo.fortaleza.ce.gov.br/pesquisa?nome=assentamentos+&categoria=PLANOS+SETORIAIS&tema=&ano=&tipodocumento=&fonte=&local=>> Acesso em: 14 de dez. 2017.

<sup>84</sup> Disponível em <<http://tribunadoceara.uol.com.br/videos/jornal-jangadeiro/policia-militar-ocupa-mais-de-10-areas-disputadas-por-faccoes-criminosas/>> Acesso em outubro. 2018.

existências das juventudes da Cidade no quarto capítulo.

### 3.1 SARAU DA B1: ESPAÇO-ENCONTRO

“Que nunca falte som pra nossa voz!” Foi com esta frase que o poeta Sérgio Vaz doou algumas unidades de seus livros para o Sarau da B1 naquela noite e logo depois recitou um de seus poemas no microfone aberto.

#### NOVOS DIAS

Este ano vai ser pior...  
 Pior para quem estiver no nosso caminho.  
 Então que venham os dias.  
 Um sorriso no rosto e os punhos cerrados que a luta não para.  
 Um brilho nos olhos que é para rastrear os inimigos (mesmo com medo, enfrente-os!).  
 É necessário o coração em chamas para manter os sonhos aquecidos.  
 Acenda fogueiras.  
 Não aceite nada de graça, nada.  
 Até o beijo só é bom quando conquistado.  
 Escreva poemas, mas se te insultarem, recite palavras.  
 Cuidado, o acaso é traiçoeiro e o tempo é cruel, tome as rédeas do teu próprio destino.  
 Outra coisa, pior que a arrogância é a falsa humildade.  
 As pessoas boazinhas também são perigosas, sugam energia e não dão nada em troca.  
 Fique esperto, amar o próximo não é abandonar a si mesmo.  
 Para alcançar utopias é preciso enfrentar a realidade.  
 Quer saber quem são os outros? Pergunte quem é você.  
 Se não ama a tua causa, não alimente o ódio.  
 Os erros são teus, assuma-os.  
 Os acertos também são teus, divida-os.  
 Ser forte não é apanhar todo dia, nem bater de vez em quando, é perdoar e pedir perdão, sempre.  
 Tenho más notícias: quando o bicho pegar, você vai estar sozinho. Não cultive multidões.  
 Qual a tua verdade ? Qual a tua mentira?  
 Teu travesseiro vai te dizer. Prepare-se!  
 Se quiser realmente saber se está bonito ou bonita,  
 pergunte aos teus inimigos, nesta hora eles serão honestos.  
 Quando estiver fazendo planos, não esqueça de avisar aos teus pés, são eles que caminham.  
 Se vai pular sete ondinhas, recomendo que mergulhe de cabeça.  
 Muito amor, muito amor, muito amor, mas raiva é fundamental.  
 Quando não tiver palavras belas, improvise. Diga a verdade.  
 As manhãs de sol são lindas, mas é preciso trabalhar também nos dias de chuva.  
 Abra os braços. Segure na mão de quem está na frente e puxe a mão de quem estiver atrás.  
 Não confunda briga com luta. Briga tem hora para acabar, a luta é para uma vida inteira.  
 O Ano novo tem cara de gente boa, mas não acredite nele. Acredite em você.  
 Feliz todo dia!<sup>85</sup>

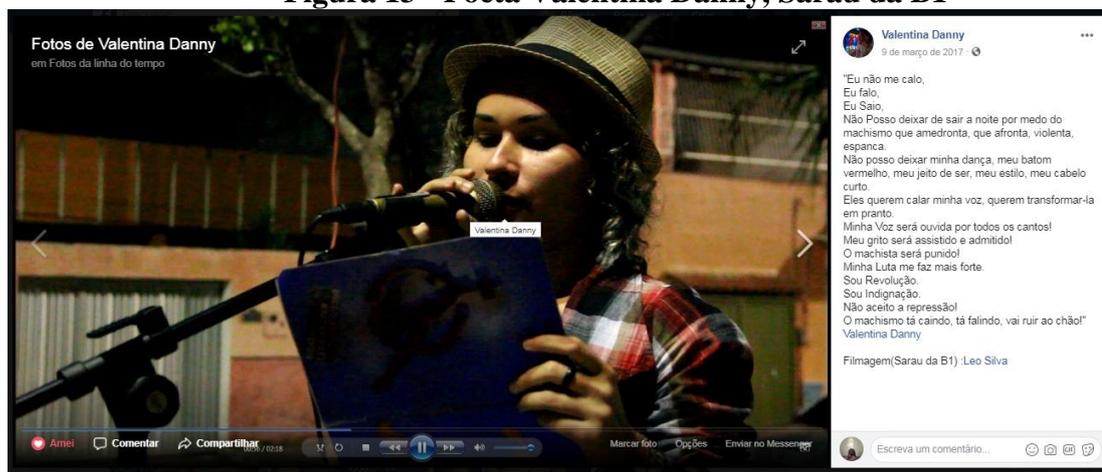
Sexta-feira à noite no Conjunto São Cristóvão, Grande Jangurussu, 28 de julho de 2017, encontro-me com Maerlilio Wenceslau e outros jovens integrantes do Coletivo

<sup>85</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/edinaldosousafelipe/posts/1513612142028195?\\_\\_tn\\_\\_=C-R](https://www.facebook.com/edinaldosousafelipe/posts/1513612142028195?__tn__=C-R)> Acesso jan.2018.

Cucaney<sup>86</sup> no Cuca Jangurussu, e pergunto se eles iriam para o Sarau da B1. Naquela semana estava acontecendo a segunda edição do Favela Arte Festival da Juventude<sup>87</sup> em Fortaleza e dentre os convidados no decorrer dos dias da programação, estavam Dexter e Edi Rock (Racionais MC's). Naquele dia o poeta Sérgio Vaz da Cooperifa estaria presente no Sarau da B1<sup>88</sup>.

Finalmente eu conheceria o “lar-espço” Sarau da B1. Jovens que frequentavam o Cuca Jangurussu e faziam parte do Literaturas Periféricas<sup>89</sup>, como o fotógrafo Léo Silva, a poeta Valentina Danny e outros jovens, que sempre falavam das experiências no Sarau da B1 e que lá era um dos lugares que as fanzines Literaturas Periféricas eram lidas e distribuídas.

**Figura 13 - Poeta Valentina Danny, Sarau da B1**



Fonte: Print da Filmagem de Léo Silva publicada no Facebook por Valentina Danny<sup>90</sup>

Enquanto aguarda a chegada de alguns amigos que também iriam juntos,

<sup>86</sup> Coletivo de juventudes LGBTQ+ idealizado com outros jovens pela então Educadora Social da Diretoria de Promoção de Direitos Humanos do Cuca Jangurussu Juliana Samico. Criado em janeiro de 2016 com o objetivo de pautar e discutir questões sobre e para a comunidade LGBTQ+ local, assim como fomentar o empoderamento desta população específica e o enfrentamento de crimes de homofobia. As atividades do coletivo podem ser acompanhadas na página oficial no facebook: <<https://www.facebook.com/coletivocucaney/>> Acesso em ago. 2017.

<sup>87</sup> O evento foi realizado em parceria com a Central Única das Favelas (Cufa) pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, nos três CUCAs entre os dias 26 e 29 de julho de 2017. Disponível em <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-promove-a-segunda-edicao-do-favela-arte-festival-da-juventude>> Acesso em jan. 2018.

<sup>88</sup> A Cooperifa é um movimento cultural que tem 17 anos de atividades poéticas no bar do Zé Batidão na periferia de São Paulo. Disponível em <<http://cooperifa.com.br/>> Acesso em jan.2018.

<sup>89</sup> Nome da produção coletiva de fanzines mensais que aconteceram no Cuca Jangurussu durante o período de nov. 2015 a jan.2017. A produção unia a fotografia e o estêncil a ferramenta da fanzine para abordar temas ligados aos Direitos Humanos e Juventudes: extermínio da juventude negra e pobre, homolesbotransfobia, direitos das crianças e dos adolescentes, gênero e sexualidade, estatuto da juventude, dentre outros temas.

<sup>90</sup> Disponível em

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=604774973053290&set=t.100005623784422&type=3&theater>> Acesso em jan. 2018.

perguntei a Maerllio das novas edições da zine “Meu Aquário”<sup>91</sup>, zine pessoal de Maerllio, composto por poemas e desenhos autorais que existiu por mais de um ano com edições mensais, e ele respondeu-me que tinha “dado um tempo”. Seguimos conversando a pé por uma das mais movimentadas avenidas do bairro, Av. Castelo de Castro. O Sarau da B1 fica a apenas quatro quarteirões do Cuca Jangurussu que, inclusive, leva este nome por acontecer na Praça da Avenida Bulevar 1, nº 121, no Conjunto São Cristóvão.

A Avenida Bulevar 1, assim como poucas avenidas ligadas ao centro comercial local concentrado na Av. Castelo de Castro, possui duas mãos e é bastante movimentada, pois além de ser composta por casas e igrejas evangélicas, é uma “extensão” comercial da Av. Castelo de Castro, onde é possível encontrar bares, lanchonetes, restaurantes, pizzaria, salões de beleza e pequenas barraquinhas de vendas.

Enquanto caminhávamos pela Avenida Bulevar 1 percebi que alguns moradores daquele lugar tinham o hábito de plantar árvores e fazer pequenos jardins no largo canteiro central que divide as duas vias. Espaço, inclusive, onde estão situadas as pequenas praças formadas por quatro grandes bancos de concretos formando um quadrado, rodeadas de árvores ou plantas. Em uma destas praças acontece, desde novembro de 2015, sempre no último sábado de cada mês, o Sarau da B1.

À medida que subíamos pela Avenida Bulevar 1, o barulho de música e as palavras de ordem iam aumentando. Aquela edição do Sarau era extra e especial para todos que organizaram e frequentaram aquele espaço. Primeiro por ser em um dia atípico, uma sexta-feira; em segundo lugar, por ter como convidado e homenageado do mês o Poeta Sérgio Vaz; terceiro, por reunir um número maior de participantes naquela noite. Um pouco antes de sair de casa, dei uma olhada no evento “Sarau da B1 com o Poeta Sérgio Vaz” no *Facebook*. Samuel Denker tinha compartilhado um mapa-ilustração feito por ele com um texto explicando como chegar até o Sarau da B1.

Um salve pras menina e menino que ainda não colaram no nosso de vocês e de todo mundo SARAU DA B1! Se liga no percurso pra chegar na fita: Vai pro terminal da Messejana, pega o 629 - Conj. Palmeiras/Perimetral, quando chegar no cuca jangurussu, desce três paradas depois, na av. castelo de castro, aí cês vão atravessar a avenida pro lado esquerdo e vão dá de cara com um canteiro, aí é subir até a 3ª

---

<sup>91</sup> Foto de Maerllio Wenceslau do rapper Criolo segurando sua zine, disponível: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=784723411664306&set=a.101275440009110&type=3&theater>> Acesso em jan. 2018.

pracinha em frente ao bar e já era! Tamo esperando vocês! Vamo que vamo que vai ser só a massa! (Samuel Denker, 28 de julho de 2017, Facebook)<sup>92</sup>

**Figura 14 - Mapa-ilustração de como chegar no Sarau da B1**



Fonte: Print-ilustração de Samuel Denker

Dezenas de pessoas ainda estavam chegando, ocupando o espaço aberto do Sarau. A maioria jovens que chegavam de diferentes bairros espalhados pela periferia da Cidade. Jovens moradores do Planalto Ayrton Senna, Pirambu, Bom Jardim, Curió, Serrinha, Messejana, Conjunto Palmeiras, Benfica, Barra do Ceará, dentre outros, tornavam aquele *espaço-encontro um lugar de festa, poesia e afetos*.

Alguns traziam decorados muitos de seus poemas, outros publicados na internet

<sup>92</sup> Disponível em

<[https://www.facebook.com/search/top/?q=Sergio%20Vaz%20no%20Sarau%20da%20B1&pa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=Sergio%20Vaz%20no%20Sarau%20da%20B1&pa=SEARCH_BOX)> Acesso em jan. 2018.

ou salvo em blocos de textos que eram lidos em seus celulares, enquanto poucos traziam poemas anotados em rascunhos ou pequenos cadernos. Na ocasião, estava sendo lançada e vendida por dois reais a terceira edição da fanzine “Jangu Livre”. Publicação alternativa impressa, organizada por Carlos Melo, Nina Rizzi e Samuel Denker. A fanzine é uma produção bimestral colaborativa contendo poesias e outros escritos autorais, fotografia e colagens de frequentadores, poetas da Cidade e Região Metropolitana.

Patrícia Alves, estudante, jovem negra moradora do Bairro Planalto Ayrton Senna, mesmo bairro em que moro, foi uma das primeiras poetas marginais a compartilhar suas poesias naquela noite. Embora a presença de mulheres nesse dia fosse praticamente igual a de homens, poucas poesias foram recitadas por mulheres. Um pouco tímida, Patrícia disse seu nome e sorriu olhando para as câmeras e celulares que a filmavam. Era possível ver escrita a frase “Dandara Vive” tatuada em seu busto. Enquanto falava de sua alegria de poder participar daquele espaço, Patrícia caminhava à vontade dentro do círculo com o microfone na mão recitando poesias.

*Eu vejo na televisão  
a violência assolar meu povo com prescrição  
e ganhar nisso, o sistema, seu condão  
RA-TÁ-TÁ-TÁ  
Foi mais um  
ladrão?*

*Mas quem criou essa lei de cão?  
Que desmerece o favelado  
e roga pelos patrão  
que chega no reservado  
e lava a calçada com o sangue dos meus irmãos  
E se não tem deste, escorrendo nas feridas da chibata,  
tem nas mãos*

*E se foi mais um dia  
Quem vai se importar com o futuro da menina no sinal?  
Sangrando nos meios das pernas  
com a boca sufocada no pau*

*E dona Maria que lava roupa sem parar no quintal  
 guerreando todo dia em busca do ganha pão  
 De longe dá pra ver a desorientação do cidadão  
 que no corre obrigatório pelo capital  
 acaba esquecendo o valor do irmão*

*Hoje eu não vou falar das rosas, não  
 que a família do nequim não teve dinheiro nem pro caixão  
 que dirá pra delicadeza tal  
 que nunca foi encontrada nos seus dias de pulsação.*

Além de Patrícia Alves, outros e outras poetas marginais, organizadores e participantes de saraus de outros bairros da Cidade, poetas de busão, músicos e artistas locais, esqueitistas, educadores sociais e arte-educadores, escritores, intelectuais e pesquisadores estavam no local recitando, cantando ou simplesmente ouvindo.

Representantes de alguns coletivos e outras iniciativas também estavam presentes: Coletivo MARC, Cia. Bate Palmas, Coletivo de Audiovisual Tentalize, Movimento *Hip Hop* Nós por Nós, Coletivo Cucaney, Viva Palavra - Programa de Extensão Comunitária vinculado à Universidade Estadual do Ceará (UECE), dentre outros.

Enquanto eu cumprimentava alguns amigos, Sérgio Vaz chegou e organizou alguns dos exemplares de seus livros em uma pequena mesa. Na ocasião, o poeta convidado estava lançando o livro “Flores de Alvenaria” (2016). Como de costume, o convidado homenageado de cada edição tem mais tempo de apresentação durante o sarau. Eram quase 20h00 e o evento tinha começado por volta das 19h30 com o microfone aberto, apresentações musicais e de dança.

- “Tu que é o Rômulo Silva? Seja bem-vindo, mano!”.

Era Samuel Denker, 30 anos, chapéu de palha, cabelos e barbas longas tingidas de vermelho, óculos escuros, poeta, livreiro e um dos idealizadores e organizadores do Sarau da B1, abraçando-me e dando-me as boas-vindas. Embora Samuel Denker, Nina Rizzi e Carlos Melo fossem os organizadores do Sarau, percebi que o evento por si só era o anfitrião. As “boas-vindas” vieram de muitos abraços e sorrisos desde o momento em que cheguei ali. Sarau da B1 era maior do que me falavam e naquela noite eu estava sendo afetado com tudo aquilo que estava acontecendo.

Cabelos crespos, pele tatuada colorida, sorriso largo e roupas frouxas, a poeta e escritora Nina Rizzi escreve poemas que traduzem o seu lugar de fala. Durante o sarau, percebi que dos três poemas recitados, todos denunciavam a misoginia e o machismo, mas também o Governo e suas instituições. Dois destes poemas foram lidos de seu celular, e um deles de “cor” - ambos entre pausas, silêncios, ênfases e ironias em determinadas sílabas e palavras, tornavam seus poemas autorais (lidos ou não) “vivos”.

***sortilégios pra matar o meu benzinho***

*tenho uma escova de cerdas macias, como nuvem, como pixaim. agradáveis ao toque como meu corpo quando dói e cai a água fria.*

*a escova guarda muito dos meus fios. toda sexta-feira junto-os todos, fazendo um grande cocoruto de pêlo algodado.*

*sexta-feira é também o dia que o pai chega de viagem. é caminhoneiro e nunca escova os cabelos. gosta de se dizer o homem da família, ri bem alto demarcando sua existência na casa, em nossas vidas.*

*sento na beira da cama. o quarto não tem porta. da poltrona da sala me olha como me olham seus amigos quando aparecem para beber, como me olha o professor e o médico. o mecânico da bicicletaria e o padeiro.*

*aperto as pernas bem firmes e tento manter no rosto a suavidade de cada escovada. penteio até que o braço doa, até que o couro da cabeça doa.*

*uma escova cheia dos meus pêlos.*

*quando já é tarde da noite e a mãe deixou toda a louça limpa, chão limpo, carne curtindo nas bacias com banha, alho e sal, do jeito que o pai gosta, viro para dar boa noite, mãe.*

*o pai ronca alto e um cheiro acre de álcool envolve a casa pequena.*

*agora todos já dormem.*

*retiro um a um meus pêlos da escova, enrolo meu cocoruto. o maior que já fiz. o pai sempre diz que uma mulher com pêlos é uma mulher nojenta.*

*pego a lâmpada que escondi entre as calcinhas e a esmigalho firmemente, enquanto ouço na cabeça de choros abafados de mamãe, o som grave do punho do pai em suas costas e o engasgo profundo e seco.*

*esmigalho até que seja puro pó em minhas mãos que sangram, puríssimas.*

*arranco a carne da bacia e estraçalho um pedaço, recheando-a com meu cocoruto de pêlos e vidro moído.*

*recito baixinho as palavras mágicas de mamãe: só teremos paz quando ele morrer.*

*fecho a carne, como costurando a minha.*

*beijo o pedaço ensanguentado.*

*eu sou judas.  
salomé.  
me beija.  
me come, papai.<sup>93</sup>*

Em conversa rápida com Nina Rizzi, perguntei da zine “Jangu Livre” e ela respondeu que eu conseguiria adquirir um exemplar por apenas dois reais com Carlos Melo e apontou: “Lá está ele, ó!” Titubeei. Sem aviso prévio, ele pegou o microfone... Carlos Melo, 30 anos, poeta e filósofo, barba e pele escura, roupas frouxas tipicamente usadas por esqueitistas, boné aba reta, portando um celular e munido com a palavra, recitou um poema autoral intitulado “Matemática do Gueto”:

*A Poesia Pulsa,  
Aproximadamente cem vezes por minuto.  
Ela pesa,  
no coração de cada um que vive em meio a guerra.  
365 é o número, dos meus dias de luto.  
É um irmão a cada 23 minutos,  
São 63 por dia,  
23.100 por ano.  
Oriente médio? NÃO!  
No Brasil basta ser preto e pobre que é fatal.*

*Nas vielas vejo sangue,  
quando não é nos olhos da dona Maria,  
é na esquina onde os meninos brincavam de caipira.  
Os dados ainda estão no chão,  
e quem derrubou foi o caveirão.  
Nosso pesadelo tem nome,  
farda e coturno,  
Se nóia na madrugada*

---

<sup>93</sup> Texto de autoria de Nina Rizzi retirado da zine feita no Laboratório de Escrita Criativa para e com mulheres intitulado “Sortilégios para matar o meu benzinho” (2018, p. 33-36). O laboratório de escrita aconteceu entre os dias 6 e 10 de março de 2018 na Caixa Cultural, Praia de Iracema, Fortaleza (CE).

*e enche meus irmão de bala.*

*Eles criaram a desigualdade,  
só pra depois encarcerar o pobre atrás das grades.*

*Já são 622 Mil, isso é Brasil.*

*Onde basta ser preto e pobre para se tornar  
inimigo da sociedade servil.*

*Guerra civil,  
como nunca se viu nem ouviu falar,  
matam em nome de interesses particular,  
e culpam as drogas para te manipular.*

*Preta é a cor da favela,*

*Na pele,*

*Na veste,*

*E no saco, onde mais um irmão foi levado.*

*O vermelho sangue também faz parte,*

*Ele tá na calçada, no campo, mas também no asfalto.*

*Na madrugada ando nas ruas de mãos para o alto,  
porque tenho medo do fardado noiado me fazer*

*mais um dos executados.*

Jovens de bonés com abas retas e outros com abas em côncavo sublimados manualmente, cobrindo parte do rosto, alguns usando blusas de tamanho superior ao que veste. Os corpos tatuados, alguns perfurados por *piercings* e alargadores nas orelhas, no nariz e nos lábios são também corpos-utópicos e estigmatizados, cujo corpo, por este motivo, conforme Foucault (2013b, p. 14), “torna-se sofrimento”. É por meio dos poemas e canções que estes e estas poetas denunciam e relatam casos de racismo, misoginia e homolesbotransfobia, assim como a violência da polícia, violência doméstica, ao mesmo tempo em que recitam poemas eróticos e de amor. Alguns cantam a capela ou voz e violão, dançam...

***Depósito de desejo***

*(poema de Ulisses Maia)*

*Desejo ardente*  
*Pecado recente*  
*Paixão ardilosa*  
*Mão carinhosa*  
*Beijo feroso*  
*Pêssego gostoso*  
*Fruta proibida*  
*Tesão sem medida.*

Um lugar aberto, feito de poesia, festa e afetos. Os saraus nas periferias e favelas são como uma espécie de rebelião festiva e efêmera que confronta determinadas gramáticas do Estado e suas instituições que tentam capturar ou regulamentar estes e outros eventos similares. Percebi que estes eventos, à medida que reúnem pessoas em volta da poesia oral e escrita, procuram ocupar lugares públicos sem pedir permissão, inclusive de espaços institucionalizados, para realizar seus propósitos festivos (era assim com o *Cuca Roots*)<sup>94</sup>. Uma maneira de “estar juntos”. Conforme Bey (2011),

[...] a emergência de uma *cultura festiva* distanciada ou mesmo escondida dos pretensos gerentes do nosso lazer. “Lute por direito de festejar” não é, na verdade, uma paródia da luta radical, mas uma nova manifestação dessa luta, apropriada para uma época que oferece a TV e o telefone como maneiras de “alcançar e tocar” outros seres humanos, maneiras de “estar juntos!” [...] Seja ela apenas para poucos amigos, como é o caso de um jantar, ou para milhares de pessoas, como um carnaval de rua, a festa é sempre “aberta” porque não é “ordenada”. Ela pode até ser planejada, mas se ela não *acontece* é um fracasso. A espontaneidade é crucial. (p. 26 - grifo do autor)

Meninos e meninas usando cabelos *black power*, outros de tranças e *dreadlocks* naturais ou feitos com lã, enfeitados com fitas coloridas. Alguns portando mochilas, bolsas ou pochetes traziam consigo livros, objetos e acessórios pessoais, como a seda para o cigarro de pacaia<sup>95</sup>, fumo e isqueiro. Alguns dos *bandos* que chegavam juntos ou que se encontravam na

<sup>94</sup> Luana Apolinário, uma das participantes e frequentadoras deste e de outros espaços culturais autônomos escreveu sua monografia sobre os bailes de *reggae* da cidade de Fortaleza. Conf. “‘Atlântico Negro Urbano’: o *reggae* nos bailes de rua” (MELO, 2018). Jaína Alcântara, Daniel Lima, Luana Apolinário e eu também escrevemos um artigo intitulado: “*Cuca Roots* no Jangurussu: juventudes protagonizando eventos em espaços públicos” (SILVA, *et al.* 2017, no prelo) e eu escrevi e publiquei um artigo em parceria com o professor Dr. Geovani Jacó de Freitas intitulado: “BAILES DE REGGAE E A OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS NAS PERIFERIAS DE FORTALEZA-(CE): uma comparação entre os contextos do *Cuca Roots* e *Bonja Roots*.” In: Barbosa *et al.* (Org.). Plurais e (Des)iguais: polifonias e intercessões. 1ed. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí. EDUFPI, 2018, v. 1, p. 325-372.

<sup>95</sup> Cigarro feito das folhas de fumo desfiado, mais comum na região do nordeste. O mesmo que fumo de corda.

B1 consumiam durante o Sarau “vinho São Brás” ou cachaça *Ypióca* amarelinha<sup>96</sup>.

O grupo de *rap* Convicção Ancestral tinha acabado de cantar algumas músicas quando avistei do outro lado da Avenida Jardson Remido. Fui até ele e depois de me abraçar, ele me disse: “É nós, vete. Sarau da B1 aqui é um organismo vivo!” Sorri. Jovens, poetas e frequentadores de diversos lugares ocuparam a praça para ver e ouvir o poeta Sérgio Vaz. Vinham a pé, de ônibus, de *bike* ou de carro dos bairros circunvizinhos, de outras Regionais ou até mesmo da Região Metropolitana de Fortaleza. Corpos que criam, destroem e transpõem fronteiras. Um corpo político e em permanente disputa.

A presença dos elementos do *Hip Hop* (Grafite, *DJ*, *MC*, *B-boy/B-girl*) nas músicas e na estética, seja na forma ou na performance ao recitar poemas autorais, é um dos aspectos predominantes, embora tenha percebido marcadamente elementos de outros estilos e estéticas, desde o *reggae* até as múltiplas vertentes do *rock* nacional e internacional.

Alguns vizinhos colocaram suas cadeiras na calçada e conversavam entre si, assistiam ao sarau. Outras pessoas, de suas calçadas, varandas ou janelas de frente ao evento, fotografavam, pois tinham uma visão privilegiada. Enquanto isso, poetas, músicos e dançarinos faziam daquele espaço uma festa, algumas pessoas preferiam apreciar das mesas distribuídas ao lado, entre uma dose, uns tragos, um petisco e outro.

A estrutura básica para o evento conta apenas com uma caixa de som, microfone e mesa de som simples, equipamentos algumas das vezes alugados por um comerciante, dono de um bar que funciona em frente ao local onde acontece o Sarau, o “Boteco Poético”<sup>97</sup> e de onde a energia elétrica é “puxada” para o equipamento de som.

Mas nem sempre foi assim. Algumas edições, de acordo com Samuel Denker, não puderam contar com estes equipamentos de som. Quando não era possível o empréstimo com amigos e amigas, o evento acontecia no “gogó”, isto é, sem microfone. A grande maioria dos saraus que acontecem nas periferias e favelas de Fortaleza não contam com equipamento próprio, alguns deles dependem de empréstimo ou aluguel. Tem sido mediante a venda de alguns livros e zines que o Sarau da B1 pretende comprar o seu próprio equipamento de som e iluminação.

Eram quase 21h30min e o fluxo de pessoas que iam chegando estava diminuindo,

---

<sup>96</sup> A palavra vinho está entre aspas porque é vendido como vinho, entretanto, sua composição e processo de feitura não são os mesmos que o vinho tradicional, isto é, feito a partir da uva e de sua fermentação. Geralmente, estas marcas de bebidas fornecem misturas contém um teor de álcool aos vinhos tradicionais, além de ser fabricado com sabor artificial de uva. Já *Ypióca* é uma marca de cachaça (aguardente) também bastante consumida principalmente devido seu baixo custo. A sede da empresa atualmente encontra-se em Fortaleza, no Ceará. A cachaça *Ypióca* é produzida na cidade de Maranguape, no Ceará, desde 1846 pela família Telles. É a marca de aguardente mais antiga ainda em funcionamento no Brasil.

<sup>97</sup> Nome fictício do local.

entretanto, era menor do que as que iam saindo. Naquele dia, em especial, o poeta Sérgio Vaz foi homenageado, muitas pessoas estavam ali para vê-lo e ouvi-lo. Perguntei a Patrícia Alves se ela sempre frequentava o Sarau da B1, se era sempre assim, e o que ela achava que mobilizava essa galera. Ela disse que já faziam algumas edições que participa e de como é incrível que poetas “cruzam” a Cidade para estar ali, reunidos.

**Foto 8 - Poeta Sérgio Vaz no Sarau da B1**



Fonte: Viva Palavra<sup>98</sup>

Os corpos-ocupantes ali presentes, sentados, em pé, abraçados, bebendo, fumando, conversando, fotografando e filmando, atentos ao movimento da rua... Além dos corpos em família de sangue e os de “consideração”, encontram-se ali corpos-ameaçados, “cabreiros”, alguns desinteressados, outros expressando seu ódio contra os diferentes tipos de violências vividas no cotidiano, sentidas na pele e na consciência, tantas outras “dormentes” ou naturalizadas. Não somente por ser aberto, os encontros-saraus nas periferias ganham outra dimensão: corpos aliançados, uma estética circular espontânea envolta de um microfone, em torno da Palavra Aberta, recitando relatos-de-vida e ouvindo outros poetas e artistas com certo

---

<sup>98</sup> Disponível em

<<https://www.facebook.com/VivaAPalavra16/photos/pcb.1920544774866034/1920544294866082/?type=3&theater>> Acesso em jan. 2018.

“assombro” - literatura, poesia e arte antes engavetadas, invisibilizadas e silenciadas dão um “salto na existência”.

### 3.2 “TODA PERIFERIA É UM CENTRO”

*Com arte e cultura, vai  
Ninguém nos segura, é*

*Territórios livres  
De todos os extermínios  
Territórios livres  
De todos os massacres  
Territórios livres  
De todas as chacinas*

*Aqui no nosso lugar  
A desgraça deles não domina.*

*Com arte e cultura, vai  
Ninguém nos segura, é*

*Do AB ao Pirambu  
Nós fazemos o momento  
Vem chegando o Sabacu*

*To-da pe-ri-fe-ri-a é um cen-tro, oooo!!!*

*To-da pe-ri-fe-ri-a é um cen-tro, oooo!!!*

*Com arte e cultura, vai  
Ninguém nos segura, é*

*Ocupar é  
Resistir!  
Resistir!  
Resistir!*

*Só com a luta podemos mudar  
Sem esse amor não dá pra existir!*

*Com arte e cultura, vai  
Ninguém nos segura, é.*

(Baticum, “Territórios Livres”, 2017)

A recente reconfiguração e a efervescente produção artística nas periferias de Fortaleza são partes de um movimento horizontal que se processa longe dos holofotes das grandes mídias, do regulamento institucional e, em sua maioria, completa independência em relação aos editais públicos.

**Foto 9 - Ação: Ato contra a Regulamentação de Saraus e Rolezinhos no Palco Aberto Agosto/2017 Praça da Gentilândia**



Fonte: Bruna Késsia & Cristiano Magalhães<sup>99</sup>

Os saraus da periferia são, geralmente, organizados em lugares abertos. Por possuir um caráter de *imprevisibilidade*, reinventa maneiras de fazer. Isto é, mundanidades, zonas de re-existências e de intensidade contínua. Não obstante, demonstrando uma perene tentativa de criar “territórios existenciais” (GUATTARI, 1985, p. 114), os *encontros-saraus* são mediados pela poesia falada e escrita. Ambas giram em torno do *microfone aberto*, assim como por meio da distribuição e leitura de fanzines, sorteio e venda de livros e apresentações artísticas diversas, um verdadeiro convite ao movimento.

Estes encontros-saraus feitos nas e pelas periferias, como o que acontece na Avenida Bulevar 1, têm se espalhado e se consolidado pela capital cearense. Os poetas periféricos com suas práticas poéticas, à semelhança dos vaga-lumes de que fala Didi-Huberman (2011), são como pontos luminosos, fugazes e intermitentes, que vão e voltam, possuem “uma vocação à *iluminação em movimento*” (p. 47-48 - grifo do autor) reinventam-se na escuridão da noite para *sobreviver* ao “clarão” das múltiplas opressões sofridas em seus corpos e mentes.

Os corpos-poetas que se mobilizam e ocupam praças, ruas e até mesmo instituições públicas, além de contradizer o discurso diário da mídia que retroalimenta o estigma territorial e enfoca o viés da violência ou das carências existentes nestes espaços

<sup>99</sup> Disponível:

<https://www.facebook.com/totalrepudioaregulamentacaodossarauserolezinhos/photos/a.128626844421666/128625331088484/?type=3&theater> Acesso em nov. 2018.

localizados às “margens” urbanas, inventam e reinventam múltiplas práticas de re-existências coletivas fazendo de “toda periferia um centro”, nas palavras do poeta Baticum. Um movimento que é artístico, político e afetivo.

Em comemoração aos três anos de existência do Sarau da B1, a poeta e escritora Nina Rizzi, em entrevista para o Jornal O Povo, publicada em 10 de dezembro de 2018, falou do caráter autogestionado, comunitário, festivo, afetivo e de arte-educação de espaços como o Sarau da B1. Ao ser perguntada se “toda periferia é centro”, Nina respondeu:

Toda periferia é um centro! Primeiramente, por pura perspectiva de olhar, afinal, se estou na periferia ela é o meu centro e o longe é que se torna periférico. Mas é mais importante, porque as pessoas lá estão quebrando narrativas historicamente dadas como sujas, feias, violentas, e construindo as suas próprias! As periferias, como todos os lugares, são redes muito mais complexas que estereótipos, também são produtoras de cultura e beleza! (Nina Rizzi, entrevista Jornal O Povo, 10/12/2018)<sup>100</sup>

O poeta martinicano Édouard Glissant (2011), ao levar em consideração o contexto do “movimento” da literatura francesa como uma língua e cultura que historicamente visou à dominação e culminou no “pensamento de um Império”, afirma que o “pensamento poético está em alerta” e que face ao “fantasma da dominação, procurou o mundo realmente vivível” (p. 36). Para isso, conforme Glissant, o pensamento poético traçou e percorreu diferentes caminhos nesta *relação* de dominação para depois aboli-los, a saber: do Centro para as periferias e depois o segundo itinerário, isto é, das periferias para o Centro do pensamento de um Império.

Entretanto, lembra Glissant, em um terceiro tempo, essa trajetória de dominação é abolida: “A palavra do poeta conduz *da periferia a periferia*, reproduz o vestígio do nomadismo circular, sim; o que significa que ela transforma *toda a periferia em centro*, e, mais ainda, que ela *abole a própria noção de centro e de periferia*.” (p. 36 - grifei). É neste sentido que o poeta Bacutim, ao dizer que “toda periferia é um centro” procura desmontar a narrativa do “fantasma da dominação” que historicamente elege e traça fronteiras maniqueístas do que é “centro” e do que é “periferia”, onde é e onde não é perigoso, quem são e quem não são os criminosos, onde é que se faz e onde não se faz “arte de qualidade”, onde pode ou não circular na Cidade, enfim, o que é e o que não é poesia ou literatura.

É nesta mesma direção que o poeta Talles Azigon falou de sua experiência e história com os saraus das periferias de Fortaleza. Além de ser um dos poetas que mais circulou e visitou saraus das periferias, Azigon ajudou a fortalecer muitos saraus que estavam

<sup>100</sup> Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2018/12/bate-pronto-com-a-escritora-nina-rizzi.html>> Acesso em 15 dez.2018.

surgindo na Cidade.

Eu gosto desse lance de poder circular mais livremente. Até porque quando tivemos o grande boom dos sarau nas comunidades, nos bairros aqui em Fortaleza eu ainda morava na Maraponga. E aí eu não sentia uma energia tão favorável pra colocar, organizar um sarau na Maraponga, né?! Então, é o que eu fiz muito, o que eu fiz mais foi ajudar a fortalecer os sarau onde acontecia e também fazer um papel que é um papel difícil, que é se comunicar com as instituições, né, com as instituições do Estado. Porque eu promovia os Sarauzona dentro da programação do Maloca Dragão, trazendo a galera que tava nos bairros lá pro Dragão Mar, aí fiz sarau no Porto Iracema das Artes, trazendo a galera das comunidades, porque eu acho que todo espaço é nosso. Todo o espaço é nosso e a gente tem que ocupá-los. Alguns exigem uma linguagem burocrática que se eu pudesse eu não cumpriria. Mas até pra isso, né, a gente precisa entender como é que esse mecanismo funciona, porque ele está desse jeito, e como a gente pode infiltrar, né, a tática da infiltração e aí foi esse o meu papel, é esse o meu papel até hoje. Hoje eu tô na Estação das Letras, que é uma programação que eu propus pro Dragão do Mar e dentro da Estação das Letras tem o Sarau dos Ventos, que é que eu brinco “isso é todos os meses é os ventos de algum lugar!” E já foi os ventos do Conjunto Ceará com o Corpo-Sem-Órgãos, os ventos do Antônio Bezerra, aí vem os ventos do... porque também tem esta questão, né?! O Baticum diz que “toda periferia é um centro” Então, o centro pode ser também uma periferia e pode ser um centro. A gente desconstruir a cidade é preciso, né?! Eu preciso desconstruir a cidade. Eu tenho direito de andar na cidade, né?! Eu quero isso. Eu quero estar no Antônio Bezerra, mas eu quero estar no Dragão do Mar, eu quero estar Caixa Cultural, eu quero estar no Serviluz, eu quero estar no Curió, eu quero estar em todos os lugares, porque tudo é meu, tudo é nosso. (Talles Azigon, entrevista, 26 de setembro de 2018)

Em diálogo com Hannah Arendt, Proença Leite (2002) sugere que só é possível o espaço urbano se constitui como espaço público quando nele “se conjugam certas configurações *espaciais* e um conjunto de *ações*” (p.116 - grifos do autor). Em outras palavras, é somente no âmbito da vida pública que é possível às pessoas compartilharem ou disputarem realidades, ou seja, onde se faz possível a pluralidade, convivência social e suas relações de poder.

Ao ocupar ou frequentar determinados espaços “gentrificados”, pensados como circuitos turísticos da Cidade, os poetas de periferia estão se apropriando temporariamente dos espaços “não feitos para eles”. Trata-se de circuitos culturais do turismo local, o Dragão do Mar de Arte e Cultura, na Praia de Iracema, por exemplo. O equipamento em questão, é rodeado por ocupações-favelas que ainda resistem à “revitalização” dos espaços precários do Bairro em favor da especulação imobiliária, iniciada desde o início dos anos 1970. Neste período, famílias inteiras foram removidas, colocadas “à margem” durante este processo de “gentrificação” da Cidade, conforme revela tanto Bezerra (2008), sobre o bairro Iracema, como Pedrosa (2013), ao narrar a história do Conjunto Palmeiras (bairro que até 2010 fazia parte do Grande Jangurussu, mas foi emancipado) e dos integrantes da Cia. Bate Palmas:

A comunidade tem uma história conturbada marcada pelo descaso do Estado. No início dos anos 1970, o local serviu de laboratório para uma tentativa de “limpeza sanitária” por parte do governo da ditadura militar. A Fundação de Serviço Social, órgão da Prefeitura Municipal de Fortaleza da época, então ocupada por Vicente Fialho, retirou, ao todo, 1.500 pessoas de áreas pobres consideradas de arriscadas e realocou-as para uma região localizada a 22 km do centro da cidade. O governador do Estado, na época, era Plácido Aderaldo Castelo. Transportados de forma rústica em caçambas, removidos de favelas como Poço da Draga, Verdes Mares, Moura Brasil e Morro das Placas, os habitantes resistiram a uma longa e desconfortável viagem até serem *despejados* dentro do conjunto. Ao colocarem os pés no chão, viram-se, surpresos, em uma região pantanosa marcada por alagamentos e coberta por mato. O solo enlameado sujava os calçados e as poucas bagagens trazidas. (p. 26 - grifei)

A ação, portanto, de ocupar e frequentar os diferentes espaços da Cidade significa desmontar os cálculos de dominação histórica e sócio espacial. Não obstante, por vezes, algumas limitações objetivas dificultam ou impedem este viver a Cidade, este “desconstruir a Cidade”, seja por razões financeiras e de mobilidade urbana, seja pelos traumas do racismo institucionalizado e das frequentes abordagens da Polícia Militar ou da Guarda Municipal a estes “poetas-suspeitos”.

Portanto, a postura política de reinventar as periferias tornando-a “centro” de produção artística, de poesia e literatura é por si só repensar a produção cultural da Cidade, isto é, tornando-a, neste sentido, “periferia em centro”/“centro em periferia” e, por sua vez, abolindo as noções “centro/periferia” por meio da ação coletiva dos saraus.

O fotógrafo e um dos integrantes do Coletivo Zóio, Gustavo Costa, 27 anos, apresenta a periferia através de uma lente-caleidoscópico. A “periferia” é um espaço praticado.

A periferia é os olhares trocados. É a cerveja e o compartilhamento de ideias. A periferia é o perfume, os encontros. A periferia é uma bodega aberta às 2:00 da manhã. A periferia é a camisinha no bolso. A periferia é jogo doido! A periferia é a roda dos malandros antigos, escutando Bezerra da Silva, forró de favela... A periferia é o beijo dos pivetes de 13 anos e ela grávida aos 15. A periferia é o boquete da travesti no pai de família, só nas intoca, na calada da noite. A periferia é o beck, aceso ou apagado. A periferia é o báca dos rondinha ou da civil. A periferia é as crianças brincando na esquina de casa, suas bonecas barbie falsificadas e suas bolas de gude. A periferia é a prostituição da gata, 100 conto no bolso, 3 gramas de cocaína e uma carteira de cigarro record. A periferia é a mãe acordando às 4:00 da manhã, com 3 filhos pequenos na rede. A periferia é os avião na esquina, adiantando as parada, com ferro na cintura. A periferia é barro, é mangue, é asfalto. A periferia é a traição, a trepada sem gosto, ou, com gosto. A periferia é os paredão de som. A periferia é selva de pedra. A periferia não é muito entendida pelos antropólogos, geógrafos, historiadores ou sociólogos. A periferia é qualquer ideia e a coragem de voltar para casa. A periferia é a madrugada. A periferia é um campo de contradições. A periferia não é para iniciantes. Entretanto, a periferia é roxeda!<sup>101</sup>

<sup>101</sup> Disponível:

[https://www.facebook.com/search/top/?q=A%20periferia%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20para%20iniciantes.%20&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=A%20periferia%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20para%20iniciantes.%20&epa=SEARCH_BOX)

### 3.2.1 Ação coletiva dos afetos

Na esteira da contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva (CEFAÏ, 2009), é possível pensar os encontros-saraus feitos pelos poetas como *ações coletivas* que pretendem, cada vez mais, se autonomizar. O anseio por um líder não é mais uma tônica, nem a defesa de uma única ideologia norteadora que pretenda explicar a realidade em sua concretude. Este aspecto aparentemente fragmentado das posturas políticas em sociedade pode ser encarado como uma busca pela emancipação, identidade própria, liberdade e rebeldia.

Conforme Gohn (2014), ao se referir às novas teorias dos movimentos sociais, não é possível, portanto, compreender as forças de tensões políticas entre o Estado e a sociedade civil em blocos, mas a partir de uma desobediência civil ou uma obediência fragmentada - com todas as contradições, a partir de uma não-credibilidade e decepção no campo da representatividade “à esquerda” cada vez mais generalizada:

O novo milênio apresenta uma conjuntura social e política extremamente contraditória na América Latina. Ao mesmo tempo em que vários movimentos sociais tiveram, em diversos países, mais condições de organização tanto interna como externa, dado o ambiente político reinante, em outros, eles perderam muito sua força política junto à população, em virtude da decepção e da não-credibilidade em geral da sociedade civil para com os políticos, da composição da arena político-partidária e dos processos morosos de participação social. (GOHN, 2014, p. 59)

Neste sentido, diferentemente dos movimentos sociais, os saraus autonomistas feitos nas periferias não se alimentam da ideia de uma “comunidade total” que possuem líderes e que se pretendem “representar” a sociedade. Conforme Alexander (1998), os movimentos sociais não somente reivindicam para si o *status* de “representar a sociedade” como um todo, mas inclusive, a autoridade de falar diretamente a ela em nome de um interesse particular.

O encontro-sarau é constituído por maneiras de fazer. Neste sentido, a sociologia da ação coletiva enunciada por Cefaï (2009) preza pela horizontalidade, não atende a uma liderança ou poder centralizador, possui capacidade de talhar a vida cotidiana por meios de suas práticas de re-existências poéticas e representar a si mesmo:

A ação coletiva se organiza, então, organizando seus ambientes. E produz, simultaneamente, critérios de experiência que vão permitir a seus atores que se orientem, compreendam o que fazem e o que as circunstâncias fazem deles. Desse modo, controlam tanto mal quanto bem as situações com que têm que lidar, mediando processos de investigação, de experimentação e deliberação; e pilotam as

operações de coordenação com seus parceiros e seus adversários, em um espectro que vai do uso da força à persuasão. Uma ação coletiva é uma arquitetura móvel de contextos de sentido, mais ou menos próximos ou distantes, privados ou públicos, pessoais ou típicos, que articulam diferentes grandezas de escala espacial e temporal e que são percebidos pelos atores como acessíveis a suas interações ou coercitivos como “sistemas” ou “destinos”. (CEFAI, 2009, p. 28)

Os poetas de lugar nenhum ao ocupar os diferentes espaços da Cidade, desmontam a noção de territórios/lugares fechados para com isso fomentar o direito individual e coletivo de circular e ocupar, embora esta circularidade e ocupação estejam em constante negociação e sob ameaça decorrente da precária mobilidade urbana, do medo do “baculejo”<sup>102</sup> da polícia, do medo das consequências do racismo estrutural e institucionalizado e, não raro, do receio das imprevisibilidades ocasionadas pelas fronteiras assinaladas por insígnias do comércio varejista ilegal de drogas e armas realizado pelas facções criminosas.

A lógica da militarização - as ocupações militares e o inverso da *mesma moeda*, isto é, as “pacificações do crime organizado” -, nasce e alimenta-se da vida que lhes cerca. A especificidade do presente tempo histórico, político e estrutural continua privilegiando a inimizade, os espíritos belicosos, os movimentos de ódio e hostilidade que se alastram nas redes sociais (principalmente as da internet), a luta contra um “inimigo” pré-fabricado, encastelamento narcisista, instalação de cercas elétricas e câmeras de vídeos traduzem a construção social do medo sob a máscara de democracias liberais que possuem como fio condutor, conforme Mbembe (2017a, p. 55), “viver a ferros” como norma.

Como construção social, seguindo Freitas (2003), podemos considerar “o medo como um dos ecos mais significativos da violência” (p. 101). Ou seja, o medo em seu caráter objetivo pode ser verificado sociologicamente atravessando as relações sociais:

O medo tem, deste modo, dupla hermenêutica: é decorrente de um substrato de realidade objetiva, experimentada pela observação e participação direta do indivíduo nos fatos considerados como ameaçadores ou perigosos à ordem dominante, à integridade física e ou moral, ao mesmo tempo em que é fruto de uma *conduta antecipatória da possibilidade de perigo*, construída pelos agentes expostos às situações vulneráveis. Esta conduta é fruto das representações que orientam as imagens e expectativas das pessoas numa dada realidade. No caso particular dos agentes dominados, o medo emerge da experiência compartilhada no cotidiano de violência, seja ela imediata ou no plano da iminência. (FREITAS, 2003, p. 103 - grifo do autor)

Apesar dos e das poetas marginais não estarem isentos do medo e suas consequências objetivas, poetas como Talles Azigon, Patrícia Alves e Carlos Melo praticam um tipo de circularidade pela Cidade contrária, inclusive, aos regimes do medo: levam

---

<sup>102</sup> Abordagem policial.

consigo não somente sua poesia e palavra, mas a capacidade de sentir o choque em outro lugar (GLISSANT, 2011), de afetar-se apesar - e por isso mesmo - das inúmeras fronteiras erguidas. A despeito das “condições de precariedade, que comprometem as condições de ação” (BUTLER, 2018, p. 29), os poetas de lugar nenhum caminham a contrapelo da noção autoritária da territorialidade impregnada pelo medo latente e capilarizado, para então viver a experiência do *encontro-sarau*.

Dentre os inúmeros encontros-saraus realizados na cidade de Fortaleza, alguns se orientam sob uma perspectiva *autonomista*. Esta perspectiva faz coro com o que o poeta Édouard Glissant (2011) chama de “pensamento da errância”, isto é, um pensamento nômade. Em Glissant, o conceito deleuziano de nomadismo está sobredeterminado pelas suas condições de existência e por um desejo de liberdade:

É o caso do nomadismo circular: muda de direção à medida que partes do território ficam esgotadas, a sua função é garantir, através dessa circularidade, a sobrevivência de um grupo. [...] O nomadismo circular é uma forma não intolerante da sedentariedade impossível. (idem, p. 22)

O pensamento nômade oposto seria o nomadismo invasor ou dos conquistadores, “que tem como objetivo conquistar terras através do extermínio dos seus ocupantes. Este nomadismo não é prudente e nem circular, não mede seus efeitos, é um salto absoluto em frente: um nomadismo em flecha.” Diferentemente do nomadismo circular, este último é essencialmente movido por “um desejo devastador de sedentarismo” (idem, p. 22).

Nesta perspectiva, os encontros-saraus que acontecem nas periferias e favelas não se deixam ser totalmente capturados pelas instituições estatais e por não serem originalmente criados por uma instituição do Estado, eles são mais que uma reverência à poesia, seu pensamento nômade circular nasce da experiência cotidiana, são poesias-relatos de uma vida concreta, uma verdadeira luta na existência, subversão dos códigos sedentários do Estado, desvela e denuncia as diferentes violações históricas materializadas em seus corpos, nas relações cotidianas, além de repudiar o genocídio de uma população majoritariamente negra, pobre e muito jovem, assassínios estes que operam em espaços precários e completamente militarizados, marcados pelas insígnias do medo, do terror provocado por extermínios e chacinas.

Portanto, por existir uma correlação entre nomadismo, ceticismo e anarquismo, por um lado, e sedentarismo, verdade e sociedade por outro, o nomadismo circular parece vir

do anticonformismo de uma vida não fascista, não apaixonada pelo poder, e sem pretensões revolucionárias.

Por não existir um “fio condutor em bloco” ideológico, o campo de tensões das análises, aspectos subjetivos e culturais levam as simetrias e assimetrias de poder das “novas clivagens ao redor das questões de gênero, idade, raça e etnia”, a identidade como um dos elementos de “construção de emancipações” (GOHN, 2014, p. 45). Consideremos tudo isto como identidades abertas ou em relação, conforme Glissant (2011).

Trata-se de vidas fragmentadas em territórios fragmentados e impingidos por meio de “uma violência sem limites e de uma precariedade sem limites”. Os poetas ao mesmo tempo em que estão imersos em “lógicas de distribuição da violência” em escala planetária do neoliberalismo, “não mais que a vasta operação em curso de depreciação das forças produtivas” (MBEMBE, 2014b, p. 299), recriam maneiras de fazer para escaparem, sobreviverem e, mais que isso, inventarem outra *forma de vida enquanto potência*.

Assim, os encontros-saraus dos jovens agentes deste estudo são orientados também por uma multiplicidade de emoções e divergem da linearidade das ações que lhes são dirigidas pelos poderes públicos, como mostrou Brandão (2016), ao revelar, a partir do caso de Pernambuco, que a principal emoção que move governos a agir com jovens é o medo. No caso destes jovens periféricos de Fortaleza que encontram, nas práticas poéticas, formas de resistir e de re-existir, as emoções são muito diversificadas e influenciam o desenvolvimento daquilo que lhes move.

A tessitura em sua dimensão *afetiva*, que põe em movimento os encontros-saraus, não pode ser negligenciada. Cefaï (2009) lembra que a afetividade é uma das temáticas na abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. Neste sentido, entender como as emoções mobilizam os e as poetas e, por sua vez, contribuem para o *direito de aparecer*, são importantes questões aqui levantadas.

Toda mobilização coletiva é pontuada por experiências de indignação e revolta, solidariedade ou debandada, alegria ou decepção – a própria apatia não existe sem pathos. As emoções, mantendo-se fechadas em um círculo privado ou buscando um alcance coletivo e uma ressonância pública, são o que há de mais difícil em descrever: a soberba ridicularizada, a sede de vingança, a preocupação com a verdade, o desejo de liberdade, o orgulho nacional, o ódio racial... e, ainda mais simplesmente, as manifestações expressivas em dadas situações, com tudo que podem ter de imperceptível. (CEFAÏ, 2009, p. 31)

A afetividade, segundo o autor, é o que provoca a experiência, “tanto perceptiva quanto cognitiva ou moral.” Neste sentido, ela pode ser garantidora dos contatos entre os

poetas, unindo-os nas situações e situando-os nelas. A ação coletiva existe inclusive no “*sofrer e no compartilhar*” e não somente nas atitudes. (idem). No entanto, “afetos” aqui não são apenas sentimentos e emoções.

Ao pensar nesta importante dimensão mobilizadora dos encontros-saraus como ação coletiva, encontro no pensamento de Espinosa (2009) e sua filosofia dos afetos a seguinte definição: “Por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua *potência de agir* é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (p. 105 - grifei).

Já conforme Deleuze e Guattari (2010), ao pensar a distinção das formas de criação que caracterizam os vários saberes, eles afirmam que a ciência cria pensamento criando *funções*, a filosofia cria pensamento criando *conceitos* e a arte cria pensamento criando *sensações*. Para eles, “sensações” têm o sentido do que os pensadores chamam de *perceptos* e *afectos*. Ou seja, o artista cria, portanto, *sensações*.

Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são *seres* que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e de afetos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si. (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 193-194 - grifo dos autores)

Neste sentido, os afetos provocados pelas práticas de re-existências poéticas dos e das poetas das periferias devem ser pensados a partir do verbo “afetar”, isto é, tocar, perturbar, abalar, atingir. Esta potência mobilizadora da poesia e dos encontros-saraus, conforme o poeta Carlos Melo, possui a vocação para *agregar* e reinventar a vida cotidiana não somente dos poetas, mas dos territórios onde acontecem.

[...] é um encontro de pessoas que se unem pra curtir a arte, né, não fazer, mas viver a arte ali no momento de união e em um dia determinado e que se juntam simplesmente para viver a arte, né?! E a poesia, porque a poesia, eu acredito que ela é tão natural na gente que ela é muito fácil de ser exposta, né?! E ela chega de uma forma no outro que o outro vai receber ela ou com impacto ou com muito amor, mas vai chegar e vai fazer uma diferença, porque como eu disse anteriormente, ela trata de sentimento e todos nós temos. Então em algum momento uma poesia ela vai te tocar de alguma forma, seja positivo ou negativo, mas vai. E eu acredito que o poder da poesia hoje, principalmente, porque, se pega dois anos atrás e falar em poesia... três anos atrás falar em poesia aqui em Fortaleza, né mano?! Você via poesia nos ambientes acadêmicos, hoje você vê na periferia, né?! Então assim, a poesia ela tem essa potência e é a poesia que se faz na periferia, tem essa potência, de além de relatar o dia a dia, o cotidiano, a realidade da gente, de mostrar outras perspectivas e nos dá esperança pra uma mudança real diante de tudo que a gente vem vivendo.

(Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 14 de fevereiro de 2018)

A poesia inventa afetos e atravessa a experiência tanto individual quanto coletiva. Por meio do *relato* da vida cotidiana, os e as poetas tecem práticas de re-existências: questionam a noção de “centro” e “periferia”, não se deixam ser totalmente capturados pelas instituições estatais, inventam espaço-encontro festivo e de arte-educação e ocupam espaços públicos como corpo-político na possibilidade do exercício do *direito de aparecer*.

### 3.3 O SUBSTANTIVO “POETA”

Meu nome é Chris Rodrigues, sou artista de rua, poeta marginal. Eu costumo dizer que sou filho da classe trabalhadora, sabe? Herdeiro da periferia, minha mãe é zeladora no Hospital do Coração, uma mulher preta, pobre, favelada, analfabeta, mas uma mulher que me ensinou os princípios necessários, como eu falo no busão, a ser uma pessoa de caráter, uma pessoa correta. Por trás de mim, por trás não, ao meu lado, existe uma mulher que me faz ser forte pra resistir, né, porque eu não sou uma pessoa comum, eu sou andrógino não-binário, né, minhas coisas são de mulher, de saia, de vestido, de shortinho, prefiro não me rotular, não rotulo roupas nem pessoas, não rotulo nada e assim eu vou fazendo com que a minha vida seja mais alternativa, mais fora do sistema possível, porque é impossível ficar fora do sistema totalmente, a gente morreria, concorda? (Chris Rodrigues, 30 de junho de 2018)

Jovens como Chris Rodrigues - tomando como referência a poesia, a literatura e os *encontros-saraus* - chamam a si mesmos de “poetas”, “poetas marginais”, “poetas de rua”, “poetas de ‘busão’”. É importante lembrar que o campo que estou tratando tem uma das principais características a heterogeneidade, marcada pelas múltiplas identidades, isto é, a impossibilidade e despreensão de capturar um perfil ideal em seu estado “puro” são não somente reconhecidas neste escrito, mas, sobretudo, evitadas. Entretanto, é possível perceber que a grande maioria dos e das poetas são jovens negros e negras entre 15 e 29 anos, moradores das periferias da Cidade e se autodenominam “poetas marginais”. É cada vez maior o número de mulheres e da população LGBTQ+ que não somente frequenta, mas escreve e recita suas próprias poesias.

O pensamento do rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari está na base daquilo que o poeta Édouard Glissant (2011, p. 21) chama de uma *Poética da Relação*, isto é, “segundo a qual toda a identidade se prolonga numa relação com o Outro”, portanto, cada poeta são vários e poetas reunidos em um encontro-sarau são uma multidão.

A *identidade-raiz* mata tudo à sua volta. Ela está profundamente fundada no mito da criação do mundo, assim como é “santificada pela violência oculta de uma filiação que

decorre rigorosamente desse episódio fundador.” A *identidade-raiz* é conhecida por sua pretensão de reivindicar a posse de um território e ao possuir determinados territórios, preserva-os por meio da projeção e conquista de outros territórios - “e pelo projeto de um saber” (GLISSANT, 2011, p. 139). Por outro lado, a *identidade-relação* possibilita outra forma de vida: não autoritária, não maniqueísta, não binária, contraponto ao conhecimento vertical/horizontal e a uma criação fundadora do mundo: “A identidade enquanto sistema de relação, enquanto capacidade de ‘dar-se com’, é, inversamente, uma forma de violência que contesta o universal generalizante e que tanto mais requer a severa exigência das especificidades. Mas é difícil de equilibrar.” (GLISSANT, 2011, p. 138). O rizoma, portanto, é um sistema aberto, percursos em espiral, um emaranhado sem começo e nem fim. Multilinear. O rizoma, ainda nas palavras de Glissant (2014, p. 139), “é uma rede, uma alquimia também”.

Uso a designação local *poeta de lugar nenhum* para assinalar as práticas que se dão por meio e em volta da poesia e da literatura falada, escrita e difundida, como forma de re-existência, subversão e luta pela vida - engenhosidades e agenciamentos coletivos que expressam a necessidade não apenas de resistir, mas de re-existir. Todas as vezes que uso “marginal” seguido de “poeta” o faço a partir de uma auto-referência explicitada em campo ou durante entrevistas etnográficas com os próprios colaboradores desta pesquisa.

O adjetivo “marginal”, por exemplo, é usado para aquelas pessoas que se encontram na marginalidade em relação à lei ou à sociedade. No primeiro caso, “marginais” podem ser aqueles que possuem relação direta com o “perfil bandido” internalizado pelos policiais, pela moralidade pública e pelas leis penais que consideram o recorte de cor, idade e fator econômico como critérios de seletividade, conforme Michel Misse (1999; 2010), ao teorizar acerca da sujeição criminal<sup>103</sup>. Assim como podem também referenciar aqueles que estão em uma situação de precariedade, isto é, grupos vulneráveis desprovidos de políticas protetivas (BUTLER, 2018)<sup>104</sup>.

Em entrevista, o poeta marginal Chris Rodrigues diferencia “poesia marginal” da “poesia romântica”, assim como distingue os poetas que moram no “asfalto” próximo ao

<sup>103</sup> [...] o sujeito criminal que é produzido pela interpelação da polícia, da moralidade pública e das leis penais. Não é qualquer sujeito incriminado, mas um sujeito por assim dizer “especial”, aquele cuja morte ou desaparecimento podem ser amplamente desejados. Ele é agente de práticas criminais para as quais são atribuídos os sentimentos morais mais repulsivos, o sujeito ao qual se reserva a reação moral mais forte e, por conseguinte, a punição mais dura: seja o desejo de sua definitiva incapacitação pela morte física, seja o ideal de sua reconversão à moral e à sociedade que o acusa. (MISSE, 2010, p. 17)

<sup>104</sup> Para Judith Butler (2017; 2018), “Condição precária” se refere a uma condição universal de todo vivente. “Precariedade”, por sua vez, trata-se daquilo que se dá de forma induzida, por violência a grupos vulneráveis ou ausência de políticas protetivas.

“centro comercial” (periferia) daqueles poetas que moram no “beco” da favela, embora more no mesmo bairro.

Ei, porque assim, eu explico assim no busão, é o meu jeito de explicar. Poesia marginal é diferente da poesia-poesia, do romance, do orvalho, do pôr do sol, da calmaria e aquele negócio, se liga? Poesia mar-gi-na-li-za-da [*fala pausadamente*] que é o que nós somos desde a hora que nós nascemos. Marginalizados. Expostos a periferia, botados de lado, eu tava falando disso hoje, da diferença de quem mora aqui no asfalto e de quem mora ali embaixo, se liga? Aqui tem mais acesso a tudo, ali embaixo no Estrela é mais difícil. Não é mais difícil pra uma pessoa que mora num beco, numa viela, chegar no asfalto bem ali, chegar na farmácia, chegar em qualquer canto, se liga? Centraliza tudo e quem tem mais grana mora perto do centralizado e quem não tem é colocado de lado nas periferias, marginalizado. A periferia fica nas margens do que é centro. (Chris Rodrigues, poeta de busão, 30 de junho de 2018)

O recorrente adjetivo “marginal” usado - mas não de forma unânime - após o substantivo poeta explicita não somente a marginalização social e econômica, mas também uma postura política que ressignifica a palavra “marginal” por meio da recusa ou revisão da *norma poeta/poesia*: autores e produção literária que estão relacionados ao “mercado editorial, ao tipo de linguagem apresentada nos textos e à escolha dos protagonistas, cenários e situações presentes nas obras literárias” (NASCIMENTO, 2006, p. 11). Assim como denunciar e se posicionar diante dos processos de silenciamento e invisibilidade, ambas historicamente retroalimentadas e atualizadas.

Ao discutir as dicotomias poder/identidade imbricadas na ideia “centro” e “periferia”, assim como a organização, produção e difusão protagonizadas pelos poetas de lugar nenhum com o poeta Talles Azigon, perguntei o porquê de ele inicialmente ter se apresentado somente como “poeta” e não como “poeta marginal”, ao que ele respondeu:

Eu, sinceramente, acho que existe os “poetas”. Assim, quando você pensa, inicialmente, tive um receio com essa questão, dessa palavra. Até porque até então era usada “poesia marginal” como uma aproximação com o pessoal dos anos 1970, da geração mimeógrafo que de “marginal” não tinha porra nenhuma! Porque o Leminski é bicho... Leminski, Cacaso, Chacal, chamar essa galera que tem acesso ao ensino superior, uma galera que escreve, que publica na Editora José Olympio, uma galera que tá lá dentro do eixo, chama eles de “marginal”, faça-me um favor! Né?! Favor, Heloísa Buarque de Hollanda! Vamos... poderia ter colocado um outro nome mais legalzim, que condissesse com a realidade. [...] Então né, já tinha problema com essa própria palavra “marginal”. É tanto que nas aulas de Literatura e quando eu conversava com os meninos eles chamavam de “geração mimeógrafo”, “geração de 70”, mas não gostava já de usar essa palavra “marginal”. Mas quando as populações... quando os poetas e as poetas da periferia toma pra si esse título como uma afronta, né?! É a mesma questão do próprio negro, né, do preto. “Ei, preto!” foi usado por muito tempo de maneira pejorativa, né?! “Ei, preto! Preto véi!” E aí, quando as populações negras, as populações pretas, disse: “Eu vou usar o preto. Eu sou preto sim, e daí!?” Aí já muda a conjectura, porque você já tá utilizando o verbete, a palavra como uma afronta. É o que acontece também no movimento

LGBTQ. A palavra “poc”, a palavra “poc” durante muito tempo foi usada de maneira pejorativa. “Ah, pocvéia!” Que era uma bicha favelada, que não se vestia bem, que era bem que tinha jeitos bem afeminados (que é uma palavra terrível também!), mas hoje elas, as pessoas LGBT usam “poc” porque elas roubaram o sentido negativo pra colocar ali, mas eu acho que no fim das contas, usar o termo ou não usar o termo, eu prefiro não usar. Eu não me considero um “poeta marginal”, talvez eu seja marginalizado pelo sistema vigente, né, eles querem, né?! É tanto que eu publiquei no “Sara!” Né, no livro. A primeira frase que tem no “Sara!”, um micropoema que abre o “Sara!” é “Vocês querendo ou não, isso é literatura!” Que já é minha maneira de afrontar o sistema. E a gente é marginalizado de verdade, sabe?! [...] Então, eles sim nos marginalizam, né?! O Estado nos marginaliza, essa galera aí que é a dona da literatura, que gosta de nos marginalizar. (Talles Azigon, poeta e escritor, entrevista em 26 de setembro de 2018)

É nesta mesma direção que Conceição Evaristo (2009, p. 20), ao tratar da literatura brasileira, afirma que ainda existe uma “forte tendência em invisibilizar o negro” ao levar em consideração não somente quem produz literatura, mas também a quantidade de obras que compõe a produção brasileira em que o “personagem negro aparece bem menos como protagonista em relação ao personagem branco e surge muito mais como coadjuvante ou mesmo como antagonista do personagem central.” Quando se trata da mulher negra, segundo a autora, é constatado que a personagem brasileira é, por excelência, branca. Neste sentido, Evaristo verifica que não são poucas as instâncias de poder imbricadas em si com o intuito de manter o controle, a produção e a distribuição de seus produtos culturais.

Sabemos que as várias instâncias do poder se imbricam entre si, como vasos comunicantes, o que permite às classes detentoras e próximas do poder político-econômico serem, elas mesmas, produtoras, mantenedoras, divulgadoras e consumidoras de seus produtos culturais. Executando movimentos autôcentrados, ignoram, menosprezam, deslegitimam modos de saber nascidos em espaços diferenciados dos seus. Nesse sentido, a literatura, enquanto forma de poder de articulação e de imposição de um determinado discurso, revela não só as representações literárias para as/das classes hegemônicas, como também exerce o poder de representar o Outro. (EVARISTO, 2009, p. 21)

A *identidade-raiz*, ao ser preservada por um projeto colonial de saber/poder, se adequa ao contemporâneo como invenção de dominação. De acordo com Judith Butler (2017; 2018), a partir de uma norma, certas vidas são consideradas como vidas consoantes alguns “enquadramentos” (*frame*) epistemológicos. E, em contínuo, a filósofa afirma que há vidas não consideradas como tal. Assim, os e as poetas são considerados como “marginais” ou de “lugar nenhum” a partir de uma circunscrição que pode ser aplicada tanto “a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 2010, p.

213) por meio do racismo<sup>105</sup> e adoecer, explorar e exterminar o “Outro” por meio de práticas necropolíticas, conforme Mbembe (2014a). Estes poetas são titulares de vidas historicamente *silenciadas e invisibilizadas*, estão à margem e vêm de “lugar nenhum” devido ao racismo que resulta no que Boaventura de Sousa Santos (2002) chama de “formas sociais de não-existência” a partir de uma “sociologia das ausências”.

Considerando o exposto, o desafio é saber em que condições são possíveis, menos possível ou impossível apreender uma vida precária, cuja ontologia é social e politicamente demarcada, conforme aponta Butler (2017, p. 15-16):

O “ser” do corpo ao qual essa ontologia se refere é um ser que está sempre entregue a outros, a normas, a organizações sociais e políticas que se desenvolveram historicamente a fim de maximizar a precariedade para alguns e minimizar a precariedade para outros. Não é possível definir primeiro a ontologia do corpo e depois as significações sociais que o corpo assume. Antes, ser um corpo é estar exposto a uma modelagem e a uma forma social, e isso é o que faz da ontologia do corpo uma ontologia social. Em outras palavras, o corpo está exposto a forças articuladas social e politicamente, bem como a exigências de sociabilidade - incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo -, que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possíveis. A concepção mais ou menos existencial da “precariedade” está, assim, ligada à noção mais especificamente política de “condição precária”.

No entanto, antes mesmo de Butler, Fanon (2008 [1952]) apontava uma impossibilidade de qualquer explicação ontológica quando se trata do Negro.

Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro. Claro, bem que existe o momento de “ser para-o-outro”, de que fala Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. Parece que este fato não reteve suficientemente a atenção daqueles que escreveram sobre a questão colonial. Há, na *Weltanschauung* de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que proíbe qualquer explicação ontológica. Pode-se contestar, argumentando que o mesmo pode acontecer a qualquer indivíduo, mas, na verdade, está se mascarando um problema fundamental. A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua

<sup>105</sup> Conforme Mbembe, a categoria “raça” é uma metafísica, pois “não existe enquanto facto natural físico, antropológico ou genérico. A raça não passa de uma ficção útil, de uma construção fantasista ou de uma projecção ideológica cuja função é desviar a atenção de conflitos de classes ou a luta de sexos, por exemplo.” (2014b, p. 26-27) Trata-se ainda da “ideia segundo a qual a natureza teria produzido humanidades distintas, reconhecíveis por traços inerentes e características específicas que consagrariam suas diferenças, ordenando-as segundo uma escala de desigualdade” (FIELDS e FIELDS, 2012 *apud*. MBEMBE, 2014b, p. 27) O “racismo” é o conjunto de práticas sociais, políticas, jurídicas, e institucionais e outras fundamentadas na “recusa de igualdade entre os seres humanos”, assim como a ideologia de inferioridade/superioridade que surgem a partir da tendência em hierarquizar em contextos socioculturais, histórico e econômico de determinadas inscrições nos corpos e nos territórios (idem).

metafísica ou, menos pretenciosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta. (FANON, 2008, p. 103-104)

Os processos históricos de racialização, conforme Mbembe (2014b), têm como objetivo marcar estes sujeitos de forma mais ou menos codificada, fixando limites de onde é possível circular, distribuindo conforme hierarquias e divisões no interior de espaços mais ou menos estanques por meio de uma estrutura binária de poder/identidade - *a lógica do recinto fechado*.

Neste sentido, Homi Bhabha (2013, p. 373-374 - grifo do autor), ao retomar o ensaio “A experiência vivida do negro” (*The Fact of Blackness*) escrito por Fanon (2008), explora o que ele chama de “a performance fenomenológica de Fanon do que significa ser *não apenas um negro*, mas um membro dos marginalizados, dos deslocados, dos diaspóricos.” Trata-se daqueles cuja própria presença é “vigiada” e “ignorada”, no sentido de controle social e na recusa psíquica, respectivamente. “O Fato da Negrura” é uma escrita “sobre a temporalidade da modernidade dentro da qual a figura do ‘humano’ vem a ser *autorizada*.” Ou seja, trata-se da percepção de Fanon acerca do “*caráter tardio do homem negro*” - não se trata apenas de uma questão de inadequação ontológica ou de uma ontologia inadequada à identidade negra, mas de uma *impossibilidade ontológica* para a compreensão do mundo moderno<sup>106</sup>.

### 3.3.1 A poética das juventudes

A maioria dos e das poetas e frequentadores dos encontros-saraus, como já explicitado, é de *jovens* entre 15 e 29 anos, negros e negras, moradores de periferias e favelas da capital cearense. É neste perfil plural e multifacetado que reside a seguinte ambiguidade: o perfil de sujeito que inventa práticas de re-existências poéticas na Cidade é o mesmo que é explorado e, sobretudo, exterminado - jovem, negro e morador de periferias - que lidera o *ranking* local e nacional como vítimas da violência letal<sup>107</sup>.

<sup>106</sup> “É a oposição à ontologia daquele mundo branco - a suas formas presumidamente hierárquicas de racionalidade e universalidade - que Fanon se volta em uma atuação que é interativa e interrogativa - uma repetição que é iniciatória, instalando uma história diferencial que não retornará ao poder do Mesmo.” (BHABHA, 2013, p. 374)

<sup>107</sup> “Encerramos o ano de 2017 com o impactante número de 981 homicídios de adolescentes no Estado do Ceará. Vivenciamos uma faceta cruel da violência que atinge a nossa sociedade como um todo, mas que é direcionada, de forma mais trágica, a um público que tem cor, idade e endereço. No Brasil, a violência tem CEP. A dinâmica que a violência letal atingiu nos dias atuais nos preocupa cada vez mais. Além da brutalidade que tem caracterizado os assassinatos no Estado, dados da Secretaria de Saúde de Fortaleza nos revelam que a idade média das vítimas de homicídio tem caído: são os mais jovens os que estão morrendo mais. O Comitê Cearense

A juventude, segundo Bourdieu (1983), como uma categoria analítica, impõe para o olhar do cientista social várias problemáticas que compreendem não necessariamente o fator idade, mas, sobretudo, uma reflexão a respeito da identidade social na qual o indivíduo, ou determinado grupo, se reconhece, assim como o contexto social em que este segmento está inserido.

Em consonância com Barbalho (2013), penso o jovem como sujeitos capazes de provocar mobilizações por meio de ações culturais e coletivas - levando em consideração as contradições de desarticulações próprias dos jogos de poder e conflitos - inventar táticas e configurações no nível das micropolíticas. Neste sentido, afirma Barbalho:

Os jovens aqui são considerados como sujeitos competentes para se referir ao *socius*, como sujeitos de discurso, e capazes de se apropriar e mobilizar os dados sociais e simbólicos, portanto, como agentes sociais. Sujeitos discursivos e agentes sociais que negociam com os sistemas e as instituições e estão carregados de ambiguidades nesse processo de relação de poderes horizontais [com outros movimentos sociais] e verticais [com as estruturas estatais, classes sociais dominantes] (BARBALHO, 2013, p. 40-41)

Poucas categorias são tão irredutíveis à definição única. Como bem lembrou Diógenes (1998; 2009; 2012), discorrer acerca desta categoria significa percorrer o campo ambíguo e multifacetado de significações. Conforme expõe,

Falar em juventude é movimentar-se em um campo ambíguo de conceituação. A juventude se constitui enquanto categoria social, no que tange a definição de um intervalo entre a infância e a vida adulta, apenas no final do século XIX, ganhando contornos mais nítidos no início do século XX. A juventude é uma invenção moderna sendo, desse modo, tecida em um terreno de constantes transformações. (DIÓGENES, 1998, p. 139)

Velho (2006), por sua vez, usa a categoria juventude no plural, pois constata a necessidade de melhor qualificá-la. Diante de sua complexidade e heterogeneidade, a categoria juventudes deve ser analisada evitando simplificações e esquematismos. Atento às possíveis semelhanças e diferenças entre jovens, os principais focos de análise devem ser na diversidade societária em termos de *ethos*, isto é, “estilo de vida, visões de mundo e modos de construção social da realidade.” (p. 192)

Ao longo destas primeiras duas décadas do presente século XXI, são incontáveis os exemplos de movimentos culturais, sobretudo juvenis, que impulsionaram profundos

---

pela Prevenção de Homicídios na Adolescência também tem alertado para o aumento das mortes de adolescentes do sexo feminino: só em Fortaleza, esse número cresceu mais de 400% no último ano.” Disponível em <<http://cadavidaimporta.com.br/wp-content/uploads/2018/05/Relato%CC%81rio-2017.2-CORRIGIDO.pdf>> Acesso em nov. 2018.

debates acerca das diferentes formas de organização coletiva, de ação coletiva e assembléia de rua que o novo cenário político-global e local impôs. Desde manifestações como as de junho de 2013, ocupações secundaristas em 2015 e 2016 por todo Brasil até os bailes de *reggae* de rua, rolezinhos, *reggae* do passinho, batalha de *MCs*, Slam's e encontros-saraus. Maneiras estético-político de fazer, reinventar e existir diante da contingente forma de vida política que tem se convertido cada vez mais em um anti-humanismo ou saída deste, conforme aponta Mbembe (2017b):

O capitalismo neoliberal deixou em sua esteira uma multidão de sujeitos destruídos, muitos dos quais estão profundamente convencidos de que seu futuro imediato será uma exposição contínua à violência e à ameaça existencial. Eles anseiam genuinamente um retorno a certo sentimento de certeza – o sagrado, a hierarquia, a religião e a tradição. Eles acreditam que as nações se transformaram em algo como pântanos que necessitam ser drenados e que o mundo tal como é deve ser levado ao fim. Para que isto aconteça, tudo deve ser limpo. Eles estão convencidos de que só podem se salvar em uma luta violenta para restaurar sua masculinidade, cuja perda atribuem aos mais fracos dentre eles, aos fracos em que não querem se transformar. Neste contexto, os empreendedores políticos de maior sucesso serão aqueles que falarem de maneira convincente aos perdedores, aos homens e mulheres destruídos pela globalização e pelas suas identidades arruinadas. A política se converterá na luta de rua e a razão não importará. Nem os fatos. A política voltará a ser um assunto de sobrevivência brutal em um ambiente ultracompetitivo. Sob tais condições, o futuro da política de massas de esquerda, progressista e orientada para o futuro, é muito incerto. Em um mundo centrado na objetivação de todos e de todo ser vivo em nome do lucro, a eliminação da política pelo capital é a ameaça real. A transformação da política em negócio coloca o risco da eliminação da própria possibilidade da política. Se a civilização pode dar lugar a alguma forma de vida política, este é o problema do século XXI<sup>108</sup>.

A atual produção cultural dos e das poetas da periferia e favelas da Cidade, por exemplo, cria novas *formas de socição* (SIMMEL, 2006) - modos múltiplos de interação, engendrados por interesses, finalidades, capazes de mediatizar efeitos sobre outros sujeitos, ou a receber esses efeitos dos outros - e oferece algumas pistas de contínuas interpretações que podem servir para entender sob quais circunstâncias as juventudes aparecem na condição de *corpos-saraus*.

Na pesquisa intitulada *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*, Velho (2006) mapeia e analisa os “*multipertencimentos* de indivíduos, da vida na sociedade moderno-contemporânea.

<sup>108</sup> O artigo foi publicado, originalmente, em inglês, no dia 22-12-2016, no sítio do Mail & Guardian, da África do Sul, sob o título "The age of humanism is ending" e traduzido para o espanhol e publicado por [contemporeafilosofia.blogspot.com](http://contemporeafilosofia.blogspot.com), 31-12-2016. A tradução é de André Langer. Disponível: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando> Acesso em out. 2018.

Os jovens, obviamente, não constituem tribos ou segmentos isolados, apesar de algumas metáforas. A noção de *geração* implica necessariamente o estudo de relações entre categorias sociológicas que têm nas faixas e delimitações etárias uma referência básica. É por esse processo de interação social que podemos procurar entender definições de situação como classificações e atribuições de papéis, formação de expectativas de comportamento e modos de apresentação de indivíduos e grupos no cotidiano. É essa permanente e complexa negociação da realidade que envolve variáveis dos mais diversos tipos - econômicas, políticas, de organização social e simbólicas - que vai estabelecer fronteiras e classificações etário-geracionais. Estas, portanto, não são inevitáveis nem universais, apresentando modalidades próprias em função de variáveis histórico-culturais. (VELHO, 2006, p. 193-194)

Há, portanto, segundo o autor, diferentes formas de “ser jovem”, assim como de “ser velho”, pois tais “classificações não são dadas, e sim fenômenos socioculturais.” A transição entre a infância e adolescência, assim como entre a fase da puberdade e a juventude e, por sua vez, juventude para maturidade e velhice. “Todas essas categorias e sua duração são discutíveis e sujeitas a constantes revisões, redefinições e reinterpretações.” (idem, p. 194)

A socialização e as relações com familiares e o universo de parentesco em geral são cruciais no processo de construção identitária. A continuidade, a reprodução, os conflitos e impasses são algumas das discussões principais dessa ampla problemática. A partir daí, multiplicam-se questões e caminhos de pesquisa. A inserção no sistema escolar, sexualidade e gênero, namoro e amizade, transgressões e desvio, sociabilidade, esporte, profissionalização, entre tantos outros, apontam para a riqueza, diversidade e complexidade da construção social da(s) juventude(s). (VELHO, 2006, p. 194-195)

Ainda para Velho (idem), a chave para a discussão acerca das “características moderno-contemporânea” é a análise das ideologias individuais. Dentre elas, o autor destaca a importância da noção de *projeto*, “a partir da problemática mais ampla de indivíduo e sociedade. [...] Entendendo-se *projeto* como *conduta organizada para atingir finalidades específicas*, [...], torna-se interessante relacionar essa conduta com a já citada questão dos *multipertencimentos*.” (p. 195).

As juventudes, com sua heterogeneidade e dinamismo, com novos tipos de projetos e trajetórias devem ser acompanhadas com cuidado e atenção. Essas combinações e sincretismos, de algum modo originais, certamente podem nos ajudar a pensar melhor sobre problemas teóricos e concretos da vida social. (Idem, p. 200)

Pensar os e as poetas e o *espaço-sarau* é movimentar-se em e por meio de suas práticas. Significa percorrer um mapa micropolítico cotidiano não fixo que se reconfigura e se atualiza conforme as demandas e organização destes e destas poetas na Cidade. É possível ainda identificar muito da herança cultural do *rap* e a influência do Movimento *Hip Hop* na

vida e trajetória de alguns poetas. Machado Pais lembra que “[...] é importante desvendar as sensibilidades performativas das culturas juvenis em vez de nos aprisionarmos a modelos prescritivos com os quais os jovens já não se identificam.” (PAIS, 2006, p. 13). Segundo o autor, estas performatividades culturais das juventudes podem ser encontradas no *rap* como “sensibilidade justiceira”, uma das formas de denunciar as injustiças sociais por meio das *batalhas de Mc’s* dentro das favelas e na ocupação de espaços públicos pelas juventudes:

As palavras soletradas são recuperadas de uma semiótica de rua, transgressiva por natureza, palavras encavalitadas em palavrões para melhor insultar, atingir, provocar. Palavras que são voz de consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta. Voz singular [a de vocalista] que contagia, que se transforma num coletivo [nós, os do movimento] que se insurge contra eles [que não nos entendem]. (PAIS, 2006, p. 13)

Carrano (2003), ao investigar as *Práticas sociais educativas na cidade*, dá algumas pistas de investigação a partir de um processo de educação ampliada. O alargamento da concepção de educação no âmbito das práticas sociais, que Carrano denominou de “cidades educadoras”, significa “o reconhecimento da multiplicidade de fatores que concorrem para a formação das identidades, ou, se quisermos, das múltiplas identidades que se configuram para os sujeitos nos processos de *sociação* em determinado momento histórico.” (p. 15). Neste caso, Carrano tomou emprestado o conceito de *sociação*, de Georg Simmel, segundo o qual *sociação* é o conteúdo, a matéria, formada pelos interesses de influenciar os outros e o de ser influenciado:

Defino assim, simultaneamente, como conteúdo e matéria da *sociação*, tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos - tudo que está presente nele a modo de engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros. (SIMMEL, 2006, p. 60)

Para Simmel, conteúdos fazem com que os indivíduos interajam em *sociação*. No entanto, as possibilidades que estes vínculos se tornem sociabilidade é necessário que os e as poetas, neste caso, não somente estejam sociados por determinados interesses, por exemplo, a literatura e a poesia, mas relacionem-se em torno de um sentimento e por uma satisfação mútua de estarem em interação.

Entretanto, mais que formas de “sociabilidade”, que tem por referência centros de poder, e em uma maior aproximação a noção simmeliana de “*sociação*”, os e as poetas agem como “bandos”, porque: a) os poetas “se reúnem e conduzem sua atividade de roubo em comum”, mas logo em seguida se dispersam; b) o poeta dificilmente anda sozinho, ele está

“emparelhado com um, dois ou três outros membros” e, por último, c) em algum momento o poeta poderá abandonar o bando, “desgrudar-se dele”. Neste sentido, é possível opor “entre homens mais evoluídos, a forma de ‘mundanidade’ à de ‘sociabilidade’: os grupos mundanos estão próximos dos bandos e procedem por difusão de prestígio, mais do que por referência a centros de poder, como sucede nos grupos sociais” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 21).

Mais que formas de “sociabilidades”, a *poética da relação* dos e das poetas acontece em oposição ao tipo “arborescente” que se concentra em órgãos de poder. Pois questionam a hierarquia, animam certa indisciplina típica dos bandos e da bandidagem contrariando a formação do Estado.

### 3.3.2 Poetas sem rosto e o direito de aparecer

Eu acho que, quando eu ver, eu te perguntarei, que Andrés Aubry viu a parte do povo Zapatista que é voltado para dentro. Como se esta cidade tivesse decidido não só virar o mundo, mas também a sua percepção, e ele teria feito a sua essência, o que o define, olhar para dentro, não para fora. Como se a balaclava fosse uma armadura de uso múltiplo: força, trincheira, espelho externo e, ao mesmo tempo, coberto com algo em gestação.

(Subcomandante Insurgente Marcos, 2007, p. 44 - *tradução minha*)

ultimamente tenho pensado no que eu tenho feito.  
se minha luta, minha letra tem surtido efeito.  
se tem tido êxito, sentimento.  
minha mente trampa contra a tranca e planta uma semente.

(Jardson Remido, 2018)

**Figura 17 - Poetas sem rosto, Ocupação Gregório Bezerra**



Fonte: Print da foto de Ariel Angelo publicada no Facebook por Jardson Remido<sup>109</sup>

<sup>109</sup> Publicação via Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2006844809579928&set=pb.100007632858122.-2207520000.1547438549.&type=3&theater> Acesso em out.2018.

Os quatro longos bancos de concretos formam um quadrado com uma passagem de acesso em cada ponta. Das três pracinhas, a que acontece o Sarau da B1 é a mais iluminada. O dia foi chuvoso e o tempo estava frio, aos poucos jovens iam chegando no local. Para se aquecer cruzavam os braços, alguns fumavam um cigarro, outros bebiam uma dose de cachaça que circulava entre os pequenos grupos. Alguns chegam como quem já vai embora, ficam ali em pé, pensativos. Alguns chegam de “passagem”, mas, às vezes, ficam ouvindo, assistindo até o final. Algumas crianças brincam, outras recitam poesia. Os pais estão logo ali ao lado tomando uma “cerva”<sup>110</sup> e comendo um espetinho de carne com baião-de-dois vendido pelo boteco ao lado.

Ao som de “Ponta de Lança”, do Rincon Sapiência, *rapper* e poeta brasileiro, a Praça da B1 ia sendo tomada por pessoas chegando de moto, *bike* e a pé, poucos de carro. A grande maioria veio de busão. *Bandos* de sete a dez jovens iam chegando e cumprimentando aqueles que já estavam no local.

Perguntei ao Dali (Daniel Lima), que estava ao meu lado, quem eram essas galeras que estavam chegando. Ele respondeu que a maioria daquelas pessoas estava na Ocupação Gregório Bezerra e vieram participar do Sarau, conhecer novas pessoas e rever outras. Segundo Dali, alguns deles estão em situação de rua, outros estão viajando (“mochilando”) por algumas cidades do Nordeste inteiro.

Os encontros-saraus realizados à margem da Cidade são marcados pela precariedade induzida histórica, social e economicamente. Por este motivo - ainda que de forma tácita para alguns - os corpos se reúnem em uma aliança, nas palavras de Judith Butler (2018, p. 31- grifei), uma espécie de “assembléia nas ruas, praças ou em outros locais públicos” para a possibilidade de um “exercício - que se pode chamar de performativo - do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis”.

Lanchonetes, pizzarias, bares e igrejas das proximidades já estavam funcionando. O fluxo de carros, motos, bicicletas e pessoas passando é razoável. Um grupo de cinco jovens arrumados, portando bíblias rumo a uma igreja evangélica ali próxima passa olhando, um deles parou para ver e ouvir.

No centro da pequena praça estava Jardson Remido. Com a “cara amarrada” a uma camisa em alusão ao Movimento Zapatista,<sup>111</sup> cujos integrantes do EZLN usam balaclava

---

<sup>110</sup> Termo amplamente utilizado pelos jovens e que significa o diminutivo de “cerveja”.

<sup>111</sup> No recente artigo “Legado e rupturas da Revolução Soviética desde as lutas sociais na América Latina” Lia BARBOSA (2017) apresenta alguns elementos de releitura teórica e histórico-política da Revolução Soviética nas lutas sociais de fim de século, em particular aquelas articuladas pelos movimentos sociais, no caso, o Movimento Zapatista.

para cobrir o rosto. Ao som da música “O Circo Chegou”, do Facção Central, Remido elabora uma performance a partir da letra da música. Como um equilibrista circense, equilibra na palma da mão uma vassoura durante a introdução da canção:

Respeitável público! Senhoras e senhores, meninos e meninas, / Sejam bem-vindos ao nosso circo! / No picadeiro teremos palhaços, / Acrobatas, pernas de pau, trapezistas, malabaristas, equilibristas, / Números de ilusionismo, truques de mágica e domadores. / Ria quem puder, seja feliz quem for capaz, hahahaha...<sup>112</sup>

O poeta-sem-rostro coloca um livro na cintura como se fosse uma arma de fogo e, ao mesmo tempo, de cócoras, acende o isqueiro sobre o livro aberto performando um adicto em *crack*: “Incitando educação na mente das criancinhas!”, conforme o seu poema. Com o rosto coberto, “o Poeta ergue-se, ergue com ele o mundo” (GLISSANT, 2014, p. 110). Entre uma “pedra” de conhecimento fumada e outra sobre o livro, Remido engatilha o livro na altura do rosto dos presentes, toma de refém um dos jovens e com o livro ameaça atirar em sua cabeça, caso alguém reaja, pois o poeta “anda fortemente amado e quem reagir é um abraço a queima-roupas!”

Com o microfone em uma mão e um livro na outra, a *performance* continua. Ele recita um de seus poemas mais conhecidos e como um “rapinante emocionado e sarcástico de toda beleza em poesia” (GLISSANT, 2014, p. 120), dispara:

*Avisa lá pro playboy que quem tomou a vaga dele na faculdade federal fomos nós  
Aproveita também e avisa lá pro filhin de papai  
Que se ele não aproveitar a faculdade  
A favela toma a vaga dele e valoriza bem mais  
Avisa lá pro Águia Dourada que nós tamo na faculdade federal e não no programa policial  
do Barra Pesada  
Avisa lá pro PM que me chamou de marginal que qualquer dia eu esfrego na cara dele meu  
diploma da faculdade federal, pra ele aprender a respeitar as cara, e saber que favelado é  
intelectual.  
Que na minha mochila não tem droga, arma, mas tem livro, estudo, esforço e potencial.  
Colégio Farias Brito, primeiro lugar em medicina, só que pra mim não tá dizendo nada. Meu  
primo também seria se não fosse confundido como bandido e morto pelo demônio de farda.  
A poesia pausa, pesa, pisa, pousa e pulsa em cada um de nós.*

<sup>112</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zUFjcARtpdE>> Acesso em nov.2018.

*Só que Jesus é favelado e o diabo é playboy, pois pela paz, eu tirei o pino da granada carregada de amor e joguei. Pra ver quem tem a disposição pra se jogar no amor.*

*Pra ver quem ouve o clamor da sabedoria, ou quem compreende a dor da periferia.*

*Dona Maria, eu também preferia, ver os meus, ver os teus, entupindo as bibliotecas e ocupando as escolas, do que entupindo as cadeias e ocupando as algemas.*

*Literatura te tira do tiro da viatura! E eu tô bolado e tô bolando um baseado - só que é o baseado em fatos reais.*

*São realidades, cidades de desigualdades sociais. Nas favelas, os demônios se vestem de policiais. Nossos abraços são abrigos para os mendigos.*

*Estou com os esquecidos que cola e fecha comigo.*

*Que medita e mergulha numa profunda reflexão:*

*Que todos nós somos seres lactobacilos sujeitos a transformação. Mais ação, mais ação! O repartir do pão é uma ruptura que une e agrega os irmãos. A recuperação de quem sai da prisão é realmente surpreendente. Os loucos prosseguem confundindo os sábios e cobrando inteligentemente. As ruas estão com a gente. O som da revolução adentrou a mente de um menino, observou. Absorveu com o coração e atingiu o seu espírito.*

*Tamo no perímetro, cuidado governador Camilo aqui é o fronte: derrubando os muros e com os entulhos construindo as pontes!*

*Quero ser mais que um espelho ou referência para um menino, eu quero que ele escolha a escola, para refletir o seu destino.*

*Meu sonho é ver criança com o um livro por baixo do braço e não com fuzil sobre o ombro.*

*“Mãos pro alto que é um abraço e quem reagir é poesia à queima roupas!”*

*Eu ando fortemente amado pela minha mãezinha e pela minha coroa, pois foi a minha mãezinha que me ensinou que lugar de mulher não é só na cozinha, mas onde ela quiser, até na advocacia. Sendo Presidente, mais que chefe de família e nenhum machista otário vai passar por cima da dona Maria!*

*Deixa que eu ensino pra polícia o que é apologia. Eu com diploma na cintura, formado em pedagogia, incitando a educação na mente das criancinha, porque bandido de verdade é o deputado lá em Brasília!*

*Eu sou poeta delinquente do sangue quente e a mente fria, fazendo o playboy tremer no calibre da poesia.*

*E se o moleque me ver cheirando cocaína, ele vai querer cheirar, mas se ele me ver informando, vai tentar estudar. Enquanto não houver educação de qualidade, vai ter promotor de justiça morto pela mão do menor de idade.*

*Ra-ta-ta-ta! O palhaço vai sorrir enquanto o judiciário for bom pro empresário e não pra mim. Deixa eu falar pra ti, de que vale o diploma e a medalha de honra se não respeita as travestis?*

*Avisa lá pro playboy que quem tomou a vaga dele na faculdade federal fomos nós!*

*Vocês vão me chamar de Belchior, não por ter sumido, mas por ter cortado a carne de vocês, a carne do burguês. Se prepara playboy que tu é a bola da vez!*

*Aê deputado, teu choro não me comove, na moral, pede perdão pro meu coquetel molotov. Mas o diabo me quer queimando o playboy como refém no porta mala do carro da BMW, mas minha meta é faculdade, diploma e pós-doutorado!*

*Certa vez, voltando da sala de aula, da minha mochila entrego meu livro na mão do menor e digo: “aê menor, segura esse oitão, mas toma cuidado que os cana tã na quebrada! Nem pensa em trocar bala, porque te quero trocando palavras! E se a polícia perguntar se tu tem passagem, responde que tem passagem na faculdade federal por porte ilegal de inteligência.”*

*Porque eu prossigo incitando o crime: apologia à leitura.*

*Porque a literatura te tira do tiro da viatura!*

*Satisfação!*

Perto das 20h00. Os bancos estavam todos ocupados. Frequentadores e poetas assistindo e acompanhando atentamente a *performance*-poética de Jardson Remido - como um espelho, todos ali passamos a ser poetas-sem-rostro: entre uma afetação e outra gerada pela poética dos poetas e por meio da ocasião de “estar juntos” naquele encontro-sarau. Alguns poetas, inspirados na mesma *performance* de Remido, a exemplo de Victor Malandro, um dos primeiros poetas de busão da Cidade, recitam seus poemas também com a “cara amarrada”, performando a invisibilidade e o silenciamento histórico e social de suas próprias histórias de vida e as de seus semelhantes.

O poeta, e sua poesia com força de agenciamento coletivo, usa máscara na possibilidade de tornar visível, em alto e bom som, primeiramente a sua própria condição e, quem sabe, o complexo e problemático esforço de representar o ‘Outro’. Pois representar alguém ou até mesmo algo se tornou uma questão extremamente complexa e problemática “com consequências para a certeza e a capacidade de decidir tão cheias de dificuldades quanto se possa imaginar”, conforme assinala Edward Said (2003, p. 115). Questões como “pelo o quê, contra o quê, a favor de quê e de quem” os e as poetas inventam “maneiras de fazer” na vida cotidiana, são centrais no emaranhado tecido da re-existência poética.

Ao se unirem no sarau, expressam toda a sua indignação “amarrada na cara”, uma

pluralidade existencial estruturada nas relações assimétricas de poder; o racismo, o patriarcado e o espaço-precário-Favela que determinam quem são as vidas descartáveis e não passíveis de luto nestes mesmos cálculos da dominação. Como corpo-poeta, a primeira demanda é permanecer vivo para a possibilidade de um exercício do direito de aparecimento e reivindicação da liberdade e, por conseguinte, seguindo Butler (2018, p. 33), o horizonte de “uma vida que possa ser vivida”.

Alguns dos e das poetas se apresentam, além dos inúmeros espaços-saraus espalhados pela Cidade, em faculdades, universidades, livrarias e escolas públicas. São convidados a darem entrevistas em programas de televisão local, como foi o caso de Samuel Denker e Carlos Melo, no Programa Matina da TV União<sup>113</sup> e até nacional, como foi o caso de Jardson Remido que foi um dos entrevistados no Programa Profissão Repórter da Rede Globo de televisão<sup>114</sup>. Outros estão cursando algum curso superior ou já são formados. Existem ainda aqueles e aquelas que têm livros publicados a exemplo de Nina Rizzi<sup>115</sup> e Talles Azigon<sup>116</sup>.

A poética do Diverso encontrada no Sarau da B1, seguindo Glissant (1981, p. 190) “não é o caótico nem o estéril, significa o esforço do espírito humano em direção a uma relação transversal” estabelecendo uma Relação em assembleia. Um corpo-sarau em aliança norteado pelo pensamento nômade circular. As diferentes identidades-relação, a reivindicação da possibilidade de uma vida vivível, assim como a luta por alguns direitos encontram solo fértil nesta arena de aparecimento como ação coletiva. Um corpo plural que inventa afetos, espaço das imprevisibilidades e dos possíveis (BUTLER, 2018; GLISSANT, 2011; DELEUZE e GUATTARI, 2010), entretanto, mais que uma reivindicação pelo aparecimento na esfera do espaço público ou de uma existência completamente circunscrita no direito de uma vida política, os poetas e, junto a eles, uma multidão insurgente têm inventado as *re-existências poéticas*: gestos fugidios e táticas subversivas nos interstícios da existência. Segundo Stefano Harney e Fred Moten (2017, p. 13), a Política é o ataque continuado ao comum, portanto, “a derrubada vem em movimento, como um manto, a armadura de voo. Nós corremos buscando por uma arma e seguimos correndo à busca de largá-la”: por uma *poética do lugar nenhum e de todos os lugares*.

A 27ª edição do Sarau da B1, no último sábado de fevereiro de 2018, estava

<sup>113</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=OQuKDqUYMPo&t=569s>> Acesso nov.2018.

<sup>114</sup> “Artistas da periferia espalham música, pinturas e livros pelas grandes cidades do país”. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/7030454/programa/>> Acesso nov.2018.

<sup>115</sup> Disponível em <[http://www.editorapatua.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=232](http://www.editorapatua.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=232)> Acesso em nov. 2018.

<sup>116</sup> Disponível em <<https://tallesazigon.wordpress.com/livros/>> Acesso em nov. 2018.

“gerando”. Como de costume, o Sarau sempre homenageia uma pessoa, um coletivo ou ação política que beneficie as favelas e periferias. A homenageada da vez foi a Ocupação Gregório Bezerra<sup>117</sup>. A estratégia de alguns Poetas ao *agregar* às ocupações, ao fazer uso das ocupações como forma de luta, é reivindicar a construção de moradias populares - necessidades de alguns deles, mas também denunciar o Estado pelo abandono das obras nos prédios públicos, especialmente daqueles destinados a oferecer serviços à população dos bairros populares de Fortaleza.

- “Microfone aberto!”, avisou Carlos Melo após alguns instantes de gritos, aplausos e “silêncio”.

O poeta Júnior Scooby, com sua voz estridente, enquanto recitava/cantava seu poema, vários outros poetas “sem rosto” ali presentes acompanhavam-no, recitando com ele, formando um só coro: uma palavra de ordem, um poema-protesto! Se reconhecer no outro, nas palavras e na história de vida talvez seja um dos principais motivos dos laços de solidariedade e destes *afectos e relação*.

*Revolta Afro-americana, hoje a briga é por grana.  
 Meu povo se auto engana, na cama... que nem, ram!  
 Se vendendo por poder na velha ganância do ter.  
 PT, PSDB. Partidos diferentes, pois são tudo farinha do mesmo saco!  
 (Desabafo de um jovem pensante...)  
 Carregando a pureza de Buda e o coração de Gandhi.  
 Distante, irmão? Só os meus pensamentos...  
 Estou buscando evolução nessa selva de concreto e de cimento.  
 Onde o nêgo morre por causa do ó...  
 Mas quem tá matando é quem se mata no teco do...  
 Mundo de loucura, não?! Que inventam a doença para depois inventar a cura.  
 Pras pessoas será a leitura! Comece a se politizar, a raciocinar!  
 Mais que o teu corpo, bote o cérebro pra trabalhar. Pois...  
 (microcefalia)  
 Parece que pegou na minha gente, o caso aqui ficou urgente!  
 E os jovens, os loucos, deficientes, irmãos...  
 Cegos começaram a enxergar!*

---

<sup>117</sup> Disponível em <<https://www.opovo.com.br/jornal/reportagem/2018/06/a-ocupacao-gregorio-bezerra-e-as-violacoes-de-direitos.html>> Acesso jul. 2018.

*Os mudos? Começaram a falar!*

*Os surdos? Começaram a escutar!*

*E o neguim aqui que não batia, hoje começou a espancar.*

*Eu levanto a bandeira preta pros pretos que mesmo com o preconceito achar o conceito pra obter respeito!*

*Livre-se do seu mal estar, pois a minha e a sua alma só quer estar bem.*

*(É poesia, arte e cultura! É nós!)*

Com a mesma força e intensidade que Júnior Scooby, cujos voz e corpo recitavam, em sintonia, vários outros poetas que o acompanhavam. Estavam dizendo tudo aquilo uns para os outros, para nós e, como já foi dito, para si próprios.

Meu amor, essa é a última oração  
Pra salvar seu coração  
Coração não é tão simples quanto pensa  
Nele cabe o que não cabe na despensa

Cabe o meu amor  
Cabem três vidas inteiras  
Cabe uma penteadeira  
Cabe nós dois

Cabe até o meu amor, essa é a última oração  
Pra salvar seu coração  
Coração não é tão simples quanto pensa  
Nele cabe o que não cabe na despensa

Cabe o meu amor  
Cabem três vidas inteiras  
Cabe uma penteadeira  
Cabe nós dois

Cabe até o meu amor, essa é a última oração  
Pra salvar seu coração  
Coração não é tão simples quanto pensa  
Nele cabe o que não cabe na despensa

Cabe o meu amor  
Cabem três vidas inteiras  
Cabe uma penteadeira  
Cabe nós dois  
Cabe até o meu amor, essa é a última oração

Pra salvar seu coração  
Coração não é tão simples quanto pensa  
Nele cabe o que não cabe na despensa

Cabe o meu amor  
Cabem três vidas inteiras

Cabe uma penteadeira  
Cabe nós dois

Cabe até o meu amor, essa é a última oração  
Pra salvar seu coração  
Coração não é tão simples quanto pensa  
Nele cabe o que não cabe na despensa

Cabe o meu amor  
Cabe essa oração <sup>118</sup>

Nesse momento único e com certa medida de imprevisibilidade todos ali estavam se percebendo um organismo vivo. Ao final, foi Wilbert Santos, um dos integrantes do Coletivo Bonja *Roots*, no centro do círculo e olhando para cada um de nós, cantando e dançando, puxou a canção “Oração”, acima referida, da Banda Mais Bonita da Cidade. Em um ritmo frenético, espontâneo e acolhedor, me juntei ao centro do círculo; estávamos absorvidos cantando em alta voz, sorrindo e pulando abraçados como em círculo-espiral de movimento contínuo.

---

<sup>118</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QW0i1U4u0KE>> Acesso em nov.2018.

#### 4 “CUIDA(DOS)CORRES, PIVETE!”: práticas de re-existências poéticas

##### VÁRIOS CORRES

*Infância conturbada catador de lixo  
 Pais separados desde os cinco  
 Aquilo mexeu com o menino  
 Que aprendeu desde cedo a se esquivar dos tiros  
 Que vem a mandado dos elegantes  
 Se vesse uma viatura dobrava uma rua antes  
 Quantas vezes mudaram de calçada  
 A tiazinha passava com a bolsa abraçada  
 No campo para o menino talentoso os olheiros nunca olhava  
 Também não tinha um pai lá fora pra lhe dar umas pratas  
 Pra amarrar uma palavra  
 Só o talento nunca bastava  
 Mas na rua a polícia sempre enquadrava*

*Cheio de ódio aprendi a correr com velocidade,  
 lealdade, sagacidade,  
 Hoje estou aqui vinte e cinco de idade  
 E corro pra que a lei aqui seja cultura  
 Mais saraus, reggaes, batalhas até biblioteca na rua  
 Enquanto não for assim até falo pros meus amigos:  
 não dá pra ouvir conto de fadas  
 Só escuto play boy no porta malas, tiro no político  
 Rajada nos polícia no meio dos peito  
 Só queremos o que é nosso por direito.*

(Moésio Suicida, Zine Coletiva Jangu Livre, sexta edição - fev. 2018).

*Viva nós  
 que somos cupins.*

(Jam's Willame, poeta, org. do Sarau-Rizoma: corpo sem órgãos, 2017).

Os encontros-saraus das periferias urbanas têm integrado zonas de existências contrárias ao *ethos* do medo e da violência retroalimentados pelo Estado e suas instituições. Neste capítulo irei, a partir da experiência e escrita etnográficas, mostrar como as práticas de re-existências poéticas recriam táticas de sobrevivência, assim como zonas de existências diante das lógicas e ocupações militarizadas e das insígnias das facções do Crime Organizado. Também me proponho a discutir os diferentes tipos de violências históricas e cotidianas de pessoas majoritariamente adolescentes/jovens (13-29 anos), negra e moradoras de favelas e periferias que são vítimas de extermínios e chacinas.

O capítulo apresenta alguns significados da categoria “*corres*” (expressão que, entre outros significados, exprime a luta cotidiana) e demonstra que as práticas de re-

existências poéticas constituem exercícios de reinvenção da vida de seus praticantes, a partir da noção de *sobrevivências*, da *errância* e da *re-existência*. A reinvenção, conforme Mbembe (2014a, p. 47), “só é possível através da contemplação tanto do passado quanto do futuro”. Assim, diferentes práticas poéticas têm insurgido contra políticas coloniais de subalternização, silenciamento e invisibilidade, ambas atualizadas e retroalimentadas historicamente. Ademais, repudiam as frequentes tentativas de regulamentação institucional dos saraus e bailes de *reggae* autônomos.

Um permanente exercício de uma *ética das “mermazária”*, tomando-a mais do que como *gíria*, mas como uma prática de vida e conduta periférica, uma ética de fato, ressignificando a própria ideia de área e território, e que, inclusive, contraria o “desejo de inimigo, o desejo de *apartheid* (separação e enclave) e a fantasia de extermínio”, conforme Mbembe (2017a, p. 73), assim como objetiva, por meio dos encontros-saraus e bailes de *reggae*, dissolver as fronteiras de inimizades e do medo incorporadas e capilarizadas pelas siglas que demarcam territórios geográficos e simbólicos, insígnias marcadas a ferro e fogo nas paredes e nos corpos por policiais e facções.

#### 4.1 REDE DE SARAUS DO CEARÁ: “EU SOU UM SEM/CEM NOMES”

*Quem vocês pensam que são para nos vetar o anonimato?  
Se não queremos ter nomes, é um direito que nos compete.  
Se queremos ter muitos nomes, também.  
Eu sou um sem/cem nomes.*

(Argentina Castro – Sarau Papoco de Ideias – PICI, 2017)

No sábado, 19 de agosto de 2017, a Rede de Saraus do Ceará se reuniu pela primeira vez no Centro Cultural Patativa do Assaré, localizado no Polo de Lazer do Conjunto Ceará, além de discutir a tentativa de regulamentação dos saraus e rolezinhos<sup>119</sup> pela Coordenadoria Especial de Políticas de Juventude do Governo do Estado,<sup>120</sup> o encontro serviu também para fortalecer a unidade, assim como construir uma agenda própria dos coletivos e grupos que organizam saraus e bailes de *reggae* autônomos nas periferias de Fortaleza e em

<sup>119</sup> Proposta de regulamentação da realização dos saraus e rolezinhos, disponível em <[https://drive.google.com/file/d/0BxpoNHTAXYGFZIXI4dGo2RDdWUjA/view?fbclid=IwAR1U3LT\\_2yxcLhey1ddPuDWzYzlk-5KMwn1stWtgC2blu1aYM-xykb3c-q8](https://drive.google.com/file/d/0BxpoNHTAXYGFZIXI4dGo2RDdWUjA/view?fbclid=IwAR1U3LT_2yxcLhey1ddPuDWzYzlk-5KMwn1stWtgC2blu1aYM-xykb3c-q8)>. Acesso jan. 2018.

<sup>120</sup> Coordenadoria recua sobre regras para saraus e rolezinhos. Jornal O Povo. <<https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/08/coordenadoria-recua-sobre-regras-para-saraus-e-rolezinhos.html>>. Acesso em jan. 2018.

sua Região Metropolitana, bem como em outras cidades do estado do Ceará, a exemplo de Sobral, situada na região norte do Estado.

A programação do primeiro encontro dos saraus contou com oficinas de papel, reciclado, confecção de mandalas, batuque de poesia, corpo dramático (teatro), poesia periférica, confecção de abayomis, percussão alternativa no turno da manhã (das 9h00 às 12h00); já no turno da tarde foi realizada uma roda de conversa e um cortejo no entorno do Polo de Lazer com o objetivo de convidar a comunidade para participar de um sarau no turno da noite. Em entrevista, o poeta Carlos Melo falou sobre a tentativa de regulamentação e as estratégias de resistência e criação da rede de saraus:

[...] as alternativas que a gente tem encontrado pra se manter, em primeiro lugar a gente criou uma rede, né, ano passado a gente teve o primeiro encontro de saraus do Estado do Ceará que aconteceu lá no Conjunto Ceará. Foi um evento totalmente autogerido, sem nenhum centavo de investimento de lugar nenhum, foi a gente que se uniu e conseguiu fazer esse evento. Dentro desse evento a gente teve uma reunião com vários coletivos, foi a primeira reunião que a gente teve com vários coletivos que vem atuando nas periferias, né, foram muitos. O secretário de cultura tava lá, não falou nada, porque ele não foi pra falar, ele foi pra escutar. E ele não era um elemento principal, mas ele tava lá. O elemento principal ali foi essa união entre os coletivos. Desde o dia, né, que a gente sofreu... esse encontro aconteceu como uma forma de resistir a uma tentativa de regulamentação que teve por parte do Governo do Estado, né?! Tentando regulamentar esses movimentos, né, tentando sondar e que a gente tivesse uma autorização prévia pra tá realizando, né, e aí a gente se sentou, a gente disse “não” a essa regulamentação e se organizou e viu que se a gente não se organizasse, a gente não ia conseguir seguir adiante. (Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 14 de fevereiro de 2018)

Como um projeto piloto, a estratégia de regulamentação dos saraus e rolezinhos iniciaria nos Bairros Bom Jardim e Barra do Ceará. A tentativa de regulamentação, segundo a Coordenadoria Especial de Políticas de Juventude do Governo do Estado, tinha como principais objetivos criar cadastro efetivo dos organizadores junto à Secretaria Executiva Regional da Prefeitura Municipal de Fortaleza correspondente que, por sua vez, os grupos teriam que apresentar, em um dos CUCAs (SER I, V e VI) e no Centro Cultural do Bom Jardim, um cronograma mensal da realização dos eventos.

A proposta ainda proibia a venda de bebidas alcoólicas durante os eventos em praças, dentro e nas mediações dos equipamentos culturais sem a devida autorização da Prefeitura Municipal de Fortaleza, além de proibir a realização dos eventos após as 22h. Na ocasião, a Coordenadoria de Juventude/GABGOV, a Secretaria de Políticas sobre Drogas e a Escola de Saúde Pública, após formação com educadores sociais, fariam abordagens educativas pela prevenção do uso abusivo de álcool e outras drogas. Além disso, os eventos seriam submetidos à avaliação pelo Conselho Comunitário de Segurança do bairro, tendo a

participação de seus organizadores.

Além destas e outras propostas, a presença de guarnições da Polícia Militar, assim como a sua atuação nos eventos obedeceriam padrões de atuação norteadas “por atitudes suspeitas”. A “sujeição criminal”, segundo Michel Misse (1999; 2010), aplicada àqueles que possuem relação direta com o “perfil bandido”, é internalizada pelos policiais, pela moralidade pública e pelas leis penais que autorizam e legitimam sobre quem for considerado suspeito de ser “bandido” e “perigoso” ou simplesmente de ser “suspeito”, diferentes formas de abordagens por parte da polícia, em cuja ações são norteados pelo recorte de cor, idade e fator econômico como critérios de seletividade:

[...] o sujeito criminal que é produzido pela interpelação da polícia, da moralidade pública e das leis penais. Não é qualquer sujeito incriminado, mas um sujeito por assim dizer “especial”, aquele cuja morte ou desaparecimento podem ser amplamente desejados. Ele é agente de práticas criminais para as quais são atribuídos os sentimentos morais mais repulsivos, o sujeito ao qual se reserva a reação moral mais forte e, por conseguinte, a punição mais dura: seja o desejo de sua definitiva incapacitação pela morte física, seja o ideal de sua reconversão à moral e à sociedade que o acusa. (MISSE, 2010, p. 17)

Mbembe (2014b, p. 71), no entanto, ao tomar como parâmetro os processos históricos de racialização dos corpos afirma que “a raça sempre foi uma forma mais ou menos codificada de divisão e de organização da diversidade, fixando-a e distribuindo-a segundo hierarquias e divisões dentro de espaços mais ou menos estanques”. A esta divisão e organização ele chamou de *lógica do recinto fechado*:

[...] os processos de racialização têm como objectivo *marcar* estes grupos de populações, *fixar o mais possível os limites nos quais podem circular*, determinar exactamente os espaços que podem ocupar, em suma, conduzir a circulação num sentido que afaste quaisquer ameaças e garanta a segurança geral. (ibidem - grifei)

A resposta dos Poetas, artistas, coletivos e coletividades foi rápida e enfática. Por meio das redes sociais (principalmente *Facebook*), se articularam, criaram uma *fanpage*<sup>121</sup> intitulada com a palavra de ordem “Total Repúdio a Regulamentação de Saraus e Rolezinhos”, gravaram vídeos repudiando a proposta, escreveram uma nota e fizeram um abaixo-assinado<sup>122</sup> que circulou pela internet.

<sup>121</sup> Disponível: <<https://www.facebook.com/totalrepudioaregulamentacaodossarauserolezinhos/>>. Acesso em jan. 2018.

<sup>122</sup> Disponível: <[https://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/36912?fbclid=IwAR2i0VK-\\_ilfDL3dVf7ZTi5bwMS3WHXFWdov7MmP4x-OUIajKjvwgXQFi\\_k](https://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/36912?fbclid=IwAR2i0VK-_ilfDL3dVf7ZTi5bwMS3WHXFWdov7MmP4x-OUIajKjvwgXQFi_k)>. Acesso em jan.2018.

Nota de TOTAL REPÚDIO a tentativa (destinada ao fracasso) do Governo do Estado e sua Coordenadoria de Juventude em regulamentar, frear, punir, reprimir, calar, amordaçar e criminalizar os ROLEZINHOS e SARAUS. Supostos Senhores gestores do Poder Público, quando foi que batemos em sua porta? Como ousam, agora, depois de tantos passos dados de forma livre, autônoma e autogerida, chegarem à nossa porta que, genuinamente, é a rua, e nos querer ditar regras, nos impor visitas do braço armado do Estado, como se bandidos fôssemos? Somos todos artistas, poetas, poetisas, escritores, passadores de chapéus, andarilhos de ruas e vielas, pensadores das favelas, semeadores e alcançadores daquilo que vocês não alcançam. Não precisamos de equipe de redução de danos, porque nós somos fruto de danos históricos, sabemos lidar com eles melhor que ninguém. O que fazemos é reduzir os danos causados pela truculência e desrespeito do Estado em nós e nos nossos irmãos pretos, pobres e periféricos. Comercializamos sim, mas a preço de custo e para manter nossa própria arte, nossos artesanatos, nossos livros de bolso, nossas comidas veganas. Quem vocês pensam que são para nos vetar o anonimato? Se não queremos ter nomes, é um direito que nos compete. Se queremos ter muitos nomes, também. Eu sou um sem/cem nomes. Quem está falando de armas são vocês, os bons entendedores, Phd(s) da (s) violência (s). Então, quem deveria ser evocado como criminosos e passíveis da ação da polícia militar seriam os senhores. Não estamos destruindo a ordem pública. Desde quando a arte é uma arma que mata e que fere? Estamos sim, difundindo ideias! Ideias do bem, do amor e do cuidado mútuo e coletivo, de autonomia política, do bem querer e bem viver artístico e solidário. Desde quando a Polícia tem pautado suas ações (nas periferias) na legalidade? Desde quando? O que ela tem feito é nos matado, nos ferido, nos agredido, nos constrangido. Não queremos nos relacionar com o poder público e, por isso mesmo, não somos obrigados a nos cadastrar, a fornecer, para os senhores, nossos dados pessoais. Só nos relacionamos com quem confiamos e com quem compartilha nossa visão poética e ética de mundo. Nosso palco é a rua e a rua nos dá liberdade para que nossos cronogramas sejam livres como o vento que nos atravessa nas encruzilhadas dos nossos saraus e ocupações, rua a fora, vielas a dentro. Não somos feirantes (com todo respeito aos feirantes que também não merecem tamanho desrespeito por serem trabalhadores) que assim como nós, buscam de diferentes formas um lugar ao sol. Nosso caminhar é artístico! Não tentem nos padronizar! É caminho sem volta. Não precisamos da avaliação do Estado sobre a poesia que escrevemos, que recitamos, sobre a música que compomos e que tocamos, sobre a intervenção que criamos e expomos. Sobre o amor e o bem comum que acreditamos. Coloquem suas equipes de redução de danos dentro das boates e casas de show da classe média conhecida como cheiradora de pó e bebedora de *whisky* importado. Não somos criminosos!!!! Somos poetas, somos artistas, somos músicos!! Somos desenhistas ilustradores e criadores de um mundo melhor, de um mundo que precisa ser reconhecido e respeitado em sua diversidade, pluralidade, plasticidade, igualdade, equidade. Não precisamos do Estado para sorrir e fazer sorrir, os nossos! Tirem seu sorriso sarcástico do caminho que nós vamos passar com o nosso amor! A periferia gritou e o Estado se assustou! (Argentina Castro, poeta e uma das organizadoras do Sarau Papoco de Idéias - PICI)

A resistência e re-existência dos Poetas questionam a racionalidade do Estado e suas formas de governo, racionalidade esta que mantém e dissemina “reflexões e o *ethos* racista, nacionalista e militarista” (MBEMBE, 2014b, p. 114), por meio de regulamentações, construções de Torres de Vigilâncias e policiamento ostensivo que criminaliza territórios e corpos bem demarcados. Não são poucos os relatos em que a Polícia Militar, além de interromper, ordena o término, apreendem o equipamento de som e proíbe que os e as poetas realizem saraus nas favelas e periferias – inclusive de maneira truculenta. Por outro lado, em resposta à proposta de regulamentação e as rotineiras violações de direitos,

os e as poetas, coletivos e artistas de rua criaram algumas demandas a partir deste primeiro encontro.

Ocupação de espaços públicos, reinventar e deixar lugares marcados mediante organização de eventos se constituem em ação política e de enfrentamento dessas e outras violências. Para os e as poetas, não se trata de ocupar por ocupar, mas marcar o lugar, intervir e inventar novas práticas cotidianas de resistência e promoção do lazer. Tanto o Sarau da B1, como os diversos saraus da periferia e favela, podem ser tomados aqui como zonas de existências.

**Foto 10 - Sarau Palco Aberto - Praça da Gentilândia, 02 de ago. 2017**



Fonte: Nathi Vilela, Zona Imaginária Ceará.

A possibilidade, como coletividades, de descentralizar as lógicas estabelecidas e retroalimentadas historicamente da dominação hegemônica parte, conforme nos mostra Achinte (2009), da invenção da vida cotidiana a partir da existência inquieta e molecular dos sujeitos e territórios em condições de precariedade. Isto é, para “descolonizar” não basta resistir, é preciso re-existir: inventar formas de existência. Se deslocar do lugar da “resistência” - reação ao ser pautado, questionado, violentado - e sorrateiramente inventar possibilidades de autonomia re-existindo.

Concibo la re-existencia como los dispositivos que las comunidades crean y desarrollan para inventarse cotidianamente la vida y poder de esta manera confrontar la realidad establecida por el proyecto hegemónico que desde la colonia hasta nuestros días ha inferiorizado, silenciado y visibilizado negativamente la existencia

de las comunidades afrodescendientes. La re-existencia apunta a descentrar las lógicas establecidas para buscar en las profundidades de las culturas — en este caso indígenas y afrodescendientes — las claves de formas organizativas, de producción, alimentarias, rituales y estéticas que permitan dignificar la vida y re-inventarla para permanecer transformándose. La re-existencia apunta a lo que el líder comunitario, cooperativo y sindical Héctor Daniel Useche Berón “Pájaro”, asesinado en 1986 en el Municipio de Bugalagrande en el centro del Valle del Cauca, Colombia, alguna vez planteó: “¿Qué nos vamos a inventar hoy para seguir viviendo?” (ACHINTE, 2009, p. 455)

A re-existência dos Poetas questiona o projeto político de “produção da vida” da população na forma da restrição e governança de políticas públicas e sua racionalidade para determinados perfis de sujeitos. Mas não só, pelo contrário, escreve, declama e produz contra narrativas em confronto e subversão da lógica de um projeto de morte permanente como padrão de poder e dominação a partir das assimetrias de raça, gênero e da produção do capitalismo. Uma re-existência que não toma como base o modelo clássico dos movimentos sociais revolucionários, “entendidos como mobilizações de massa que visam apossar-se do poder de um Estado antagônico” (ALEXANDER, 1998, p. 05). As práticas de re-existências poéticas aqui discutidas tratam-se de outras formas de questionamento da própria política e cultura, conforme também pontua Pal Perbart (2003):

Se na modernidade a resistência obedecia a uma matriz dialética, de oposição direta das forças em jogo, com a disputa pelo poder concebido como centro de comando, com os protagonistas polarizados numa exterioridade recíproca mas complementar, o contexto pós-moderno suscita posicionamentos mais oblíquos, diagonais, híbridos, flutuantes. Criam-se outros traçados de conflitualidade, uma nova geometria da vizinhança ou do atrito. Talvez com isso a função da própria negatividade, na política e na cultura, precisa ser revista (p. 142).

Estas práticas de re-existências ressignificam e atribuem outros sentidos para além do discurso de violência e morte difundido pelas mídias. Para os Poetas, as periferias e favelas são hoje um dos principais celeiros de produção de eventos protagonizados pelas juventudes que reúnem diversos sujeitos locais, participantes de outros bairros da Cidade e Região Metropolitana: “nosso palco é a rua”, disse a poeta Argentina. Além do sarau, realizam-se eventos dos mais variados tipos e estilos, desde bailes de *reggae* a batalhas de *MC's*, produção literárias autônomas (livros e fanzines) a música ao vivo, são exemplos de mobilizações, práticas poéticas de re-existências e *invenção de zonas autônomas* juvenis por meio da ocupação de espaços públicos<sup>123</sup>.

<sup>123</sup> “Primeiro Encontro de Saraus do Ceará é realizado neste sábado: evento terá rodas de conversas, oficinas, cortejo e sarau.” Disponível: <<https://www.opovo.com.br/vidaearte/2017/08/primeiro-encontro-de-saraus-do-ceara-e-realizado-neste-sabado.html>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2018, às 11h04., e “Juventude que ocupa espaços públicos em Fortaleza denuncia ações policiais”, disponível

À semelhança do primeiro, o segundo encontro de saraus do Ceará aconteceu de forma independente e reuniu dezenas de Poetas e representantes de saraus da cidade de Fortaleza, Região Metropolitana e da cidade de Sobral, na Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió, em 28 de julho de 2018. Na ocasião, alguns saraus de alguns bairros e seus representantes não estiveram presentes.

A Rede de Saraus, obviamente, não está isenta de conflitos internos: as discordâncias ideológicas são o principal motivo da não unanimidade em determinadas pautas. Por outro lado, as *convergências* são: o não apoio a quaisquer ações do Programa Ceará Pacífico<sup>124</sup> e, principalmente, a busca incessante de pensar e inventar formas de diminuição do número de extermínio de adolescentes e jovens por meio da ocupação com arte e cultura. Por se tratar de práticas de re-existências poéticas que possuem certa circularidade pela Cidade, promovendo atividades culturais em diferentes territórios conflagrados pela disputa entre as diferentes siglas das facções criminosas, uma das principais estratégias adotadas pelos poetas é a “minimização” discursiva da identidade territorial, uma vez que tal identidade territorial, complementa, às vezes, até alicerça, a própria *identidade-relação* desses Poetas. Ocorre, portanto, manipulações diversas para se reafirmar lugares e condições múltiplas.

Com relação às *divergências* e fragmentações da unidade entre os organizadores de saraus, Carlos Melo afirma que as divergências geralmente giram em torno de questões ligadas ao estabelecimento ou não de diálogos com representantes do Estado, assim como fechar contratos ou concorrer a editais públicos do Governo, além das discordâncias ideológicas e partidárias.

As divergências vão existir mais nessas questões que é relacionada ao próprio governo realmente... de “ah, será que a gente vai e exige isso ou aquilo ou será que a gente vai sentar com o Governo do Estado?” Ou será... que a gente recebe convites, por exemplo, dia 17 agora a gente recebeu um convite pra gente tá sentando com o secretário de cultura novamente ele quer escutar esses coletivos da periferia pra ver o que pode fazer. E aí foi discutido em uma reunião se a gente ia ou não. A maioria disse que era bom a gente ir. Então a gente vai sentar e vai conversar. Mas aqui houve pontos de divergência, porque houveram pessoas que não, não queriam ir porque acharam que não precisa e aí você vai ter que votar, você vai ter

---

em:<<http://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2016/09/juventude-que-ocupa-espacos-publicos-denuncia-acoes-policiais.html>>. Acesso em 23 de maio de 2017.

<sup>124</sup> “[...] assim como o Programa Ronda do Quarteirão foi o principal modelo de policiamento no Governo de Cid Gomes (BRASIL; ALMEIDA; FREITAS, 2015), a política de segurança pública proposta pelo Governador Camillo Santana (2015-2018) foi construída sob a proposta do Pacto por um Ceará Pacífico. A proposta visava o combate à criminalidade violenta, sobretudo envolvendo a população juvenil do Estado, por meio de ações articuladas das várias políticas públicas e setores do Estado e da sociedade civil. Entretanto, o programa tem sido ofuscado pelo avanço do modelo ostensivo: o Batalhão de Policiamento de Rondas e Ações Intensivas e Ostensivas [BPRaio]” (SILVA & FREITAS, 2019).

que decidir, você não pode obrigar o outro, porque o outro também vai ou não. Mas como é são feitas assembléias... o que é que a gente entende como assembléia? A gente vai fazer uma assembleia pra decidir um assunto "X", se tu não participa dessa assembléia, o que for decidido lá, foi decidido. Tu não teve voz, tu não tava lá, tu não participou. Então, essas divergências elas surgem com muita força nesse sentido. Nas questões partidárias, né, porque tem uma galera que é de um ideal de esquerda e tem uma galera que é de um ideal anarquista é aí que a gente ainda encontra muitas dificuldades em tentar se entender nessa questão, nessa questão política mesmo, né?! [...] Então, acho que existem muito mais convergências do que divergências. As divergências elas vão ser neste sentido porque são pessoas que estão ali, pessoas que muitas vezes não conseguem se entender por algum motivo e que eles às vezes querem deixar que isso fale mais mais alto, mas como existem várias pessoas e que dentro do mesmo coletivo, que às vezes tem uma pessoa que se desentende com a outra, elas conseguem perceber o que é mais importante e mesmo assim se unem e sabem que aquilo ali é mais importante do que essas divergências. (Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 14 de fevereiro de 2018)

Embora exista a busca necessária da unidade, conforme Simmel (1983, 2006), esta unidade nunca é harmoniosa, sempre apresenta elementos de dissociação, ligando oposição de atração e repulsão.

Se toda interação entre os homens é uma sociação, o conflito - afinal, uma das mais vívidas interações e que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo apenas - deve certamente ser considerado uma sociação. E de fato, os fatores de dissociação - ódio, inveja, necessidade, desejo - são as *causas* do conflito; este irrompe devido a essas causas. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes. (SIMMEL, 1983, p. 122)

Em Simmel, o próprio conflito põe fim à dissociação originada de tensões contrastantes. O conflito nasce do interesse de ambas as partes envolvidas. Neste caso a indiferença, constitui-se "negativa", pois anula o elemento positivo inerente ao conflito. Entretanto, trata-se de uma dinâmica cotidiana puramente *dialógica* na vida individual entre indivíduo, instituições do Estado e a sociedade: "[...] seus aspectos positivos e negativos estão integrados; podem ser separados conceitualmente, mas não empiricamente." (idem, p. 123). A vida em sociedade é cercada por uma diversidade de conflitos reais entre a agência e a estrutura.

De um lado, porque, nos indivíduos, os elementos fundem-se no fenômeno particular denominado "sociedade", e esta adquire seus próprios pilares e órgãos que se contrapõem ao indivíduo com exigências e atitudes como se fosse um partido estranho. Por outro lado, o conflito está sugerido justamente por meio da inerência da sociedade no indivíduo. Pois a capacidade do ser humano se dividir em partes e sentir qualquer *parte* de si mesmo como seu ser autêntico - parte que colide com outras partes e que luta pela determinação da ação individual - põe o ser humano, à medida que ele se sente como ser social, em uma relação frequentemente conflituosa com os impulsos de seu eu que *não* foram absorvidos pelo seu caráter social. O

conflito entre a sociedade e o indivíduo prossegue no próprio indivíduo como luta entre as partes de sua essência. (SIMMEL, 2006, p. 83-84)

Ao tratar da capacidade de sobrevivência de vidas precárias, vidas deixadas para morrer, Judith Butler (2017), afirma que depende da relação com o “Outro”. Isto é, para Butler, “a fronteira é uma função da relação, uma gestão da diferença, uma negociação na qual estou ligado a você na medida da minha separação” (p. 72). Entretanto, Fanon (2008, p. 56), afirma que “avançamos num corpo a corpo com a própria negrura ou com a própria brancura, em pleno drama narcisista, cada um enclausurado na sua particularidade, embora, de tempos em tempos, com alguns vislumbres, ameaçados, contudo pelas origens”. Mbembe (2017a, p. 54) lembra que a época em que vivemos pode ser caracterizada por “fortes ligações narcísicas”. Isto é, a “fixação imaginária do estrangeiro”, do Outro, como inimigo que produz funções defensivas.

O poeta Carlos Melo também pontua as convergências que unificam a Rede de Saraus. Para ele, a luta e a resistência contra as formas de dominação são centrais na unidade entre saraus e coletivos da Cidade:

E o que eu vejo assim o principal elemento que unifica todos eles é a luta, né mano, e a resistência, sabe. A luta nas questões sociais e a resistência contra esse sistema opressor, né?! Em todos os saraus que eu ando esse tema é abordado e a violência, um meio de encontrar a saída para essa violência, né?! Então, eu acho que o que nos uniu nesse movimento é a resistência, a luta contra tudo que tá errado aí nesse sistema, né?! Contra essa desigualdade social, né, esse é o principal fator que nos une, né?! Foi daí que surgiu uma Rede de Saraus hoje que tá se unificando cada vez mais pra buscar ainda mais nesse sentido, né?! E lutar em várias frentes, assim né, alguns vão buscar lutar em frente política, não se candidatando, mas exigindo o que é o nosso direito, né, chegando no ministério da cultura dizendo: “ó, vocês têm que fazer isso, isso e isso”, né?! Então assim, eu acho que o principal fator que nos unifica realmente é a luta e a resistência, né, neste sentido das questões sociais. (Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 14 de fevereiro de 2018)

A possibilidade de jovens escaparem da violência letal, continuar vivo e vir a se tornar um ou uma poeta é a principal motivação e o “fio” que une a Rede de Saraus do Ceará. Ao organizarem suas práticas insurgentes, denunciam a negligência e a violência histórica do Estado contra a população negra e pobre, assim como os complexos processos de assujeitamentos, sujeição criminal e criminalização das juventudes. Algumas são vidas em condições de precariedade e que sobrevivem em assentamentos precários, em contextos historicamente de opressão e baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - territórios estigmatizados e “marcados pela violência”, discursos oficiais estes estrategicamente reforçados pelo próprio Estado e pela grande mídia.

Scott (2013, p. 47), em *A dominação e a arte da resistência*, propôs uma forma mais proveitosa de ler, interpretar e compreender a conduta política, para quem “muitas vezes fugidia, dos grupos subordinados.” Ao discutir o discurso público como representação respeitável nas relações simultâneas de dominação e resistência, alertou ainda acerca das máscaras usadas pela dominação que, em determinadas circunstâncias, servem como armadilhas:

[...] o poder de dizer que uma couve é uma rosa e conseguir que essa designação entre na esfera pública implica igualmente o poder de fazer exactamente o oposto, isto é, de estigmatizar certas actividades ou pessoas que parecem questionar as realidades oficiais. Muitas destas estigmatizações obedecem a padrões comuns. Os rebeldes e os revolucionários são apelidados de bandidos, criminosos ou arruaceiros de um modo que procura desviar a atenção das suas reivindicações políticas. (SCOTT, 2013, p. 95)

Práticas, portanto, como Sarau da B1, assim como os diversos espaços culturais inventados nas periferias da Cidade, nascem das astúcias, do desejo de habitar temporariamente, de circular nos espaços, de falar da existência e de denunciar a violência operacionalizada pelo Estado e legitimada por parcela da sociedade. É em torno da poesia e da literatura que os poetas dão “golpes poéticos”, para usar o termo de Certeau (1994), inventivos ressignificando os discursos de dominação para “dissolver os estigmas” por meio daquilo que Scott nomeou de “infrapolítica dos grupos subordinados”: formas discretas ou subterrâneas de resistências.

Certeau (idem), em *A Invenção do Cotidiano*, apresenta a noção de “astúcia”, uma das reflexões mais importantes na abordagem sobre a vida cotidiana contemporânea. Sua análise foge das possíveis armadilhas do binarismo conceitual *estrutura e ação*, estas que ora tendem a explicações objetivas, ora subjetivas.

Conforme pontua Leite (2010, p. 747-748), “a preocupação de Certeau não é estabelecer condicionantes das práticas sociais como sujeitos, nem afirmar a preponderância dos contextos e das estruturas; menos ainda, de estabelecer prática, escapam dos condicionantes sociais nas quais estão sujeitas, ainda que sem deles fugam totalmente.” A análise feita por Certeau segue uma lógica própria ao refletir sobre a ação cotidiana em seus aspectos predominantemente conflitantes:

Meu trabalho não visa diretamente a constituição de uma semiótica. Consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo, no ponto de partida, que são do tipo tático. Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida

pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos. (CERTEAU, 1994, p. 103-104)

Consoante às argumentações de Certeau (idem), considero o fazer-poético cotidiano das periferias como *movimento*, ao invés de cotidiano como rotinização. Isto é, táticas que criam espaços de fuga em face às *estratégias* que, conforme Certeau, são as que reclamam “um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio”, sendo, por sua vez, a estratégia organizada pelo “postulado de um poder [...] gesto da modernidade científica, política ou militar” (p. 99, 100). As *táticas* inventadas pelos Poetas, por sua vez, são sistemas de astúcias que se infiltram na heterogeneidade social; elas se desviam, se insinuam, se contrapõem: “Chamo por tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro” (ibdem).

Em suma, a tática é a arte do fraco. [...] Quanto maior um poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia: é com efeito perigoso usar efetivos consideráveis para aparências, enquanto esse gênero de “demonstrações” é geralmente inútil e “a serenidade da amarga necessidade torna a ação direta tão urgente que não deixa lugar a esse jogo”. As forças são distribuídas, não se pode correr o risco de fingir com elas. O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso”: “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia”. Traduzindo: tanto mais se torna tática. (CERTEAU, 1994, p. 101)

O cotidiano como uma espécie de campo de guerrilha desafia as táticas dos e das poetas encontrarem maneiras inventivas de escape e confrontação nesse campo de batalha. Elas rompem não apenas com o caráter normativo da ação social cotidiana, como realça, inclusive, um aspecto pouco explorado em outras abordagens: “as relações de poder que incidem de modo substancial na construção social da vida pública cotidiana” (LEITE, 2010, p. 747). A ideia de cotidiano como práticas-poéticas permite que se analise diferentes formas de “apropriação do espaço, a formação de lugares e o rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana.” (idem). Tais situações podem ser vislumbradas, por exemplo, nas praças subutilizadas e ou nas instituições públicas de cultura, arte e lazer localizados nas periferias de Fortaleza (CE).

A teoria do cotidiano em Certeau tem como base empírica a “caminhadas pela cidade”. Como operações enunciadoras, “a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que ‘falam’” (idem, p. 179). O conceito de *espaço* em

Certeau refere-se à ausência de posições definidas e, por isso, é uma ordem móvel que permite apreender as diferentes experiências espaciais da vida cotidiana.

O *caminhar* na Cidade é a constituição dos fios em si da Rede de Afetos tecidas pelas práticas de re-existências poéticas dos e das poetas por meio dos “*corres*” na poesia de “busão”<sup>125</sup>, assim como o inverso, pensado a partir do conceito de *lugar* que se relaciona, por sua vez, a determinadas configurações mais estáveis de posições dos limites geográficos imposto pelos cálculos do poder estatal, como é o caso dos encontros-saraus circunscritos a um identidade-territorial.

Trata-se de lugares passíveis de frequentes abordagens pela Polícia Militar em saraus e bailes de *reggae* ou abordagens violentas contra Poetas em terminais de ônibus pela Guarda Municipal de Fortaleza (GMF) - apesar do certo caráter efêmero que permeia os terminais de ônibus. Não diferente, a noção de *lugar* pode ser tomada aqui como os limites instituídos pelas fronteiras do Crime Organizado por meio de insígnias e da instituição de leis próprias a partir de uma circunscrição territorial resultado de práticas, acordos e disputas pelo mando varejista do comércio ilegal de armas e drogas.

O que o primeiro tem de temporário e efêmero, o segundo tem de duradouro. Assim, enquanto o *lugar* preserva o “próprio”, correspondendo, assim, às práticas do tipo estratégicas, o *espaço* corresponde às práticas táticas. Por isto Certeau afirma que o “o espaço é um lugar praticado” (idem, p. 202). O encontro-sarau é um lugar de práticas de re-existências poéticas.

Os Poetas em seus agenciamentos resistem para existir. Por meio do letramento, da fala e da revolta compartilhada, subvertem lugares, ressignificando-os. A poesia marginal, seja ela escrita, falada, musicada é uma tática, é a *arte do fraco*; a oralidade aqui é uma arma de guerra operada entre um golpe e outro pelo inusitado. Ambos operam sob a imprevisibilidade que inventa afetos.

Fundamental à invenção guerreira de si, o fazer-poético periférico parte da *relação* e confronto com as formas de dominação, mediado pela existência imediata, o conflito, a mundanidade de Poetas e frequentadores em bandos, experiências em suas dimensões objetivas e subjetivas que inventam os espaços percorridos, produzindo efeitos e catalisando forças criadoras.

O fazer-poético marginal como criação cotidiana “inventa mundos” que por meio da identificação e da produção entre pares, possibilita a avaliação se esta construção leva ao

---

<sup>125</sup> Expressão local para ônibus.

assujeitamento ou a práticas de liberdade. Ou seja, esse fazer-poético está em constante negociação dos possíveis, da relação, “do exílio à errância, a medida comum é a raiz, que em ambos os casos falta” (GLISSANT, 2011, p. 21). O que importa não é a raiz, mas sim o movimento.

A vida nômade circular, seguindo Glissant (2011), de um poeta marginal não pode ser confundida com a vida de um homem comum; sua vida está longe de ter a segurança daqueles que exercem posições sedentárias ou de ser confundida com o “nomadismo em flecha”, que tem o objetivo de conquistar por meio da violência e do extermínio do inimigo.

O pensamento da errância e os afetos são armas de guerra na luta contra a *lógica do recinto fechado* do racismo e de uma existência sedentária essencialmente movida por “um desejo devastador de sedentarismo” (GLISSANT, 2011, p. 22). Os titulares de vidas nômades circulares inventam práticas poéticas de re-existências. Todo poeta nômade é um criador, inclusive de territórios existenciais temporários. Inventar significa não reproduzir o que poetas totalmente capturados pelo Estado por meio de suas instituições propõem ou oferecem.

O poeta nômade e o poeta sedentário podem ocupar o mesmo local. No entanto, enquanto o primeiro, nesta relação, desobedece ou subverte os códigos do Estado por, inclusive, proteger-se da moral sedentária; o segundo segue as regras e age por meio da codificação, pois a insistência ou tentativa de codificação “é uma marca explícita do mundo estatal e, de um modo geral, são três os instrumentos de codificação utilizados por esse aparelho: a lei, o contrato e as instituições” (SCHÖPKE, 2012, p. 173). Eles não se complementam e não se alternam.

O fazer-poético dos poetas de lugar nenhum parte do pensamento como máquina de guerra nômade. Por não se deixar capturar totalmente pelas instituições estatais e por não ser originalmente criado por uma instituição do Estado, ele é mais que uma reverência à poesia, nasce da experiência, produz *relatos de vida concreta*, constitui-se em verdadeira luta na e pela existência, trata-se de uma subversão dos códigos sedentários do Estado, desvela e denuncia diferentes violações históricas e questiona o genocídio cotidiano que opera em espaços precários e militarizados marcados por extermínios e chacinas.

O fazer-poético como nomadismo circular questiona e está relacionado com lutas e conflitos concretos do cotidiano. O fazer-poético nômade circular tem como essência uma literatura de “sobrevivência de um grupo” (GLISSANT, 2011, p. 22), com um objetivo principal: “reconhecer e combater o inimigo”, conforme Jardson Remido.

[...] eu escutava muito facção central e eu ouvi ele falando sobre Malcolm X e antes dele falar do Malcolm X, ele tava falando sobre o livro dele, que ele tinha lançado, o primeiro volume “A guerra não declarada na visão de um favelado”. Denunciar essa guerra, dar rosto a quem promove e quem financia essa guerra e mostrar através dessa, que ela chama “literatura de guerra”, que não é uma literatura romanceada, não é uma literatura fantasiada e tal, é uma literatura de guerra, com estratégias de guerra. Quais são as estratégias de guerra? Reconhecer o inimigo. Reconhecer que o inimigo não é o cara que nasceu em outro bairro, num bairro próximo do meu e tal, mas entender que essa guerra também não se dá pelo playboy que passa no jatinho ou joga míssil e tal, o Eduardo fala que a guerra de classe começa quando a gente pega 5 crianças numa escola pública, especificamente numa escola municipal, e pede pra ela resolver cálculos básicos de matemática, se ela não conseguir resolver cálculos básicos de matemática e tal, estando na sua faixa etária igualzinha, a guerra de classe começa aí, quando ela não consegue efetuar um cálculo básico ou quando ela não consegue fazer uma leitura bem desenvolvida e tal, quando ela é analfabeta funcional, não consegue interpretar o texto, a guerra começa a partir daí, né. (Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, entrevista em 16 de maio de 2018)

Os poetas nômades circulares são iconoclastas, eles destroem entidades cristalizadas da imagem do pensamento (representações). Resignificam valores, os recriam por meio de um processo de desconstrução diária, de um fazer-poético. Criar enquanto sujeitos de fronteira por meio de uma poética da diáspora e, conforme Édouard Glissant (2011, p. 21), uma “poética da Relação”, conceito rizomático, “segundo a qual toda identidade se prolonga numa relação com o Outro”.

Em assembleia, os corpos-poetas em aliança no Sarau Palco Aberto, em Total Repúdio a Regulamentação de Saraus e Rolezinhos, cantaram:

*Tava durumindo, Cangoma me chamou*  
*Tava durumindo, Cangoma me chamou*  
*Disse levanta povo, cativoiro já acabou*  
*Disse levanta povo, cativoiro já acabou*  
*I-a-la -la -i- la*  
*Disse levanta povo, cativoiro já acabou*  
*Disse levanta povo, cativoiro já acabou*  
*Eu tava...*<sup>126</sup>

<sup>126</sup> “Cangoma me chamou” - Clementina de Jesus.

Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=94Mf9Uw4jGo>>. Acesso em dez. 2018.

## 4.2 “FAZ TEU NOME, PIVETE!”: OS *CORRES* PELA EXISTÊNCIA

### *Nostradamus*

Primeira Parte: Daniel Lima - Dali:

*Conteúdos pesados prezados derrubando as portas*  
*Aviso aos desavisados os loucos exalam revolta*  
*Mais um que herdou a dor*  
*mas não esqueceu do amor*  
*Convicção é uma prisão*  
*mesmo assim firme tô*  
*confirme!*  
*Nostalgia dos tempos que mais-valia (era)*  
*ter uma bike e uma blusa roxada da Quiksilver*  
*Valorizo a vida um salve na mesma medida*  
*no ápice do colapso descrevo a transgressão*  
*É o reflexo perplexo de homens em decomposição*  
*Histórias épicas e só restam na memória sobras*  
*Épocas estas cujas rimas diziam mais que obras*  
*Malditos medíocres estão inspirados*  
*Os melhores poetas estão calados*  
*No limiar da renúncia é de onde brota a denúncia*  
*A suja pronúncia o protesto o pretexto*  
*Brecha pra um texto*  
*é o contexto, basta, é a besta!*  
*Luta por grana e enfrenta*  
*são seis dias por semana*  
*no seiscentos e sessenta (guenta)*  
*a luta pelo básico nos desgasta ao máximo*  
*salário mínimo, pior salário cínico*  
*diagnóstico de um dia caótico*

*exausto de mais um holocausto  
 ainda insiste em forjar propósitos  
 É os pretos de pele parda lutando pra sobreviver  
 É o poder da farda ou é o fardo do poder  
 Poetas com ideais nas margens das capitais  
 Enquanto intelectuais apodrecem em pedestais  
 jogadores dazaria em campos minados longínquos  
 ou no trigésimo sem acréscimo não chegam aos 45  
 Nossa desunião é célebre e sádicos empresários vibram  
 E os menor mesmo sem eleição são batizados pelas siglas*

(Segunda parte: Jardson Remido)

*Nostalgia.  
 Nós ta como?!  
 Nostradamus...  
 Zaratustra, fala truta,  
 teto quebra.  
 Na selva de pedra  
 tem q ser sal e naum Pedro.  
 Então, vai sem medo,  
 senta o dedo  
 à palo seco.  
 Faz teu nome,  
 mata fome.  
 Marca ponto.  
 Da zona de conforto pra de confronto.  
 Passe-de-mágica nos mágico é só facada e ponto, pronto.  
 Que é pra vingar o pranto  
 da tia preta que perdeu o pretin prum demônio branco de farda.  
 Viatura, mancada.  
 É a fábula dos crápulas na cúpula de Brasília,  
 conto da carochinha, enquanto na carrocinha  
 os vira-lata cabuloso sem osso na caça do pescoço dos guardinha.*

*Ypióca amarelinha na minha linha tem cerol.  
 Um salve pra travesti de esquina e pro menor no farol.  
 Existência dolorosa: o impacto do cacto com a rosa.  
 (Zero prosa)  
 Após troca de farpas, o corvo passa, sobrevoando as zárias  
 com colete à prova de mágoas  
 Fotoshop, shopping, Schopenhauer ressuscita e toma  
 modernidade líquida com dipirona.  
 Cercado e protegido eu tô tipo titio Belchior.  
 Mas, não sumido ouviu menor!?  
 Portando esse canto torto e atrevido, oh  
 Pra furar o tímpano e cortar a carne desse boy sem dó!  
 Pulando a catraca do ônibus,  
 saudando os anônimos  
 que são meus sinônimos.  
 Fogo nos patrimônios,  
 Condomínios com demônios.  
 Salve, pros mais fêi com a poesia mais suja  
 envolvido na cultura de rua até a medula!  
 Salve, pros mais fêi com a poesia mais suja  
 envolvido na cultura de rua até a medula!*

Por meio da incansável busca pela autonomia e organização cada vez mais horizontalizada, os frequentadores, participantes dos saraus, poetas, moradores de periferias da capital cearense defendem a arte de inventar como arma pela existência. Alguns poetas, inclusive, fazem da poesia um “corre” (expressão que, entre outros significados, expressa a luta cotidiana) pela *sobrevivência*, recitando dentro dos ônibus em troca de contribuições voluntárias.

Conforme o poema de Jardson Remido, “fazer o nome” é sair da “zona de conforto pra de confronto”, resistência e re-existência nos cálculos do poder. Estas práticas de resistência e re-existência estão em constante negociação nos campos de disputa. O poeta marginal se revela como sujeito de poder, demonstrando que este está presente nas formas de resistência. Ao inventar espaços culturais e de manifestação por meio da oralidade, constroem relações de poder, seja nos encontros-saraus ou nas intervenções no “busão”, além das contra

narrativas, das novas formas de existir, na ocupação de espaços por meio de processos inventivos e contínuos da fala, da escrita e da fuga - uma poética do relato.

“Fazer o nome”, portanto, é lançar-se, arriscar, tornar seu nome conhecido a partir do que você é e do que você faz.

Neste sentido, com base em Foucault (2011), o poder não deve ser examinado como sendo da ordem de uma representação do poder absoluto do Estado, ou da lei, ou de uma unidade global de dominação. O poder não é nem substância, nem algo que se possa reter. O poder deve, primeiramente, ser compreendido, segundo Foucault, como

[...] a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força, encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, a formulação da lei, nas hegemonias sociais. (p. 102-103)

Por “estar em toda parte” e emergir de todos os lugares, os Poetas por meio da resistência mostram que o “poder não é uma instituição e nem estrutura”, mas o nome que se dá “a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (idem, p. 103). Isto é, no princípio das relações de poder não existe uma oposição binária entre “os dominadores e os dominados”. Outro termo nas relações de poder são os diferentes pontos de resistência, pois “onde há poder há resistência” (idem, p. 105). Não se deve, portanto, ignorar o caráter rigorosamente relacional das correlações de poder. “Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder.” (idem, p. 106) As resistências residem no plural e não podem existir que não sejam no campo estratégico das relações de poder.

Para Foucault, “não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário” (ibidem). Roberto Machado, em *Por uma genealogia do poder* (1979), afirma que em Foucault não existe uma teoria global do poder. Segundo Machado, em Foucault o poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma *prática social* e, como tal, constituída historicamente” (p. X, grifei).

Assim como o poder é assimétrico, os pontos, os nós, os focos de resistência na análise dos poetas distribuem-se no tempo e no espaço de modo irregular, de forma pulverizada, transpõem as estratificações sociais e as unidades individuais, podendo suscitar levantes de grupos ou indivíduos. De acordo com Foucault (op cit), os pontos de resistência são, na maioria das vezes, móveis e transitórios e introduzem na sociedade “clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos,

recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis” (p. 107).

Em entrevista intitulada *Não ao sexo rei*, Foucault (1979) afirma que a resistência não é uma substância e não é anterior ao poder que ela enfrenta, sendo a ele coextensiva e absolutamente contemporânea. “Para resistir”, afirma Foucault, “é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele”, e “que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente” Isto é, seja nos espaços de performance dos encontros-saraus ou nas intervenções poéticas nos “busão”, os poetas marginais não são enclausurados pelo poder, sendo sempre possível modificar a dominação que a relação de poder tenta exercer em determinadas condições e segundo uma estratégia precisa. Foucault sublinha que “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência” (p. 241).

Ainda consoante a Foucault, o exercício de poder utiliza a estratégia em três sentidos: a opção dos meios a serem utilizados para objetivar determinada meta, para que faça funcionar ou manter um dispositivo de poder; a maneira almejada de se levar vantagem sobre os outros, com o intuito que ajam em função daquilo que se deseja; determinar procedimentos e mecanismos para reduzir o combate e motivar a renúncia à luta, conseguindo assim a vitória.

Conforme Foucault (1995), é própria às relações de poder, ao constituir modos de ação sobre a possibilidade ou suposta ação do outro “e daquilo que ele acredita que os outros pensarão ser a dele; em suma, a maneira pela qual tentamos ter uma vantagem sobre o outro.” Entretanto, Foucault assinala que o ponto mais importante desta questão é “relação entre relações de poder e estratégias de confronto.” (idem, p. 248) Ou seja, relações de poder e estratégias de enfrentamento se deparam por meio de uma batalha frontal, tornando-se estratégia vencedora.

Pois, se é verdade que no centro das relações de poder e como condição permanente de sua existência, há uma "insubmissão" e liberdades essencialmente renitentes, não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica. Então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir. Elas constituem reciprocamente uma espécie de limite permanente, de ponto de inversão possível. (ibidem)

Telles (2017), a este respeito, realizou uma reflexão em torno da diferenciação proposta no artigo “Sujeito e Poder”, de Michel Foucault (1982) entre relações de poder e estratégias de enfrentamento. Segundo Telles, quando se trata de relações de poder e

resistência, o ponto de análise que nos desafia são “as linhas de fratura do presente” (idem, p. 14). Isto é, questão que direciona ao estatuto da resistência na trama cotidiana e no espaço conceitual onde é formulado a relação de poder: “*o ponto intenso das vidas*, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas.” (FOUCAULT, 2016 *apud* TELLES, 2017, p. 20 - grifei) Neste sentido, Deleuze (2005), ao pensar com Foucault, discute o poder e a resistência em face da vida:

[...] quando o poder toma desta maneira a vida como objeto ou objetivo, a resistência ao poder passa a fazer-se em nome da vida, e a volta contra o poder. “A vida como objeto político foi de certa forma tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que planejava controlá-la.” Contrariamente ao que dizia o discurso já pronto, para resistir não há nenhuma necessidade de invocar o homem. O que a resistência extrai do velho homem são as forças, como dizia Nietzsche, de uma vida mais ampla, mais ativa, mais afirmativa, mais rica em possibilidades. O super-homem nunca quis dizer outra coisa: *é dentro do próprio homem* que é preciso libertar a vida, pois o próprio homem é uma maneira de aprisioná-la. A vida se torna resistência ao poder quando o poder toma como objeto a vida. (DELEUZE, 2005, p. 99 - grifo do autor)

As práticas de re-existências poéticas têm na vida e na existência seu principal objetivo. Re-existência tem como princípio inventar táticas de vida como potência criadora e de, no mínimo, sobrevivência. Relações com a própria existência que, por vezes, “agitam e fazem mover as relações de poder” (TELLES, 2017, p. 21) A possibilidade de resistência em Foucault não é essencialmente da ordem moral ou da reivindicação de direitos específicos, mas da ordem estratégica e de luta. (CASTRO, 2016). Posso pensar uma estratégia e luta pela própria existência, um confronto no interior da rede social do poder, pegar atalho, subverter e abrir minúsculas fendas na tomada de terreno (mesmo que de maneira sutil e silenciosa). Para Foucault, estas práticas revelam uma luta, uma batalha.

“Re-existência” aqui proposto se aproxima ainda da ética *ubuntu* como *modo de existir*. Ramose (2002) argumenta que “ubuntu” é uma ética como manifestação prática e filosófica. Neste sentido, na esteira do afroperspectivismo, Nogueira (2011, p. 147), em um breve ensaio, apresenta *ubuntu* “como uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica.” A grafia e transcrição fonológica é compartilhada, segundo Nogueira, por pelo menos quatro grupos étnicos: ndebele, swati, xhosa e zulu.

Ramose (2002) lembra que como modo de existência, a ética *ubuntu* consiste no princípio do *ser em movimento*, entendido como “ser-sendo” (*be-ing*). Em linhas gerais, ao citar Ramose, Nogueira (2011, p. 148) diz que a palavra nasce de uma aglutinação entre “ubu”

e “ntu”: “*ubu* evoca a ideia do Ser, entendida de um modo dinâmico, integral, anterior às manifestações particulares ou modos de existência. O termo *ntu* já indica toda manifestação particular, os modos distintos de existência”. Deste modo, “*ubu*” designa “tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum”. Por sua vez, “*ntu*” significa “a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando” (id *ibidem*). Ubuntu é, portanto, modo de existir, mutualidade, *relação* enquanto uma *comunidade aberta*. A poética da re-existência possui como princípio o ser em movimento em uma relação de cuidado. O *corre* pela vida.

*Corre* é, portanto, movimento e tem por objetivo as sobrevivências. Correria, luta, labuta cotidiana contemporânea. A peleja do Poeta que se antecipa frente às complexas demandas impostas pelas simetrias e assimetrias do poder como relação de forças (raça, classe e gênero). Mas também é relação, se encontra no meio, entre as coisas, *intermezzo* - criando táticas, abrindo caminhos, inventando atalhos e pontos de *fuga*, principalmente a partir das “brechas” do poder. “Fazer os corres” ou “correria” é, conforme Jardson Remido, não ficar parado, à semelhança de um rio que corre, correria é o “fluxo”.

Correria é você se despertar do ócio. Correria é você se despertar que mente vazia é oficina da mídia, que mente vazia é oficina da milícia, que mente vazia é oficina do Estado, que mente vazia ocupa espaço e esse espaço é ocupado pelo preconceito porque o preconceito ocupa muito espaço, ou então a gente tem que tá tomando espaço, a gente tem que tá sabendo administrar o nosso tempo e a gente tem que tá tornando esse ócio produtivo, esse ócio tem que ser direcionado, tem que ser canalizado, e é correria, a gente tem várias fitas, várias demandas, a gente tem que resolver aquilo, a gente que resolver isso, a gente tem que visitar a nossa quebrada, a gente tem que subverter o nosso tempo, a gente tem que subverter a nossa carga horária de trabalho, a gente tem que subverter a nossa carga horária de estudo, pra ter encontro, pra imprevistos. E correria é sair do ócio nocivo e tornar ócio produtivo e não tá parado, se liga, é isso. E não você tá parado porque tem um pensado né que, o Vitor Hugo, que ele fala que rio que não corre vira pântano, então a gente tem que tá nesse fluxo, é um fluxo, a gente tem que tá fluindo. Porque o organismo ele tá em um fluxo, ele tá fluindo, então é isso. (Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, entrevista 16 de maio de 2018)

O termo fluente possui alguns significados que transitam pelo terreno das polaridades moralizantes, dualidades de bem e de mal e entre redes de sociabilidades ou grupos mundanos em dado contextos dialógicos, porosos e específicos: 1. “Correr pelo certo”; 2. “Correr pelo errado”; 3. “Corre de ganso” e 4. “Certo pelo certo”. A poeta Patrícia Alves, por exemplo, em entrevista falou sobre o que entendia por “correr pelo certo”.

Essa palavra certo, eu estou fazendo certo é meio assim... correr pelo certo é algo que você faz que não vá lhe fazer mal, nem mal a outra pessoa, que não vá agredir outra pessoa. Isso é correr pelo certo, você fazer algo de bom pra si e que não seja

ruim pra outra pessoa, que aquilo esteja dentro de uma convenção social ética, aquilo é correr pelo certo. (Patrícia Alves, poeta e estudante, entrevista 14 de maio de 2018)

*Correr pelo certo.* Não somente pela “honestidade”, os sujeitos procedem por difusão de prestígio, demonstração de humildade e consideração, pois conforme o poeta Daniel Lima, ao citar o *rapper* e compositor brasileiro Sabotage, em um de seus poemas, “não é preciso ser bicho solto pra falar que é mil grau”. Evita identificação e se mantém distante de vínculos e associação com o crime organizado (facções), pois esquiva-se das práticas híbridas de sobrevivências do nomadismo em flecha, este que por sua vez, tem como objetivo conquistar por meio do extermínio dos seus oponentes (GLISSANT, 2011). Cada vez mais jovens, e até mesmo crianças e adolescentes, “mesmo sem eleição são batizados pelas siglas” do crime organizado.

Quando eu vou para uma ação cultural qual o propósito nela, pra quem que eu vou falar, né? E aí é isso que a gente... eu tenho, pelo menos, tentado falar pra galera: “meu irmão, não vamos nos preocupar com o crime porque ele não é o nosso foco, né mano?! O crime não é o nosso foco, as pessoas são, né?! As pessoas que tão lá são, mas o crime não! Deixa o crime lá, deixa eles fazer a parada que eles quiser lá, vamo tentar conscientizar de uma outra forma, não vamo... deixa o crime!” Porque a gente faz isso principalmente pela nossa segurança, mas porque a *gente entende que lidar com as pessoas é mais importante, a gente entende que chegar nas pessoas é mais importante do que, por exemplo, tentar convencer ela diretamente a sair do crime.* Muitas delas não vão sair. Mas tentar, pelo menos, tentar dá uma conscientização de humanidade para essas pessoas através da arte e da poesia que é possível já é um grande avanço. Porque tu consegue aí mudar uma consciência, ou quando tu consegue chegar pra um moleque desse e fazer ele mesmo se questionar o porque que ele tá numa guerra, por exemplo, o porque que ele tá matando um cara que mora em um bairro vizinho a ele, se realmente aquele cara é inimigo dele ou não ou quem é o nosso inimigo. Quando tu consegue trazer essas reflexões vale muito mais do que tu tentar convencer ele sair do crime ou tentar convencer a ele não nos matar ou deixar rolar a parada, na maioria das vezes a parada rola. E o importante é a gente saber o que a gente tá falando e pra quem. (Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 14 de fevereiro de 2018 - grifei)

Este “aproximar-se da vida” significa para o poeta Carlos Melo não fazer juízo de valor das práticas ilícitas, pelo contrário, trata-se de uma tentativa que daquele contexto ergam-se Poetas. Embora as fronteiras entre as práticas de nomadismo circular e do nomadismo em flecha nesta relação sejam borradas não somente por transitarem entre o lícito e o ilícito. No entanto, o objetivo de um deles é a *sobrevivência coletiva* por meio da literatura e da poesia.

[...] tem jovens que saíram do crime que tão no coletivo, entendeu? Tem um jovem lá que, inclusive, é uma pessoa incrível. Ele hoje canta rap, faz poesia também, que saiu da casa de detenção pra ir direto pro coletivo, foi resgatado pela arte. As letras

dele, tudo vai contra o crime mesmo, assim, e de uma forma bem direta. Entendendo o que é o propósito do sistema pra esses jovens, porque os jovens que tão no crime eles tão ali porque o sistema tem um propósito pra eles lá dentro. (Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 14 de fevereiro de 2018 - grifei)

*Correr pelo errado.* Envolvimento com práticas ilegais, ou seja, vínculos com o varejo da venda de drogas ilícitas, uso e venda de armas de fogo, práticas de assalto, furto e homicídios etc. Entretanto, é mais do que isso: na gramática local, primeiro, quem “corre pelo errado” o faz geralmente sozinho e não contradiz somente a Lei do Estado, mas as ordens e leis instituídas em determinado contexto social e seus agrupamentos, ou seja, pode ferir o princípio de coletividade e consideração - “o errado é cobrado”; segundo, o consumo de drogas ilícitas não se configura como “correr pelo errado”, pois não é um “crime” que envolve vítimas.

Patrícia Alves, ao falar sobre este tipo de corre, mostra que as fronteiras entre um tipo de proceder e outro é bastante poroso, que depende de cada contexto e grupo que se está inserido.

Pois é, correr pelo errado... essa coisa de errado e certo. Pode ser errado pra mim, certo pra você. Correr pelo errado [ri] é quando você faz algo que vá lhe atrasar como pessoa ou atrasar outra pessoa, que vá agredir, ferir a pessoa de alguma forma ou várias pessoas, que aquilo seja socialmente antiético, não aceito dentro do grupo que você tá inserido. Vai de você e do seu meio social do que é certo ou errado. (Patrícia Alves, poeta e estudante, entrevista 14 de maio de 2018)

Já para Jardson Remido, o “correr pelo errado” é “não se posicionar pelo certo”, ou seja, “ser neutro”. Logo, se você é neutro você está “fechando com o errado”, diz<sup>127</sup>.

[...] se você vê uma situação de racismo e você se omite, você tá fechando com o errado. Se você ver uma situação, uma covardia de machismo, de homofobia de transfobia, de xenofobia. Se você ver o maior, oprimindo o menor, você tá fechando com o errado, se você não tá fazendo nada você tá fechando com o errado, se você vê que tem o maior lá subjugando, martirizando o menor de alguma forma, pode ser

<sup>127</sup> Pierre Bourdieu (2004, p. 54-55), no que tange ao ofício do sociólogo, afirma que “o imperativo da ‘neutralidade ética’ que Max Weber opunha à ingenuidade moralizante da filosofia social tende a se transformar, hoje, em um mandamento rotinizado do catecismo sociológico. Se dermos crédito às representações mais triviais do preceito weberiano, bastaria estarmos prevenidos contra a parcialidade afetiva e as solicitações ideológicas para ficarmos livres de qualquer interrogação epistemológica sobre a significação dos conceitos e a pertinência das técnicas. A ilusão de que as operações ‘axiologicamente neutras’ são também ‘epistemologicamente neutras’ limita a crítica de um trabalho sociológico, o próprio ou o dos outros, ao exame sempre fácil e muitas vezes estéril, de seus pressupostos ideológicos e de seus valores últimos. O debate sem fim sobre a ‘neutralidade axiológica’ serve, quase sempre, de substituto à discussão propriamente epistemológica sobre a ‘neutralidade metodológica’ das técnicas e, por esse motivo, fornece uma nova caução à ilusão positivista. Por um efeito de deslocamento, o interesse pelos pressupostos éticos e pelos valores ou fins últimos evita o exame crítico da teoria do conhecimento sociológico que está implicado nos atos mais elementares da prática.”

por símbolos, poder ser fisicamente, não importa, se você vê injustiça e não se posiciona, se você vê aquilo que é mentira, e você deixa aquilo se desenvolver como mentira e se transformar numa verdade você tá fechando com o errado, então é isso, irmão. (Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, entrevista 16 de maio de 2018)

*Corre de ganso*. Faz referência à ave, trata-se da atitude de determinado sujeito que tem a “palavra frouxa”, aquela pessoa que é lenta nos “corres”, isto é, lesado, designa indivíduo com “moral deteriorada” (GOFFMAN, 1988) ou que está perdendo alguma credibilidade e consideração pessoal ou coletiva que conquistou de determinados segmentos e agrupamentos sociais, geralmente esta expressão é atribuída aos sujeitos que têm falhado nesta questão repetidas vezes, na linguagem local, são “furão”, “vacilão”, alguém sem responsabilidade e de “proceder” duvidoso devido à sua inconstância. Para Jardson Remido seria uma espécie de “contra-corre” ou um “corre paralisante”, aquele ou aquela que é “atrasado”: “é o cara que não se movimenta, é o cara que não corre, é o cara de *quack*, corre de ganso” Já Patrícia Alves relata que já foi apelidada assim pelos amigos, por todas as vezes que se atrasou nos compromissos:

[ri] Corre de ganso é... tu já viu ganso correndo? As pernas curtinhas, é embaçado [ri] eu já fui apelidada assim, já me chamaram de “corre de Pati” porque eu sempre me atraso e sempre esqueço das coisas, isso é um corre de ganso, é você, assim, moscar mesmo, não sei qual outra palavra eu poderia... Você vai fazer uma coisa por nós e vou e volta e não deu certo o que eu fiz pela gente [ri] “porra que corre de ganso, tu não conseguiu resolver aquela parada”, isso é um corre de ganso ou então você ficar me esperando porque eu me atrasei, isso é um corre de ganso, uma parada que você faz, um corre que é mó paia. Meus amigos me chamam assim, já sabem como é a cena. (Patrícia Alves, poeta e estudante, entrevista 14 de maio de 2018)

Ao ser perguntada como entendia a expressão “certo pelo certo”, Patrícia Alves disse que significa “pagar na mesma moeda”, seja algo bom ou ruim. É retribuição.

[ri] O certo pelo certo é quando você faz algo e aí você fez algo de que alguma forma me atingiu de uma forma boa e aí o certo pelo certo seria tipo eu fazer um outro corre. Tipo assim, tu faz um corre por mim, eu faço um corre por ti, pela sua mãe... isso de forma boa. Ou você fez alguma coisa de ruim comigo e como tu fez uma coisa ruim comigo, eu faço uma parada do mesmo nível contigo. É pela mesma moeda. Pronto, o certo pelo certo é como se fosse a mesma moeda. O certo pelo certo é a mesma moeda, se você fez uma parada que foi mó paia então eu meio que tenho um crédito pra fazer aquilo ali, eu posso não fazer, mas seu eu fizer... é o certo pelo certo. O certo é fazer isso aqui porque fulano foi e fez assim, então a resposta vai ser essa, seja boa ou ruim. (Patrícia Alves, poeta e estudante, entrevista 14 de maio de 2018)

Já Remido entende a expressão “certo pelo certo” como “identificação”:

O certo pelo certo é alimento né irmão, a gente tá se alimentando né, eu acho que é isso, o certo pelo certo é um alimento, e oxigênio, é fôlego. Se uma pessoa denuncia ou se uma pessoa fala uma coisa ali é, “pow, é isso e tal. Me identifico e tal e pá e tal”. É o certo pelo certo, é o que a gente chama de identificação, né, identificação é o certo pelo certo. (Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, entrevista 16 de maio de 2018)

*Certo pelo certo.* Este tipo de “proceder” refere-se àqueles que, dentro de determinado coletivo ou grupo social, se identifica junto aos que congregam da mesma ideologia, ou seja, a partir do respeito atribuído e conquistado, este sujeito não toma como princípio as bipolaridades das noções de “legal” e “ilegal” do Direito, mas sim, o tipo de “proceder” do grupo que está inserido (TELLES e HIRATA, 2007). Ele transita entre as práticas do legal e ilegal, lícito e ilícito com o propósito de corresponder os anseios do coletivo e seus códigos de ética específicos. Em suma: este sujeito prioriza sempre o bem comum de seus pares e essa postura pode incorrer em práticas que vai de encontro aos códigos ou protocolos de outros grupos/coletivos, inclusive do próprio Estado e suas instituições.

#### 4.2.1 Poesia no “Busão”

*A poesia é o pão que alimenta a alma.  
Quem não puder contribuir com ajuda,  
que contribua com as palmas.*

(Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, 2018).

A poesia dentro dos ônibus não é algo novo. Final da década 2000 existiu um projeto encabeçado por poetas do Templo da Poesia chamado “Viagens Poéticas”. Este fora aprovado pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR), por meio de edital das artes, em 2010. Embora esses Poetas não recebessem ou não pedissem contribuições aos passageiros, a ideia era levar poesias para os ônibus do transporte público coletivo de Fortaleza, com poemas, apresentações e intervenções poéticas, dentro dos coletivos e nos terminais. A proposta ainda visava a afixar quatro mil adesivos contendo poemas de poetas da capital cearense<sup>128</sup>.

Foi na época das ocupações das escolas, em 2016, que alguns Poetas decidiram recitar poesias dentro dos ônibus na cidade de Fortaleza. Inicialmente, a partir da necessidade de ajudar na arrecadação de recursos financeiros para a compra da alimentação e produtos de

<sup>128</sup> Disponível: <<http://templodapoesia.blogspot.com/p/viagens-poeticas.html>>. Acesso em jan. 2019.

higiene para os ocupantes. Os primeiros poetas a recitar poesia dentro dos ônibus públicos da cidade foram Victor Oliveira (Poeta Malandro), Davi (*in memória*)<sup>129</sup> e Júnior Scooby (Poeta Marginal), eles compunham a ocupação da escola Dr. César Cals. Atualmente, são em torno de 80 poetas de “busão” espalhados pela Cidade e Região Metropolitana de Fortaleza. O corpo-ocupação é um coletivo multilinear que se estendeu para além e a partir das ocupações das escolas. Um corpo-ocupação em trânsito da poesia no “busão” e em movimento nos encontros-saraus.

As ocupações das escolas em 2016 não acabaram - ocuparam as mentes. As resistências e re-existências ali não desapareceram - prolongaram-se com o seu valor político e coletivo. Elas se desdobraram em outras formas de ser/fazer nas ruas e dentro dos ônibus. Os meses de ocupação mostraram o que é possível ser e fazer em coletivo.

À semelhança da “sobrevivência dos vaga-lumes” de que fala o pensador Georges Didi-Huberman (2011), os Poetas com suas poesias são como pequenas luzes intermitentes, possuem vocação à iluminação em movimento, sobrevivem, re-existem. Assim como os vaga-lumes não desapareceram, pelo contrário, “alguns estão bem perto de nós, eles nos roçam na escuridão”, assim são com alguns Poetas que se descobriram dentro das ocupações e diariamente recitam poesias dentro dos transportes públicos. Por meio da poesia, a maioria deles sobrevivem financeiramente das contribuições voluntárias, partilhando idas e vindas, afetando e sendo afetados dentro dos ônibus públicos.

Como tática de sobrevivência, a poesia no busão cumpre pelo menos dois principais objetivos: a) desmontar os estigmas socialmente cristalizados; b) sustentar-se financeiramente:

Então, eu comecei escrevendo poesia e tal, né, tipo saí do grupo, a gente decidiu cada um ir pro seu lado, eu e o Dali, aí comecei a escrever poesia, fui bem sucedido nas ocupações das escolas do Ceará, e eu conheci o Vitinho, o Victor Oliveira, que é “O Malandro” e também conheci o Júnior, que é o “Scooby” e a gente se identificou muito porque a gente tinha uma realidade muito parecida e tal, o Júnior Scooby também puxou FEBEM, também foi pra casa socioeducativa, a gente se conheceu e foram eles que me incentivaram muito porque era novo pra mim esse campo, esse público e tal, eu tinha muita vergonha, bem no começo de me apresentar, tinha a voz trêmula, embargada, ficava meio constrangido e tal de anunciar uma poesia e foram eles que me incentivaram “não, cara, vamos” e eles me incentivaram, acreditaram em mim e eu comecei, comecei (Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, entrevista em 16 de maio de 2018)

Os e as poetas “quebram o silêncio” sem pedir licença, como em um teatro de rua

<sup>129</sup> Davi era um dos poetas de busão, como os demais, era jovem e morador da periferia. No momento do assassinato de um colega, Davi estava perto e também foi morto a tiros em junho de 2018.

e fazem do ônibus - este terreno móvel - um palco com o intuito de chamar a atenção não somente para temáticas pouco faladas, mas relatar a partir do seu lugar de fala experiências vividas e ao mesmo tempo desconstruir paradigmas cristalizados: a poesia destes e destas poetas têm corpo.

O efeito surpresa dos e das poetas, por si só, provoca instantaneamente medo nos passageiros e, não obstante, um terror, resultado da “experiência compartilhada no cotidiano de violência, seja ela imediata ou no plano da iminência” (FREITAS, 2003, p. 103), isto é, o medo de um assalto ou queima de ônibus, esta última provocada pelas facções<sup>130</sup>.

Por ser uma interação falada, alguns poetas de busão estabelecem mais ou menos uma lógica de pensamento, um fluxo de fala e um tipo de atenção visual representativo do encontro durante uma intervenção dentro do coletivo. Isto é, “uma ocasião de fala ou episódio de interação” que, inclusive, envolve riscos de diferentes possibilidades. Pode comprometer tanto o poeta como aqueles a quem se dirige a mensagem dentro do ônibus, “num certo sentido coloca todos os presentes em perigo”. Alguns poetas narram casos de insultos, de passageiros mandar calar a boca, inclusive: “o orador se abre à possibilidade de que os receptores pretendidos o insultarão não prestando atenção a ele, ou pensando que ele é atrevido, tolo ou ofensivo pelo que disse.” (GOFFMAN, 2011, p. 43-45)

Quando a gente terminava, o povo lá, os moradores, ficavam assim, perplexos, admirados, porque eles imaginavam tudo, imaginavam que a gente ia assaltar, que a gente ia fazer o fuzuê, que a gente ia fazer baderna, imaginavam tudo, imaginavam que a gente ia tacar fogo no ônibus, só não imaginavam que a gente ia falar de poesia, de educação, de literatura. (Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, entrevista em 16 de maio de 2018)

Os poetas de busão ressignificam e atribuem outros sentidos aos transportes públicos por meio das intervenções com a poesia. Escrevem e decoram poemas autorais com temáticas ligadas à favela, ao racismo, à violência policial, homofobia e denunciam, por meio da *performance* e do inesperado, a construção midiática e social do perfil “bandido”, “perigoso”, “ignorante” atribuídos a determinados sujeitos.

A artista de rua e poeta marginal Chris Rodrigues, 26 anos, negra, andrógino não-binário, é também uma das poetas de busão. Nasceu e se criou em uma localidade chamada Mangueira, na Comunidade São Miguel, Grande Messejana. Em 30 de junho de 2018 Chris esteve no Sarau da B1, aquela era a sua primeira vez no ano naquele espaço<sup>131</sup>. Não podia

<sup>130</sup> Disponível em <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/01/onibus-sao-incendiados-em-ataques-registrados-em-fortaleza.html>>. Acesso em janeiro de 2019.

<sup>131</sup> Disponível <<https://www.facebook.com/romulofilosofo/videos/2294897197206889/>>. Acesso em nov. 2018.

perder a oportunidade de conversar e entrevistá-la. Após recitar alguns de seus poemas, a acompanhei até a outra praça um pouco depois de onde acontece o Sarau da B1. Chris queria fumar e para a minha surpresa aquela praça era o local onde muitos dos frequentadores e poetas iam para fumar, beber e conversar. Diferente da praça onde acontece o sarau, aquela possui pouca iluminação, embora os moradores tenham plantado algumas árvores e pequenas mudas, o capim e o mato ao redor têm maior tempo de vida comparado os das duas outras pequenas praças da avenida, inclusive, nos arredores do calçadão e partes dos bancos estão quebrados ou desgastados. Ali se reúnem, seguindo Patrícia Hill Collins (2016), os “outsider within”<sup>132</sup> da B1. Chris havia me conduzido para “outro campo”, aliás, uma extensão daquele que eu estava. Como quem diz: “ei, psiu, olha pra cá!” E olhei.

Na entrevista, Chris relata que começou a se engajar em movimentos sociais após a chacina da Messejana, que aconteceu dia 12 de novembro de 2015 e vitimou onze pessoas, dentre elas, dez jovens entre 15 e 29 anos. Disse que em 2016, “por imitação” e por já ter contato com o *rap*, começou a recitar poesias no busão.

[...] eu não tinha o dinheiro pra pagar a passagem, só pra comer, tava indo pro Cuca. Eu falei “cara, eu tenho que chegar no Cuca”, não vou pular catraca, eu tinha feito umas rimazinhas a noite passada e eu vou fazer a rima. Era no papel, não era nem decorado. Quando eu fiz eu pedi a passagem, sempre fui muito carismática assim, performática, eu sou escorpião com ascendente em áries, então eu sou o exagero dos exageros, você me conheço, não deixo barato mesmo, querida, deixo caro pra eles sentirem no bolso [*ri*] fiz a poesia, ganhei a passagem, ganhei 15 conto, a galera me aplaudiu, foi a primeira vez e de tudo que eu ganhei o mais massa foram os aplausos e aí eu me viciiei. Dia 16 agora desse mês que vai vir, junho, fez dois anos de poesia no busão. (Chris Rodrigues, artista de rua e poeta de busão, entrevista em 30 de junho de 2018)

Não diferente de muitos poetas de busão, a presença por si só de Chris dentro dos ônibus, em suas palavras, é motivo de “choque” para os passageiros. Ao perguntá-la como é a experiência de recitar no busão, visto que ela não é uma “poeta normativo”, ao que ela respondeu:

Comum, um poeta comum, né. Um poeta comum que os motoristas estão acostumados a deixar subir nas topiques por trás e nos busão que é onde a galera vai, os boy que faz poesia e rap, só que como eu digo na minha intervenção, é pra destruir a cena, não é pra desconstruir, é pra destruir a cena de um rapper de Fortaleza aqui, porque a cena de Fortaleza, a cena do Brasil, é majoritariamente ocupada por homens heteronormativos padrão e tal, mas que representa, mas só

<sup>132</sup> “O termo *outsider within* não tem uma correspondência inquestionável em português, por isso optamos por manter o termo original. Possíveis traduções do termo poderiam ser ‘forasteiras de dentro’, ‘estrangeiras de dentro’” (Tradução: Juliana de Castro Galvão)

naquele padrão, mas aí chega uma bicha andrógena, não-binária, completamente misturada, características de homem, perna cabeluda, barba, roupa de mulher, bigode com batom, se liga, é um choque que... seguido da minha intervenção na poesia faz a pessoa repensar se realmente é tudo que ela foi ensinada tá certo, se ela não foi ensinada com ignorância, com autoritarismo, com intolerâncias, aí ela vai só repassando o que ela aprende dentro de casa, se liga? (Chris Rodrigues, artista de rua e poeta de busão, entrevista em 30 de junho de 2018)

É no próprio terreno móvel do vai-e-vem nos ônibus, no caminhar cotidiano pela cidade que o corpo dos poetas fala. Não é a poesia de Chris que chega primeiro, mas seu próprio corpo. As reações às suas roupas coloridas, tinta branca em seu corpo negro, “batom no bigode” são diversas, desde o olhar de surpresa, desprezo até reações bruscas como agarrar a bolsa, esconder o celular. Após relatar que em abril de 2018 foi gravemente espancada por um homem que quase quebrou o seu pescoço de tanto esmurrá-lo em uma favela próximo a sua casa, “fiquei entre a vida e a morte, se liga?” Disse ainda que uma das experiências que mais marcou no busão foi quando saiu do Hospital São José, local que ficou internada após a tentativa de assassinato.

Foi do dia que eu saí do hospital, eu tava com a minha mãe, ela me levou bermuda da Nike e uma blusa gola polo, eu já tava me sentindo muito masculino por causa do cabelo que eu tinha cortado e por causa dos antibióticos tava caindo meu cabelo, aí cortei, ela chegou com uma roupa de homem, porque ela tem vergonha, tinha. Não que ela tinha vergonha, acho que ela tinha muito medo de eu ser agredido, então ela ficava naquela *bad*, “mãe, eu vou fazer poesia”, “você não é doído de fazer isso, uma vergonha dessa”, aí eu peguei e disse “vou te mostrar que a partir de agora eu sou uma artista” e comecei a rodar. Aí eu entrava “boa tarde”, no Parangaba/Francisco Sá, só *playboy*, foi super lindo, uma interação cheia de risadas, gargalhadas, eu fiz uma palhaçada, uma baixaria dentro do ônibus, se liga? A galera parou e ficou “não acredito nesse menino”, sabe? Aquilo foi lindo, eu só via a minha mãe com a mão na boca assim, ó. Pasmada e os olhos brilhando e o povo me dando dinheiro, dinheiro e tome moeda, ela não acredita naquilo que eu tava fazendo. Quando chegou na Parangaba eu achei que ela ia falar, né, “meu filho, me perdoe por tudo que eu falei, não tinha noção, não tinha noção do que você fazia dentro do ônibus, é tão lindo, tão maravilhoso, as pessoas deixam o celular de lado pra ficar olhando pra você, tira os fones pra lhe ouvir, nunca na minha vida... eu tenho que lavar dez enfermarias, todas sujas”, aí eu falei “a senhora é boa pra zelar, eu sou boa pra animar, pra fazer feliz, mãe, é o que eu quero”, “eu dou total apoio, porque você é um artista”, aquilo ali foi impagável, foi A experiência, da minha mãe ver a minha vida, porque isso é a minha vida, tanto que eu tô há 29 dias sem uso de drogas, só de maconha, eu tô morrendo de abstinência, mas a maconha tá controlando, sem droga de comprimido, mas tô bem. Tô bem pra caralho. (Chris Rodrigues, artista de rua e poeta de busão, entrevista em 30 de junho de 2018)

O risco cotidiano assumido pelos poetas de *caminhar* pela cidade, de recitar dentro dos ônibus como pessoa singular não é descartado, muito pelo contrário. Caminhar como uma categoria social, segundo Judith Butler (2018, p. 59), “atravessa esse jeito de andar e essa caminhada particular, esse movimento singular no mundo; e se há um ataque, ele visa o

indivíduo e a categoria social ao mesmo tempo”. O ato de circular pela Cidade com a poesia dentro dos ônibus, na condição de *poeta de lugar nenhum e de todos os lugares*, abre possibilidades de ocupar espaços na mente alheia, o itinerário pode estar fechado, mas os afetos estão abertos. A “descolonização” começa de dentro para fora.

Agradei a Chris e enquanto nos despedimos com um abraço, ela avistou um amigo ou conhecido:

- “Cadê o Xamã? Cadê o Xamã?

[Vixe, vai terminar a entrevista com a bicha gritando ‘cadê o Xamã?!]”

Rimos.

A potência das *sobrevivências* dos e das poetas de busão passa pelo *desejo de desmontar os estigmas socialmente cristalizados*, ou seja, nas palavras de Chris: “provocar nas pessoas o questionamento sobre se o que elas aprenderam é mesmo verdade” e, ao mesmo tempo, *sustentar-se financeiramente*.

Posturas políticas semelhantes a estas constituem a trama dos viventes e os dispositivos urbanos que envolvem práticas de re-existência, de questionamento e *sobrevivência* ao neoliberalismo. O número de poetas recitando nos ônibus tem crescido. São histórias de vida que recitam relatos em forma de poesias não somente nos Saraus que acontecem nas favelas e periferias, mas também dentro dos ônibus que circulam pela Cidade.

Os transportes públicos em Fortaleza têm sido um dos principais espaços de trabalho para os vendedores ambulantes. Diferente dos poetas de “busão” que não oferecem um produto físico, estes vendedores oferecem diferentes acessórios (carteiras, canetas, bolsas, fones de ouvidos e acessórios para celular e eletrônicos), aperitivos (bombons, biscoitos, amendoins etc), cosméticos (sabonetes, cremes, e produtos caseiros e medicinais), vendas estas geralmente acompanhadas pelo discurso religioso judaico-cristão, relatos de abstinência causada pela dependência de substâncias psicoativas, geralmente seguido de propagandas de “Casas de Tratamento” de igrejas evangélicas. Segundo estes mesmos vendedores, sem ajuda do Governo e sem fins lucrativos, os discursos que se repetem em seu conjunto, como ações autônomas: “este é o fruto do meu trabalho. É com este humilde trabalho que tenho dado tapa na cara do desemprego!”

Mas também têm aqueles que chamo de “vendedores precários” dos busão. São aqueles e aquelas que, geralmente, pedem contribuições voluntárias aos passageiros para

comprar em estabelecimentos de bombonieres<sup>133</sup> e, após conseguir completar a “cota”, compram caixas de chicletes ou pastilhas refrescantes, sacos de pipocas, bombons ou de amendoins e circulam nos ônibus vendendo.

Telles e Hirata (2007, p. 174) tomaram de empréstimo a metáfora “a cidade como bazar” para “descrever as intersecções entre os mercados formais e os mercados informais, ilegais ou ilícitos” na Cidade. Segundo os autores, estes “trabalhadores precários” transitam em “fronteiras porosas entre o legal e o ilegal, o formal e informal que movem-se, de forma descontínua e intermitente, as figuras modernas do trabalhador urbano, lançando mão das oportunidades legais e ilegais que coexistem e se superpõem nos mercados de trabalho”. A fronteira entre os perfis de “vendedores ambulantes” e “vendedores precários” é incerta. Geralmente, jovens entre 15 e 29 anos, a maioria do sexo masculino, moradores de periferias e favelas, eles disputam o espaço e a clientela dentro dos ônibus.

Vender nos ônibus requer mais que oferecer um produto e conseguir vendê-lo, conforme Perelman (2017), os/as vendedores/as ambulantes que trabalham dentro dos “busões” procuram criar e manterem relações com outras pessoas, além de construir território que lhes é próprio: “a venda ambulante implica comportamentos específicos na relação com o motorista, com os passageiros e com outros vendedores, bem como requer a construção de uma territorialidade (espaço e tempo) específica e necessária para poder oferecer os produtos.” (PERELMAN, 2017, p. 70).

São entre estas fronteiras incertas que a *poesia no busão* se distingue e se assemelha aos “vendedores ambulantes” e aos “trabalhadores precários”. Assemelham-se, pois a *poesia no busão* é considerada pelos poetas como um emprego - um “correr” pela sobrevivência. E se distingue por ser um *trabalho imaterial afetivo*.

A poeta Gabriele Gaia, 21 anos, nasceu em Curitiba (PR) e hoje mora no Bairro da Serrinha, em Fortaleza. *B-girl* e participante de Batalhas de *MCs*, ambos elementos do Movimento *Hip Hop*<sup>134</sup>, passou a recitar poesias no busão em Fortaleza para se sustentar e sustentar seu filho pequeno. Por ter participado de batalhas de *Mcs* e já escrever poesias há algum tempo, assim como boa parte dos poetas da periferia, Gaia trabalha recitando dentro dos coletivos há quase dois anos.

<sup>133</sup> *Bombonières* são estabelecimentos que vendem doces, acessórios e conveniência. Geralmente os vendedores nos ônibus compram pipocas, chicletes, doces em quantidade (sacos ou caixas contendo dezenas) dentro dos terminais de ônibus.

<sup>134</sup> “[...] ainda hoje o universo hip hop é marcado pela reflexão e crítica que faz em relação às desigualdades sociais e raciais por meio da poesia, dos gestos, falas, leituras, escritas e imagens que tomam forma pela expressividade de quatro figuras artísticas, a saber: mestre de cerimônia - *MC*, *disc-jóquei* - *DJ*, dançarino ou dançarina - *b.boy* ou *b.girl* e grafiteiro ou grafiteira.” (conf. SOUZA, 2009, p. 21)

Porque enfim. Muita gente desacredita do corre e acha que não dá em nada, mas pra você que tem esse pensamento, mano, pêdo! Tá ligado? Porque dá sim! Ontem em menos de cinco horas eu fiz 150 reais. Meu, eu vou querer trampo fixo pra quê?! Pra ganhar 35 reais trabalhando oito horas? Sem contar que, tipo, eu gosto de fazer isso, tá ligado?! Eu dô mó valor e tipo: eu ganho muito mais, eu tenho muito mais tempo pra mim e pro meu filho e não tem burocracia, velho! Eu posso ir com a roupa que eu quiser, usar os pano largo que eu dô mó valor. Aí tipo, negócio de “passar dificuldade”. Mano, quem é que não passa dificuldade, véi?! Todo mundo passa! Porém, minha vida tá rocheda, véi! Eu pago minha contas, eu crio o meu filho, eu faço minha compras e ainda sobra dinheiro, doido! (Gabriele Gaia, poeta de busão, 20 anos, via *status instagram*, no prelo)

A sociologia do Trabalho Imaterial, desenvolvida por Michael Hardt e Antonio Negri (2001, p. 311), define “trabalho imaterial” como aquele que produz “um bem imaterial, como serviço, produto cultural, conhecimento ou comunicação”. Os autores revelam que existem duas faces do trabalho imaterial, uma em analogia ao funcionamento de um computador que “tende progressivamente a reduzir as práticas e relações de produção, juntamente com todas as práticas e relações sociais” e a segunda face como o *trabalho imaterial afetivo*: “Esta segunda face do trabalho imaterial, sua face afetiva, vai além do modelo de inteligência e comunicação definido pelo computador. [...] o que o trabalho afetivo produz são redes, formas comunitárias, biopoder.” (idem, p. 314). A poesia no busão aproxima-se, portanto, a um trabalho imaterial afetivo. Além da comunicação, isto é, contato visual e escuta, a poesia no busão envolve afeto.

Porque pra sociedade favela não tem sentimento, favelado é oco, a gente não tem sentimento e a gente provou que a gente transborda, a gente é cheio, tão cheio que a gente tem que compartilhar, transmitir isso, e a gente quebrou perspectivas, né, a gente subjugou as expectativas da galera, que a galera achou que a gente ia queimar ônibus, assaltar, só que a gente só tomou de assalto a atenção e matou a ignorância, é o que a gente chama de latrocínio intelectual, né? E a gente começou e “cara, isso daqui dá certo e tal” e a gente também falou “ô, mano, a gente em que também valorizar o nosso trampo” e a gente começou a pedir colaboração e tal, “quem puder colaborar e tiver disposição no coração a gente aceita e tal” e a galera começou a colaborar, a galera começou a apoiar muito, acreditar muito, e incentivar “continue assim” e tinha gente que se abria, que falava, assumia, “olha, eu vou confessar que eu pensava que vocês iam assaltar, que vocês iam mandar a gente ir pra fora do ônibus, que iam incendiar o ônibus” a gente acabou incendiando o coração, como o Sérgio Vaz fala “fazer fogueira nos corações, incendiar os corações” e hoje em dia têm muitos poetas que estão ocupando os ônibus, a gente tá ocupando vários espaços, mano, vários setores. (Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, entrevista 16 de maio de 2018)

Os temas e *performances* variam de poeta para poeta. Alguns abordam mais temas estruturais, como o racismo, o machismo, desigualdade social; outros falam sobre o cotidiano, a favela, injustiça, o Estado, os desafios que a vida impõe; e têm aqueles que falam sobre

amor, esperança, gratidão pela vida. Em entrevista, Gabriele Gaia falou um pouco sobre como os afetos ou “atenção” são mobilizados por meio da poesia.

Quando eu fui pros ônibus eu comecei a fazer umas poesias e percebia que nem todo tipo de poesia que eu recitava agradava a galera. Poesia que é muito afrontosa, se liga? A maioria dos caras que faz poesia, eles fazem poesia que afronta a galera e a galera já se sente mais retraída. Eu não acho... eu não acho... como é que é, como posso dizer? [não tenho nada contra a poesia que bate de frente, entendeu, com o sistema, com a atitude da galera], mas pra você ser bem recebido, você tem que ir na humildade, tem que ir na mansidão, porque quando você vai muito afrontoso, a galera não te recebe bem, se liga? Então eu comecei a perceber isso. Se eu começasse a fazer umas poesia que começasse a não afrontar a galera, mas mostrar a ela as coisas que a sociedade vem mostrando, as coisas que ela vem fazendo de errado de uma forma mais carinhosa elas iriam receber melhor do que já chegar afrontando, entendeu? Então, o público jovem ele gosta dessa afronta, mas o público mais velho não gosta disso, entendeu?! [...] Eu comecei a perceber isso pela atenção que não me davam. Entendeu? Pela atenção. Tem muita gente que quando você recita uma poesia; fone de ouvido, não olha pra você, começa a conversar com outra pessoa, isso é um sinal de que a pessoa não tá nem aí pro que você tá falando não tá gostando, entende?! Agora quando eu comecei a lidar com o público, que eu comecei a perceber que tem certos tipos de poesias que chamam atenção e outras não eu comecei a fazer as que chamavam atenção. Aí eu percebi que a galera prestava atenção, já me escutava, já deixava de conversar com a pessoa do lado pra me ouvir, e é isso que diferencia. (Gabriele Gaia, poeta de busão, entrevista em 31 de maio de 2018)

São vários os fatores que podem beneficiar ou não a escuta e a interação dos passageiros com a poesia ou poeta. Como os afetos são mobilizados estrategicamente dentro desta experiência é central. Embora, muitos poetas saibam o que falar e fazer previamente, eles também sabem que a imprevisibilidade dentro do ônibus torna cada experiência única: “Poesia pra mim, mano, dentro do coletivo, é conhecimento, experiência de vida, ser coletivo. E todo coletivo você vai sentir frio na barriga por não saber o que vai acontecer”, disse o poeta Scooby quando lhe perguntei o que é o fazer poético no busão.

Para os poetas de busão cada experiência é uma oportunidade única de fala, escuta e de sustento. Mas também de compartilhar histórias de vida. Geralmente são poemas-relatos, uma confissão pública, uma memória coletiva, afetiva e individual, enfim, um diário particular tornado público por meio da oralidade. Um dos poemas de Gabriele Gaia relata a sua história de vida. Refere-se a um poema, segundo Gaia, que não chamou muita atenção dos passageiros e por este motivo ela parou de recitá-lo:

## VIVÊNCIAS

*Aí mãe, vinte anos de idade, não fiz nenhuma faculdade*

*nem dei orgulho pra família.*

*Pulei o muro da escola e, segundo a sociedade, sai da trilha.*

*Não tive ninguém pra me espelhar e me ensinar a andar na linha.*

*Por isso eu decidi a escrever minhas próprias linhas.*

*Eu sou poeta marginal. Autônomo em história autoral.*

*Não quis ser médica, advogada nem nada disso.*

*- Aí, mãe, foi mal!*

*Preferi viver da arte. Maus olhares e julgo da sociedade?*

*Faz parte!*

*Seja bem sucedido, morra de trabalhar, se estresse e ganhe um milhão, depois morra de um infarto.*

*Não tenha tempo pra família, só para a empresa.*

*Dos filhos? Se esqueceu!*

*Vai achando que as notas que você deixar na conta vai preencher o amor que você não deu.*

*Cresci sem pai. Não é novidade. Cotidiano é hereditário.*

*Criar vai além de grana. O afeto não é monetário.*

*Aborto paterno. Esse sim, ó: legalizado!*

*Abandonam suas crias e é com o aval do Estado.*

*E a mina? Que se dane! Quem mandou abrir as pernas?*

*Até parece que fez sozinha*

*sem nenhuma ajuda paterna.*

*É complicado, a hipocrisia é muito sem parentesco,*

*como diz o ditado: “pimenta no dos outros é frescos!”*

*Mas meu caso, ó, foi diferente:*

*foi pai e mãe ausentes.*

*E não tem nada que te deixe mais doente*

*que o abandono dos parente.*

*Mas sigo firme e forte, guerreira!*

*Garra vem de raiz.*

*Se a ferida tá aberta, eu mesmo a costuro!*

*E o troféu, ó: cicatriz!*

*Se eu cair oito, chapa. Levanto nove!*

*Pra te mostrar que o sexo não é frágil*

*e o instinto aqui é forte!*  
*Então, muito cuidado ao pisar na minha aldeia.*  
*Me jogaram aos lobos e eu voltei liderando a alcateia.*  
*Porque desde o princípio eu disse que não ia me entregar.*  
*Postura reta por caminhos onde eu sempre tive tudo pra entortar.*  
*E eu cresci com vários dizendo que eu tinha que ser alguém*  
*Mas na real: “Quem falou pra você que eu não sou ninguém?”*  
*Quem falou pra você que você não é ninguém?*  
*Eles querem enfiar na tua cabeça que você só vale o que você tem.*  
*Você só vale o que você tem? Não! Mentira!*  
*Estratégia do sistema tentando te por na mira!*  
*Tentando te encaixar nesse padrão.*  
*Menor tentando se encaixar hoje está preso*  
*ou, infelizmente, a sete palmos desse chão!*  
*Você vale o que você tem? Não!*  
*Você vale o que você é!*  
*Mantenha a sua postura e nunca perca a sua fé.*

Os poemas criam determinados afetos que servem como arma para os e as poetas pela sobrevivência não somente individual, mas também coletiva. Não há receita pronta, existe a experiência em si, a escolha política de chegar sem aviso prévio dentro dos ônibus e erguer a voz e agir a favor da vida. No final da entrevista, após dar um beijo em seu filho de apenas quatro anos, Gabriele Gaia disse que tinha medo do incerto e que para ela o futuro é assustador.

Assim como Gaia, o poeta Júnior Scooby, em entrevista afirmou que a poesia é quem lhe sustenta. É por meio da poesia no busão que ele consegue pagar o aluguel, se alimentar e pagar as contas. É cada vez maior o número de poetas que fazem poesia no busão para sobreviver financeiramente. Eles não são considerados “trabalhadores” propriamente dito.

Além de circularem dentro dos ônibus, a maioria atravessa a Cidade se utilizando dos Terminais de Ônibus. São nestes espaços geralmente que eles e elas conseguem denunciar as diferentes formas de opressão sofridas historicamente e cotidianamente, assim como ganhar algum trocado (dinheiro) de passageiros após recitar poesias - mesmo correndo o risco de sofrer violência simbólica e física pela Guarda Municipal de Fortaleza (GMF) dentro dos

terminais de ônibus como aconteceu em junho de 2017 com os poetas Júnior Scooby<sup>135</sup> e “Pardal” no Terminal do Siqueira (SER V).

Vidas descartáveis, não passíveis de luto, nasceram e se criaram em “espaços precários” (AGIER, 2015), alguns dos poetas possuem uma história de degenerescência “provocada por tantos incríveis sofrimentos” resultado de múltiplas consequências da potencial fusão do racismo e do capitalismo: pobreza extrema, pais mortos ou dependentes químicos, violências doméstica, tráfico de drogas, abandono, situação de rua, medidas sócio-educativas, criminalização, sentimento de inferioridade, “objecto de humilhação numa humanidade supérflua, entregue ao abandono, que já nem é útil ao funcionamento do capital” (MBEMBE, 2014b, p. 14) e outros traumas estruturais e psicológicos indizíveis, ambos frutos de uma degradação histórica “mais sempiterna que um apocalipse” (GLISSANT, 2011, p. 17)<sup>136</sup> e “quinhão de todas as humanidades subalternas” (MBEMBE, 2014b, p. 16)

O poeta ele sabe qual é a necessidade da poesia. Pois eu percebi que a minha necessidade era apenas fazer poesia dentro do coletivo, porque eu tinha que pagar o meu aluguel, porque eu tinha que pagar a minha luz, porque eu tinha que me alimentar senão eu passava fome. Quem me alimentava, quem me dava moradia é a poesia! Quem me dava alimentação é a poesia, quem fez eu adquirir todas as palavras, quem fez eu conhecer as pessoas da faculdade... é a poesia! [...] Uma senhora uma vez me chamou de “preto, vagabundo, sem futuro!” Ai eu com todo o ódio do mundo, né, fiquei: “pô, eu não sou preto, eu não sou vagabundo, eu não sou sem futuro!” Ai eu, porra! [porque eu tinha a ideologia antes disso. Antes de quebrar essa crítica eu tinha outra ideologia, quando ela me chamou de preto, vagabundo, sem futuro, eu tinha a ideologia que eu era pardo] Porra, que viagem! E eu só me calei, né, quando ela me chamou de preto, vagabundo, sem futuro, só me calei e disse assim: “que a paz habite em teu coração, valeu!” E eu tava com ódio! E se eu não tivesse dentro do coletivo eu tinha batido nela! Porque eu tava aprendendo ainda a fazer poesia e tem que escutar que eu sou “preto, vagabundo, sem futuro!” A fome quando fala. Por isso que eu digo que tem que ser alimentação. A fome [porque eu tava com fome] falou mais alto. Eu disse: “Quem tiver gostado, muito obrigado. E você que não gostou [né, porque eu queria quebrar o ego dela] pra você que não gostou e queria contribuir eu lhe agradeço desde já!” Ai todo mundo veio contribuir, né?! Ai eu eu desci do busão e agradeci, “muito obrigado, boa tarde aí!” Ai quando eu desci do busão eu comecei a esmurrar o poste! Porque eu tava com muito ódio dentro de mim. “Porra! Que droga! Eu to fazendo o que eu amo, não tô fazendo nada de errado e as pessoas vêm me criticar! Ai foi o momento que quando eu comecei a pensar no que ela falou e eu tinha que conversar aí, ter esse diálogo com as pessoas

<sup>135</sup> “Com armas de choque, Guardas Municipais agridem jovem em terminal de ônibus em Fortaleza” Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=svlkh83T2mQ>> e na reportagem do Programa CE TV “Guarda municipal agride homem no Terminal de Ônibus do Siqueira” disponível em <<http://g1.globo.com/ceara/cetv-1-dica/v/guarda-municipal-agride-homem-no-terminal-de-onibus-do-siqueira/5960624/>> e “Júnior Scooby Fala sobre abordagem agressiva de guardas municipais terminal Siqueira Fortaleza 2017” Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=k\\_WzGnk0QNE](https://www.youtube.com/watch?v=k_WzGnk0QNE)>. Acesso em 04 de março de 2018 às 00h02.

<sup>136</sup> Glissant (2011, p. 17) narra a petrificante experiência da deportação dos africanos para as Américas. O terror inaugural e indizível da barca (Navio Negreiro): “imaginem duzentas pessoas amontoadas num espaço que mal poderia conter um terço delas. Imaginem o vômito, a carne viva, os piolhos pululantes, os mortos jacentes, os agonizantes apodrecendo. Imaginem, se forem capazes, a embriaguez vermelha das subidas ao convés, a rampa que é preciso subir, o sol negro no horizonte, a vertigem, esse deslumbramento do céu colado às ondas. Vinte, trinta milhões de deportados durante dois séculos ou mais.”

de ser “preto, vagabundo e sem futuro”. Eu comecei a pensar nessas palavras, né?! (Júnior Scooby, poeta de busão, entrevista em 21 de maio de 2018)

Ao mesmo tempo, nesta relação de uma existência enclausurada, além da poesia no busão, muitos dos e das poetas disputam espaço no mercado de trabalho formal e informal ou estão à procura de emprego, alguns (poucos) estão na universidade ou possui nível superior de ensino, estes últimos geralmente não são os mesmos que fazem poesia nos busões.

La narrativa de nuestro sistema educativo transita por construir subjetividades que se acomoden a estos preceptos de la modernidad, en ese sentido la estabilidad como principio se aprende a la par de las letras del alfabeto. Nos educaron para alcanzar el éxito y en consecuencia garantizarnos un futuro próspero distante de cualquier atisbo de inseguridad que colocara en riesgo la única posibilidad de vida. Sin embargo, paralelo a este discurso de la estabilidad el acecho de su contrario fue inoculando en nosotros los temores a perderla, así quedamos atrapados entre el deseo de seguridad laboral y el miedo al desempleo, la necesidad de tener una pareja permanente y el miedo a la soledad, el sueño de una vida determinada por obtener buenos ingresos y el miedo a la precariedad económica, el prestigio social alcanzado por la vía de ser un profesional y el miedo a no lograr las metas impuestas o auto-impuestas y, la apuesta por una vida emocionalmente equilibrada y el miedo a perder la razón. (ACHINTE, 2009, p. 448-449)

O discurso da estabilidade financeira somado à ideia de “sucesso” e “ser bem-sucedido” tornaram-se princípios que obrigam os sujeitos a se sentirem bem em um “mundo que pressiona e desqualifica” se alguém desvia da rota de consumo. “Mantener el equilibrio es *la norma* con la cual se establece el rasero que acepta o rechaza, legitima o intimida, reconoce o discrimina.” (ACHINTE, 2009, p. 449, grifei)

Alguns dos poetas pararam de estudar no ensino básico pelas mais diversas razões, e estão fora do mercado formal ou informal de trabalho, já outros dependem de algum parente para sobreviver e existem aqueles que já trabalharam no varejo do mercado de drogas ilícitas, além de outros que estão ou já estiveram em situação de rua.

Então assim, a gente tem visto alguns casos desses de jovens que têm se afastado do crime pra tá participando desse movimento, tem encontrado outra forma de conseguir o seu sustento, porque muitos tão no crime ali com a ideia de primeiro lugar, dessa ideia que o sistema impõe toda hora na gente, que é a ideia do consumismo excessivo e aí a galera quer grana pra ter roupa, pra ter isso e aquilo, mas também pela necessidade, muitas vezes de se alimentar. E aí quando você vê outra perspectiva e vê que você pode ganhar grana também pra se sustentar com aquilo que você gosta e que não vai te dá tanto risco de vida, como a arte, né?! Porque tem moleque desses aí que tá ganhando grana, por exemplo, fazendo poesia dentro de ônibus. O moleque sai do crime e vai fazer poesia dentro dos coletivos e consegue ganhar a grana dele pra ele se manter; comprar a roupa dele, se alimentar, ajudar em casa. Tem outros que vão pro sinal fazer malabares, tem outros que já cantam rap e consegue ganhar uma grana com isso. Então assim, esses jovens estão vendo que podem fazer aquilo que eles gostam, podem ganhar a grana deles e não precisam mais entrar no crime, que o crime... e eles entendem que o crime é apenas

uma forma que o sistema tem de executar eles, né?! (Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 14 de fevereiro de 2018)

De acordo com Mbembe (2017b), o capitalismo neoliberal tem deixado “em sua esteira uma multidão de sujeitos destruídos, muitos dos quais estão profundamente convencidos de que seu futuro imediato será uma exposição contínua à violência e à ameaça existencial.” Comparado ao sistema de plantação (*plantation*), o escravo moderno é resultado de uma tripla perda: “a perda de um ‘lar’, a perda de direitos do corpo de cada um, ou de cada uma, e a perda de um estatuto político.” (MBEMBE, 2017a, p. 122) É neste sentido que o filósofo pensa o capitalismo na contemporaneidade como processos necropolíticos: formas de “subjugação da vida ao poder da morte” (idem, p. 151).

Na esteira do pensamento fanoniano, Mbembe (2014a, p. 69) ressalta que, em parte, “a retórica do humanismo e do universalismo foi utilizada para acobertar a *força* – uma força que não sabe ouvir e não sabe transformar-se”. Conforme o autor são pelas lentes caleidoscópicas de Frantz Fanon que é possível perceber o esforço que destaca esta espécie de *força necropolítica* que, “ao transitar pela ficção, adoece a vida, ou ainda, num acto de reversão permanente, toma a morte pela vida e a vida pela morte” numa versão atualizada do colonialismo (atual sistema financeiro como “lógica da *Plantation*” no século XXI): “Motivo pelo qual a relação colonial oscila constantemente entre o desejo de explorar o Outro (formulado como racialmente inferior) e a tentação de eliminá-lo”. (idem).

Mbembe, na obra *Crítica da Razão Negra (2014b)*, ao apresentar sua tese “O devir-negro do mundo”<sup>137</sup>, afirma que o nome “Negro” deixou de remeter unicamente para condição atribuída aos seres de origem africana - sem deixar de discutir questões de identidade, alteridade e superação da diferença -, o autor afirma que existe um “novo caráter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro” (p. 18)<sup>138</sup> que criou processos de sujeição e precarização da vida em nível

<sup>137</sup> O “devir-negro do mundo”, portanto, seria, usando o conceito deleuziano de Devir, “se desterritorializar em relação ao modelo. E quando Deleuze afirma que numa linha de fuga há sempre traição, isso significa trair as potências fixas, as significações dominantes, a ordem estabelecida - o que exige ser criador.” (MACHADO, 2009, p. 214) Nas palavras de Deleuze e Guattari, o Devir (1997, p. 18) “não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos.” O Devir é, portanto, “um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica.” (p. 19). Ou seja, o devir não é fixo, fechado, portanto, pode-se dizer que ele é contra padrões majoritários da cultura, os devires minoritários e moleculares são capazes de desmontar representações, modelos.

<sup>138</sup> “A produção dos ‘seres de raça’ prossegue, certamente, mas sob novas modalidades. O negro, hoje em dia, já não é apenas a pessoa de origem africana, marcada pelo sol da sua cor (‘o negro de superfície’). O ‘negro de fundo’ dos dias de hoje é uma categoria subalterna da humanidade, um gênero de humanidade subalterna, a parte supérflua e excedente, que nada serve ao capital, e que parece ser destinada ao confinamento e à expulsão.” (MBEMBE, 2017, p. 236) Segundo o autor, em primeiro lugar, os Negros foram transformados em “homens-objecto, homens-mercadoria e homens-moeda.” mediante a “espoliação organizada quando, em proveito do

global, criando experiências de subjetivação de uma escravidão moderna, “pois o escravo não é um sujeito de direito mas uma mercadoria como todas as outras.” (MBEMBE, 2017a, p. 35).

Além de um “abuso que constitui a essência” do que Rolnik (2018, p. 77) chama de “tradição colonial capitalística” de uma vida “cafetinada”, o “atual” capitalismo financeiro produz seres que são separados pelas categorias “úteis” e, seu inverso, “inúteis”, homens e

---

tráfico atlântico (século XV ao XIX), homens e mulheres originários da África”. Presos, acorrentados e transportados para longe de sua existência política, social, cultural. Essas pessoas passaram a ser propriedade de outros. A vida e seu trabalho foram violentamente convertidos para a vida e o trabalho de seus donos. Foram condenados a viver com aqueles que reivindicavam para si a condição de civilizado e humano e para homens e mulheres africanos a condição de primitivo e não-humanos. Qualquer sociabilidade “co-humanas” tornou-se impossível entre colonizado e colono. O segundo momento, de acordo com Mbembe, relaciona-se ao próprio letramento, no final do século XVIII, destes “seres-capturados-pelos-outros”. Os Negros “conseguiram articular uma linguagem para si reivindicando o estatuto de sujeitos completos do mundo vivo.” O período é marcado por inúmeras insurgências de escravos que lutavam pela independência do Haiti em 1804, “por combates pela abolição do tráfico, pelas descolonizações africanas e lutas pelos direitos cívicos nos Estados Unidos, viria a completar-se com o dismantelamento do *apartheid* nos últimos anos do século XX.” (Idem, p. 13) E, por fim, o terceiro momento que teve seu início no século XXI “refere-se à globalização dos mercados, à privatização do mundo sob a égide do neoliberalismo e do intrincado crescimento da economia financeira, do complexo militar pós-imperial e das tecnologias eletrônicas e digitais.” (p. 12-13). Entretanto, de acordo com Quijano (2005), a atual globalização, em primeiro lugar, de maneira mais radical, teve sua culminância no processo que iniciou com a “constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial.” A partir dos dois processos históricos citados acima e que estabeleceram os fundamentos no novo padrão de poder, estabeleceram-se novas formas de relações sociais fundadas nessa idéia, produzindo na “América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras.” Por sua vez, estas identidades passaram a compor “hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes”, logo, um padrão de dominação imposto. “Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.” (Idem, p. 117) Conforme ainda Quijano, os negros eram a principal fonte da economia, esta que, por sua vez, dependia de seu trabalho muscular. Eram, sobretudo, a raça colonizada mais importante, “já que os índios não formavam parte dessa sociedade colonial.” (2005, p. 117) Já para Mbembe, “homens e mulheres originários de África foram transformados em homens-objecto, homens-mercadoria e homens-moeda” no “primeiro capitalismo” (MBEMBE, 2014b, p. 12). A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade (QUIJANO, 2005, p. 118). Por outro lado, durante o processo de formação histórica da América, a totalidade das formas de dominação, controle e exploração do trabalho foram operacionalizadas através do “controle da produção-apropriação-distribuição de produtos” articuladas através da relação capital-salário (de agora em diante capital) e do mercado mundial. “Incluíram-se a escravidão, a servidão, a pequena produção mercantil, a reciprocidade e o salário.” (Idem, p. 118) “Em tal contexto, cada umas dessas formas de controle do trabalho não era uma mera extensão de seus antecedentes históricos. Todas eram histórica e sociologicamente novas. Em primeiro lugar, porque foram deliberadamente estabelecidas e organizadas para produzir mercadorias para o mercado mundial. Em segundo lugar, porque não existiam apenas de maneira simultânea no mesmo espaço/tempo, mas todas e cada uma articuladas com o capital e com seu mercado, e por esse meio entre si. [...] Em terceiro lugar, e como consequência, para preencher as novas funções cada uma delas desenvolveu novos traços e novas configurações histórico-estruturais.” (QUIJANO, 2005, p. 118) Ou seja, raça e divisão do trabalho, conforme Quijano, foram elementos associados e reforçados mutuamente, embora nenhum dos dois dependam um do outro para existir ou para transformar-se. Neste sentido, quando pensado a noção de “colonizado”, Frantz Fanon, em *Os Condenados da Terra* (2005), falava da cidade colonial dividida em duas partes separadas que se comunicavam pela lógica da violência e da contraviolência. Após Fanon, Edward Said em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), apresenta brevemente a noção de “colonizado” e a sua volatilidade inerente. “Antes da Segunda Guerra Mundial, os colonizados eram habitantes do mundo não-ocidental e não-europeu que haviam sido controlados e amiúde assentados à força pelos europeus. [...] Quando as ideias de Alfred Sauvy sobre os três mundos se institucionalizaram em teoria e práxis, o colonizado se tornara sinônimo de Terceiro Mundo.” (p. 115)

mulheres que viraram sujeitos-plástico, digitais, capturados por um código e, em seu “processo sangrento de devoração”, depositaram uma confiança destruidora na inteligência artificial de movimentos líquidos operacionada em milésimos de segundos (Bolsa de Valores), concomitantemente, esta, por sua vez, descarta irreversivelmente a vida dos seres e das espécies. Neste sentido, o capitalismo em sua soberania necropolítica, fabrica “uma massa de gente habituada a viver no fio da navalha ou, ainda, à margem da vida - gente para quem viver é estar sempre a prestar contas à morte”, sempre em alerta e prontos para correr - gestos estes de desespero - na possibilidade de mais um respiro antes da morte de uma vida vivida na conformação de uma existência progressivamente inculcada, deteriorada, desgastada em que tanto faz viver, matar ou morrer: “Vida supérflua, portanto, cujo preço é tão baixo que não equivale a nada, nem sequer como mercadoria e, ainda menos, humana - é uma espécie de vida cujo valor está fora da economia, correspondendo apenas ao tipo de morte que se lhe inflige.” Em grande medida, “o racismo é o motor do princípio necropolítico” (MBEMBE, 2017a, p. 28-30, 64-65).

No entanto, diante da realidade indizível da grande maioria dos jovens negros e moradores das periferias da capital cearense, poetas como Carlos Melo colecionam memórias de dor e sofrimentos pelas perdas de amigos e que por este mesmo motivo, paradoxalmente, encontra na palavra, isto é, na poesia e na literatura, uma possibilidade de sobrevivência e indignação coletiva.

Porque eu já perdi, velho... eu não consigo mais contar nos dedos o tanto de amigo de infância e da vida que eu já perdi pro crime, que foram assassinados, não consigo mais contar, assim, todos os dias eu lembro deles. E eles também são um dos meus maiores motivadores. Teve um uma vez (e ele hoje já é falecido), que eu tinha envolvimento com essa galera, eu tentei me envolver com o crime, só que eu fui uma pessoa que foi sortuda assim, né?! Minha mãe ela me criou muito bem, eu fui criado em um ambiente que eu tive condições de aprender a ler cedo, né, eu tive condições de me acompanhar com pessoas que gostavam de ler e tal. E aí uma vez nessa roda de malandro (que eu gosto muito) um deles olhou pra mim e disse que eu não tenho direito de entrar pro crime, tá ligado?! Porque eu era muito inteligente (eles diziam), que eu não tinha direito... isso me fez... [*choro*] pô, cara... sabe... fez eu não entrar, mano! Tá ligado?! E aí eu ver depois o cara morrendo por aquilo que ele disse que eu não tinha que entrar, mano... e era um cara que tinha toda possibilidade do mundo de ser o que ele quisesse, tá ligado?! [...] E eu acho que esse é um dos maiores motivadores, é essa galera que eu perdi já e que eu continuo perdendo todos os anos, né mã. Mas que eu chego lá e eles me respeitam, e eles me escutam, e eles.. né... e é uma galera que é envolvido com o crime pesado, né mano?! E quando eu chego lá e dou uma ideia eles sentam e escutam, mã. Mas eles ainda tão lá, mas eu acredito que a mesma ideia que eu dou pra eles e que eles permanecem o outro moleque que tá lá ele vai escutar antes que entre, tá ligado?! E eu acho que é esse, o maior motivador pra mim é esse, enquanto eu ver o sangue rolando, mano, eu vou tá lá pra tentar estancar, pô! Porque eu nunca vou achar normal ver um moleque de 14 anos segurando um revólver, mã. Eu não vou achar normal ver um moleque de 12 anos morrendo, tá ligado?! Eu não vou achar normal

ver uma chacina acontecendo no bairro da periferia onde 14 pessoas morrem, a maioria mulher, e achar que isso é normal e não fazer nada ou ficar só falando ou de braços cruzados, não mã. Eu tenho que ir lá e fazer alguma coisa! Então acho que, eu não sei te explicar o quê que surge aqui dentro, mano, mas cada dor dessa e cada vez que eu vejo essas questões eu não consigo ficar parado, é algo que tem dentro de mim que diz assim ó “vai lá, mã. Tenta fazer alguma coisa!” Eu sei que o que eu faço, mã, ou o que eu tento fazer é mínimo, assim né?! Eu acho que, não sei mã, se já consegue chegar a alguém ou se alguém vai mudar por alguma coisa dessa, né mã. Mas, tipo, se uma criança daquela, mano, invés de ir pro crime virar um poeta ou virar um artista ou sei lá, fazer qualquer coisa que quebre essa questão, né?! Desse genocídio dos jovens, da população negra, principalmente, se ele não entrar pra essa estatística aí já foi alguma coisa, tá ligado?! Eu acho que enquanto existir isso é o que vai tá me motivando, mã, tá ligado?! (Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 14 de fevereiro de 2018)

Para Achinte (2009), a decolonialidade pode ser entendida como o processo por meio de que *conhecemos outras histórias, trajetórias e formas de ser e estar no mundo*, diferentemente da lógica racional do capitalismo contemporâneo, “humanizando la existencia en el sentido de devolver la dignidad a quienes por fuerza del proyecto hegemónico moderno/colonial fueron considerados inferiores o no-humanos.” (p. 452). O fazer-poético nos encontro-saraus, nos busão, nas esquinas expressam o desejo e a invenção de uma outra forma de vida, uma forma de vida política diferente do medo, da inimizade e da guerra experimentadas na vida cotidiana.

O “Poeta Malandro”<sup>139</sup> é um dos poetas que está inventando territórios existenciais, procurando sobreviver no capitalismo contemporâneo financeiro. “Poeta Malandro” foi um dos primeiros poetas de busão e um dos que influenciou outros poetas a recitar nos ônibus em Fortaleza. Atualmente, ele integra e é um dos idealizadores do ARMEM - Arte Revolucionária Marginal em Movimento, iniciativa que reúne diversos artistas de periferia das mais diversas linguagens, desde poetas a malabaristas de rua. Quando perguntei quais artistas compõem o movimento, ao que ele respondeu:

Cara, o favelado, né?! Já como diz, o próprio marginal, né?! Aquele que ele, às vezes ele não recebe a própria assistência do sistema, do Governo, desde educação, cultura, saúde... questão ali do saneamento básico. E a galera mesmo assim que encontra, vamos dizer assim, dentro dessa fuga da arte, encontra na realidade uma fuga através da arte, né?! Através da poesia, seja do *break* como eu conheço uma galera que dança no sinal que hoje se mantém através disso. Eu, mano Scooby, uma galera hoje também se mantém da poesia dentro dos coletivos e assim a gente tamo continuando, né?! (Poeta Malandro, poeta de busão, entrevista em 09 de outubro de 2018)

A re-existência dos poetas, seja por meio das práticas poéticas nos encontros-saraus ou por meio da poesia no busão e outras linguagens, é um contínuo movimento de

<sup>139</sup> Pseudônimo escolhido pelo poeta.

reinvenção, fuga e “salto” na própria existência: “Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino. Devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro *salto* consiste em introduzir a invenção na existência. No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente.” (FANON, 2008, p. 189) Foi por meio da rima improvisada (Batalha de *MCs*) em uma praça conhecida como “Coliseu” situada na terceira etapa do Bairro Prefeito José Walter, que o Poeta Malandro introduziu a invenção na existência enquanto outra forma de vida.

Só que chegou um momento da minha vida, cara, que eu lembro como se fosse ontem, sabe?! Ao lado do José Walter tem um canto chamado “Coliseu” que é um canto assim de cultura, né?! Que a galera se reunia e tudo. A galera se encontrava lá pra fumar um e também a galera vendia o seu bagui e eu não muito diferente chegava lá pra vender o meu. E um dia eu lembro como se fosse ontem que eu cheguei e tinha dois caras rimando improvisado e pra muita gente isso ali pode não ser nada, mas naquele momento aquele dois caras fazendo improviso eles me chamaram atenção, se intera?! E ao mesmo tempo que eu ia vender a droga, eu parei um momento e fui pro outro lado pra ver aquilo ali de interessante que caso contrário eu nunca tinha visto na minha vida assim ao vivo, né?! Porque eu já conhecia o improviso, já conhecia o *rap*, a questão da música, mas não assim tinha visto assim e sentido o impacto assim na hora e quando eu vi aquilo foi um impacto muito forte porque algo dentro de mim gritou assim: “Cara, eu quero isso pra minha vida!” E eu não sabia o que era, o que era o *rap*, o que era a poesia, eu desconhecia, tá ligado?! Aí foi a partir dos 16 anos que eu vim saber o que era uma poesia, o que era um poema, o que era um *rap*, que tipo: favela também tem arte, favelado também faz arte, tá ligado?! E com isso aí eu comecei a me instigar, tá ligado?! Buscar esse caminho, fui entrando devagarinho, fui botando o pé. Comecei na escola já. Na escola eu levava droga pra traficar e de repente quando eu comecei, já não ia mais vender droga, já ficava tirando onda, fazendo umas rima improvisada com a galera e eu via que a galera gostava e eu via que também que eu tinha facilidade pra fazer e também não só falar qualquer coisa, mas que eu sempre falava uma coisa massa, umas ideia massa por questão de ser muito ideológico, né?! Desde pivete eu vejo que eu sempre fui crítico. Então, essa questão também de ser só me ajudou muito porque me fez ter uma visão de tipo: às vezes as pessoas não te ajuda porque elas não te conhece. Mas é justamente dentro disso, às vezes não é porque você não conhece o outro que você não esteja precisando de ajuda ou que você não vá aceitar ajuda dele, entende? E aí, quando eu entrei nessa arte ela começou a me transformar, me modificar. De certo modo, vamos dizer, ela me matou, cara! Ela me matou e me fez assim renascer das cinzas, sabe?! Mas ela me fez renascer assim uma nova pessoa, com outro sentido, com outra visão. (Poeta Malandro, poeta de busão, entrevista em 09 de outubro de 2018)

Assim como o “Poeta Malandro”, alguns poetas influenciados pela leitura sobre pensadores e ativistas dos Direitos Humanos, como Malcolm X, por exemplo, narram o cotidiano e aspectos da realidade nas periferias da Cidade por meio dos poemas autorais escritos, recitados, alguns publicizados em fanzines ou nas redes sociais por meio de fotografias ou em documentários produzidos pelos coletivos independentes.

Pedro e Bruna: irmãos. Gêmeos. 15 anos. / Sem nutrientes necessários pra raciocinar, pois racionaram a merenda. Na verdade, um dia tem, dois dias não. / Estudantes de escola pública, alvejados por inúmeras greves. / Moram com a avó. / Pai, se foi há 16 anos atrás, bem antes de eles nascerem. Numa troca de tiros. Mãe, adicta. Assídua na boca de fumo e na beira das avenidas. / Só o sonho e a revolta enclausurados, dentro do barraco. / Até que conheceram uma professora. Substituta. Licenciava História. A aula hoje foi única. Mágica. Sobre a luta dos direitos civis na década de 70. / Agora a aula é de português. E os dois estão ansiosos pra fazer uma pergunta. Até que enfim. Página 49, livro de gramática. / - Pedro, vai lá, pergunta o fessor qual a diferença. / - Não, Bruna, vai você, que é ótima com as palavras. / - Vamos nós dois. Eu chamo e você pergunta. / - Tá, tá, tá. / - Fessorrrrr!!! / - Diga. / - Qual a diferença entre "mau com u" pra "mal com l?" Porque eu só sei Malcolm X. (Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, "Conto marginal - as panteras negras da família")<sup>140</sup>

Não obstante, por meio das práticas poéticas, alguns destes jovens influenciados pelas letras de *rappers*, como Eduardo Taddeo, do Facção Central, grupo de *rap* da cidade de São Paulo, formado em 1989, e outros grupos, como Racionais *MCs*, procuram compreender a conjuntura e posição histórica, política econômica a partir do tempo presente, na medida em que o colocam "como algo a ser superado" (FANON, 2008, p. 29).

Os poetas não recitam suas poesias somente para "iluminar um mundo que gostariam de 'ver melhor', não" (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 55), mas trata-se, antes de tudo, nesta travessia de um "período estranho da história da humanidade", isto é, das "Políticas de inimizade" referidas por Mbembe (2017a, p. 240), mudar a si mesmo para, quem sabe, afetar aqueles que os cercam nesta "democracia de escravos". É neste mesmo sentido que o poeta Reginaldo Figueiredo diz: "Eu escrevo um poema quando não sei o que fazer. Eu escrevo um poema e o poema me diz o que tenho que fazer". A necessidade de distinguir o que somos e aquilo que somos no presente e o que vamos nos tornando.

Eu não luto para mudar o sistema não, mano! Eu luto para mudar as pessoas. Eu acho que se eu mudar as pessoas, eu modifico o sistema.

- Victor Oliveira, artista de rua e poeta de busão.

<sup>140</sup> Conto disponível em

<[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=2018289878435421&id=100007632858122](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2018289878435421&id=100007632858122)> Acesso em 02 de mai. 2018.

#### 4.3 POR UMA ÉTICA DAS *MERMAZÁRIA*: BIENAL ITINERANTE DE POESIA (BIP)

O massa porque a gente consegue de certo ponto acabar com a segregação com esse tipo de arte, tá ligado? Porque tem canto que é facção tal, é facção tal que “ah, não pode vir pra cá porque aqui é isso e aí no teu é isso, tá ligado?” E aí, quando a gente já através da arte que a gente já faz o sarau e a gente já chega pra dialogar com a criminalidade, a criminalidade já começa a pegar uma visão de tipo de entender que o cara que ele mora em outra favela, por mais que seja diferente, ele também é favela, tá ligado?! E é onde vem a expressão “mermazária”. O favelado, tá ligado?! A gente tem que entender, mã, que a gente é tudo “mermazária”. Que a favela, não importa onde ela seja, ela vai ser só um lugar diferente de pessoas diferente. Mas as condições e as vivências, as experiências, sofrimentos vão ser os mesmos, tá ligado?! (Victor Oliveira, artista de rua e poeta de busão, entrevista em 09 de outubro de 2018)

A ética das *mermazárea* é uma relação de cuidado mútuo, solidariedade e desprendimento por meio da *extensão* e não por *filiação*. Enquanto a filiação opera violentamente na exclusão absoluta do “Outro”, na tentativa de legitimação enraizadora e conquistadora, a extensão, por sua vez, “tece-se” na relação inventando outra poética da existência. Um elogio à circularidade, à transversalidade e ao inesgotável emaranhamento dos afetos, ou seja, distribuir-se no espaço aberto e indefinido (GLISSANT, 2011). A vida habita e prolonga-se no movimento circular, na travessia tática e nas encruzilhadas da sobrevivência.

A poética da extensão transpõe fronteiras da morte para se fazer existentes do “lado de lá” da vida, da alteridade em deslocamento, isto é, por meio da invenção de zonas de existências, lugares marcados pelo encontro, atitudes por si só de subversão das assimetrias do poder e das relações coloniais de dominação inscritas nos corpos marcados e criminalizados.

Sobreviventes em territórios sob um estado de exceção permanente, os poetas inventam rotas de fuga e escapam da “câmera sofisticada do ‘pan-óptico’” (MAFFESOLI, 2001, p. 25) representada pelas torres de vigilância e ocupações militares plantadas em territórios precários. Trata-se de demarcações a ferro e fogo por meio de fronteiras simbólicas e geográficas a partir da ideia de “inimigo”. O princípio da filiação é o seguinte: “ou ele é assimilado ou é aniquilado” (GLISSANT, 2011, p. 55).

O crime organizado e suas “facções”, com suas respectivas insígnias identitárias (PCC, CV, FDN e GDE) impregnadas nas relações sociais, marcadas nas paredes de determinados espaços e corpos, revelam e escondem um construto histórico e retroalimentado de sujeição de determinadas “forma de morte-na-vida” (MBEMBE, 2017a, p. 124). É possível identificar os reordenamentos territoriais, assim como alteração na vida cotidiana dos moradores, principalmente aqueles residentes em bairros periféricos desde o final de 2015, inicialmente por meio de uma estratégia de “pacificação” entre as facções que comandam o

comércio ilegal de tráfico de drogas e de armas e, posteriormente, com o rompimento dessa pacificação no início do ano de 2017. Trata-se de uma representação local que se aproxima do que Mbembe (2017a) denomina de “políticas de inimizade” no âmbito global e seu *modus operandi* no atual capitalismo.

Entretanto, no tocante “à dupla escalada da violência entre facções inimigas e as forças policiais”, como analisam Sá e Aquino (2018, p. 3), a “guerra das facções no Ceará” iniciou em 2013, dado o elevado índice de homicídios que aponta para um “número próximo a 120 indivíduos exterminados em menos de três meses (março, abril e maio de 2013)” Com a dissolução do “pacto de paz”, em janeiro/2017, frequentes e diferentes “leis” e ordens foram inscritas nas paredes e também comunicadas via redes sociais - algumas com requintes de crueldade - que são amplamente compartilhados.

[...] eu acho que as facções é um filho bastardo do estado, é um filho bastardo que foram pessoas que sugadas, seduzidas tragadas, assim, pela a violência pelo ódio mórbido, pelo consumo desenfreado, pelo imediatismo, pelo capitalismo, foram pessoas que realmente foram sugadas pelo conceito do capitalismo, pela estrutura do capitalismo, pelo objetivo e sua materialização do capitalismo, são pessoas que acabam servindo, querendo ou não, que de produto pro estado, que é... uma arma na mão de um menor de idade, na mão de uma criança, vende. Sangue dá muita despesa, sangue, arma, corpo no chão, fita amarela, vai produzir o que?! Um novo político, um novo político popular, um novo político cheio da sua moralidade, cheio da sua ética, mas só externamente, ele só quer favorecer os interesses da classe burguesa, e ele só quer dizimar mais uma vez, ele nunca vai tratar a causa, ele só vai querer reduzir um pouco o efeito. (Jardson Remido, *rapper* e poeta de busão, entrevista em 16 de maio de 2018)

Algumas pichações-decreto do “Crime” já serviram de aviso público para despejo de dezenas de famílias em determinados territórios da Cidade (inclusive policiais militares). Algumas dessas famílias “refugiadas urbanas” tiveram tempo de sair de suas casas e o “direito” de levar consigo seus bens pessoais, outras, por sua vez, foram expulsas de suas casas sob ameaças de morte apenas com a roupa do corpo<sup>141</sup>. Hoje, algumas destas famílias estão refugiadas em pequenas ocupações espalhadas pela Cidade, algumas passaram a ocupar praças públicas de Fortaleza (a Praça do Ferreira, localizada no Centro da Cidade, está sendo ocupada por aproximadamente 300 pessoas) e outras foram para outras cidades do Estado<sup>142</sup>.

No entanto, o grafite e a pichação em determinados lugares da cidade de

<sup>141</sup> Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/segurancapublica/facao-criminosa-expulsa-moradores-de-5-ruas-de-bairro-de-fortaleza/>> e <<http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/redetvnews/videos/seguranca/faccoes-criminosas-expulsa-moradores-de-suas-casas-no-ceara>>. Acesso em 14 de jun.2018, às 11h28.

<sup>142</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/beneficiados-do-minha-casa-sao-expulsos-de-moradias-por-faccoes-criminosas-no-ceara.ghtml>>. Acesso em 25 de jul.2018, às 03h45.

Fortaleza, devido a normas instituídas pelas facções, são proibidos ou sofrem restrições, pois passam pelo crivo da estrita negociação com as lideranças locais do tráfico de drogas que, normalmente, não são originários do bairro ou comunidade controlado por elas, mas foram “recrutados” para administrar, fazer o controle social e o do comércio varejista das drogas. Diante disso, o grafite tem aparecido mais em instituições de arte e cultura e em suas mediações. Já a pichação, ao se apropriarem das paredes nas comunidades, tem servido como “as tábuas da lei” do crime e para demarcação de territórios em constante disputa - alguns casos até mesmo a Polícia Militar “demarca” território com a sigla “PMCE”<sup>143</sup>. Avisos como “abaixe os vidros e retire o capacete” nas entradas das ruas e favelas, assim como “quem roubar vai morrer” são encarados como “lei” pelos moradores e moradoras, mudando de forma considerável as sociabilidades locais.

Os poetas re-existent, no entanto, são sujeitos mediadores e mediados, neste contexto, pela possibilidade de uma ética das *mermazária*: extensão das práticas de re-existências poéticas. Uma “descolonização” molecular em constante negociação, isto é, pequenas negociações diante das novas normas estabelecidas pelas ocupações militares<sup>144</sup> e pelo crime organizado nos territórios.

A poesia na periferia, eu moro no Pantanal, ele é amplo, é bem grande. Eu moro bem na divisa, onde eu moro se chama Barracal, eu vejo que a questão da poesia ela tá ligada a leitura, então não é todo mundo que está na periferia e que tá produzindo e tal ou lendo, porém, há uma identificação. Tem um sarau que é o Sarau Mermazárea lá no Pantanal, que é realizada na calçada lá do Liceu. Juntando o Pantanal inteiro, nem inteiro, mas tem uma galera que escreve, que produz. Acho que isso vai... queria que a nossa poesia fosse como um vírus, que todo mundo fosse se conhecendo, pensando, parando pra escutar, né? Tem muita gente que não vai pro sarau, porque não vai ficar na calçada, porque já é cabreiro mesmo. A poesia na periferia existe há muito tempo, mas ela ainda é um pouco... ela ainda está crescendo em Fortaleza. A gente tá crescendo, ainda tem muito mais. Falando da poesia na periferia de forma poética, já falando da forma poética, a poesia tá todo lugar. (Patrícia Alves, poeta e estudante, entrevista 14 de maio de 2018)

Ao expressar o desejo imane de que a poesia alcance os jovens da sua “quebrada”, a poeta Patrícia Alves mostra que a violência e o medo são alguns dos principais desafios a serem superados por meio da ocupação dos espaços públicos com poesia e literatura nos *espaços-saraus*. Como “uma subjetivação a partir da qual o indivíduo externa

<sup>143</sup> Disponível em

<[http://cnews.com.br/cnews/noticias/128957/pm\\_apaga\\_pichacoes\\_com\\_siglas\\_de\\_organizacoes\\_criminosas](http://cnews.com.br/cnews/noticias/128957/pm_apaga_pichacoes_com_siglas_de_organizacoes_criminosas)> Acesso em nov. 2018.

<sup>144</sup> A Unidade Integrada de Segurança (Uniseg). Disponível <<http://www.fastef.ufc.br/portal/wp-content/uploads/2018/07/ESTUDO-SETORIAL-ESPECIAL-%E2%80%93-SEGURANCA-PUBLICA-E-JUSTICA.pdf>> Acesso em dezembro. 2018

seus temores e inseguranças diante das situações objetivamente observadas e ou diretamente experimentadas”, conforme Freitas (2003, p. 108), o medo significa um “processo de como o indivíduo internaliza os significados construídos pela prática efetiva do mundo social e o modo de representá-los, a partir dos quais orienta suas posturas básicas no mundo social”. A possibilidade de um jovem passar a frequentar um encontro-sarau, escrever poesias e recitá-las é um dos principais desafios e questão posta.

E aí a coisa que a gente tem definido entre a gente é que a gente não vai enfrentar o crime de forma alguma. A gente tá ali pra conscientizar, a gente não tá pra enfrentar. E aí a gente tá aprendendo justamente, quando eu falei anteriormente na questão de território, a gente tá aprendendo também isso, né?! A gente foi obrigado a dizer que a gente é das “mermazárea”, por exemplo, tem uma galera que criou essa questão da “mermazárea”, né?! De saber que é perigoso também dizer de onde tu é. Então a gente aprende estratégias. (Carlos Melo, poeta e um dos organizadores do Sarau da B1, entrevista em 14 de fevereiro de 2018)

Diógenes (1998), em seu estudo acerca das relações entre cultura e violência no campo das experiências juvenis de bairros de periferia de Fortaleza na segunda parte da década de 1990, ao cartografar gangues, galeras e o Movimento *Hip Hop* da época, teve como um dos eixos centrais de sua investigação o desafio de identificar o imaginário das gangues acerca da violência e suas construções culturais. A luta pela sobrevivência nos interstícios cotidianos prefigura no espaço público quase uma condição permanente de estar “cabreiro”.

O imaginário juvenil daqueles que ocupam os bairros da periferia da cidade é profundamente marcado pela insegurança simbólica onde, o simples fato de *continuar vivo*, se impõe como uma *batalha* cotidiana. A necessidade de *estar sempre quente, para não ser surpreendido de repente*, instaura a violência como reação sub-reptícia a ações que possam se revestir de ameaça à vida no “lado pobre da cidade”. (DIÓGENES, 1998, p. 200)

Quando se trata de um jovem “envolvido” que busca sair do crime e se tornar um “ex-bandido”, talvez a única via seja a conversão religiosa (TEIXEIRA, 2009), embora existam alguns casos de poetas que conseguiram sair do crime e passaram a recitar poesias dentro dos ônibus.

O poeta Talles Azigon publicou em seu perfil de *facebook* que, durante três anos, foram várias as estratégias e tentativas das diferentes instituições estatais que objetivam a regulamentação, criminalização e cooptação dos encontros-saraus feitos nas periferias e favelas. Além de denunciar certa condescendência identificada por ele nas redes sociais.

3 anos desse lance organizado que são os saraus nas comunidades. Em todo este tempo já tivemos de tudo, perseguição policial, tentativas de sistematização, produtoras querendo se aproveitar e transforma isso em produto, e o Estado fingindo que não existimos, ou nos tratando como uma simples curiosidade, do mesmo modo que sempre fizeram com o Templo da Poesia Nesse período já fizemos muito coletivamente, criamos laços entre comunidades, amizades, parcerias, aliados. Fizemos dois grandes encontros de Saraus (com 0 centavos), e agora fazemos a I Bienal Itinerante de Poesia, que mobiliza tantos coletivos, individuais e comunidades, só porque sabemos e colocamos em prática a expressão que pra gente não é só um slogan, e sim uma filosofia de vida "nós por nós". Recentemente aconteceu uma programação da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará com o nome "periferia no centro", uma expressão que conota um certo favor, um coitadismo, eu prefiro ficar com o Poema do Baticum Baticum que diz "toda periferia é um centro". Eu desejo que as e os artistas das comunidades se instiguem cada vez mais nos seus bairros, e que a BIP seja uma energia e uma possibilidade de que é possível, e sim seremos esnobados, vistos como enfeites, ou curiosidade, por muito tempo, não é atoa que a Vakinha que fizemos da Bip teve milhares de curtida e compartilhamento, e quase nenhuma colaboração, o que demonstra que a cidade ainda nos vê só como "olha, aqueles aquelas juvenzinhos ali da favela fazendo movimento, que legalzinho". Na verdade somos alternativa forte para o fascismo criado pela indiferença da classe média e da política brasileira que prendeu Rafael Braga e Matou o Amarildo. Viva nós, como diria o Jam's Willame, que somos cupins. (Talles Azigon, poeta e escritor, 4 de novembro de 2018, publicação no *Facebook*)<sup>145</sup>

Entre os dias 6 de outubro e 24 de novembro de 2018, aconteceu a I Bienal Itinerante de Poesia<sup>146</sup> em diferentes territórios da Cidade. O evento contou com apoio de diferentes parceiros: Biblioteca Comunitária Okupação, Biblioteca Comunitária Papoco de Idéias, Slam da Okupa, Livro Livre Curió Biblioteca Comunitária, Núcleo de Base do Serviluz Quintal Cultural do Bom Jardim, Projeto FPA Coletivo, ARMEM, Jangada Literária - Rede de Leitura, Visão Mundial, O Pequeno Nazareno, Espaço Geração Cidadã, Barraca da Amizade e CEDECA. Por meio das diferentes ações poéticas, literárias artísticas e educacionais, as atividades contaram, principalmente, com a presença de crianças, adolescentes e jovens das periferias e favelas de Fortaleza.

O objetivo principal é compartilhar vivências e experiências, construir diálogos, compartilhar saberes, propor modos de acesso à leitura e cultura, baseados na filosofia "nós por nós" e com a total consciência de que "toda periferia é um centro". A Bienal é coletiva, idealizada, gestada e proposta por diversos jovens, adultos e idosos, poetas, poetisas, artistas, educadores, mediadores e mediadoras culturais das periferias de Fortaleza. [...] Quando uma ação coletiva e gigantesca, como a qual se propõe a BIP, é estabelecida por diversos coletivos e individuais das comunidades, para as comunidades, o que temos são instantes de saúde, de reconstrução de nossas identidades dilaceradas, energia para não sucumbirmos, potência para podermos transformar a nossa realidade. Além desses fatores, a Bienal Itinerante de Poesia atua no fortalecimento das dos artistas, educadores, produtoras nelas presente, melhorando seus modos e estratégias de ação, enriquecendo seus repertório de

<sup>145</sup> Publicação no Facebook disponível:

<<https://www.facebook.com/tallesazigon.rakofflutiffi/posts/2102494213104097>>. Acesso em nov. 2018.

<sup>146</sup> Disponível: <<https://www.facebook.com/Ibienalitinantedepoesia/>>. Acesso em dezembro 2018.

mundo, aumentando a articulação das dos indivíduos entre si e fomentos outras futuras ações descentralizadas.<sup>147</sup>

Por não reivindicar um território para si, o poeta por onde passa procura semear o *pensamento da mermazária* criando redes de afetos e o fortalecimento das diferentes ações coletivas que acontecem na Cidade. Além do crescente número de poetas nos busão circulando entre os diferentes territórios (ainda que principalmente pelas principais avenidas de Fortaleza), certa regularidade dos encontros-saraus, o crescente número de bibliotecas comunitárias e livres, além de outras expressões juvenis, o evento BIP representa um anseio pela *ética do passante*, conforme define Mbembe (2017a, p. 248): “experiência de presença e de diferença, de solidariedade e de desprendimento, mas nunca de indiferença”.

Aproximo-me da definição dada por Mbembe (2017a) de “passante” para discutir a ética das *mermazária* como *extensão das práticas de re-existências poéticas*. Movimento em espiral, marcar o lugar por meio da experiência, deixar rastros sem explorar a terra, habitar por afetação as mentes e os corações, compartilhamento como prolongamento de uma identidade-relação, enfim, ser das *mermazária* é ser *poeta de lugar nenhum e de todos os lugares*.

[...] não pertencer propriamente a nenhum lugar é “próprio do homem”, uma vez que ele é um composto de outros seres vivos e de outras espécies, e pertence a todos os lugares em conjunto. Aprender a passar constantemente de um lugar para outro deveria ser portanto o seu projecto, uma vez que este é, de todo o modo, o seu destino. [...] É uma ética que diz que só quando nos afastamos de um lugar temos condições para nomeá-lo e habitá-lo. (MBEMBE, 2017a, p. 248)

O poeta de lugar nenhum é um “estrangeiro” (SIMMEL, 1983) que não somente busca praticar a ética das *mermazária*, mas, pelos motivos descritos acima e por “contaminação”, se reconhece nos outros, “pois somos feitos de pequenos empréstimos de sujeitos estrangeiros”, por sua vez, “seremos sempre *seres de fronteira*” (Idem, p. 54). Mobilizam e são mobilizados por meio da palavra, da poesia e da literatura pelo desejo de invenção de zonas existenciais. Encontros-saraus, poesia-intervenção nos busão, fortalecimento enquanto Rede de Saraus do Ceará, Bienal Itinerante de Poesia, dentre outras, são práticas de re-existências poéticas.

<sup>147</sup> Disponível: <<https://www.facebook.com/Ibienalitinantedepoesia/>>. Acesso em dezembro 2018.

## 4.4 “CUIDA NA FUGA!”: A POÉTICA DA SOBREVIVÊNCIA

*À minha frente alinhavam-se os condenados: todos adolescentes, quase crianças. Nenhum deles tinha sido julgado, ninguém os escutara em português ou na sua língua nativa. Os que iam morrer não tinham voz. Naquele momento, não sei que transtorno, quiçá motivado pelo medo ou por má consciência, me fez pensar que aqueles que iam morrer já traziam suficiente culpa de nascença: a raça que tinham, os deuses que não tinham.* (COUTO, 2015, p. 150)

*[o corpo]*

*o corpo  
 não esse meu corpo  
 tão facilmente exposto  
 a uma efusão lírica  
 o corpo  
 das camadas sociais  
 menos favorecidas  
 sejam pobres ou ricas  
 o corpo  
 que vi estático  
 esticado  
 na linha amarela do asfalto  
 cravejado de balas e de fome  
 o corpo que quase some  
 entre estatísticas  
 e assistência social  
 o corpo fotografado filmado  
 publicado no jornal impresso TV  
 na rede social  
 o corpo  
 massacrado esfacelado violentado  
 pelo carrasco chamado  
 estado*

(Talles Azigon, poeta e escritor, 2017)

Sábado à noite no Conjunto São Cristóvão, Grande Jangurussu, Zona Sul da capital cearense, Brasil, eu acompanhava o primeiro Sarau da B1 do ano de 2018, onde concentrara minha pesquisa sobre as práticas de re-existências poéticas de poetas marginais residentes nas periferias de Fortaleza. Samuel Denker, poeta, livreiro e um dos idealizadores e organizadores do Sarau da B1, chamou-me para ir até a sua casa, a poucos metros dali, para ajudá-lo a carregar algumas caixas com livros para o evento daquela noite.

Enquanto nos distanciávamos do local do evento, Samuel me falava que era morador do Jangurussu desde os nove anos de idade e de como se desenvolveu seu gosto pela leitura. Inicialmente, segundo ele, lia “besteiras”, mas depois começou a se interessar por poesia: “Um Augusto dos Anjos, um Manuel Bandeira e pá”, disse enquanto separava alguns livros para o sorteio daquela noite. Perguntei de onde vinham tantos livros e ele, sorrindo, disse que

sempre trabalhou vendendo livros novos e usados. Acrescentou que, juntamente com Nina Rizzi, sua companheira, tem um sebo virtual.

Ao chegar no Sarau da B1, os participantes do encontro receberam um número para concorrer ao sorteio de um livro. Ao final de cada edição, é feito um sorteio de dezenas de livros (aproximadamente 25 nesse dia) entre as pessoas presentes. Os livros sorteados, distribuídos ou vendidos, são doações do Sebo Alfarrábio Ellenía ou da Biblioteca Comunitária Livro Livre do Curió.

Essa noite estava fria, o período de chuvas já havia começado no Ceará. Chovia desde o amanhecer, mas isso não impedia que parte dos moradores do Grande Jangurussu e de outros bairros circunvizinhos saíssem de casa em pleno sábado. Os tradicionais pré-carnavais lotavam os principais pontos turísticos da Cidade, como já vinha acontecendo desde a segunda semana daquele mês<sup>148</sup>.

Eram quase 19h00 e a caixa de som e microfone ainda não tinham chegado. Havia poucas pessoas no local. Samuel e eu organizamos os livros nas mesas próximas ao pedestal (sem microfone) onde os poetas marginais iriam recitar seus poemas naquela noite. Mas ainda não era o momento de iniciar... O medo intensificado no território já não podia traduzir o clima de terror dominante: naquela madrugada de 27 de janeiro foi registrada a maior chacina, até então, da história do estado do Ceará. A “Chacina de Cajazeiras” vitimou quatorze pessoas, sendo oito mulheres e seis homens que estavam se divertindo na tradicional festa do “Forró do Gago”<sup>149</sup>.

O ocorrido na madrugada do dia 27 de janeiro de 2018, apesar de ser a maior chacina, superando o número de mortos na Chacina da Grande Messejana (12 de novembro de 2015, onze vítimas), a resposta do Governador Camilo Santana (PT)<sup>150</sup> à sociedade – por meio de uma entrevista coletiva – foi afirmar que “as forças de segurança pública do Estado estão no controle”. André Costa, então Secretário de Segurança Pública do Estado, classificou a chacina no bairro Cajazeiras como “um caso pontual”. E encerrou o seu pronunciamento comparando o acontecimento a crimes praticados por terroristas internacionais: “Não há perda de controle (da segurança pública), foi um evento isolado. No mundo todo têm situações em

---

<sup>148</sup> Disponível em <<https://www.opovo.com.br/vidaarte/carnaval/2018/01/pre-carnaval-de-fortaleza-comeca-nesta-sexta-e-se-espalha-por-10-espac.html>>. Acesso em 29 de jan.2018, às 17h45.

<sup>149</sup> Maior chacina do Ceará é destaque na imprensa internacional: 14 pessoas foram assassinadas durante uma festa no Bairro Cajazeiras, em Fortaleza. Um suspeito foi preso. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/maior-chacina-do-ceara-e-destaque-na-imprensa-internacional.ghtml>>. Acesso em 25.mai. 2018.

<sup>150</sup> PT: Partido dos Trabalhadores.

que matam 50, 60 pessoas em boates [...] Não há motivo para pânico ou terror”<sup>151</sup>.

Horas antes do início da primeira edição de 2018 do Sarau da B1, às 15h, apesar da chuva o dia inteiro e do medo capilarizado em alguns pontos da Cidade, Samuel Denker havia publicado no *Facebook* uma chamada confirmando a 26ª edição do Sarau da B1, conforme agendado. Sempre no mesmo local, o evento acontece regularmente no último sábado de cada mês. Na legenda da publicação estava escrito: “Faça lua, estrela, sol, tempestade ou chuva. Hoje: Sarau da B1 vai homenagear as vítimas da Chacina de ontem nas Cajazeiras (Forró do Gago)”.

Já era 19h15min e nada do som chegar. Samuel pediu que eu fotografasse a galera que já tinha chegado e postasse no facebook com o intuito de mobilizar aqueles que estavam na dúvida de vir ou não ao evento, assim o fiz. O sarau iria rolar sem microfone e som devido ao tempo chuvoso. Alguns comentavam impressionados sobre o ocorrido na Cajazeiras, assim como o clima de terror e o sentimento de “poderia ter sido comigo...” emergiram dos olhares, nas falas e como isso consegui gerar, não somente em mim, um medo misturado com a dúvida de sair ou não de casa naquele dia. “É isso que eles querem, véi. Querem que a gente sinta medo, fique dentro de casa trancados...” Protestou Samuel Denker.

19h40min e começavam a chegar vários jovens, inclusive alguns do Pirambu, bairro localizado do outro lado da Cidade, como Gabriel Peixe e Ulisses Maia, ambos poetas. Sentaram ao meu lado, outros jovens que eu não conheço por nome chegaram e sentaram, acenderam um cigarro, compartilharam.

- “Que louco o que aconteceu...”. Disse um deles.
- “O pior que muita gente não se importa.” Afirmou o outro após um trago no cigarro.
- “Eu quase não vinha”. Comentei.
- “O sarau é um lugar de fuga, mano!” Respondeu-me Ulisses.

Alguns com duas blusas (a de cima geralmente de mangas compridas e de botão), outros de touca, boné, blusão (tipo moletom), alguns com mochila ou pochetes, quase todos de braços cruzados, pele geralmente tatuada e orelhas, boca e nariz perfurada por *piercing*. Um deles terminando de apertar um pacaio<sup>152</sup> que logo iria circular entre eles, já outros

---

<sup>151</sup> “Secretário André Costa fala sobre maior chacina do Ceará” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z25iGN3useQ>>. Acesso em 28 de jan. 2018.

<sup>152</sup> Cigarro feito de papel, fumo de rolo ou sabiá pelos próprios usuários.

compartilhavam “vinho” São Braz,<sup>153</sup> folheavam alguns livros, compravam e liam a fanzine “Jangu Livre”, publicação alternativa impressa, organizada por Nina Rizzi, Samuel Denker e Carlos Melo. A fanzine é uma produção bimestral colaborativa contendo poesias e outros escritos autorais, fotografia e colagens de frequentadores, poetas e poetisas da Cidade e Região Metropolitana.

Quase 20h00 e grupos inteiros de jovens se aproximavam e procuravam um lugar pra sentar, participar, socializar-se. Um dos moleques resolveu compartilhar uma poesia autoral. Munido de um caderno, calmamente começou a ler o seu poema. Entre uma articulação, olhadela e outra para a câmera do celular gravando/fotografando, ele rima a sua indignação contra o racismo de Estado, repudia a abordagem violenta e cotidiana da polícia militar, questiona a seletividade a partir de um perfil predeterminado de “suspeito” e “bandido”: sua cor de pele, suas vestes e lugar onde mora.

Como um ritual, alguns liam de seus celulares ou cadernos os seus escritos, outros recitavam “de cabeça” seus poemas e rimas. As palavras iam ganhando corpo nas articulações, na *performance*, na potência da voz e do olhar. A oralidade revela o processo de educação mútua, de empoderamento, representatividade e reconhecimento. O discurso e a *postura-protesto* dos e das poetas marginais, pareceu-me que opera sob um misto de influências do Movimento *Hip Hop* (a figura do Mestre de Cerimônia, principalmente), de algumas culturas de países africanos, e traços da tradição do canto-repente nordestino.

Além da poesia, os encontros-saraus da B1 têm música e dança. No referido dia, a parte músico-dançante foi dedicada ao coco e ao pandeiro. Alguns casais se organizaram rapidamente ao som do coco: um de frente para o outro, jovens homens e mulheres dançaram animadamente naquela noite. Entre uma recitação poética e outra, houve também falas em homenagem às vítimas da Chacina da Cajazeiras, silêncios, palavras de ordem e de resistência.

Saí mais cedo. Wiliana, minha companheira, ligou desesperada relatando que tinham matado a tiros dois homens na calçada de nossa casa, no Pantanal<sup>154</sup>. Daniel Lima (Dali) me acompanhou até a parada de ônibus. Conversamos sobre o que tinha acontecido

---

<sup>153</sup> A palavra vinho está entre aspas porque é vendido como vinho, entretanto, sua composição e processamento não são os mesmos que o vinho tradicional. Geralmente, estas marcas de bebidas fornecem misturas contêm um teor de álcool aos vinhos tradicionais, além de ser fabricado com sabor artificial de uva.

<sup>154</sup> Antigo nome do atual Bairro Planalto Ayrton Senna. Mudou de nome após a “Chacina do Pantanal” em 1993. Na ocasião, três adolescentes foram assassinados que estavam em situação de rua. A resposta a chacina foi “esquecer” o ocorrido e, inclusive, mudar o nome do bairro: <<http://g1.globo.com/ceara/cetv-1dicao/videos/v/cetv-relembra-a-chacina-do-pantanal-em-1993/3882737/>>. Acesso em nov. 2018.

naquela madrugada no Forró do Gago situado na comunidade vizinha. Relembramos a Chacina de Messejana e como chacinas têm, infelizmente, se tornado norma.

- “Não podemos deixar o medo nos dominar, mas precisamos permanecer cuidadosos, ‘ficar ligeiro!’ Se cuida, mano!” Lembrou Dali.

Peguei o “cambão”.

Expressões como “fica ligeiro!” ou “cuida na fuga!” exprimem a ideia de ser ágil, estar atento ou fugir, se deslocar, adiantar-se, sair de onde estar e ir para outro lugar. Expressões como estas ainda são amplamente utilizadas em conversas na vida cotidiana de alguns poetas das periferias e favelas de Fortaleza.

Perder o caráter estanque, não dá “bobeira”, se esquivar, se evadir, habitar encruzilhadas, escapar e até se fingir de “morto” são vetores de “desterritorialização” dos poetas (DELEUZE & PARNET, 1998). Não basta conhecer quais são os códigos sociais, locais e das instituições do Estado, é necessário inventar rotas de fuga, adiantar-se, se juntar a um bando, “cuidar na fuga!”.

A postura subversiva dos poetas é “fugir da *Plantation*” identificando-a no tempo presente, escapar diariamente ainda que não saia totalmente ileso, ou seja, segundo Glissant (2014, p. 88), esta é “uma das formas mais decisivas da resistência à opressão escravagista”. É dentro da *Plantation* que assassinios ocorrem e não geram comoção social (favelas e prisões); lugar onde alguns policiais participam de chacinas e facções criminosas agem usando balaclava (mas nem sempre), pistola .40 e colete a provas de balas; é também onde reina a “lei do silêncio” (que é também a lei da morte-adiada), mas também recintos fechados, subdivididos, feito de concreto e grades de aço, sob tutela do Estado homens decapitam a cabeça e membros de outros homens, arrancam o coração, olhos e órgão sexual e exibem diante de uma câmera de celular e da segurança interna de presídios<sup>155</sup>.

A *Plantation*, portanto, não se trata de um espaço geográfico, mas, como *prática necropolítica* de uma impermeabilidade tornada regra na Plantação: “Não só uma impermeabilidade social, mas também um corte irremediável entre as formas - alteradas, contudo, uma pela outra - da sensibilidade” (idem). As chacinas não estão mais circunscritas somente aos territórios do esgoto a céu aberto, como as que aconteceram no Bairro do Curió (Messejana) e Cajazeiras, praças situadas em bairro universitário e boêmio, a exemplo da

<sup>155</sup> Disponível em < <https://oglobo.globo.com/brasil/detentos-foram-esquartejados-decapitados-em-briga-de-faccoes-em-presidio-de-manaus-20720844>> Acesso em nov.2018.

Chacina do Benfica, ocorrida no dia 9 de março de 2018, passam a ser o cenário de mentes petrificadas e o rompimento da “bolha” dos territórios de exceção. Embora, os corpos preferências e imprescindíveis neste cálculo piramidal ainda são jovens, negros e negras, moradores de favelas e periferias<sup>156</sup>.

Resumamos, em várias fórmulas que se articulariam entre si, o que sabemos sobre a Plantação. É uma organização social em pirâmide, confinada a um lugar fechado, funcionando aparentemente em autarcia mas efetivamente em dependência, e cujo modo técnico de produção é não evolutivo porque baseado numa estrutura escravista. [...] Um lugar fechado: cada Plantação é designada por limites de que é estritamente proibido sair, a não ser que se tenha permissão escrita ou se exceções rituais, como na época do Carnaval, o autorizem. [...] Nesse lugar obsoleto, à margem de toda a dinâmica, esboçam-se as tendências da nossa modernidade. É antes de mais no detetar dessas contradições que devemos concentrar-nos. Uma dessas contradições opõe a composição nítida de um tal universo - onde a hierarquia social corresponde com uma minúcia maníaca a uma hierarquia racial implacavelmente mantida - às complexidades ambíguas que, aliás, daí provêm. A impermeabilidade parece ser a regra na Plantação. Não só uma impermeabilidade social, mas também um corte irremediável entre as formas - alteradas, contudo, uma pela outra - da sensibilidade. (GLISSANT, 2011, p. 67-69)

A *Plantation* é, por excelência, o sistema de fabricação de “não-humanos” (portanto, de vidas matáveis); segrega sob critérios valorativos usos e costumes; enquanto espaço fechado, é proibida a saída definitiva - salvo em ocasiões especiais, religiosas ou no carnaval, por exemplo, “festivo e fugaz, ao mesmo tempo alegre e trágico” (GLISSANT, 2014, p. 89), enfim, torna-se cada vez mais difícil identificar o seu lugar na modernidade. Por outro lado, a *Plantation* produz *fugitivos* que criam linhas de fuga, se organizam em bandos ou caminham sozinhos no “entre”, nos interstícios inventivos da re-existências poéticas.

Neste sentido, Glissant (2014, p. 89) evoca a figura do “*marronnage*” como uma entidade viva (desejo de sobrevivência) que representa “uma oposição social, política e cultural”. Este ser subversivo e de uma história fragmentada não contada oficialmente, “remete a *marron*, termo que vem do espanhol *cimarrón* (selvagem). O termo designa o escravo que durante a escravidão fugia da *Plantation* ou da Habitação e se refugiava nos morros e florestas do entorno.” Fugas estas praticadas “individualmente ou em pequenos grupos”. É desta relação, segundo o poeta martinicano, que está a base de “verdadeiras sociedades organizadas”.

A historiadora Beatriz Nascimento (RATTS, 2006, p. 122), ao indicar as conotações que o quilombo recebe no período colonial e Imperial no Brasil, afirma que a fuga passou a ser uma instituição resultante de uma “fragilidade colonial e integrante da ordem do

<sup>156</sup> Nove chacinas em 2018 registram 53 mortos: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/12/2018-um-ano-de-contrastes-na-seguranca-publica.html>>. Acesso em Jan. 2019.

quilombo. O saque, as *razzias*, enfim o banditismo social, são a tônica que define a sobrevivência desses aglomerados”. A historiadora dá conta do Código de Processo Penal de 1835, que tipifica o quilombo como esconderijo de bandidos, distinguindo-o de “qualquer outra forma de contestação dos escravos. Mas se assemelha enquanto perigo à estabilidade e integridade do Império, sendo a pena para os seus integrantes correspondentes à mesma dos participantes de insurreições: ou seja, a degola”.

Hoje em dia não é diferente. Seja para qual lado for que levantarmos os nossos olhos, estamos delimitados pela lógica da *Plantation*, “nas quais nos encontramos realmente forçados a viver juntos e compartilhar, mas as condições são tão terríveis que muitas vezes só temos escolha entre a invasão do medo e o delírio dos carnavais” Entretanto, é nesta relação “aqui e lá”, dessa porosidade que somos capazes de nos fortalecermos: “resistamos ao pensamento do apocalipse” (idem).

***a morte do favelado, réquiem***

– motivo para *aidan*

(por Nina Rizzi, poeta e escritora)

1

*os buracos vazios de vez  
trinta e uma mil balas para pacificação  
esturricam no chão*

2.

*um dia de manhã sentei naquele chão*

*tão preto*

*tão morto*

*fechei os olhos garrada em seu sangue seco*

*e pensei em quem seria*

*quem foi*

*ele os invisíveis*

*abri*

*como uma refugiada de guerra  
uma vaca magra na fila do abate*

3.

*ouço as sirenes indo embora  
chegando  
como uma marcha de chopin*

*os pássaros  
o que é vivente  
estão lá – longe  
desse silêncio de mármore*

*outro carro  
mais uma nota na marcha  
insinuação de morte*

4.

*perene os vinte um sabores  
picolé pipoca algodão doce tapioca  
que os meninos se indo  
saberão ainda – ausentes*

*bombas pás  
rastros de névoa  
aqui acolá  
dissipam na floresta de ossos<sup>157</sup>*

O sistema de plantação, conforme Mbembe (2014b, p. 73), assim como a colônia, baseiam-se “em fábricas de excelência da raça e do racismo”, isto é, o homem e a mulher encerrados em sua própria negrura ou brancura, conforme Fanon (2008). Relações sociais de dominação em que os poetas estão inseridos, a partir de uma simetria e assimetria do poder

---

<sup>157</sup> Um dos poemas que compõem o livro “Geografia dos Ossos”. Disponível: <<http://www.germinaliteratura.com.br/2018/ninarizzigeografiadosossos.pdf>>. Acesso em jan. 2019.

quando acionada categorias articuladas de raça, classe e gênero (McCLINTOCK, 2010)<sup>158</sup>.

Ao passo que, por vezes, agonizam dentro deste recinto fechado, também denunciam e se afirmam a partir de um processo de reconhecimento e constante fuga que exige, conforme Fred Moten (2008, p. 176), “uma ruptura para-ontológica” (*para-ontological*), ou seja, o que está em jogo é o movimento fugitivo dentro e fora dos enquadramentos ontológicos, seja qual for a lógica social imposta externamente.

Neste sentido, diferente do que se tentou tematizar, a vida do corpo-Poeta negro e periférico é, segundo Ramos (1995, p. 171), “algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protéico, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje”.

Embora agonizem devido às frequentes interpelações violentas da polícia, extermínios e chacinas, a atuação das “facções” locais, a miséria e desigualdade, o encarceramento, a notícia de um amigo ou ente querido assassinado, as inimizades estruturantes inscritas nas mentes ou pichadas nas paredes sob as insígnias de uma facção soam como sociabilidades violentas (SILVA, 2004); assim como o medo e o ódio capilarizado dentro deste recinto fechado e ao mesmo tempo de total dependência do mundo exterior, o Poeta insiste em tecer rotas de fuga.

Conforme Beatriz Nascimento (RATTS, 2006, p. 122), “a fuga implica numa reação ao colonialismo”. Inventar estratégia de fuga na surdina, subverter e criar zonas de existências fazem parte de uma *política de fuga*. A re-existência é um conjunto de práticas, mas também é um *planejamento fugitivo* que não significa somente se mover, mas estrategicamente permanecer temporariamente no lugar e inventar territórios existenciais.

Conforme ainda Glissant (2011), este lugar fechado é um lugar de profundas contradições não somente históricas, mas verificáveis nas condições de vida que se repetem atualmente. Dentro da Plantação como um sistema fechado que cobre as vidas precárias, é possível abordar o aspecto da “palavra aberta” a partir da expressão oral e escrita, ou seja, da literatura evocada por meio do *microfone aberto*.

---

<sup>158</sup> Conforme Anne McClintock em *Couro Imperial* (2010, p. 27), gênero, raça e classe são categorias articuladas, ou seja, não são coisas distintas ou isoladas entre si; nem tampouco podem ser vistas como “peças de um *Lego*” que são encaixados. “Não, eles existem *em* relação entre si e *através* dessa relação - ainda que de modos contraditórios e em conflito.” (p. 19). Ou seja, para a escritora, “nenhuma categoria social existe em isolamento privilegiado; cada uma existe numa relação social com outras categorias, ainda que de modos desiguais e contraditórios. Mas o poder raramente é atribuído por igual - diferentes situações sociais são sobredeterminadas pela raça, pelo gênero, pela classe, ou por cada uma dessas categorias por sua vez. Acredito, contudo, que se pode dizer com segurança que nenhuma categoria social deve permanecer invisível em relação a uma análise do império”.

Neste sentido, Butler (2017), ao considerar a questão da *capacidade de sobrevivência*, examina brevemente a coletânea “*Poems from Guantánamo*” censurados pelo Departamento de Defesa norte-americano. A maioria dos milhares de poemas, segundo a filósofa, que foram escritos pelos presos de Guantánamo, foi destruída ou confiscada pelos militares. Os poemas, portanto, constituem e expressam uma capacidade de resposta como “instrumento poético de insurgência” (p. 92). Judith Butler lembra que poemas escritos por essas “vidas precárias” e em contextos como estes possuem, sem dúvidas, consequências políticas de atos de resistência.

Afirmar que os poemas resistem a essa soberania não significa dizer que vão alterar o curso da guerra ou que, em última instância, vão se provar mais poderosos do que o poder militar do Estado. Mas sem dúvida têm consequências políticas: oriundos de cenários de subjugação extrema, são o testemunho de vidas obstinadas, vulneráveis, esmagadas, donas e não donas de si próprias, despojadas, enfurecidas e perspicazes. Como uma rede de comissões transitivas, os poemas - na sua criação e na sua disseminação - são atos críticos de resistência, interpretações insurgentes, atos incendiários que, de algum modo e inacreditavelmente, *vivem através da violência à qual se opõem*, mesmo que ainda não saibamos em que circunstâncias essas vidas sobreviverão. (BUTLER, 2017, p. 96-97 - grifei)

Mais que uma subversão de signos, é um confronto direto, face a face com a existência aprisionada que insiste (e não se cansa) de romper com toda e qualquer forma imposta verticalmente de organização/regulamentação do “fazer-poético”. Discutindo as práticas poéticas de re-existências em “espaços precários” onde o luto, por vezes, é transformado em luta e que insiste na invenção de novas formas de existências por meio de um processo de “descolonização” da mente, “derrubando muros e com os entulhos construindo as pontes”, conforme o poeta marginal Jardson Remido em um de seus poemas<sup>159</sup>. Nesta mesma direção, é emblemático o poema do poeta Samuel Denker e a força de sua palavra:

***Para um casal marginal ou Messerussu***

*(por Samuel Denker)*

*Estou pregado nessa poesia*

*Coração messejânico grita*

*dentro do cárcere que é a nossa vida.*

---

<sup>159</sup> Verso do poema recitado na música “Disparos da Fala” - Dufmont Mc’s, disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=ZXXSj\\_hsWEU](https://www.youtube.com/watch?v=ZXXSj_hsWEU)>. Acesso em 22 de março de 2018.

*Nessa Lagoa Redonda quase quadrada  
Estamos sofrendo e não nos calamos.  
Tamandaré vasto devastado que não cala também  
Sorriso sem dentes depois das 6  
O Passaré passando fome é nossa boca  
Errante alma-gêmea  
João Paulo II geme de dor  
Filhos sem pais, mães guerreiras  
Mães proletárias, mãos operárias desses nossos Barrosos  
Caminho estreito nas vidas do Parque dos irmãos  
Amamentados pela Sabiaguaba magra e doida  
Pregado na poesia  
Pedras seguem queimando prosas  
Palmeiras de frutos repletos  
Maria Tomásia me desfruta  
Somos maiores do que nossos sonhos  
O São Cristóvão escorre  
O esgoto é nosso olho-nú  
Enterrem meu corpo em algum quintal do Jangurussu  
Gereba e Filomena eterna: solo fértil  
Beijo cinza nos becos e a nudez das palavras  
Eterna sina desses meninos  
Chacina maldita: depois daquele dia já não somos mais os mesmos  
O Curió já não é mais o mesmo depois daquele dia 12  
São Miguel já não mais é o mesmo  
Os meninos namorando as formigas a sete palmos  
abaixo do chão  
Pregado na poesia  
Nosso corpo Santa Maria é uma inundação de sons,  
esperanças e outras possibilidades  
Menina doida Messejana gata  
Menino doido Jangurussu grita  
Doida tuas praças  
Doido teus meninos de rua*

*Doida tua lagoa de sangue  
teus campos de futebol lotados de suores loucos  
teus amores GLBT's grandiosos e repletos de mim  
Índia Iracema surreal  
correria na noite adentro  
Messejana e Jangurussu: casal marginal  
Nós somos os teus filhos bastardos  
E te amamos até os ossos<sup>160</sup>.*

Os poetas são iconoclastas, eles destroem imagens cristalizadas pelo pensamento (representações), ressignificam valores, criam valores por meio de um processo de desconstrução diária, de um fazer-poético. Re-existem como seres de fronteira por meio de uma poética da diáspora que cultiva a relação mais que uma via de mão única.

---

<sup>160</sup> DENKER, 2016, p. 74-75.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Como a contradição entre os traços  
cria a harmonia do rosto  
proclamamos a unicidade do sofrimento  
e da revolta.*

(Frantz Fanon, 2008, p. 123).

A investigação etnográfica buscou ao longo da dissertação construir uma leitura das *práticas de re-existências poéticas juvenis* inventadas na cidade de Fortaleza (CE): saraus (microfone aberto) e Poetas de “busão”. Os saraus feitos nas periferias mesclam várias vertentes artísticas e reúnem diferentes pessoas, como poetas, músicos e bandas locais, grupos de *Hip Hop* e *MCs*, dançarinos, atores, artesãos, malabaristas, fotógrafos e *videomakers*, assim como crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos no mesmo espaço em volta da poesia e da literatura. A arte feita pelos poetas não possui como função principal representar ou narrar a realidade, mas a de mudar a si e ao outro por meio da literatura e da poesia. Isto é, afetar-se e afetar a vida cotidiana de outras pessoas.

Como categoria social, o ato de ocupar é uma ação política e contestatória tanto dentro das escolas – como foi o caso das ocupações secundaristas em 2016 – como nos saraus, bailes de *reggae* e rolezinhos, sem a necessidade de organizar-se somente a partir de uma matriz ideológica “catequizante” que “nivele” as pessoas. É neste movimento que a espontaneidade e a organização se assemelham, ao mesmo tempo em que o corpo-ocupação é multilinear e se estende para além da lógica de manutenção estrutural da precariedade e das subjetividades capturadas - ambas retroalimentadas por estratégias de uma racionalidade de governo colonial.

As ocupações dos secundaristas de 2016 em Fortaleza e nas inúmeras cidades espalhadas pelo Ceará foram um dos principais fenômenos que aglutinou as diferentes práticas de resistências e re-existências já existentes no dia a dia de suas periferias e favelas. Suas formas e táticas de existência que orienta a ocupação de espaços públicos, também reinventou e potencializou as práticas de re-existências poéticas: insurreição política e afetiva em um só tempo que inventou novas formas de existência coletiva por meio da ocupação do espaço da educação formal e informal, praças, ruas e mentes, tendo na arte uma das principais armas de combate.

Entendo, portanto, que as poesias escritas, lidas, faladas do microfone aberto possibilitam inventar afetos nos encontros-saraus realizados geralmente em espaços precários de existência. Assim como possibilitam questionar ou, minimamente, desmontar os estigmas socialmente cristalizados, assim como sustentar-se financeiramente por meio da poesia no “busão”. Trata-se, portanto, da invenção de uma forma de vida outra.

O dispositivo “microfone aberto” subverte e ao mesmo tempo ressignifica a noção cristalizada de “sarau”. Portanto, a *palavra aberta* cria relações entre as pessoas e o espaço de forma não hierarquizada, pois descentralizada as possibilidades não somente de fala, mas, sobretudo, de *escuta*. Por possuir certa espontaneidade no encontro e criar ordenações múltiplas e relações possíveis entre os participantes e a própria comunidade, ela modifica – ainda que temporariamente – os fluxos cotidianos do espaço geográfico por meio da poesia e da literatura.

Por sua vez, o *lugar fechado* são delimitações que têm como objeto o *corpo* como lugar central de dominação - uma forma de vida construída sobre as lógicas da violência e pela invenção de mitos quando o assunto é sobre questões raciais. Não somente envolve os corpos geograficamente, a *plantation* “fabrica” vidas indignas, não passíveis de luto, vidas precárias que, embora estejam vivas, morreram por antecipação. Simbólica e estruturalmente mortos devido às feridas coloniais, à desigualdade social, ao racismo estruturado e institucionalizado, assim como à quase inexistência de momentos de representação positiva nas mídias. É neste forçado enclausuramento estrutural que é possível abordar o aspecto da “palavra aberta” (escrita e oralidade), ou seja, a literatura evocada por meio do *microfone aberto*. Por sua vez, as microrrelações do microfone aberto, ajudam a perceber as relações de poder, as simetrias e assimetrias em jogo nos encontros-saraus: o lugar da mulher negra, da população LGBTQI+, das crianças e idosos, das masculinidades negras, por exemplo.

O microfone aberto atua como “extensão” do corpo, da fala, do texto escrito e da existência-relatada nos espaços-saraus, não se caracteriza somente como um divertimento, expressões de sentimentos ou de belezas estéticas e discursivas, ele consegue dar conta de um conhecimento histórico, crítico e que não pode ser vencido pela transitoriedade dos momentos – o microfone aberto produz afetos.

A fala, o grito e a ânsia pelo “microfone aberto” revelam não somente a sua função simbólica, mas sobretudo a materialidade das condições de vida. Trata-se de uma materialidade possível da fala e da escuta, ambas que sempre estiveram acompanhadas historicamente de brutalidades inomináveis de silenciamentos e apagamentos.

As “escrevivências” - essa escrita-despejo como saber relatado do Poeta - se manifestam por meio da literatura cantada, dos versos e gritos dos *griots* das periferias e favelas. Práticas de resistências e re-existências micropolíticas inventivas como estas e outras mais, estão espalhadas pelo globo com o intuito de desestabilizar o poder-necropolítico do capitalismo financeiro em curso, a destruição ecológica da Terra e a militarização da vida como políticas da inimizade (MBEMBE, 2017a). É nesta relação mesma que suscita a possibilidade de se inventar outra forma de vida política no presente século.

A palavra aberta, como experiência interior e relação de cuidado mútuo entre os poetas, possibilita uma política das sobrevivências dentro deste sistema fechado (*Plantation*): a poesia como *ato de sobrevivência* (fuga/tática), depois como *subversão* (vida errante) e finalmente como uma *poética da re-existência* (salto na existência).

As práticas de re-existências poéticas são táticas de desvio. Os encontros-saraus inventados e imersos nestes porosos espaços precários, militarizados, vigiados por torres pan-ópticas de repressão e conflagrados por uma guerra entre siglas rivais do crime organizado (facções) e entre policiais militares, são lampejos de sobrevivências dentro desta grande noite que tem por objetivo subjugar a vida ao poder da morte. Trata-se de um duplo ato de sobrevivência: planejamento de fuga para escapar da morte e ao mesmo tempo inventar zonas de re-existências. O corpo-poeta é movido pela urgência da fuga. É esse corpo-ocupante o “fio condutor” e em movimento que tece e reinventa constantemente a Rede de Afetos.

Para os Poetas, criar é existir. Por meio da palavra e da revolta compartilhada, subvertem lugares ressignificando-os. A poesia marginal, seja ela escrita, lida ou falada é uma tática, um nanoobjeto “incendiário”, a *arte do fraco*; a oralidade do corpo em *performance* é uma arma de subversão operada entre um golpe e outro pelo inusitado, pelo imprevisível e por meio do aparecimento-desaparecimento, seja nos espaços-saraus ou dentro dos ônibus. Ambos operam sob a imprevisibilidade que inventa afetos e questiona verdades.

A poética da re-existência possui como princípio *o ser em movimento* em uma *relação de cuidado*. *O corre* pela vida é um salto na existência. *Corre* é, portanto, movimento e tem por objetivo as sobrevivências criadoras. O objetivo é se antecipar frente às complexas demandas que elegem as vidas passíveis de luto e as vidas matáveis. “Fazer os corres” ou “correria” é, conforme o poeta Jardson Remido, não ficar parado, à semelhança de um rio que corre: “correria é o fluxo”.

Portanto, para “descolonizar” não basta resistir, é preciso *re-existir*. Em uma das cidades brasileiras e mundiais com maior índice de violência letal de adolescentes e jovens, reinventar práticas de resistência e re-existências poéticas - seja por meio do encontro-sarau

ou por intermédio da poesia no busão – são táticas para permanecer vivo em face a processos de silenciamento, apagamento e morte simbólica e instrumentalmente, o que significa inventar espaços de autocuidado, lazer e insurgências. Re-existir é criar outras possíveis formas de vida. As táticas inventivas do fraco a favor da vida e da própria existência é, por si só, um confronto no interior da rede social do poder. É daí a necessidade de pegar atalho, subverter e abrir minúsculas fendas na tomada de terreno (mesmo que de maneira sutil e silenciosa). Não obstante, os e as poetas são sujeitos mediadores e mediados pela possibilidade de exercício das práticas de re-existência: uma poética da decolonialidade.

Como foi demonstrado ao longo desta dissertação, os saraus e a poesia no busão existiram nesta *relação* de resistência e re-existência por meio e apesar de dois fenômenos sociais que marcaram consideravelmente o ano de 2016: a ocupação das escolas públicas e a “pacificação” das facções coexistiram no tempo histórico.

O primeiro como aprendizado de outra *forma de vida* possível, não autoritária, de uma experiência coletiva singular e inspirada pelas ocupações ocorridas por vários estados do Brasil, iniciadas em 2015. Não somente os frequentadores e organizadores de encontros-saraus, bailes de *reggae* e rolezinhos existentes nas periferias que se somaram às ocupações das escolas públicas, secundaristas que estavam nas ocupações das escolas passaram a frequentar os eventos culturais autônomos nos espaços públicos. Foi, inclusive, por meio desta *travessia e do encontro* que diferentes coletivos juvenis não somente se fortaleceram, mas surgiu a possibilidade de novas coletividades nas periferias.

O segundo fenômeno, isto é, a “pacificação” do crime organizado na capital cearense, ocorrido entre dezembro de 2015 a janeiro de 2017, por sua vez, possibilitou aos jovens ir e vir entre territórios antes rivais e frequentar alguns saraus que já existiam nas periferias, a exemplo do Sarau da B1. A circulação de jovens entre os bairros e comunidades antes recortadas por “fronteiras de morte” diminuiu naquele período o número de violência letal, seja dos que estavam inscritos no “mundo do crime” ou daqueles que, refém das fronteiras simbólicas que os dividiam, corriam o risco e por vezes eram assassinados pelo simples fato de morar do “lado de lá”, o lado do inimigo. Embora a circunstância da “pacificação” tenha possibilitado a presença massiva de jovens em bailes de *reggae* e encontros-saraus e o fim dela tenha dificultado e até mesmo impedido a realização de alguns desses eventos em determinados territórios e contextos específicos, a organização e a ocupação dos espaços públicos por meio do lazer, da literatura e da poesia não se devem simplesmente ao pacto entre facções, mas permanecem acontecendo em diversas periferias e

favelas na Cidade, após a “quebra da paz” em janeiro de 2017 e apesar das contínuas violações de direitos da Polícia Militar aos espaços-saraus.

Percebi, portanto, que os “Poetas de Lugar Nenhum” ocupam os diferentes espaços da Cidade, desmontam a noção de territórios/lugares fechados para com isso fomentar o direito individual e coletivo de circular e ocupar – neste sentido são “Poetas de Todos os Lugares” –, embora esta circularidade e ocupação esteja em constante negociação e sob ameaça: a precária mobilidade urbana, o medo do “baculejo” da polícia, o medo do racismo estrutural e institucionalizado e, não raro, o receio de ser considerado “inimigo” por membros de facções por ser morador do território rival. “Poetas de Lugar Nenhum” faz referência ainda a vidas à margem de alguns “enquadramentos” (*frame*) epistemológicos. Estes poetas são titulares de vidas historicamente *silenciadas e invisibilizadas*, estão à margem e vêm de “lugar nenhum” devido ao racismo das formas sociais de não-existência e *impossibilidade ontológica* de pessoas negras e compreensão do mundo moderno.

Um permanente exercício de uma *ética das “mermazária”*, ressignifica a própria ideia de área e território, por meio da ocupação dos espaços públicos com encontros-saraus não reivindicam um território para si, o poeta por onde passa procura semear o pensamento da mermazária, criando redes de afetos e o fortalecimento das diferentes ações coletivas que acontecem na Cidade. Habitar um território a favor de uma forma de vida, ou seja, uma defesa não do território, mas da re-existência almejando o *salto* que inventa a vida no presente – o contínuo exercício de [des]multiplicar as rotas de fuga.

A prática da circulação e da ocupação de determinadas praças e ruas organizadas pelos poetas são *ações coletivas* que inventam *afetos* e possibilita o *direito de aparecer*. Não somente como uma experiência individual, mas também coletiva, é por intermédio do *relato* da vida cotidiana que os poetas tecem práticas de re-existências poéticas questionando a noção de “centro” e “periferia”, cultivando a visão, conforme o poeta Baticum, que “toda periferia é um centro”. Um dos exercícios frequentes dos poetas é, nesta relação, não se deixar ser totalmente capturados pelas instituições estatais, pelo contrário, eles fomentam a invenção de espaço-encontro festivo, de arte-educação, e ocupação dos espaços públicos de um corpo-político na possibilidade do exercício do *direito de aparecer*.

Deixar-se afetar por outras pessoas é se expor e se tornar vulnerável - desarmado. Este gesto é o que revela um horizonte possível de uma relação de cuidado. É no afeto e na palavra aberta que reside a potência do cuidado, da fala, da escuta e, quiçá, da saída dos recintos fechados de enclausuramentos do corpo e do espírito que, por sua vez, rompe com o silêncio e avança pelos “becos” de uma opaca relação de saber do microfone aberto.

Os encontros-saraus feitos pelos Poetas das periferias e o ato de ocupar espaços na mente alheia e procurar sobreviver financeiramente por meio da poesia dentro dos ônibus, em Fortaleza, são práticas de re-existências, são táticas de sobrevivências por vezes, fugazes. Tais reflexões nos remetem a este caráter fluido da *poética*, tratada aqui como sendo um “salto na existência” que não pressupõe qualquer fixidez ideológica, mas procura evocar o movimento circular e da travessia criadora de outra forma de vida.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina:** desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Pedro *et al.* **Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** 9. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015.

ACHINTE, Adolfo Albán. **Prácticas creativas de re-existência basadas en lugar:** más allá del arte... el mundo de lo sensible. Buenos Aires: Del Signo, 2017.

\_\_\_\_\_. Pedagogías de la re-existência: artistas indígenas y afrocolombianos. In: MIGNOLO, W. y PALERMO, Z. **Arte y estética en la encrucijada descolonial.** Buenos Aires: Del Signo, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim:** notas sobre a política. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. **Homo sacer:** o poder soberano e a vida nua. Tradução de Henrique Burigo, Belo Horizonte: UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estado de Exceção.** Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGIER, Michel. Do refúgio nasce o gueto: antropologia urbana e política dos espaços precários. In: BIRMAN, Patrícia *et al.* **Dispositivos Urbanos e Trama dos Viventes:** ordens e resistências. Rio de Janeiro: FGV, 2015, p. 33-53.

ALEXANDER, Jeffrey. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. In: **Revista Brasileira Ciências Sociais**, 1998, vol.13, n. 37, p.5-31. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200001)>. Acesso em: 21 nov. 2018.

AZEVEDO, Sânzio. A Padaria Espiritual e sua originalidade. In: CHAVES, Gilmar (Org). **Ceará de corpo e alma:** um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a terra da luz. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 318-322.

AZIGON, Talles. **Saral #1.** Fortaleza: Independente, 2017.

BARBALHO, Alexandre. **A criação está no ar:** juventudes, política, cultura e mídia. - Fortaleza: EdUECE, 2013.

BARBOSA, Lia Pinheiro. Legado e rupturas da Revolução Soviética desde as lutas sociais na América Latina. In: **Tensões Mundiais**, v. 13, n. 24, jan-jun, 2017, p. 107-138.

BARREIRA, César. PAIVA, Luiz Fábio S. & MORAES, Suiany Silva de. **Plano de Desenvolvimento Econômico e Social – Fortaleza 2040.** Fortaleza: Instituto de Planejamento de Fortaleza /Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 2015.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** Rio de Janeiro: Record, 1915.

BARROS, *et. al.* “Pacificação” nas Periferias: discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza. In: **Revista de Psicologia**. Fortaleza: UFC, v.9 n1, p. 117-128, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/30781>>. Acesso em: 14 out. 2018.

BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. Tradução de Renato Resende. 3. ed. São Paulo: Conrad, 2011.

BEZERRA, Roselane Gomes. **O bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boemia”:** usos, apropriações e representações de um espaço urbano. 2008. 231 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Fortaleza, Ceará, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6247/1/2008-TESE-RGBEZERRA.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves, Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

BORGES, Juliana. **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte: Letramento Justificando, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

\_\_\_\_\_. **Sobre o Estado:** cursos no Collège de France (1989-1992). Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C; PASSERON, J. C. **A profissão do sociólogo:** preliminares epistemológicas. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRANDÃO, Marcílio Dantas. Medo, fetiche e espetacularização da política de juventude em Pernambuco. **Estudos de Sociologia**, Recife, 2016, v. 1, n. 22, p. 145-182. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/download/235701/28575>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

BRASIL, Glaucéria Mota *et al.* **Cartografia da Criminalidade e da Violência na Cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará/LABVIDA. Relatório de Pesquisa, 2010.

BRASIL, Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e as diretrizes da política pública de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder executivo, Brasília, DF, 5 de agosto de 2013.

BRASIL. **Mapa do Encarceramento:** os jovens do Brasil/Secretaria-Geral da Presidência da República. Brasília, 2014.

BRASIL. **Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial 2014.** Secretaria Nacional de Juventude - Brasília: Presidência da República, 2015.

BRASIL, G. M., ALMEIDA, R. O., FREITAS, G. J. (Orgs). **Dilemas da “nova” Formação policial:** experiências e práticas de policiamento. Campinas: Pontes Editores, 2015.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra:** Quando a vida é passível de luto. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

\_\_\_\_\_. Vida precária. Tradução: Angelo Marcelo Vasco. **Contemporânea: Dossiê Diferença e (Des) Igualdade.** n. 1 p. 13-33, Jan.–Jun. 2011. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18>>. Acesso em: 11 jun.2017.

\_\_\_\_\_. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas:** Notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CATINI, Carolina de Roig & MELLO, Gustavo Moura de Cavalcanti. Escolas de Luta, Educação Política. **Educ. Soc., Campinas**, v. 37, nº. 137, p.1177-1202, out.-dez., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v37n137/1678-4626-es-37-137-01177.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual:** biscoito fino e travoso. 2ª ed. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e Cidades Educadoras.** Petrópolis: Vozes, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança:** movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CAVALCANTE, Ricardo Moura Braga. **Vidas Breves:** investigação acerca dos assassinatos de adolescentes em Fortaleza. 2011. 156 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. In: **Dilemas**, v.2, n. 4, p. 11-48, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7163>>. Acesso em: 12 nov.2018.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2017.** 18. ed. Brasília: Instituto de Pesquisa

Econômica Aplicada / Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

CERTEAU, Michel De. **A Invenção do Cotidiano: 1 artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

CLIFFORD, James. **A experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Tradução de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

\_\_\_\_\_. Introdução: Verdades parciais. In: CLIFFORD, James & MARCUS, George E. (Org) **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Tradução: Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens Edições, p. 31-61, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, n.º 1, v. 31, Janeiro/Abril, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018.

COSTA, Sérgio. **Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial**, n.º. 60, Vol. 21, p. 117- 183, fevereiro/2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v21n60/29764.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

COUTO, Mia. **Mulheres de cinzas: as areias do imperador - uma trilogia moçambicana**, livro 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: 34, 1995. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1997. v. 4

\_\_\_\_\_. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 2012. v. 5

DENKER, Samuel (Org). **Sarau da B1: com os poetas de lugar nenhum**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

DENKER, Samuel; RIZZI, Nina. **Jangu Livre #2**. Fortaleza: Independente, 2017.

\_\_\_\_\_. **Jangu Livre #3**. Fortaleza: Independente. Julho, 2017.

\_\_\_\_\_. **Jangu Livre #5**. Fortaleza: Independente. Outubro, 2017

DI MONTEIRO, Altemar. **Caminhares Periféricos: Nós de Teatro e a potência do caminhar no Teatro de Rua Contemporâneo**. Belo Horizonte: Piseagrama, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex, Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografia da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. 1998. 384 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Fortaleza, 1998. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4060/1/1998\\_Tese\\_GMSDDiogenes.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4060/1/1998_Tese_GMSDDiogenes.pdf)>. Acesso em: 14 jan 2017.

\_\_\_\_\_. Juventude, exclusão e a construção de Políticas Públicas: estratégias e táticas. in: MENDONÇA FILHO, M., and NOBRE, MT., (orgs). **Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa**. Salvador: EDUFBA; São Cristóvão: EDUFES, p. 271-288, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/3w52w/pdf/mendonca-9788523208974-12.pdf>>. Acesso em: 28 março 2017.

\_\_\_\_\_. Juventudes, Violência e Políticas Públicas no Brasil: tensões entre o instituído e o instituinte. **Sinais Sociais**. Rio de Janeiro. v. 6 nº 18, p. 102-127, Janeiro - abril 2012. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21358/1/2012\\_art\\_gmsddiogenes.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21358/1/2012_art_gmsddiogenes.pdf)>. Acesso em: 2 maio 2018.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

\_\_\_\_\_. Questão de Pele para Além da Pele. In: RUFFATO, Luiz. **Questão de Pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo fala sobre o conceito de Escrivência**. Estação dos Livros / Rádio da Universidade: 1080 AM/UFRGS, 2016. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/estacaodoslivros/conceicao-evaristo-fala-sobre-o-conceito-de-escrevencia/>>. Acesso em: 2 out. 2018.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser Afetado”. Tradução de Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2. ed.

São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** Tradução de Raquel Ramallete, 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

\_\_\_\_\_. **O corpo utópico, as heterotopias.** Tradução de Salma Tannus Muchail, São Paulo: n-1 Edições, 2013b.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. (Orgs) **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Organização e tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FREITAS, Geovani Jacó de. **Ecos da violência: narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro.** Rio de Janeiro: Relum Dumará, 2003.

FREITAS, Geovani Jacó de; CAVALCANTE, Ricardo Moura Braga. **Violência Urbana e Territórios de Exceção em Fortaleza - CE.** Rio de Janeiro: Relum Dumará, 2017.

FREITAS, Geovani Jacó de. BRASIL, Glaucíria Mota & ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Morte em fronteiras: jovens “matáveis” nos celeiros da política e da cidade. **A Revista CICS.NOVA.UMinho – Configurações**, Portugal, v. 10, 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/configuracoes/1509#bibliography>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.** Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: 34, 2012.

GLISSANT, Édouard. **O pensamento do Tremor. *La Cohée du Lamentin.*** Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard, 2014.

\_\_\_\_\_. **Poética da Relação.** Tradução de Manuela Ribeiro Sanches. Portugal: Porto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Le discours antillais.** Paris: Seuil, 1981.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** Tradução de Maria Célia Santos Raposo, 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

\_\_\_\_\_. **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face.** Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **USP Cadernos de Campo**, nº 13, p. 149-153, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50262>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

GORCZEWSKI, Deisimer. Um convite aos afetos. In: GORCZEWSKI, Deisimer (Org.). **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015. p. 9-17. (Coleção de Estudos de Pós-Graduação).

GUATTARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Espaços e Debates, Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo, Ano 5, n. 16, 1985.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Império**. Tradução de Berilo Vargas. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARNEY, Stefano & MOTEN, Fred. **Los abajocomunes: Planear fugitivo y estudio negro**. - México: Campechana Mental El Cráter Invertido, 2017.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Tradução de Leticia Cesarino. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a02v18n37.pdf>>. Acesso em 18 set. 2018.

INSTITUTO CUCA. **Estatuto Consolidado do Instituto de Cultura, Arte, Ciência e Esporte**. Fortaleza: Instituto Cuca, 2014.

INSTITUTO CUCA. **Projeto Concepção e Desenvolvimento do Cuca – Parte 1**. Fortaleza: Instituto Cuca, 2007.

INSTITUTO CUCA. **Protocolo de Funcionamento Diretoria de Promoção de Direitos Humanos (PDH)**. Fortaleza: Comissão de Direitos Humanos e Proteção Social, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. A Máscara. Tradução de Jessica Oliveira de Jesus. In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>>. Acesso em: 7 out. 2018.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

LEITE, Rogério Proença. A *Inversão* do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, n. 3, p. 737-756, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v53n3/a07v53n3.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Contra-usos e Espaço Público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, Vol. 17, n. 49, junho/2002. p. 115-172, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a08v1749.pdf>>.

Acesso em: 18 ago. 2017.

LIMA, Francisco Daniel. **Juventudes e Escolas neste Brasil em Crise: um olhar sobre o movimento de jovens nos processo de ocupação das escolas.** Fortaleza: UFC, 2016.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. **Deleuze, a arte e a filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MACIEL, T. W. N.; ALENCAR, C. N. de; SOUSA, A. O. de B. Entextualizações em eventos de letramentos de arte e reexistência das juventudes: ressignificar para reexistir em contextos periféricos. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 651-676, jan. 2018. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/558>>. Acesso em: 03 maio 2018.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas.** Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **Ni el Centro ni la Periferia.** Primer Coloquio Internacional *In Memoriam* Andrés Aubry. Planeta Tierra: movimientos antisistémicos. Chiapas: CIDECI, 2007. Disponível em: <[https://www.nodo50.org/cubasigloXXI/taller/marcos\\_301207.pdf](https://www.nodo50.org/cubasigloXXI/taller/marcos_301207.pdf)>. Acesso em: 4 nov. 2018.

MATIAS, Emanuela Ferreira. **Palmeiras um outro Palmares: trajetória histórica e a aplicabilidade da lei 10.639/03.** 2017. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia.** Tradução de Paulo Neves, São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite: Ensaio sobre a África descolonizada.** Portugal: Edições Mulemba, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Negra.** Tradução de Marta Lança. 2. ed. Lisboa: Antígona, 2014b.

\_\_\_\_\_. **Políticas da Inimizade.** Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017a.

\_\_\_\_\_. **A era do humanismo está terminando.** Instituto Humanitas Unisinos, 2017b. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>>. Acesso em: 28 out. 2018.

McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial.** Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Unicamp, 2010.

MEIRELES, Fernanda. **Zines Yoyô: uma experiência instintiva em arte-educação.** 2008. 76 f. Monografia (Especialização em Arte e Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Fortaleza, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cartas ao Zine Esputinique:** escritas de si e invenções de nós da rede. 2013. 175 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Instituto de Arte e Cultura , Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

\_\_\_\_\_. (Org). **Sobre HOJE:** uma zine sobre o que não queremos esquecer. Benfica, Fortaleza: Independente. Fanzine coletiva publicada em jun. 2016.

MELO, Luana Ingrid Apolinário de. **Atlântico Negro Urbano:** o *reggae* nos bailes de rua. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

MISSE, Michel. **Malandros, Marginais e Vagabundos & a acumulação da violência no Rio de Janeiro.** 1999. 413 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. **Crime, Sujeito e Sujeição Criminal:** aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. São Paulo: Lua Nova, 79, p. 15-38, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a03n79.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

MOTEN, Fred. **The Case of Blackness.** Criticism, Spring, Vol. 50, nº. 2, p. 177–218, 2008. Disponível em < <https://digitalcommons.wayne.edu/criticism/vol50/iss2/1/>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org). **Fanzines:** Autoria, Subjetividade e Invenção de Si. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTTS, Alex. **Eu sou Atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. p. 117-125.

NASCIMENTO, Érika Peçanha do. **“Literatura Marginal”:** os escritores da periferia entram em cena. -- São Paulo: [s.n.], 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, fev. 2012. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/358>>. Acesso em: 10 out. 2018.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O Evangelho Marginal dos Racionais MC’s. In. RACIONAIS MC’S. **Sobrevivendo no inferno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PAIS, J. Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.) **Culturas Jovens:** novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7-24.

PAIVA, Luiz Fábio S. **Contingências da Violência em um Território Estigmatizado**. 2007. 191 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

PEDROSA, George. **Palmas e Palmeiras**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2012.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**. Ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras. 2003.

\_\_\_\_\_. **Tudo o que muda com os secundaristas**. Publicado em 13 maio de 2016 às 17h06min. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/brasil/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas/>>. Acesso em: 25 ago.2018.

PERELMAN, Mariano D. Vender nos ônibus: Os *buscas* na cidade de Buenos Aires, Argentina. **Tempo Social - Revista de sociologia da USP**, v. 29, n. 1. Abril, 2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v29n1/1809-4554-ts-29-01-0069.pdf>>. Acesso em: 10 out.2017.

PRATT, Mary Louise. Trabalho de campo em lugares comuns. In: CLIFFORD, James & MARCUS, George E. (Org) **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Tradução: Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: EdUERJ / Papéis Selvagens Edições, 2016. p. 31-61.

PRECIADO, Paul B. **Nós dizemos revolução**. Publicado em 24 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.salamalandro.redezero.org/beatriz-preciado-nos-dizemos-revolucao/>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RAMOS, Guerreiro. Patologia Social do Branco Brasileiro. In: **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995. p. 171-192.

RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.

RIBEIRO, Dillyane de Sousa. **As meninas e a necropolítica no Ceará**. Justificando: mentes inquietas pensam Direito. Publicado em 16 de janeiro de 2019. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2019/01/16/as-meninas-e-a-necropolitica-no-ceara/>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

RIZZI, Nina. **Geografia dos ossos**. Fortaleza: Gráfica 99, 2015

\_\_\_\_\_. (Org). **Sortilégios para matar o meu benzinho**. Laboratório de Escrita Criativa para Mulheres – Caixa Cultural. Fortaleza: Independente. Março, 2018.

RIZZI, Nina; DENKER, Samuel; MELO, Carlos. **Jangu Livre #6**. Fortaleza: Independente. Fevereiro, 2018.

\_\_\_\_\_. **Jangu Livre #7**. Fortaleza: Independente. Abril, 2018.

\_\_\_\_\_. **Jangu Livre #8**. Fortaleza: Independente. Outubro, 2018.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SÁ, Leonardo Damasceno de; AQUINO, Jania Perla Diógenes de. A "guerra das facções" no Ceará (2013-2018): socialidade armada e disposição viril para matar ou morrer. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 42., 2018, Caxambu. **Anais Eletrônicos...** Caxambu: ANPOCS, 2018. Disponível em: < <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt35-10/11420-a-guerra-das-faccoes-no-ceara-2013-2018-socialidade-armada-e-disposicao-viril-para-matar-ou-morrer/file>> Acesso em: 12 mar. 2018.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, p. 237-280, out, 2002.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SCOTT, James C. **A Dominação e a arte da resistência**: Discursos Ocultos. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Políticas Públicas de Juventude**. Brasília: Imprensa Nacional, 2013

SHOHAT, Ella. "Notes on 'post-colonial'". Duke University Press. Social Text, 31-32, p. 99-113, 1992. Disponível em: <<https://palestinecollective.files.wordpress.com/2013/10/notes-on-the-post-colonial-ella-shohat.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Da minha janela vejo o mundo passar: Lima Barreto, o centro e os subúrbios. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 91, 2017, p. 123-142. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v31n91/0103-4014-ea-31-91-0123.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

SILVA, Antonio Machado da. Sociabilidade Violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1. p. 53-84. jan./jun. 2004. Disponível < <http://www.scielo.br/pdf/se/v19n1/v19n1a04.pdf>> Acesso em: 13 fev. 2018.

SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento; OLIVEIRA, Patrícia Maria Apolônio de. Quando a mulher negra subalterna fala: diálogos entre Gayatri Chakravorty Spivak e Carolina Maria de Jesus. **IS Working Paper**, 3.<sup>a</sup> Série, N.º 74, p. 1-18, 2018. Disponível em: < <http://isociologia.up.pt/sites/default/files/working-papers/WP%2074.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento; FREITAS, Geovani Jacó de. Bailes de *Reggae* e a Ocupação de Espaços Públicos nas Periferias de Fortaleza-(CE): uma comparação entre os contextos do Cuca Roots e Bonja Roots. In: Barbosa *et al.* (Org.). **Plurais e (Des)iguais: polifonias e intercessões**. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí. EDUFPI, v. 1, 2018, p. 325-372.

\_\_\_\_\_. Práticas Poéticas: Juventude, Violência e Insegurança em Fortaleza. **Tensões Mundiais**, v. 14 n. 26, p. 129-155, jan/jun 2019. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/887>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

SIMMEL, Georg. **George Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Spinola Pereira Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência**: culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SPINOZA, Beneditus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do “ex-bandido”** – um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS, 2009.

TELLES, Vera da Silva. Resistências, sublevações, o ‘rumor das batalhas’. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** - Edição Especial nº 2 - 2017 - p. 11-28. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/14200>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

TELLES, Vera da Silva e HIRATA, Daniel Veloso. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. **Estudos Avançados**. v. 21, n. 61, 2007. p. 173-191. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/a12v2161.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

TENNINA, Lucía. **Saraus das periferias de São Paulo**: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n42/01.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUDARISTAS. **Ocupações de escolas chegam ao Ceará com força total**. 2016. Disponível em: <<http://ubes.org.br/2016/ocupacoes-de-escolas-chegam-ao-ceara-com-forca-total/>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

VAZ, Sérgio. **Flores de alvenaria**. São Paulo: Global, 2016.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas Jovens**: novos

mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 192-200.

WACQUANT, Loïc. **Os Condenados da Cidade**: estudo sobre marginalidade avançada. Tradução de João Roberto Martins Filho, Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2005.

WASELFISZ, Julio. J. **Mapa da violência 2014**: Os jovens do Brasil. Rio de Janeiro: Cebela-Flacso, 2014.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.